



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**GRACY KELLY DE SANTANA RODRIGUES**

**DENOMINAÇÕES PARA PARTES DO CORPO HUMANO NA BAHIA A PARTIR  
DOS DADOS DO APFB E DO PROJETO ALiB**

Salvador  
2022

**GRACY KELLY DE SANTANA RODRIGUES**

**DENOMINAÇÕES PARA PARTES DO CORPO HUMANO NA BAHIA A PARTIR  
DOS DADOS DO APFB E DO PROJETO ALiB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Área de concentração: História e Funcionamento das Línguas Naturais

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Soares Costa Ribeiro

Salvador  
2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RODRIGUES, Gracy Kelly

DENOMINAÇÕES PARA PARTES DO CORPO HUMANO NA BAHIA A  
PARTIR DOS DADOS DO APFB E DO PROJETO ALiB / Gracy  
Kelly RODRIGUES. -- Salvador, 2022.  
191 f.

Orientadora: Silvana RIBEIRO.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-graduação em  
Língua e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,  
Instituto de Letras, 2022.

1. Dialetoлогия. 2. Léxico. 3. Projeto ALiB. 4.  
APFB. 5. Corpo humano. I. RIBEIRO, Silvana. II.  
Título.

**GRACY KELLY DE SANTANA RODRIGUES**

**DENOMINAÇÕES PARA PARTES DO CORPO HUMANO NA BAHIA A PARTIR  
DOS DADOS DO APFB E DO PROJETO ALiB**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Área de concentração: História e Funcionamento das Línguas Naturais

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Soares Costa Ribeiro – UFBA (Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jacyra Andrade Mota – UFBA (Examinador interno/titular)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regiane Coelho Pereira Reis – UFMS (Examinador externo/titular)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcela Moura Torres Paim – UFRPE (Examinador interno/suplente)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabiane Cristina Altino – UEL (Examinador externo/suplente)

*Aos meus pais, Graciano Raimundo dos Santos Rodrigues e Belmira de Santana Rodrigues, que fizeram tudo isso acontecer.*

## AGRADECIMENTOS

*Quando se sonha sozinho é apenas um sonho.  
Quando se sonha juntos é o começo da realidade.*  
Miguel de Cervantes

A Deus, por guardar meus caminhos, mesmo quando esquecia de voltar meus olhos para os céus.

Aos meus pais, Graciano Raimundo e Belmira, pela dedicação constante, pelo incentivo à minha formação educacional e profissional, por esse amor único que faz com que coloquem, inúmeras vezes, minhas necessidades acima das deles.

A meu filho, Marquinho, por ter mudado minha vida para melhor e por ser a fonte de força e de carinho que faz com que eu não desista perante as dificuldades.

A Anderson Rafael. Suas palavras de apoio, seus conselhos, seu companheirismo, sua paciência têm sido fundamentais nesta jornada. Como não querer bordar minha vida na sua?

À minha querida irmã, Laís Rebeca, que sempre me excedeu em estatura intelectual, exemplo de persistência, dedicação e tranquilidade.

Aos amigos, em especial à Alcione Oliveira e à Eliana D'Anunciação, pessoas de coração grande e simplicidade, pelas palavras de apoio nos dias em que mais precisei.

Aos familiares, pelos maravilhosos momentos de descontração, tão necessários!

Aos psicólogos Tereza Caribé e Gabriel Santiago, pelas reflexões que me proporcionaram em nossos encontros virtuais e pelo incentivo, cuidado e compromisso. A concretização deste trabalho talvez não fosse possível sem o acompanhamento de vocês.

Àquela que foi minha orientadora desde os tempos de iniciação científica, profa. Silvana Ribeiro. Obrigada pela oportunidade de conhecer a família ALiB e por ter me apresentado ao universo da Dialetologia. Mais ainda, sou muito grata por todas as

orientações, ao longo desses quase dez anos, que ajudaram a construir a professora e pesquisadora que sou hoje. Sua organização, sua sabedoria, seu acolhimento e a confiança que veio depositando em mim têm sido fonte de inspiração para que eu continue avançando pelos caminhos acadêmicos.

À Família ALiB. Às professoras Jacyra Mota, Marcela Paim e Suzana Cardoso (*in memoriam*), profissionais exemplares com as quais aprendi muito além dos conhecimentos dialetológicos e geolinguísticos. Rigor, dedicação e acolhimento são conceitos que foram ressignificados após conhecê-las. Em especial, sou grata à professora Ana Regina Teles (*in memoriam*) pelo cuidado, atenção e empenho na confecção das cartas linguísticas deste trabalho; pelo carinho em nossas trocas de mensagens; por, em meio a assuntos acadêmicos, sempre perguntar pelo seu neto emprestado e por ter sido inspiração em função, sobretudo, de sua força e de seu bom humor. A todos os bolsistas que tive o prazer de me relacionar ao longo desses anos, em especial às amigas alibianas Daiane Souza e Grazielle Ferreira por terem compartilhado suas experiências enquanto mestrandas, ajudando a tornar a minha mais tranquila. À alibiana Ana Rita, pela vontade de ajudar e pela atenção em atender às demandas de áudios, livros e transcrições.

À Aline Nascimento Barbosa, pela disponibilidade na elaboração do *abstract* desta dissertação.

Aos professores Alba Valéria Tinoco Alves Silva, Américo Venâncio Lopes Machado Filho e Eivalda Alves Araújo, pelas contribuições para o aprimoramento do Projeto de Pesquisa.

A todos os professores da graduação e da pós-graduação, pelo conhecimento muito além do linguístico que me oportunizaram construir.

Aos colegas de pós-graduação, mestrandos e doutorandos, por deixarem esta caminhada mais leve. Pelas trocas de conhecimentos, pelo apoio, pela companhia, muito obrigada, Aderlan, Bethânia, Cris, Edsandro, Eleneide, Giovane, Jadione, Larissa, Luiza, Michelli, Pedro, Yanna e, principalmente, Ivan, Jane Keli, Léo e Maiane.

Aos meus alunos da disciplina LETC04 – Léxico da Língua Portuguesa, ministrada no semestre 2019.1, tão interessados e acolhedores! Obrigada pelo respeito e carinho, por terem contribuído para que essa parte da experiência do mestrado fosse serena e gratificante.

À banca examinadora desta dissertação. Agradeço por terem aceitado o convite e, desde já, pelas contribuições que enriquecerão este trabalho e a minha formação.

Ao Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, pela autorização do uso dos dados que resultaram nesta dissertação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia que, por meio do financiamento desta pesquisa, me permitiu cursar o mestrado com mais tranquilidade.



## RESUMO

RODRIGUES, Gracy Kelly de Santana. **Denominações para partes do corpo humano na Bahia a partir dos dados do APFB e do Projeto ALiB.** 2023. 191f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

Esta dissertação analisa a diversidade linguística existente no Estado da Bahia em dois tempos distintos, década de 60 e anos 2000. Tem por objetivo acrescentar conhecimentos aos estudos diacrônicos geolinguísticos. Para tanto, investiga as designações fornecidas pelos informantes do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) (ROSSI, 1963) – primeiro atlas estadual brasileiro publicado – e do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) – maior projeto brasileiro atuante na área da Dialetologia – para três partes do corpo humano: *nuca*, *clavícula* e *tornozelo*. Orientase, portanto, pelos pressupostos teóricos e metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística. Exibe os dados obtidos nas 22 localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB na Bahia por meio da aplicação das perguntas 104. *Nuca*, 106. *Clavícula* e 118. *Tornozelo* que constam do Questionário Semântico-Lexical do Projeto. Da mesma forma, apresenta a variação lexical presente nas 50 localidades do APFB (ROSSI, 1963) no Estado da Bahia, a partir da análise das Cartas 56, 57 e 63 do atlas. As respostas foram fornecidas entre os anos 1960 e 1961, no caso do APFB (ROSSI, 1963), e entre 2003 e 2010, no que se refere ao Projeto ALiB. Os dados são expostos a partir de gráficos, quadros, tabelas e mapas. Comparam-se as lexias encontradas nos nove pontos de inquérito em comum entre os *corpora* mediante representação cartográfica. Apresenta também resultado de pesquisa feita nos dicionários Aulete Digital (AULETE; VALENTE, 2006), Dicionário da Língua Portuguesa (SILVA, Antonio, 1789) e Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (SILVA; SILVA; VIANA, 2007), considerando as formas linguísticas reveladas pelos *corpora*. A pesquisa indica que o Aulete Digital é o dicionário que registra maior número de lexias dentre as estudadas. Os resultados das análises evidenciam a diversidade linguística, tendo em vista a ampla quantidade de itens lexicais identificados, assim como uma diferenciação entre os dados do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB. Há formas que aparecem apenas no APFB (ROSSI, 1963), a exemplo de *cabelouro* e *toutiço* para a região da *nuca*; *sangrador* para a *clavícula* e *rejeito* para o *tornozelo*. Observam-se que as formas de prestígio *nuca*, *clavícula* e *tornozelo* são mais produtivas quando contemplados os dados do Projeto, apesar de estarem presentes nas Cartas do APFB (ROSSI, 1963). A criatividade do falante é destacada pelo uso de metáfora e metonímia na nomeação de partes do corpo, sobretudo ao empregar designações reservadas à anatomia dos animais para nomear uma região do corpo do ser humano.

**Palavras-chave:** Dialetologia. Léxico. Projeto ALiB. APFB. Corpo humano.

## ABSTRACT

RODRIGUES, Gracy Kelly de Santana. **Denominations for the human body in the state of Bahia, Brazil, based on data from APFB and ALiB Project.** 2023. 191p. Thesis (Master's in Language and Culture) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

This thesis analyzes the linguistic diversity in the state of Bahia, Brazil, during two different decades, the 60s and the 2000s, as it aims to add knowledge to geolinguistic diachronic studies. In order to do so, it investigates the designations provided by the informants of the first published Brazilian state atlas (Atlas Prévio dos Falares Baianos, APFB) (ROSSI, 1963) and the largest active Brazilian project in the area of Dialectology (the project Atlas Linguístico do Brasil, ALiB Project) for three words used to describe parts of the human body in Brazilian Portuguese: *nuca* (*nape*), *clavícula* (*collarbone*) and *tornozelo* (*ankle*). Therefore, it is guided by the theories and methodologies of Dialectology and Geolinguistics. It displays the data obtained in the 22 locations that are part of the ALiB Project's network of points in Bahia through the application of questions 104. *Nuca*, 106. *Clavícula* and 118. *Tornozelo*, which are included in the Project's Semantic-Lexical Questionnaire. Likewise, it presents the lexical variation present in the 50 localities of the APFB (ROSSI, 1963) in Bahia, based on the analysis of Linguistic Maps 56, 57 and 63 of the atlas. For APFB (ROSSI, 1963), the answers were provided between the years 1960 and 1961, whereas for the ALiB Project, they were recorded between 2003 and 2010. The data is exposed via graphs, tables, figures and maps. Lexia found in the nine survey points in common among the *corpora* are compared through cartographic representation. It also presents the results of research carried out in the Aulete Digital dictionaries (AULETE; VALENTE, 2006), the Portuguese Language Dictionary (SILVA, Antonio, 1789) and the Illustrated Dictionary of Health (SILVA; SILVA; VIANA, 2007), taking the linguistic forms shown in the *corpora* into account. The research indicates that Aulete Digital is the dictionary that registers the largest number of lexia among those studied. The results of the analysis show the linguistic diversity, in view of the large number of lexical items identified, as well as a differentiation between the APFB data (ROSSI, 1963) and the ALiB Project. There are forms that appear only in the APFB (ROSSI, 1963), such as “cabelouro” and “touiço” for “nuca” (nape); “sangrador” for “clavícula” (collarbone) and “rejeito” for “tornozelo” (ankle). It is observed that the prestige forms of the words “nuca”, “clavícula” and “tornozelo” are more prominent when considering the data from the ALiB Project, despite being present in the APFB linguistic maps as well (ROSSI, 1963). The speakers' creativity is highlighted by the use of metaphor and metonymy in the naming of parts of the body, especially when using designations reserved for the anatomy of animals to name parts of the human body.

**Key words:** Dialectology. Lexicon. ALiB Project. APFB. Human body.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)	34
Figura 2 – Proposta de periodização dos estudos dialetais no Brasil segundo Teles (2018)	38
Figura 3 – Estratificação social dos informantes do Projeto ALiB	48
Figura 4 – Rede de pontos do Projeto ALiB na Bahia	50
Figura 5 – Mapa estadual da Bahia	52
Figura 6 – Publicação da médica Júlia Rocha	75
Figura 7 – Módulos do Dicionário Aulete Digital (2006)	95
Figura 8 – Região correspondente à nuca	100
Figura 9 – Reedição da carta 56R do APFB (ROSSI, 1963)	109
Figura 10 – Carta <i>NUCA</i> : denominações registradas nas localidades da Bahia	116
Figura 11 – Carta <i>NUCA</i> : APFB X Projeto ALiB	120
Figura 12 – Região correspondente à clavícula	122
Figura 13 – Cântaros dispostos em uma Cantareira	126
Figura 14 – Ossos salientes em criança desnutrida	128
Figura 15 – Carta Geral <i>Clavícula</i> com destaque para a lexia <i>cantareira</i> a partir do APFB (ROSSI, 1963)	132
Figura 16 – Carta <i>Clavícula</i> com destaque para a lexia <i>osso da fome</i> a partir do APFB (ROSSI, 1963)	133
Figura 17 – Carta <i>CLAVÍCULA</i> : denominações registradas nas localidades da Bahia	139
Figura 18 – Carta <i>CLAVÍCULA</i> : APFB X Projeto ALiB	144
Figura 19 – Região correspondente ao tornozelo	146
Figura 20 – Carta <i>Tornozelo</i> com destaque para a lexia <i>rejeito</i> a partir do APFB (ROSSI, 1963)	158
Figura 21 – Carta <i>TORNOZELO</i> : denominações registradas nas localidades da Bahia	166
Figura 22 – Carta <i>TORNOZELO</i> : APFB X Projeto ALiB	170

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Inquéritos realizados pelo Projeto ALiB no Estado da Bahia: distribuição segundo os anos de realização	51
Gráfico 2 – Acesso diário da internet por usuários brasileiros entre 2008 e 2010	77
Gráfico 3 – <i>Nuca</i> : percentual de ocorrência dos grupos lexicais na Bahia	112
Gráfico 4 – <i>Nuca</i> : percentual de presença dos grupos lexicais na Bahia	113
Gráfico 5 – <i>Nuca</i> : variação diageracional	114
Gráfico 6 – <i>Clavícula</i> : percentual de ocorrência dos grupos lexicais na Bahia	135
Gráfico 7 – <i>Clavícula</i> : percentual de presença dos grupos lexicais na Bahia	136
Gráfico 8 – <i>Clavícula</i> : variação diageracional	137
Gráfico 9 – <i>Tornozelo</i> : percentual de ocorrência dos grupos lexicais na Bahia	162
Gráfico 10 – <i>Tornozelo</i> : percentual de presença dos grupos lexicais na Bahia	163
Gráfico 11 – <i>Tornozelo</i> : variação diageracional	164

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pontos de inquérito do APFB (ROSSI, 1963)	43
Quadro 2 – Características das nove cidades em comum entre os <i>corpora</i> do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB	55
Quadro 3 – Questões da seção Corpo Humano	83
Quadro 4 – Questões da seção Corpo Humano selecionadas para análise	84
Quadro 5 – <i>Nuca</i> : dicionarização das formas lexicais	105
Quadro 6 – Formas lexicais para <i>nuca</i> no APFB (ROSSI, 1963): todas as localidades	106
Quadro 7 – <i>Nuca</i> : agrupamentos lexicais	110
Quadro 8 – <i>Clavícula</i> : dicionarização das formas lexicais	129
Quadro 9 – Formas lexicais para <i>clavícula</i> no APFB (ROSSI, 1963): todas as localidades	129
Quadro 10 – <i>Clavícula</i> : agrupamentos lexicais	134
Quadro 11 – <i>Tornozelo</i> : dicionarização das formas lexicais	155
Quadro 12 – Formas lexicais para <i>tornozelo</i> no APFB (ROSSI, 1963): todas as localidades	156
Quadro 13 – <i>Tornozelo</i> : agrupamentos lexicais	159

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características sociodemográficas do Estado da Bahia: anos 1960 e 2010	54
Tabela 2 – <i>Nuca</i> : frequência por ocorrência dos grupos lexicais	112
Tabela 3 – <i>Nuca</i> : frequência por presença em localidades dos grupos lexicais	112
Tabela 4 – <i>Nuca</i> : variação diageracional	114
Tabela 5 – <i>Clavícula</i> : frequência por ocorrência dos grupos lexicais	135
Tabela 6 – <i>Clavícula</i> : frequência por presença em localidades dos grupos lexicais	136
Tabela 7 – <i>Clavícula</i> : variação diageracional	137
Tabela 8 – <i>Tornozelo</i> : frequência por ocorrência dos grupos lexicais	161
Tabela 9 – <i>Tornozelo</i> : frequência por presença em localidades dos grupos lexicais	162
Tabela 10 – <i>Tornozelo</i> : variação diageracional	164

## LISTA DE ABREVIATURAS

ADDU	<i>Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay</i>
ALAM	Atlas Lingüístico do Amazonas
ALECE	Atlas Lingüístico do Ceará
ALERS	Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALF	<i>Atlas Linguistique de La France</i>
ALGA	Atlas Lingüístico Galego
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALISPA	Atlas Lingüístico Sonoro do Pará
ALMS	Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Lingüístico da Paraíba
ALPR	Atlas Lingüístico do Paraná
ALPR II	Atlas Lingüístico do Paraná II
ALS	Atlas Lingüístico de Sergipe
ALS II	Atlas Lingüístico de Sergipe II
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
BA	Bahia
CAPs	Caixas de aposentadorias e pensões
CLG	Curso de Lingüística Geral
Cremesp	Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo
EALMG	Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EUA	Estados Unidos da América
GO	Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
NURC	Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta
PE	Pernambuco
PEUL	Programa de Estudos dos Usos da Língua
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico-Lexical
SP	São Paulo

SUS	Sistema Único de Saúde
TO	Tocantins
UCLA	Universidade da Califórnia em Los Angeles
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
USP	Universidade de São Paulo
VARISUL	Varição Linguística Urbana da Região Sul



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>23</b>
2.1	DIALETOLOGIA .....	23
2.1.1	<b>A Dialetoлогия como ramo dos estudos científicos da linguagem .....</b>	<b>23</b>
2.1.2	<b>Dialetoлогия X Sociolinguística: interfaces .....</b>	<b>26</b>
2.1.3	<b>Geolinguística monodimensional X Geolinguística pluridimensional.....</b>	<b>29</b>
2.1.4	<b>A Dialetoлогия no Brasil .....</b>	<b>32</b>
2.1.5	<b>O Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) .....</b>	<b>38</b>
2.1.6	<b>O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) .....</b>	<b>44</b>
2.1.7	<b>O Projeto ALiB na Bahia .....</b>	<b>49</b>
2.1.8	<b>O Estado da Bahia .....</b>	<b>52</b>
2.1.9	<b>A Bahia no cenário dos estudos dialetais .....</b>	<b>56</b>
2.2	LÉXICO .....	58
2.2.1	<b>Conceitos básicos .....</b>	<b>58</b>
2.2.1.1	<i>Formas de ampliar o léxico .....</i>	<i>63</i>
2.2.1.2	<i>A volatilidade do léxico: as novas formas e as formas em desuso ...</i>	<i>65</i>
2.2.1.3	<i>As ciências do Léxico .....</i>	<i>68</i>
2.2.2	<b>Campo lexical de partes do corpo humano .....</b>	<b>71</b>
2.2.2.1	<i>A motivação do signo linguístico .....</i>	<i>71</i>
2.2.2.2	<i>Os programas de saúde e a atualização das formas linguísticas .....</i>	<i>73</i>
2.2.2.3	<i>A democratização do acesso à informação e a atualização das formas linguísticas .....</i>	<i>76</i>
2.2.2.4	<i>A democratização do acesso à escola e a atualização das formas linguísticas .....</i>	<i>78</i>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>81</b>
3.1	O PASSO A PASSO PARA O TRATAMENTO DE DADOS .....	81
3.1.1	<b>Solicitação de autorização para uso dos dados do Projeto ALiB .....</b>	<b>82</b>
3.1.2	<b>Seleção das perguntas a serem estudadas .....</b>	<b>82</b>

3.1.3	<b>Audição de inquéritos e transcrição dos dados .....</b>	<b>84</b>
3.1.4	<b>Filtragem e agrupamento dos dados .....</b>	<b>86</b>
3.1.5	<b>Análise estatística dos dados .....</b>	<b>89</b>
3.1.6	<b>Comparação entre os dados do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB .....</b>	<b>91</b>
3.1.7	<b>Leitura e produção de Cartas Linguísticas .....</b>	<b>93</b>
3.1.8	<b>Pesquisa em obras lexicográficas .....</b>	<b>93</b>
3.1.9	<b>Análise das falas dos informantes .....</b>	<b>97</b>
4	<b>ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>98</b>
4.1	<b>NUCA .....</b>	<b>100</b>
4.1.1	<b>Pesquisa em obras lexicográficas .....</b>	<b>101</b>
4.1.2	<b>Observando o APFB (ROSSI, 1963) .....</b>	<b>105</b>
4.1.3	<b>Observando os dados do Projeto ALiB .....</b>	<b>109</b>
4.1.3.1	<i>Análise estatística .....</i>	<i>111</i>
4.1.3.2	<i>Cartografia .....</i>	<i>115</i>
4.1.3.3	<i>Comentários às falas dos informantes .....</i>	<i>117</i>
4.1.4	<b>Comparação entre os dados do APFB (ROSSI,1963) e do Projeto ALiB .....</b>	<b>118</b>
4.2	<b>CLAVÍCULA .....</b>	<b>122</b>
4.2.1	<b>Pesquisa em obras lexicográficas .....</b>	<b>123</b>
4.2.2	<b>Observando o APFB (ROSSI, 1963) .....</b>	<b>129</b>
4.2.3	<b>Observando os dados do Projeto ALiB .....</b>	<b>133</b>
4.2.3.1	<i>Análise estatística .....</i>	<i>134</i>
4.2.3.2	<i>Cartografia .....</i>	<i>138</i>
4.2.3.3	<i>Comentários às falas dos informantes .....</i>	<i>140</i>
4.2.4	<b>Comparação entre os dados do APFB (ROSSI,1963) e do Projeto ALiB .....</b>	<b>142</b>
4.3	<b>TORNOZELO .....</b>	<b>146</b>
4.3.1	<b>Pesquisa em obras lexicográficas .....</b>	<b>147</b>
4.3.2	<b>Observando o APFB (ROSSI, 1963) .....</b>	<b>156</b>
4.3.3	<b>Observando os dados do Projeto ALiB .....</b>	<b>158</b>
4.3.3.1	<i>Análise estatística .....</i>	<i>161</i>
4.3.3.2	<i>Cartografia .....</i>	<i>164</i>

4.3.3.3	<i>Comentários às falas dos informantes</i> .....	167
4.3.4	<b>Comparação entre os dados do APFB (ROSSI,1963) e do Projeto ALiB</b> .....	<b>169</b>
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>171</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>176</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>184</b>
	ANEXO A – Carta <i>Nuca</i> do APFB (ROSSI, 1963) .....	184
	ANEXO B – Carta-resumo <i>Nuca</i> do APFB (ROSSI, 1963) .....	185
	ANEXO C – Carta <i>Clavícula</i> do APFB (ROSSI, 1963) .....	186
	ANEXO D – Carta <i>Tornozelo</i> do APFB (ROSSI, 1963) .....	187
	ANEXO E – Carta-resumo <i>Tornozelo</i> do APFB (ROSSI, 1963) .....	188
	ANEXO F – Rede de pontos do Projeto ALiB .....	189

## 1 INTRODUÇÃO

Estudar a língua como objeto científico de análise envolve procurar compreender como ela realmente é, e não como supostamente deveria ser. Esse entendimento, despertado e amadurecido durante a graduação, e o interesse pelas particularidades da língua portuguesa falada no Brasil levaram a pesquisadora, desde os primeiros semestres, a se dedicar a projetos que visam à descrição de sua língua materna.

No início da graduação, a pesquisadora foi voluntária do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia<sup>1</sup>, no qual teve seu primeiro contato com um *corpus* de língua falada. Semestres depois, tornou-se bolsista de iniciação científica do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), sobre o qual se falará no decorrer desta pesquisa e de onde foram retirados parte dos dados que a compõem.

Para os fins deste trabalho, define-se língua como uma instituição social que possibilita a atividade interativa entre sujeitos situados social, histórica e culturalmente em uma comunidade linguística e que se caracteriza por ser heterogênea e variável. O fenômeno da variação está presente em toda língua viva, pois, dentro de qualquer comunidade de fala, há sujeitos de diferentes origens, pertencentes a gerações diferentes, que participam dos mais diversos grupos sociais em variados tipos de interações.

Assim estudar a língua “como ela é” significa compreender o seu funcionamento em contextos reais de interação entre sujeitos. São nesses contextos, sejam eles orais ou escritos, que se evidenciam os diversos dialetos de que as línguas se constituem. Entende-se por dialeto o conjunto de características linguísticas compartilhadas por uma comunidade que está inserida em uma comunidade maior de falantes de uma mesma língua. Em outras palavras, toda língua histórica seria constituída por um conjunto de dialetos, que podem ser geográficos, sociais, estilísticos etc.

A Dialetoлогия, corrente teórica a que se vincula esta dissertação, é a vertente da Linguística que estuda, prioritariamente, os dialetos geográficos, isto é, a variação

---

<sup>1</sup> O Projeto Vertentes, com sede na Universidade Federal da Bahia, desenvolve pesquisa de cunho sociolinguístico, investigando a realidade da língua falada na Bahia bem como o processo histórico de sua formação. Para mais informações, acesse o site: <http://www.vertentes.ufba.br/>

espacial/diatópica dentro de uma comunidade de fala. No Brasil, o maior projeto representante dessa linha de pesquisa é o Projeto ALiB, que objetiva descrever a língua portuguesa falada no país. Envolvendo nove universidades brasileiras, o Projeto tem sede na Bahia, que é pioneira na iniciativa e concretização do primeiro atlas linguístico estadual do país, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI, 1963), e dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al*, 2014).

O APFB (ROSSI, 1963) e o Projeto ALiB são dois empreendimentos dialetológicos cujos dados são representantes, respectivamente, da década de 60 e dos anos 2000, constituindo importantes fontes documentais para a descrição da realidade linguística da Bahia em tempos distintos. Utilizando-se dessas fontes, ao contribuir com dados de variação espacial referente ao Estado da Bahia em duas sincronias, relacionados, especificamente, ao léxico de partes do corpo humano, busca-se também, nesta dissertação, verificar as semelhanças e diferenças entre o que foi encontrado a partir do estudo comparativo dos *corpora*.

Consideram-se as respostas dos informantes baianos do Projeto ALiB para as perguntas 104 – *Nuca*, 106 – *Clavícula* e 118 – *Tornozelo*, constantes de seu Questionário Semântico-Lexical. Referente ao APFB (ROSSI, 1963), são fonte de estudo as respostas registradas nas cartas 56 – *Nuca*, 57 – *Clavícula* e 63 – *Tornozelo* (anexos A, C e D). Após revelar os resultados da pesquisa dialetal para cada *corpus*, comparam-se as respostas dos informantes da década de 60 e dos anos 2000 nas nove localidades que o APFB (ROSSI, 1963) e o Projeto ALiB têm em comum. Auxiliando na execução de tais tarefas, figuram as seguintes questões norteadoras:

- (i) Os dados dos *corpora* indicam variação diatópica?
- (ii) Quanto à seleção lexical dos informantes, a distância temporal entre a constituição dos *corpora* será fator relevante?
- (iii) Os informantes idosos do Projeto ALiB serão aqueles que mais fornecerão os itens lexicais encontrados no APFB (ROSSI, 1963)?

Para tentar responder a esses questionamentos, definiram-se os objetivos:

- (i) Identificar, nos dois *corpora* selecionados, as variantes relacionadas aos itens lexicais que se pretende estudar;

- (ii) Examinar a distribuição e a produtividade dessas variantes pelo Estado da Bahia nos dois recortes de tempo;
- (iii) Avaliar a correlação do fator extralinguístico idade com o fenômeno estudado no que tange os dados do Projeto ALiB;
- (iv) Cartografar os dados do *corpus* do Projeto em relação ao referido campo lexical;
- (v) Comparar as cartas linguísticas produzidas com as publicadas pelo APFB (ROSSI, 1963);
- (vi) Descrever as diferenças e semelhanças encontradas nos *corpora*.

As metas estabelecidas servirão de guia para a orientação deste trabalho, que está dividido em cinco seções primárias, além das Referências e dos Anexos.

Esta Introdução, em que se procurou contextualizar o tema objeto da pesquisa, é a Seção Primária 1.

A Fundamentação Teórica, Seção Primária 2, possui duas divisões principais.

A primeira, intitulada *Dialetologia*, apresenta breve histórico do percurso dessa área de estudo ao se tornar ciência com objeto e metodologia próprios; revela as interfaces entre a Dialetologia e a Sociolinguística; discorre sobre o método dialetológico, a Geolinguística, explicando as possibilidades de apresentação dos dados em mapas que consideram uma ou mais dimensões de análise; traz o percurso histórico da Dialetologia no Brasil, sublinhando os principais estudos e tendências de cada fase dessa trajetória; destaca o pioneirismo do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB, exibindo as principais informações acerca da constituição desses dois empreendimentos dialetológicos; realça os aspectos metodológicos do Projeto ALiB na Bahia assim como apresenta as características sociodemográficas do Estado e finaliza com breve revisão de trabalhos que descrevem a Bahia do ponto de vista do nível semântico-lexical.

A segunda, intitulada *Léxico*, aborda alguns conceitos básicos que se relacionam a esse nível de análise da língua, no que discorre sobre as formas de ampliá-lo, sobre neologismos e arcaísmos e sobre as ciências do Léxico. Trata também do campo lexical das partes do corpo humano, focalizando as temáticas: a motivação do signo linguístico e a relação dos programas de saúde, da democratização do acesso à informação e da democratização do acesso à escola com a atualização das formas linguísticas.

A Seção Primária 3 é dedicada à Metodologia, seção na qual são explicados os passos seguidos pela pesquisadora para o tratamento dos dados obtidos a partir dos *corpora* analisados, a saber: solicitação de autorização de uso dos dados do Projeto ALiB; seleção das perguntas a serem estudadas; audição e transcrição das entrevistas linguísticas do Projeto; filtragem e agrupamento de dados; análise estatística dos dados do Projeto ALiB; comparação entre os resultados obtidos pelo APFB (ROSSI, 1963) e pelo Projeto ALiB; leitura e produção de cartas linguísticas; pesquisa dos itens lexicais encontrados em dicionários e análise de falas de informantes.

A Análise de Dados, Seção Primária 4, se subdivide em três seções principais que trazem cada uma as evidências resultantes dos passos metodológicos seguidos para o tratamento das três perguntas estudadas: *nuca*, *clavícula* e *tornozelo*.

Nas Considerações Finais, Seção Primária 5, são respondidas as questões norteadoras apresentadas nesta Introdução, retomando os achados mais relevantes da pesquisa. Indicam-se as limitações do estudo no passo que se sugerem novas propostas de investigação.

As referências citadas e consultadas estão listadas no fim do trabalho bem como os anexos.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho propõe realizar uma investigação centrada na variação linguística espacial, utilizando, para isso, as respostas de informantes do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) (ROSSI, 1963) e do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) para três perguntas pertencentes ao campo lexical das partes do corpo humano. Orienta-se pelos pressupostos teóricos e metodológicos da Dialetoлогия e da Geolinguística, que serão aprofundados na primeira parte desta seção. Reserva-se à segunda parte o desenvolvimento de aspectos acerca do nível da língua contemplado na análise, o léxico, assim como questões atinentes ao campo lexical das partes do corpo humano.

### 2.1 DIALETOLOGIA

#### 2.1.1 A Dialetoлогия como ramo dos estudos científicos da linguagem

A Dialetoлогия é uma área da ciência Linguística que visa a identificar, descrever, situar e documentar os dialetos. Os estudos dialetais nascem do interesse pela variedade de usos linguísticos e pela compreensão da necessidade de documentação não apenas das formas ditas de prestígio, mas também (e primeiramente) das estigmatizadas, por entender que todos os dialetos compreendem patrimônio linguístico e cultural e devem ser salvos da ação do tempo.

Conforme Cardoso (2010), desde o século XVIII, a variação espacial ou geográfica tem recebido constante atenção dos linguistas, porém a Dialetoлогия apenas se torna ciência com objeto e metodologia próprios a partir do século XIX. A metodologia própria a que a autora se refere é a Geografia Linguística ou Geolinguística.

A Geolinguística é um método dialetológico que consiste no registro de formas colhidas *in loco* – ou seja, a partir da recolha de dados feita diretamente nas localidades participantes de uma rede de pontos de determinado território – em mapas especiais, de modo que seja exibida a distribuição das formas linguísticas no espaço geográfico correspondente a uma ou mais línguas, aos dialetos ou aos falares estudados. (COSERIU, 1965).



A Geolinguística enquanto método se estrutura por meio do tripé rede de pontos, informantes e questionário. Para conhecer como se fala em determinada região, é preciso definir uma rede de pontos. Sua escolha deve ser subsidiada a partir da consideração das características geográficas, históricas, culturais e sociais que a unificam. Por essa razão, independentemente do tamanho do espaço geográfico considerado, é necessário que a escolha seja amparada em amplo estudo da região que se pretende pesquisar de forma a evidenciar os aspectos que singularizam a(s) localidade(s) participante(s) da rede de pontos. Para apurar determinado aspecto da língua nessa rede, selecionam-se informantes.

Os informantes devem ser definidos considerando o objetivo da investigação. Se se pretende analisar tão somente a diatopia, não é estritamente necessário realizar controle sistemático de variáveis sociais, pois o objetivo de verificar se tal fato é documentado em tal região pode ser alcançado independentemente da quantidade e da parametrização das características dos informantes. Por outro lado, se o objetivo do pesquisador for se debruçar sobre variáveis sociais, além da diatopia, é necessário que haja controle sistemático dos aspectos a serem analisados. Qualquer que seja o objetivo, há algumas recomendações básicas, como apurar naturalidade, domicílios, viagens tanto dos informantes quanto dos seus pais e cônjuge assim como profissão e outras atividades que desempenham etc., para que a amostra de informantes seja, de fato, linguisticamente representativa do espaço geográfico considerado.

Por fim, há o questionário linguístico, instrumento que direciona e organiza a coleta de dados. Novamente, para a escolha do tipo de questionário, é importante levar em conta a natureza da pesquisa e os objetivos do pesquisador. De maneira geral, todo questionário deve se fundamentar no conhecimento da região estudada de modo que seja um instrumento adequado para apurar as principais características regionais da área em questão.

Ressalta-se que tão relevante quanto o registro de dados intercomparáveis é a verificação da ausência. Cardoso (2010) afirma que “o vazio geográfico é denunciador de informações as mais diversas e pertinente para o confronto linguístico, do mesmo modo que o registro de usos”. (p. 15). A autora exemplifica o seu ponto de vista com as cartas 7 – *Primeiras (também últimas) horas do dia*, 17 – *Ondas baixas, seguidas e espumosas* e 34 – *Arrumar, amontoar, reunir* do APFB (ROSSI, 1963). Essas cartas revelam uma área no Recôncavo Baiano onde há a presença de unidades lexicais não documentadas para outras partes do Estado.

A primeira pesquisa dialetal de grande vulto que utilizou o método da Geolinguística foi o trabalho desenvolvido na Alemanha por Georg Wenker em 1876. De acordo com Chambers e Trudgill (1994), a coleta de dados da pesquisa foi feita com base em um questionário, contendo quarenta frases escritas em alemão *standard*, que foi enviado a quase 50 mil professores de escolas do norte da Alemanha. Os professores deveriam devolver o questionário com a transcrição das frases no dialeto da região em que lecionavam. Quase 45 mil professores de todo o país responderam ao questionário e, para tornar acessíveis suas descobertas, Wenker precisou reduzir o escopo da pesquisa, considerando apenas os resultados das regiões da Alemanha do norte e central. Seu trabalho, recebido inicialmente com entusiasmo, foi bastante criticado à época, sobretudo pela demora entre a coleta e a publicação dos dados. Apesar de todas as ressalvas metodológicas que se pode fazer hoje quanto à documentação dos dialetos, levando em conta que os dados foram colhidos por correspondência e representavam a visão de letrados sobre o assunto, a obra de Wenker tem o mérito de ter inaugurado o estudo em Geografia Linguística, inspirando novos trabalhos e novas abordagens.

Outra pesquisa geolinguística que se destaca neste começo é a empreendida por Jules Gilliéron, na França. Edmond Edmont, apesar de não ser um linguista, foi o homem escolhido por Gilliéron para a tarefa de recolher os dados *in loco* em função de ter um bom ouvido para capturar a fonética da língua e dos dialetos em particular. Após treino em transcrição fonética, realizou 700 entrevistas, em 639 pontos de inquérito que recobriam todo o país, entre 1896 e 1900. O primeiro volume do *Atlas Linguistique de la France (ALF)* (GILLIÉRON; EDMONT, 1902-1910) foi publicado em 1902 e o último em 1910. A obra pode ser considerada a primeira investigação geolinguística com dados colhidos *in loco* e de maneira sistemática. Pela inovação metodológica, pela qualidade dos dados e pela abrangência do projeto, Gilliéron influencia, motiva e abre caminhos para a realização de outros trabalhos em Geografia Linguística com rigor científico.

Após o ALF (GILLIÉRON; EDMONT, 1902-1910), a Dialetologia experimenta o início de um período de vários projetos de construção de atlas na Europa, como o *Atlas Linguistique de la Corse* (GILLIÉRON; EDMONT, 1914-1915), o *Atlas Linguistique de Catalunya* (GRIERA, 1923), o *Sprach-und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (JABERG; JUD, 1928-1940) e o *Atlasul Linguistic Român* (POP; PETROVICI, 1938-1942), para ficar apenas nos primeiros.

Conforme os estudos geolinguísticos avançavam e surgiam atlas de diferentes tipos e para além da Europa, a metodologia da pesquisa se aprimorava. O contato com a distinta realidade linguística da América e o surgimento da Sociolinguística na década de 60 foram importantes acontecimentos que levaram a Dialetoлогия a uma nova orientação quanto ao seu método. A Dialetoлогия preocupada em registrar a variação diatópica agora passava também a considerar a variação social de modo mais equânime, visto que antes já controlava as características sociais dos informantes, sem, contudo, constituir amostras com controle sistemático de fatores sociais, como se verá a seguir na próxima seção.

### **2.1.2 Dialetoлогия X Sociolinguística: interfaces<sup>2</sup>**

A Sociolinguística, do mesmo modo que a Dialetoлогия, se ocupa do estudo da língua em uso, analisando-a a partir da relação entre elementos estruturais, sociais e culturais. Ambas as vertentes de estudo consideram que a língua é, em sua essência, heterogênea e variável, não obstante a variação possa ser sistematizada, pois há regras que a ordenam. Essas regras são sempre variáveis, não categóricas, ou seja, dependem do fenômeno pesquisado, de aspectos culturais da comunidade de fala, de aspectos sociais dos falantes etc.

A Sociolinguística, em particular, procura compreender os principais fatores que condicionam a variação e a mudança – daí ser conhecida também como Teoria da Variação e Mudança –, medindo os que interferem mais ou menos em relação aos fenômenos e o porquê. Em função disso, atribui importância à quantificação dos dados, analisando a frequência das variantes e de seus fatores condicionadores para explicar a realidade linguística. Investiga também o grau de estabilidade de um fenômeno: variação estável ou mudança em curso? Para tanto, observa a trajetória desde seu surgimento até a possível implementação (mudança linguística). Os primeiros estudos buscavam o vernáculo, que é a fala não monitorada, a primeira norma aprendida pelos indivíduos. Contemporaneamente, trabalha-se também com registro de falas mais formais além de *corpus* escrito.

---

<sup>2</sup> As informações apresentadas nesta seção são, em parte, baseadas nas aulas ministradas em julho de 2018 pela Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira, convidada para apresentar o Módulo Sociolinguística na disciplina de pós-graduação Seminários Avançados I, constante do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

O surgimento da Sociolinguística remonta ao ano de 1964, a partir de um congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), que tinha o objetivo de promover os estudos históricos, visto que prevaleciam àquela época as pesquisas estruturais. Após o congresso, começam a ganhar vulto, na década de 60, os estudos da mudança linguística enquanto esta acontece, por meio da observação do uso da língua.

O pai deste modelo teórico é o sociolinguista William Labov, cujo estudo mais divulgado pertence à sua tese, publicada em 1966. Labov (1966) analisou o /r/ pós-vocálico em Nova Iorque, baseado no registro da fala de funcionários de três lojas de departamento pertencentes a diferentes estratos sociais, do mais baixo ao mais alto. São elas: S.Klein, Macy's e Saks Fifth Avenue. Labov (1966) concluiu que as classes alta e média costumavam preservar mais a vibrante do que a classe baixa, pois o uso indicava prestígio.

A Sociolinguística chega ao Brasil dez anos após a tese de Labov (1966) ser publicada. Em 1976, Anthony Naro começa a formar os primeiros profissionais sociolinguistas por meio de uma disciplina do mestrado em Linguística da PUC-Rio. Alguns dos temas dos primeiros trabalhos em Sociolinguística orientados por Naro foram: concordância nominal, construções relativas, derivação sufixal, segmentos nasal e vibrante em final de vocábulos, pronome pessoal de terceira pessoa em função acusativa, distribuição da vibrante, segmentos africados e fricativos, pronomes pessoais e oblíquos átonos, pronomes átonos, harmonização vocálica, futuro do subjuntivo, dentre outros. É importante também por em destaque alguns dos primeiros pesquisadores brasileiros orientados por Naro que viriam a divulgar a pesquisa sociolinguística. São eles: Maria Luiza Braga, Marta Scherre, Maria Cecília Mollica, Solange Montalvo, Sebastião Votre, Nelize Omena, Dinah Callou, Maria Luiza Palma, Sandra Del-Gáudio, Maria das Graças Pereira, Leda Bisol e Alzira Macedo.

Logo começam a se constituir os primeiros bancos de dados da fala brasileira. Destacam-se o NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta), o PEUL (Programa de Estudos dos Usos da Língua), o VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul), dentre outros.

Trabalhos mais recentes em Sociolinguística versam sobre os seguintes temas: vogais pretônicas, vogais postônicas, ditongos, palatalização de consoantes, /S/ em coda silábica, concordância verbal, pronomes *tu* e *você*, pronomes *nós* e *a gente*, colocação pronominal, indeterminação do sujeito, negação etc. É importante ressaltar

que a Sociolinguística abriga estudos com metodologias distintas: alguns fazem uso de métodos de natureza quantitativa para tratar a variação linguística, correlacionando-a a categorias sociodemográficas amplas como sexo, idade, escolaridade; outros, ao estudar os dialetos, conjugam métodos quantitativos e de natureza etnográfica e há os que também focam nos papéis sociais desempenhados pelos falantes e nos significados sociais dados às suas ações<sup>3</sup>.

Após este preâmbulo sobre a Sociolinguística, faz-se necessário destacar sua interface com a Dialetologia.

Nesse campo, entre os linguistas brasileiros que favoreceram a interface entre a Sociolinguística e a Dialetologia, destacam-se os professores Nelson Rossi, Dinah Callou e Suzana Cardoso pela conjugação em seus trabalhos das duas áreas de estudo como também pela atuação na formação de novos linguistas.

Nelson Rossi, foneticista, dialetólogo e sociolinguista, além de crítico textual, notabiliza-se pela criação do Laboratório de Fonética Experimental da Universidade Federal da Bahia, no qual se formariam importantes dialetólogos e sociolinguistas, como Dinah Callou, que participou como pesquisadora do APFB (ROSSI, 1963), e Suzana Cardoso, que é coautora do Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS) (FERREIRA *et al*, 1987), com a coordenação de Rossi. Além disso, destaca-se que o pesquisador foi responsável pela fundação do Projeto NURC, que tem importante papel na Sociolinguística, fornecendo os primeiros dados da norma culta brasileira; Callou, que também havia sido aluna de Naro, pelas suas contribuições teóricas e metodológicas para os estudos de variação e mudança, sobretudo na área da fonética e da sintaxe; Suzana Cardoso, pela idealização e materialização do Projeto ALiB, que, em sua metodologia, agrega conhecimentos dialetológicos e sociolinguísticos, e pelo seu papel na formação de jovens pesquisadores.

Acerca do escopo de pesquisa, como dito no início da seção, as duas vertentes da Linguística estudam a língua em uso e reconhecem a existência da variação como fenômeno natural das línguas. A principal distinção que pode ser feita entre os dois modelos teóricos é que, enquanto a Dialetologia, mesmo que incorpore variáveis sociais em seu escopo de pesquisa, tem como foco primário questões atinentes à variação diatópica ou espacial, procurando estabelecer fronteiras geográficas entre os

---

<sup>3</sup> Acerca das distintas metodologias empregadas nos estudos em Sociolinguística, ver a divisão em três ondas proposta por Eckert (2005, 2012).

dialetos, a Sociolinguística tem como foco principal a variação social de determinado grupo de indivíduos, identificando casos de variação estável e mudança em progresso.

A Sociolinguística nasce para tentar dar conta da questão da mudança da língua, que havia sido deixada de lado pelo Estruturalismo e pelo Gerativismo. No entanto, não se quer dizer com isso que a Sociolinguística tenha sido pioneira ao estudar a mudança e a variação, temas que já estavam sendo contemplados pela Linguística Histórica e pela Dialectologia. Tampouco Labov foi o primeiro a relacionar língua, sociedade e cultura. Meillet (1906) já o havia feito, assim como, na década de 30, os atlas linguísticos dos EUA e do Canadá já estratificavam os seus informantes em níveis de escolaridade. De acordo com Silva-Corvalán (1989),

La dialectología es una disciplina con una larga tradición, con una metodología bien establecida y una rica y valiosa literatura. Es indudable que la dialectología ha hecho aportes de importancia a la sociolingüística y a la lingüística en general<sup>4</sup>. (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 8).

Sobre essas contribuições, além de ter se fundamentado no aporte teórico da Dialectologia, a Sociolinguística também pode dispor dos atlas linguísticos como importante fonte de dados para os estudos de variação e mudança.

É inegável, do mesmo modo, a contribuição metodológica da Sociolinguística à Dialectologia. O surgimento da Sociolinguística foi um fator importante para que a Dialectologia utilizasse métodos quantitativos de análise e fizesse o controle sistemático de variáveis como idade, escolaridade, sexo, deixando de ser unicamente monodimensional e apresentando cada vez mais projetos pluridimensionais. Como divulgadores dessa contribuição metodológica, cabe citar os pesquisadores Carmem Silva-Corvalán, Francisco Moreno Fernández e Harald Thun.

### **2.1.3 Geolinguística monodimensional X Geolinguística pluridimensional**

Os primeiros estudos dialetais buscavam descrever a realidade linguística de determinado território, considerando exclusivamente a variação espacial. Após

---

<sup>4</sup> A dialectologia é uma disciplina com uma longa tradição, com uma metodologia bem estabelecida e uma literatura rica e valiosa. Não há dúvida de que a dialectologia fez contribuições importantes para a sociolinguística e a linguística em geral. (Tradução nossa).

descrição linguística de uma área geográfica, buscava-se o confronto entre distintas realidades por meio da comparação entre fatos correspondentes. O objeto de estudo era o dialeto de determinada região em sua forma mais pura. Em função disso, o informante deveria atender a um perfil específico: ser homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário (HARAS)<sup>5</sup>. Considerava-se que esse perfil de falante resguardava melhor o seu dialeto, seja por estar afastado de centros urbanos, da normatização do ensino formal da escola ou de contato com outros grupos linguísticos. Tal perfil já não é mais vigente na dialetologia contemporânea. Hoje, buscam-se diversos perfis, inclusive os que contemplam falantes topoestáticos e/ou topodinâmicos (RADTKE; THUN, 1996), item que trataremos no decorrer da seção.

Os atlas que apresentam os dados analisados sob a perspectiva de uma única dimensão, a diatópica ou espacial, são chamados de monodimensionais. Destaca-se que alguns desses atlas realizam controle dos fatores sociais, entretanto, por não evidenciarem, na cartografia, outra dimensão que não a diatópica, são considerados monodimensionais. Os atlas de Wenker e Gilliéron, que inauguram o método da Geolinguística, são exemplares desse tipo de atlas. Do mesmo modo, o primeiro atlas publicado no Brasil, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963), foca na variação diatópica. Embora trabalhos dessa natureza possam apresentar informantes distribuídos pelos dois sexos, por faixas etárias e escolaridades distintas, essas informações nem sempre são distribuídas em grupos equânimes e não ficam evidentes nos mapas linguísticos.

Com o passar do tempo, mudanças sócio-históricas, como o superpovoamento de centros urbanos e o desenvolvimento da rede de estradas e dos meios de comunicação, dificultaram a tarefa da Geolinguística monodimensional ou tradicional de achar o falante ideal, tendo em vista que o total isolamento social que permitia o resguardo dos dialetos já não existia. Além disso, o surgimento da Sociolinguística na década de 60 traz novas perspectivas metodológicas para a Linguística, das quais a Dialetologia se beneficiará.

Assim entra em cena a Geolinguística pluridimensional. Nas palavras de Thun (2000a):

---

<sup>5</sup> HARAS é um acrônimo criado por Zágari (1998) para o que Chambers e Trudgill (1994) identificam como NORM: *nonmobile, older, rural, male*.

La nouvelle géolinguistique se caractérise par l'élargissement de son champ d'observation et par un travail en profondeur plus poussé. Elle passe de l'analyse de la superficie, constituée par la dimension diatopique, à celle de l'espace linguistique formé par la prise en considération de variables comme la dimension diastatique, diaphasique ou d'autres. D'autre part, la géolinguistique moderne se veut plus objective et représentative. Elle introduit la statistique dans le traitement des données. Elle fait de l'atlas silencieux un atlas parlant. Elle n'emploie plus toute son énergie à la recherche du dialecte pur rural mais elle entre également dans les villes, elle analyse des langues régionales, focalise des situations de contact, questionne aussi des gens démographiquement mobiles<sup>6</sup>. (THUN, 2000a, p.408).

Nesse sentido, o método da Geolinguística pluridimensional considera, além da diatopia, outras dimensões, como a diastrática, a diassexual, a diageracional e a diafásica. Ou seja, relacionam-se os dados espaciais com variáveis sociais, como classe social, escolaridade, sexo, idade, além de considerar questões referentes ao estilo (ex.: formal/informal). O aumento do escopo da pesquisa ocorre em concomitância com o controle sistemático das variáveis, tendo em vista a necessidade de verificar estatisticamente a interferência de cada uma delas no fenômeno a ser estudado. Por essa razão, os informantes selecionados pelo método da Geolinguística pluridimensional se dividem de maneira equânime entre as variáveis consideradas.

Adequando-se à realidade sociocultural atual, as áreas urbanas também se tornam espaço de investigação, e busca-se conhecer o falante móvel, o que vive em região de fronteiras, o universitário etc. Com essas mudanças, surgem alguns desafios para a Geolinguística atual, e o principal deles é transpor essa complexidade de dados, de modo organizado, para as cartas linguísticas. Como exemplo de atlas pluridimensional, pela ambição e execução do projeto, cita-se o *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)* (THUN; ELIZAINCÍN, 2000), que controla, além da variável diatópica – dividida em topostática (abrange grupos com estabilidade no local de residência) e topodinâmica (abrange grupos com recente troca de local de residência) –, as variáveis diastrática (dois grupos socioculturais distintos),

---

<sup>6</sup> A nova geolinguística caracteriza-se pela ampliação do seu campo de observação e pelo aprofundamento do trabalho. Vai desde a análise da superfície, constituída pela dimensão diatópica, à do espaço linguístico formado pela consideração de variáveis como a dimensão diastrática, diafásica ou outras. Por outro lado, a geolinguística moderna pretende ser mais objetiva e representativa. Ela introduz estatísticas no processamento de dados. Ela transforma o atlas silencioso em um atlas falante. Ela não usa mais toda a sua energia na busca de um dialeto puramente rural, mas também entra nas cidades, analisa linguagens regionais, focaliza situações de contato, também questiona pessoas demograficamente móveis. (Tradução nossa).



diageracional (duas faixas etárias), diassexual (dois sexos biológicos), diafásica (três estilos: leitura; respostas ao questionário; conversa livre e semidirigida), diarreferencial (contraste entre respostas e comentários dos informantes) e dialingual (contraste e influência do contato entre o espanhol e o português). (THUN, 2000b). Para o Brasil, pode-se citar o *Atlas Linguístico Pluridimensional do Português Paulista* (FIGUEIREDO JUNIOR, 2019), resultado de tese de doutorado, que contempla, além da dimensão diatópica, as dimensões diastrática, diageracional e diassexual. O Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al*, 2014), fruto de desejo e iniciativa da visionária pesquisadora Suzana Cardoso, também cartografa as variáveis sociais quando relevantes.

#### 2.1.4 A Dialetoлогия no Brasil

No Brasil, o primeiro estudo dialetológico sobre o português aqui falado é realizado por Domingos Borges de Barros em 1826. De 1826 até os dias atuais, a Dialetoлогия desenvolveu-se vertiginosamente e, para marcar tendências de estudos dominantes no decorrer desses anos, foram propostas algumas periodizações.

Considerando uma subdivisão em cinco fases ou períodos e que os dois primeiros foram definidos por Nascentes (1952,1953) e que Ferreira e Cardoso (1994) ratificam a decisão do autor e propõem o fim da segunda e início da terceira fase<sup>7</sup>, serão apresentadas nesta subseção a proposta de Mota e Cardoso (2006), que, além de discutirem as propostas anteriores, dividem os estudos dialetais em quatro fases, e a de Teles (2018), que estabelece nova periodização com o acréscimo de uma quinta fase, levando em consideração a publicação dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil, em 2014. As fases da Dialetoлогия sugeridas nas propostas dos autores citados são reformulações necessárias por conta do efeito do tempo. Ao passo que a Dialetoлогия se desenvolve ao longo dos anos, novos métodos, estudos e teorias vão surgindo, alterando aspectos do fazer dialetal, o que implica novos marcos e, conseqüentemente, novas periodizações para a área.

Segundo Mota e Cardoso (2006), na primeira fase, entre 1826 e 1920, predomina o estudo de aspectos lexicais do português do Brasil. Tem, como marco

---

<sup>7</sup> As propostas de Nascentes (1952,1953) e de Ferreira e Cardoso (1994) estão amplamente discutidas em Mota e Cardoso (2005, 2006).

inicial, a contribuição do ministro plenipotenciário do Brasil na França, Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, para o *Atlas Ethnographique du Globe...*, de Adrien Balbi. O visconde forneceu informações sobre o português brasileiro, comparando-o com o português de Portugal, principalmente no nível do léxico. São concebidos, nesta primeira fase, dicionários, vocabulários, glossários e léxicos regionais. A título de exemplificação, citam-se: *O tupi na geografia nacional*, de Teodoro Sampaio (1987 [1901]); o *Glossário Paraense*, de Vicente Chermont de Miranda (1968 [1905]), e o *Dicionário de Brasileirismos*, de Rodolfo Garcia (1915).

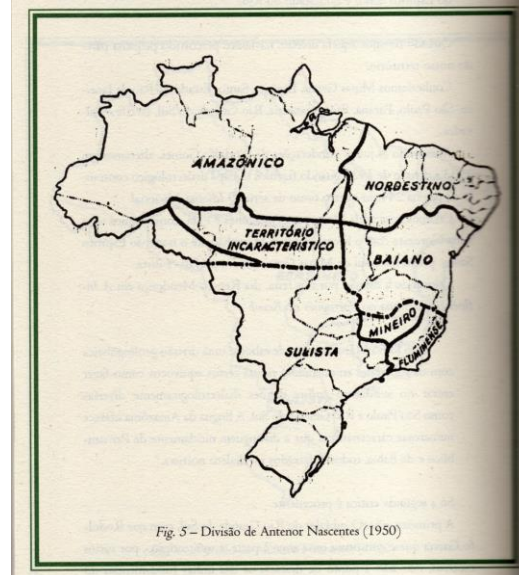
A segunda fase inicia-se em 1920, com a publicação de *O Dialeto Caipira*, obra de Amadeu Amaral, e vai até 1952, quando começa a se desenvolver a Geolinguística brasileira. Essa fase é caracterizada por estudos monográficos que descrevem fenômenos fonético-fonológicos, semântico-lexicais, morfossintáticos, circunscritos à determinada área. Destacam-se nessa época as seguintes obras: *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral (1920); *O Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes (1922; 1953), e *A Língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934). Esses trabalhos consistiam na observação *in loco* de determinada área geográfica.

*O Dialeto Caipira* nasce, conforme Cardoso (2010), da preocupação de Amadeu Amaral acerca da dialetação do português brasileiro da qual, até então, pouco se tinha notícia. O autor analisa linguisticamente a área do Estado de São Paulo correspondente ao que identificou como falar caipira, reivindicando a realização de mais trabalhos que utilizassem de observação *in loco* das realidades regionais, de maneira metódica e imparcial, para que, desta feita, fossem dadas a conhecer as características gerais dos dialetos brasileiros.

Em *O Linguajar Carioca em 1922*, Nascentes (1922) apresenta estudo deste dialeto nos níveis do léxico, da morfologia, da sintaxe e da fonética. Apresenta também uma divisão dialetal para o Brasil: o estudioso reparte o país em quatro falares: o Nortista, o Sertanejo, o Fluminense e o Sulista. O autor recebeu várias críticas a essa proposta de divisão, que motivaram sua reelaboração em 1933. A proposta de 1933 é apresentada em *O Linguajar Carioca*, edição de 1953. Nascentes (1953) divide o Brasil em dois grandes grupos de falares: os do Norte, que contemplam os sub-falares Amazônico e Nordestino, e os do Sul, que contemplam os sub-falares Baiano, Mineiro, Fluminense e Sulista. Há ainda um território denominado incharacterístico pela ausência de povoamento à época. O dialetólogo foi pioneiro por instituir divisão a partir de dados fonéticos, a saber: vogais pretônicas e cadência da

fala. Ressalta-se que esta é a divisão dialetal para o país mais aceita pelos dialetólogos até então (cf. Figura 1).

Figura 1 – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)



Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700).

Em 1934, publica Mário Marroquim *A Língua do Nordeste*, obra em que descreve o quadro linguístico de Alagoas e Pernambuco. Na obra, Marroquim, ressaltando a enorme extensão geográfica do Brasil e a conseqüente diversidade de usos do português brasileiro, propõe que, antes que se defina a diferenciação dialetal do Brasil como um todo, se realize a descrição de cada região do país.

É importante destacar que continuaram a ser produzidas obras lexicográficas na segunda fase dos estudos dialetológicos brasileiros. Houve também publicações que descreveram o português do Brasil de maneira mais ampla, além de outras que se debruçaram sobre a contribuição africana para o português do Brasil. Como se pode perceber, são várias as contribuições e abordagens de estudo, no entanto, até a segunda fase, ainda não há uma metodologia do trabalho dialetal definida para a recolha e tratamento dos dados.

A terceira fase começa em 1952 e finda em 1996 com a implantação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Tem, como marco inicial, o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que instituiu como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Essa fase caracteriza-se por avanços metodológicos e, principalmente, por uma preocupação de cunho geolinguístico, impulsionada não apenas graças ao referido Decreto, mas,

principalmente, a figuras como Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Antenor Nascentes (1958,1961) publica seu *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, em que traz passos metodológicos para o início da empreitada. No entanto, adverte que, àquele momento, devido à vastidão e à dificuldade de acesso às várias áreas do território brasileiro, seria mais pertinente a realização de atlas regionais como fizeram os Estados Unidos.

Serafim da Silva Neto (1957) foi figura incentivadora de estudos sobre os falares brasileiros. Em seu *Guia para estudos dialetológicos*, define algumas tarefas urgentes para os estudos dialetais brasileiros, como a realização de atlas regionais, a elaboração de atlas nacional feito a partir de aplicação de questionário uniforme e a produção de monografias e vocabulários.

Celso Cunha, em 1957, também se preocupou com a concretização de um atlas nacional, mas, àquele momento, acusou, do mesmo modo, a impossibilidade da tarefa, aconselhando que o trabalho de descrição do português do Brasil se iniciasse por meio da construção de atlas regionais. Manifesta esta opinião no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em 1957, junto a Serafim da Silva Neto.

Esse entendimento leva os dialetólogos a empreenderem a construção de atlas regionais. O primeiro a dar esse passo foi Nelson Rossi pela publicação, em 1963, do *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*. Do pioneirismo de Rossi, seguem-se, em ordem de publicação, o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG)* (RIBEIRO *et al*, 1977), o *Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB)* (ARAGÃO; MENEZES, 1984), o *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)* (FERREIRA *et al*, 1987) e o *Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR)* (AGUILERA, 1994). O fato é que, depois de Rossi, a Geolinguística no Brasil cresce rapidamente, suscitando a elaboração de atlas regionais que se apresentam não só nesta terceira, mas também na quarta fase dos estudos dialetais. Trabalhos lexicográficos e monografias continuam a ser publicados durante a terceira fase.

Após a profícua experiência geolinguística com a publicação de atlas regionais, retoma-se a ideia de produção de um atlas linguístico para o país e, por ocasião do Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado em novembro de 1996, em Salvador, cria-se o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) para contemplar tal fim, inaugurando a quarta fase dos estudos dialetais (de

1996 aos tempos atuais<sup>8</sup>). Segundo Mota e Cardoso (2006), essa fase é marcada, no que concerne à metodologia, pela mudança no predomínio de trabalhos alinhados à geolinguística monodimensional para os que incorporam os métodos da geolinguística pluridimensional. A última contempla, além da diatopia, outras variáveis como idade, escolaridade, sexo.

A mudança, para Cardoso (2010), deve-se, por um lado, à influência da metodologia da Sociolinguística – vertente da ciência Linguística que estuda o fenômeno da variação com foco nas diferenças sociais, como dito na seção anterior. Mas lembre-se de que a Dialetoлогия, desde seus primórdios, já se preocupava com a variação social, apesar de não abordá-la de maneira sistemática no que se refere à escolha dos informantes.

Por outro lado, essa mudança é, da mesma forma, uma maneira de responder às transformações sócio-históricas que vinham ocorrendo no mundo. Citando, para exemplificar, o caso do Brasil, Cardoso (2010) traz vários acontecimentos que implicaram nova configuração do português brasileiro, como o superpovoamento dos centros urbanos, o desenvolvimento dos meios de comunicação, a ampliação da rede de estradas e rodovias e a conseqüente maior comunicação entre os estratos sociais etc. Com esses acontecimentos, natural era que os parâmetros usados para a escolha dos informantes mudassem e se ampliassem.

É importante destacar que, na quarta fase dos estudos dialetais, continuam a ser produzidos atlas regionais, fundamentais por proporcionar uma visão pormenorizada das regiões, algo que não cabe a um atlas nacional. Como exemplo da farta produção geolinguística do período a partir de atlas regionais, mencionam-se as obras: Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002), Atlas Lingüístico Sonoro do Pará (ALISPA) (RAZKY, 2004), Atlas Lingüístico do Amazonas (ALAM) (CRUZ, 2004), Atlas Lingüístico de Sergipe II (ALS II) (CARDOSO, 2005), Atlas Lingüístico do Paraná II (ALPR II) (ALTINO, 2007), Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul (ALMS) (OLIVEIRA, D., 2007), Atlas Lingüístico do Ceará (ALECE) (BESSA, 2010). A maioria

---

<sup>8</sup> Teles (2018) revisa esta periodização, propondo uma quinta fase, que será apresentada mais adiante.

dos atlas publicados nesta fase dos estudos dialetais utilizam metodologia do ALiB e alguns deles são frutos de dissertações e teses.<sup>9</sup>

Além disso, ampliam-se as perspectivas de pesquisa em Dialectologia, conjugando a linha teórica com outras áreas dentro e fora da Linguística, como a Sociolinguística e a Lexicografia assim como a Tecnologia da Informação e a Geografia.

Pode-se considerar como importante marco da quarta fase dos estudos dialetais a publicação, em outubro de 2014, por virtude do III CIDS – III Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística –, dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil*, que serão retomados com mais detalhes em seção específica. Teles (2018), reconhecendo a relevância e a dimensão desse feito, propõe que a quarta fase se encerre em 2014 e que, a partir daí, se admita uma quinta fase. A autora justifica a proposta aludindo aos frutos da publicação do Atlas Linguístico do Brasil: a quantidade de trabalhos produzidos com a utilização de seus dados; o alcance da divulgação, que chegou, inclusive, em diversos canais da mídia e o aumento do número de pesquisadores de graduação e pós-graduação que começaram a se interessar e a se debruçar sobre os estudos dialetais. Questões metodológicas também singularizam este momento:

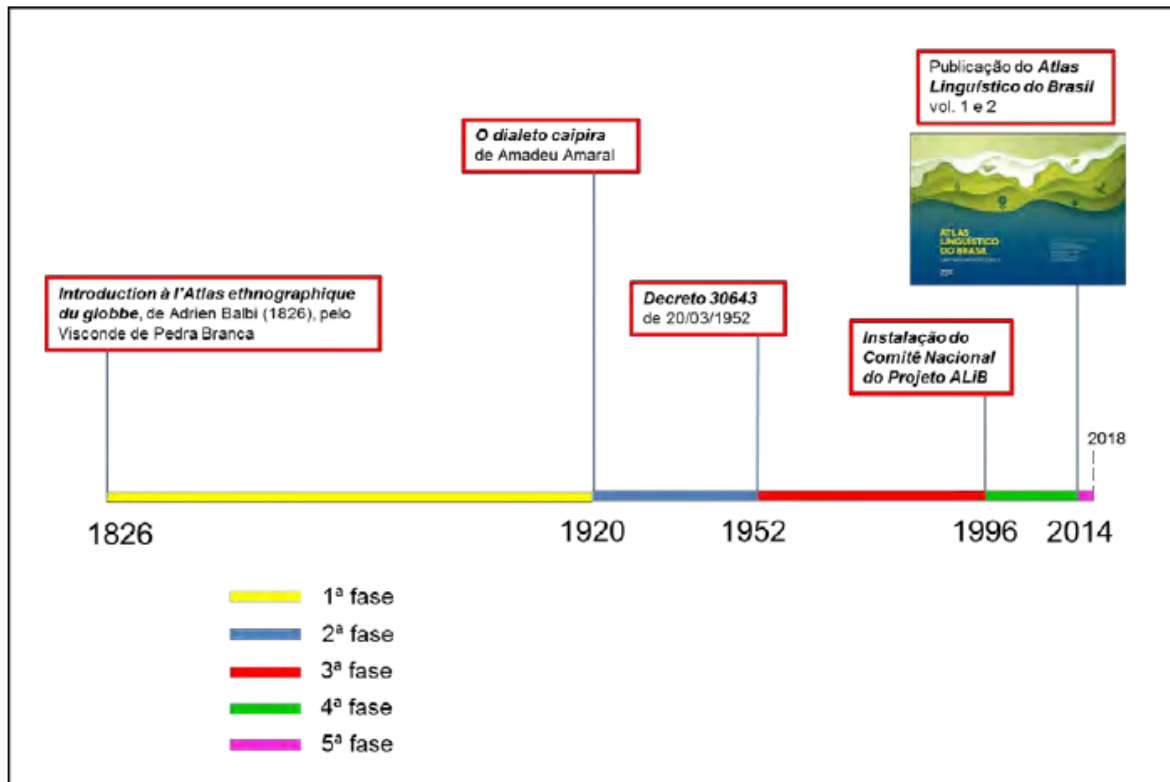
Não apenas do ponto de vista do conteúdo, o ALiB representa um marco: do ponto de vista cartográfico, também se trata de uma publicação inovadora, especialmente por ser o primeiro atlas linguístico no Brasil a ter sido concebido para utilização em Sistemas de Informações Geográficas, não somente pelo fato de ter sido utilizada uma base cartográfica digital, oficial, mas também porque todas as feições geográficas estão perfeitamente construídas para esse fim. Com isso, outra característica ímpar é o georreferenciamento de todas as localidades, tornando todas cartas publicadas passíveis de reedições e complementações a qualquer época. (TELES, 2018, p.80).

Logo, pelas razões elencadas, experiencia-se neste momento, conforme Teles (2018), uma quinta fase dos estudos dialetais, que compõe a linha do tempo a seguir:

---

<sup>9</sup> Para um panorama atualizado acerca dos atlas linguísticos concluídos e em andamento, ver Romano (2020) em *Desdobramentos, desafios e perspectivas da geolinguística pluridimensional no Brasil*. De modo complementar, consultar o *Balço crítico da geolinguística brasileira e a proposta de uma divisão*, de autoria de Romano (2013).

Figura 2 – Proposta de periodização dos estudos dialetais no Brasil segundo Teles (2018)



Fonte: Teles (2018, p. 81)

De fato, a publicação do Atlas Linguístico do Brasil é um marco nos estudos dialetais brasileiros. O atlas, idealizado e desejado por vários dialetólogos brasileiros, ao longo de décadas, é causa do desenvolvimento da Geolinguística. Usufrui do conhecimento metodológico adquirido a partir da produção dos cinco primeiros atlas estaduais, iniciada com o APFB (ROSSI, 1963).

De um lado, o APFB (ROSSI, 1963), primeiro atlas estadual publicado; de outro, o ALiB, primeiro atlas nacional publicado: ambos produtos do desenvolvimento da Geolinguística no Brasil. E em função desse pioneirismo dos *corpora* que reside a relevância de se estudá-los comparativamente.

### 2.1.5 O Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)

O Atlas Prévio<sup>10</sup> dos Falares Baianos (ROSSI, 1963) é um atlas estadual, monodimensional e o primeiro a ser publicado no Brasil. Além do pioneirismo, tem por

<sup>10</sup> Nas humildes palavras do autor, reconhecendo a relatividade da documentação contida nas cartas, é *prévio*, porque não se propuseram realizar o Atlas, e sim *um* Atlas.

mérito o incentivo à atividade dialetológica por envolver jovens colaboradoras<sup>11</sup>, recém-licenciadas do curso de Letras da Universidade Federal da Bahia, que participaram de quase todas as etapas de preparação da obra, como a elaboração do questionário, a realização dos inquéritos, a transcrição fonética das formas encontradas, a revisão das cartas linguísticas etc. Ainda sobre a importância deste empreendimento, pode-se dizer, utilizando-se das palavras de Mota (2012):

Destaca-se a importância do APFB, não só por haver possibilitado um maior conhecimento da área, especialmente de grande parte do chamado falar baiano<sup>12</sup>, na conhecida proposta de Nascentes (1953), fornecendo dados empíricos sistematicamente recolhidos e analisados, mas também pelo incentivo ao desenvolvimento da área de estudos dialectológicos e, especialmente, geolinguísticos no Brasil. Comprova essa importância o surgimento de diversos projetos de atlas regionais, muitos dos quais se encontram hoje publicados, ao lado de artigos, dissertações, teses e comunicações a congressos. (MOTA, 2012, p. 512).

A história do APFB (ROSSI, 1963), considerado marco dos estudos geolinguísticos no Brasil, em conformidade com o que consta da Introdução da obra, remonta ao ano de 1955 com a chegada de Nelson Rossi à Universidade Federal da Bahia. A partir deste ano, no Laboratório de Fonética da Universidade, começam a se desenvolver estudos dialetológicos, divulgados em alguns congressos à época<sup>13</sup>.

Em agosto de 1959, no entanto, com o IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, que são dados os primeiros passos para a concepção de um atlas linguístico para o Estado da Bahia. Duas comunicações, apresentadas pelo Laboratório de Fonética da UFBA neste evento, eram baseadas em inquéritos realizados em 1958 por alunos do último ano do curso de Letras, e uma delas, intitulada *Aspectos do Léxico Regional da Bahia*, era de graduandos do ano corrente, 1959, também do último ano do curso de Letras da Universidade sob a orientação de

---

<sup>11</sup> São elas: Ana Maria Garcia, Carlota Ferreira, Cyva Leite, Dinah Isensee, Edelweiss Nunes, Josefina Barletta, Judith Freitas e Tânia Pedrosa.

<sup>12</sup> O *Falar Baiano* de Nascentes (1953) abrange Sergipe, Bahia, Minas (regiões norte, nordeste e noroeste do Estado) e parte de Goiás.

<sup>13</sup> No I Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia, foram apresentadas as comunicações *Pesquisas Dialectais na Universidade da Bahia*, por Nadja Andrade; *Quadros populares no Sertão Baiano*, por Nelson Rossi; *Comércio de Ervas Medicinais na Feira de Água de Meninos*, por Nelson Rossi e colaboradores (estudantes do curso de Letras); e *Cantigas de Rojão*, por Nelson Rossi. No Simpósio de Filologia Românica, foi apresentado o trabalho *A iotização de /-lh-/ em algumas localidades baianas*, por Nelson Rossi.



Nelson Rossi. No Colóquio, foram apresentados trabalhos que oportunizaram discussões acerca da pesquisa dialetológica. Ainda neste ano, entre outubro e novembro de 1959, a turma de *Aspectos do Léxico Regional da Bahia*, tendo se beneficiado com as análises e discussões por virtude do Colóquio, realizaria seus próprios inquéritos linguísticos como trabalho de conclusão de curso.

Em 1960, compreendendo que os dados dos inquéritos realizados pelos alunos em 1958, em Bom Despacho, e em 1959, nas localidades de São José das Itaporocas, Tanquinho e São Vicente, poderiam contribuir para delinear possíveis áreas linguísticas no Estado da Bahia, decidiu-se por revisar os questionários e as anotações quando da sua aplicação, selecionando as perguntas mais relevantes. Assim foi composto o Extrato de Questionário do APFB, organizado por áreas semânticas, e tomada a primeira iniciativa para a confecção de um atlas linguístico para o Estado da Bahia.

De posse do questionário, o primeiro inquérito linguístico foi realizado em 31 de outubro de 1960 e o último em 7 de abril de 1961, e publica-se o Atlas Prévio dos Falares Baianos no ano de 1963.<sup>14</sup>

A respeito da metodologia adotada pelo APFB (ROSSI, 1963), vejamos, a seguir, informações sobre o questionário linguístico, os informantes, a rede de pontos e as cartas linguísticas:

#### a) *Questionário Linguístico*

O Questionário do APFB (1963) possui 182 questões. Note-se que, embora numeradas de 1 a 164, há 16 delas que se desdobram em outras. A pergunta 19, por exemplo, desdobra-se em 19-A, 19-B e 19-C. Em sua maioria, buscam apurar a variação semântico-lexical. Sobre a redação das perguntas, apesar de cogitar-se inicialmente registrar a formulação para todas na intenção de garantir uniformidade no trabalho, optou-se por reduzi-la ao mínimo possível, considerando a pouca extensão do questionário, a flexibilidade desejada no caso de imprevistos e o fato de que os inquiridores estavam envolvidos em todas as etapas de organização do trabalho, incluindo a elaboração das perguntas. As perguntas deveriam ocorrer por

---

<sup>14</sup> Em novembro de 2013, durante evento comemorativo aos 50 anos do APFB (ROSSI, 1963), ocorrido na Universidade Federal da Bahia, foi lançada a 2ª edição da obra, em versão digital.

interrogação indireta e as respostas seriam transcritas de imediato, pois não havia, naquela época, aparelhos gravadores com facilidade de aquisição e com autonomia de energia. No fim do questionário, se admitia que fossem realizadas perguntas diretas.

#### b) *Informantes*

Os informantes deveriam ser naturais da localidade, com pais também naturais da localidade e, de preferência, nunca terem viajado, apesar de Rossi (1963) admitir a dificuldade de encontrar informantes que nunca tivessem viajado à época. Então, para os informantes que tinham realizado viagens, procurava-se apurar o máximo sobre as viagens, como o local do destino e o tempo de permanência. Além disso, sobre os órgãos fonatórios, era recomendado desconsiderar para o papel de informante aqueles que tivessem defeito orgânico visível, ausência de dentes que prejudicassem à fala, assim como próteses defeituosas, pois essas condições interfeririam em aspectos articulatórios, falseando os dados fonéticos.

Foram inquiridos 100 informantes ao total e, em geral, eram dois por localidade. Houve exceções: nos pontos 03 e 06, foram inquiridos três informantes, A, B e C. Nos pontos 44 a 49, foram inquiridos apenas um informante. No ponto 05, considerado ponto teste, foram realizados os seis primeiros inquéritos definitivos.

Estão identificados nas cartas com as letras A e B, sendo A o informante mais ideal ou com inquérito melhor sucedido. Eles possuíam entre 25 (quatro informantes) e 84 anos (um informante)<sup>15</sup> e eram 57 mulheres e 43 homens. Em relação à escolaridade, 75 eram completamente analfabetos; os restantes, semialfabetizados, os quais, devido à passagem precária pela escola, apenas sabiam, na maioria dos casos, assinar o próprio nome. Foram anotadas e cartografadas também a resposta de quatro circunstâncias<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Dos 100 informantes, três possuíam 80 anos ou mais; seis tinham entre 70 e 79 anos; dezesseis com idades entre 60 e 69; vinte e oito entre 50 e 59 anos; dezoito entre 40 e 49 anos; vinte e um entre 30 e 39 anos; sete entre 25 e 29 anos; e de uma informante não se apurou a idade.

<sup>16</sup> O circunstante é o indivíduo que porventura fornece uma resposta quando da aplicação do questionário, mesmo que a pergunta não tenha sido feita diretamente a ele. Pode ser, por exemplo, pai do informante, mãe, filho, sobrinho, tio, amigo, vizinho etc., ou seja, alguém que compartilha o ambiente do inquérito.

c) *Rede de pontos*

O ponto de partida para a escolha das localidades foi a revisão cuidadosa dos pontos indicados por Nascentes (1958) para a Bahia em seu *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Dados apurados com a intenção de avaliar o interesse nas localidades elencadas por Nascentes (1958) e, ao mesmo tempo, obter informações preliminares sobre a área a ser inquirida, com vistas a uma preparação para uma possível viagem a campo, foram: situação administrativa atual, distância da capital do Estado, vias de acesso e tempo de viagem previsto, localização, população urbana e rural, aglomerações urbanas próximas, atividades econômicas, sùmula histórica, situação eclesiástica e manifestações folclóricas. Também buscou-se conhecer mais a região e outros possíveis pontos de inquérito a partir de obras de historiadores, geógrafos e viajantes.

Em uma próxima etapa, consultou-se o IBGE<sup>17</sup> e reuniram-se as localidades provenientes deste primeiro estudo segundo a zona fisiográfica, em número de 16, a que pertenciam. O passo a passo para a definição final da rede de pontos do atlas é descrito na Introdução do APFB (ROSSI, 1963):

Inicialmente estabelecemos o número de pontos que caberia a cada zona fisiográfica em proporção a sua área. Em seguida, aquele número em proporção ao número de habitantes (pelo Censo de 1950). Depois, em proporção à densidade demográfica. [...] Fixados afinal esses números, selecionamos – com os critérios de prioridade referidos: antigüidade, maior grau de isolamento, maiores probabilidades de oferecer fisionomia própria, distância relativa entre elas para evitar os riscos de passar ao largo de possíveis limites lingüísticos – as 48 localidades a inquirir [...] que no curso dos inquéritos aumentamos para os 50 (cinquenta) que figuram nas cartas. Para a numeração, seguimos, à falta de melhor critério, a ordem de numeração das zonas fisiográficas oficialmente adotada. (ROSSI, 1963, p. 27).

Os 50 pontos de inquérito definidos para o APFB (ROSSI, 1963) eram constituídos de 30 sedes de município, 15 vilas e 5 povoados, que estão organizados no quadro que segue:

---

<sup>17</sup> Entidade da Administração Pública Federal do governo brasileiro que articula, coordena e disponibiliza pesquisas estatísticas que fornecem dados acerca das características do território e da população do país.

Quadro 1 – Pontos de inquérito do APFB (ROSSI, 1963)

<b>Pontos de inquérito do APFB (ROSSI, 1963)</b>		
<b>Sedes de Município</b>	30. Morro do Chapéu	6. Velha Boipeba
2. Aporá	31. Brotas de Macaúbas	8. Poxim do Sul
9. Santa Cruz Cabrália	34. Macaúbas	10. Buranhém
11. Prado	35. Caitité	15. Mirandela
12. Mucuri	36. Condeúba	19. Água Fria
13. Jeremoabo	40. Sento Sé	32. Iraporanga
14. Monte Santo	41. Pilão Arcado	37. Rodelas
17. Conceição do Coité	42. Barra	39. Carnaíba do Sertão
18. Ipirá	43. Paratinga	47. Taguá
21. Maracás	44. Santana	49. São Desidério
22. Jiquiriçá	45. Carinhanha	50. Ibiranhém
23. Boa Nova	46. Ibipetuba	<b>Povoados</b>
24. Vitória da Conquista	48. Correntina	7. Faisqueira
25. Encruzilhada	<b>Vilas</b>	16. Vila Velha
26. Campo Formoso	1. Abadia	20. Pedra Branca
27. Jacobina	3. Rio Fundo	33. Mato Grosso
28. Mundo Novo	4. Santiago do Iguape	38. Pambu
29. Itaberaba	5. Abrantes	

Fonte: elaboração da autora.

#### d) *Cartas Linguísticas*<sup>18</sup>

Nas cartas linguísticas, registram-se os itens encontrados em cada localidade por meio de transcrição fonética. Há também notas que podem conter comentários acerca do inquérito ou trechos de falas de informantes. Para a confecção das cartas,

<sup>18</sup> As unidades linguísticas encontradas nas cartas do APFB (ROSSI, 1963) foram reunidas na obra *O Léxico rural*, de Cardoso e Ferreira (2000), que também traz as unidades linguísticas do ALS (1987).

a partir da transcrição das formas linguísticas feita a mão livre e a lápis pelos colaboradores do APFB (ROSSI,1963), desenhistas com o auxílio de normógrafos<sup>19</sup> prepararam a apresentação final das formas, que foram fotografadas e coladas nas cartas impressas.

O atlas apresenta ao todo 11 cartas introdutórias, que destacam a localização geográfica da Bahia, o *Falar Baiano* de Nascentes (1953), diversos aspectos da rede de pontos, a divisão da Bahia em zonas fisiográficas, os inquiridores e transcritores dos inquéritos, e 198 cartas linguísticas. Dentre as 198 cartas linguísticas, 44 delas são cartas-resumo, ou seja, focam em dados específicos de cartas linguísticas anteriores.

### **2.1.6 O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB)**

Utilizando o método da Geolinguística Pluridimensional, o Projeto ALiB é o maior projeto brasileiro atuante na área da Dialetologia e tem como objetivo principal a construção de um atlas linguístico que caracterize a língua portuguesa falada no Brasil. Surge em novembro de 1996, como já dito, por ocasião do Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado em Salvador, quando cria-se um Comitê Nacional composto por representantes dos atlas regionais já publicados e de um representante dos atlas em andamento à época. O Comitê Nacional tem por objetivo implementar medidas e definir propostas para a execução da tarefa. Os nomes arrolados adiante representam a composição atual do Comitê Nacional, ampliada em 2016 e reestruturada em 2018 com o falecimento da Profa. Dra. Suzana Cardoso:

- Jacyra Andrade Mota - Diretora Presidente - Universidade Federal da Bahia
- Silvana Soares Costa Ribeiro - Diretora Executiva - Universidade Federal da Bahia

Diretores Científicos:

- Abdelhak Razky - Universidade Federal do Pará
- Aparecida Negri Isquerdo - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

<sup>19</sup> Na definição do Aulete Digital (2006), normógrafo é um “conjunto de régua de material transparente, geralmente plástico, providas de um alfabeto vazado, que servem de molde para a elaboração de letreiros ou legendas”.

- Conceição Maria de Araújo - Universidade Federal do Maranhão
- Fabiane Cristina Altino - Universidade Estadual de Londrina
- Felício Wessling Margotti - Universidade Federal de Santa Catarina
- Marcela Moura Torres Paim - Universidade Federal da Bahia
- Maria do Socorro Silva de Aragão - Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal da Paraíba
- Marilúcia Barros de Oliveira - Universidade Federal do Pará
- Regiane Coelho Pereira Reis - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
- Valter Pereira Romano - Universidade Federal de Santa Catarina
- Vanderci de Andrade Aguilera - Universidade Estadual de Londrina

Acerca das entrevistas linguísticas, entre 2001 e 2013<sup>20</sup>, foram documentadas as falas de 1100 informantes, distribuídos por 250 localidades por todo o país, correspondendo a aproximadamente 3.300 horas de gravação *in loco*.

O fruto principal do árduo trabalho vem dezoito anos após a constituição do Projeto, em outubro de 2014, por virtude do III CIDS – III Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística, realizado na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em homenagem às professoras Suzana Cardoso e Jacyra Mota, quando foram lançados os dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al*, 2014)<sup>21</sup>.

O volume I traz informações sobre o histórico do Atlas, a descrição da rede de pontos, a metodologia aplicada acerca da constituição do questionário, da escolha dos informantes e das localidades, da coleta de dados e da cartografia. São reproduzidos a rede de pontos, o questionário, as fichas de trabalho (informante, localidade) e a relação de pesquisadores e universidades participantes do Projeto. O volume II contém informações históricas sobre as capitais brasileiras, a descrição do perfil dos informantes das capitais, a lista de inquiridores e auxiliares que participaram dos inquéritos nas capitais, cartas introdutórias que retratam aspectos geográficos do

---

<sup>20</sup> A primeira entrevista linguística foi realizada em 01/06/2001 na cidade de Quirinópolis-GO (ponto 126) e a última foi realizada em 18/09/2013 na cidade de Limoeiro-PE (ponto 64).

<sup>21</sup> Para mais informações sobre os dois volumes publicados do *Atlas Linguístico do Brasil* bem como sobre os diversos outros “frutos” do Projeto (artigos, monografias, dissertações, teses, livros etc.), ver site: <https://alib.ufba.br/>

Brasil, 159 cartas linguísticas de cunho fonético, semântico-lexical e morfossintático com dados de 25 capitais do país e, por fim, um índice remissivo.

O mérito do agora publicado Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al*, 2014) é proporcionar um parecer geral sobre a realidade linguística brasileira no que se refere à língua portuguesa falada no país. Conforme objetivos definidos pelo Projeto, poderá também permitir o traçado de isoglossas, para uma nova divisão dialetal do Brasil; aos lexicógrafos, o aprimoramento dos dicionários; aos gramáticos, uma melhor compreensão da realidade linguística brasileira como heterogênea; aos autores de livros didáticos, uma adequação de sua produção à realidade de cada região; aos professores, o reconhecimento da diversidade linguística, que deve levar ao combate ao preconceito linguístico. Podem ser consultados, na íntegra, os objetivos do Projeto em (COMITÊ..., 2001) e em (CARDOSO *et al*, 2014a).

Sobre os próximos passos do Projeto, destaca-se que está sendo preparada uma plataforma para transformar o ALiB (CARDOSO *et al*, 2014) em atlas sonoro assim como já há um próximo volume do atlas sendo organizado para publicação.

Vejam-se a seguir informações sobre o questionário linguístico, os informantes, a rede de pontos e as cartas linguísticas publicadas:

#### a) *Questionário Linguístico*

Para a elaboração do questionário do Projeto, foram consultados atlas estaduais e regionais publicados, a partir dos quais selecionaram-se perguntas, discutidas e aprovadas pelo Comitê Nacional. A primeira versão foi publicada em 1998 e testada, de modo experimental, pelos pesquisadores de cada Equipe regional em suas respectivas áreas e, depois, por todos eles, em duas localidades: Praia do Forte (Bahia) e Assaí (Paraná). Considerando os resultados dessa testagem, foram feitas algumas reformulações para a versão final do questionário, que foi publicada em 2001.

O Questionário Linguístico do Projeto ALiB, versão de 2001, que foi aplicado em todas as 250 localidades, possui 435 perguntas, distribuídas da seguinte forma: 159 questões do QFF (Questionário Fonético-Fonológico), 11 questões de Prosódia, 202 questões do QSL (Questionário Semântico-Lexical), 49 questões do QMS (Questionário Morfossintático), quatro questões de Pragmática, quatro Temas para Discursos Semidirigidos, seis Perguntas Metalinguísticas e um Texto para Leitura.

Para garantir a uniformidade quanto à aplicação do Questionário, há uma formulação prévia da pergunta, à qual podem ser acrescentadas imagens impressas do objeto da pergunta, realias (objetos que representam o item em questão) ou gesticulações (mímica ou movimento que aponte diretamente para, por exemplo, uma parte do corpo a ser observada).

b) *Informantes*

Em número de 1100, os informantes devem atender aos seguintes critérios:

- (i) ser naturais da localidade pesquisada<sup>22</sup>;
- (ii) ter sido criados por indivíduos da mesma área linguística;
- (iii) não ter residido fora da localidade mais de um terço da sua vida;
- (iv) ser alfabetizados e com o curso fundamental incompleto<sup>23</sup> no caso das localidades do interior;
- (v) ter ensino fundamental incompleto ou ensino universitário completo nas capitais;
- (vi) ter de 18 a 30 anos (Faixa I) e 50 a 65 anos (Faixa II);
- (vii) não exercer profissão que requeira grande mobilidade. (AGUILERA; MILANI; MOTA, 2004).

Na etapa de constituição do *corpus*, foram inquiridos quatro informantes nas cidades do interior (homens e mulheres com ensino fundamental incompleto, até o 9º ano, distribuídos igualmente pelas duas faixas etárias) e oito informantes nas capitais (homens e mulheres, sendo quatro com ensino fundamental incompleto e quatro com ensino universitário completo, pertencentes às duas faixas etárias), conforme Figura 3.

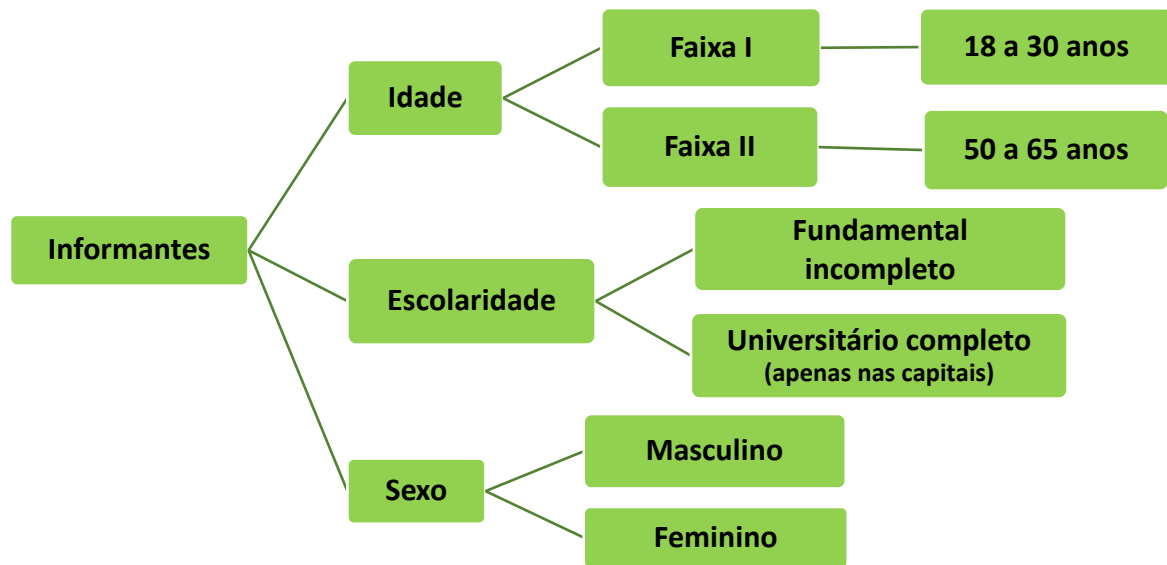
---

<sup>22</sup> Admite-se, em exceção, que o informante não seja natural da localidade, desde que nela resida desde os cinco anos de idade.

<sup>23</sup> O incentivo da escolarização pelo Governo Federal por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi fator significativo que resultou na dificuldade de encontrar informante jovem com ensino fundamental incompleto, em algumas localidades, para participar dos inquéritos. A situação apontou para a necessidade de inclusão de informantes que tinham concluído o Ensino Fundamental pela EJA. Esse, contudo, não foi fator que interferiu de forma relevante na caracterização dos informantes de nível fundamental, pois, com um pouco de investigação, descobriu-se que, em sua maioria, apesar de possuir a escolaridade, esses informantes não tinham o conhecimento referente ao nível estudado. Por isso, com o aval do Comitê Nacional da época, em localidades do interior do Brasil, foi aberta uma exceção nesse quesito.



Figura 3 – Estratificação social dos informantes do Projeto ALiB



Fonte: Elaborado pela autora.

A identificação dos informantes é feita através de numeração: as mulheres têm números pares e os homens têm números ímpares. Em relação à faixa etária, nas cidades do interior, os informantes jovens correspondem aos números 1 e 2, e os mais velhos, aos números 3 e 4. Na capital, os quatro primeiros informantes (1, 2, 3 e 4) possuem ensino fundamental incompleto, e os quatro últimos (5, 6, 7 e 8), ensino universitário completo. Assim, os jovens são os de números 1, 2, 5 e 6, e os idosos, os de números 3, 4, 7, 8.

### c) Rede de pontos

Para a definição da rede de pontos do Projeto, foi consultada a obra *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, publicada em 1958, por Antenor Nascentes, conservando algumas localidades que se mantiveram pertinentes para o objetivo do Projeto. Também, levou-se em consideração a extensão e a densidade demográfica de cada Estado/região, as zonas dialetais definidas em pesquisas anteriores, os limites interestaduais/internacionais e as características histórico-culturais da localidade, como as relativas ao seu povoamento, e de natureza demográfica.

A rede de pontos do Projeto (cf. Anexo F) possui um total de 250 localidades de pequeno, grande e médio porte espalhadas por todos os Estados do país, das

quais 25 são capitais. A única capital não contemplada é Palmas (TO), pois sua fundação ocorreu no ano de 1989, ou seja, é uma cidade recém-formada, que não apresentaria, portanto, falantes nascidos na capital e com pais também naturais da capital. Pela mesma razão, Brasília, capital federal do Brasil, inaugurada em 1960, não faz parte da rede de pontos do Projeto.

#### d) *Cartas Linguísticas*

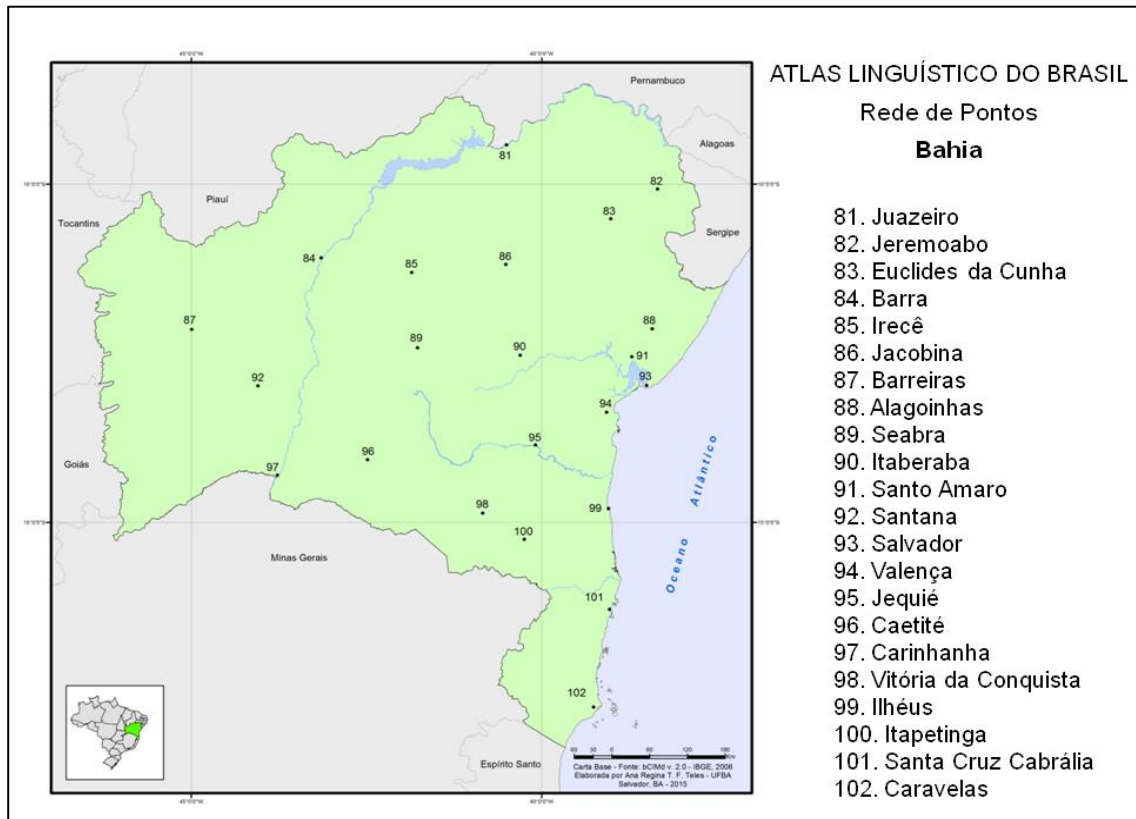
As Cartas Linguísticas publicadas oficialmente pelo Projeto estão presentes no segundo volume do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al*, 2014b). Representam os resultados das análises realizadas com os dados das capitais brasileiras que integram a rede de pontos do Projeto. São ao todo 159 cartas linguísticas, sendo 46 cartas fonéticas que representam 7 fenômenos linguísticos; 106 cartas lexicais, abarcando 27 referentes; e 7 cartas morfossintáticas, que dizem respeito a quatro perguntas do Questionário ALiB. Encontram-se notas explicativas no verso de algumas cartas que retratam aspectos diageracionais, diassexuais e diastráticos, além do enfoque diatópico.

O lançamento dos volumes seguintes já está sendo organizado. O *volume 3* conterá comentários às cartas publicadas no volume 2; o *volume 4* trará cartas linguísticas com dados das capitais, englobando perguntas não contempladas no volume 2; o *volume 5* apresentará dados das cidades do interior; o *volume 6* se destinará aos comentários às cartas publicadas nos volumes 4 e 5. Os *volumes 7, 8 e 9* seguem a proposta dos volumes 4, 5 e 6 (dados das capitais, do interior e comentários às cartas).

#### **2.1.7 O Projeto ALiB na Bahia**

O Estado da Bahia, situado no Nordeste brasileiro e cuja capital é Salvador, possui, hoje, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 417 municípios. Dentre esses, 22 compõem a rede de pontos do Projeto ALiB no Estado, representada na Figura 4, que constitui o *corpus* da presente pesquisa.

Figura 4 – Rede de pontos do Projeto ALiB na Bahia



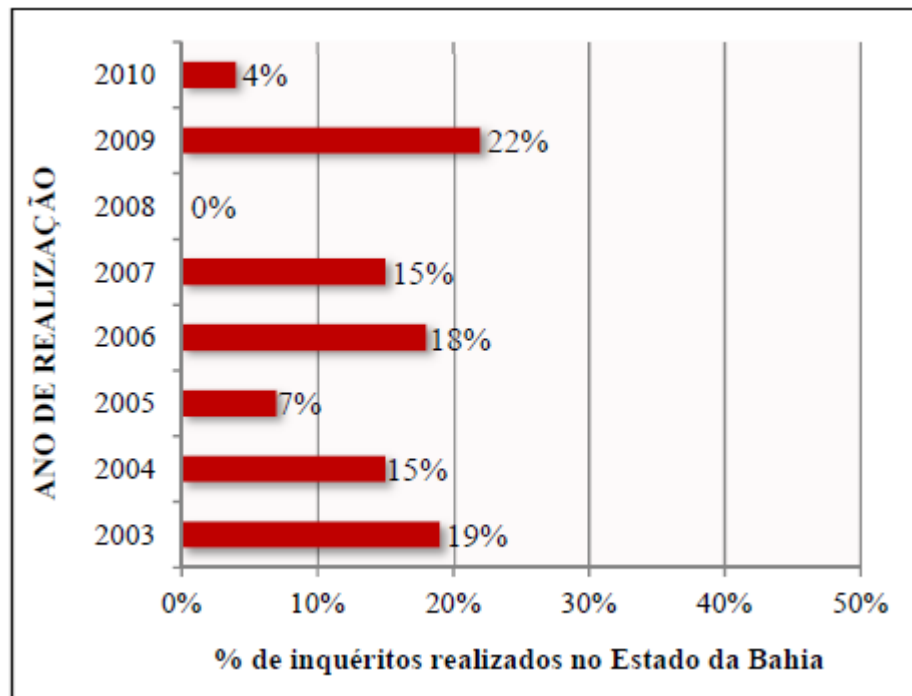
Fonte: Carta Base do Estado da Bahia disponibilizada pela Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto ALiB e adaptada pela autora<sup>24</sup>

As entrevistas feitas na Bahia pelo Projeto ALiB são representativas de um mesmo estado de língua e foram realizadas entre os anos 2003 e 2010. Na tese intitulada *Ditongação diante de <S> na Bahia: diferenciação dialetal e variação fonético-fonológica* (SILVA, Amanda, 2018), apresenta-se gráfico que sistematiza o percentual de inquéritos realizados em cada um desses anos (cf. Gráfico 1).

Observa-se, a seguir, que, dentre os oito anos que recobrem os inquéritos linguísticos realizados na Bahia, a maior parte deles ocorreu em 2009, por ocasião do levantamento dos dados para a tese de doutorado de Ribeiro (2012), uma das inquiridoras do Projeto.

<sup>24</sup> O planejamento cartográfico e a edição da base são de autoria de Ana Regina Torres Ferreira Teles (*in memoriam*), professora da Escola Politécnica da UFBA e membro da Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto ALiB, responsável pela elaboração das cartas-base oficiais do Projeto.

Gráfico 1 – Inquéritos realizados pelo Projeto ALiB no Estado da Bahia: distribuição segundo os anos de realização<sup>25</sup>



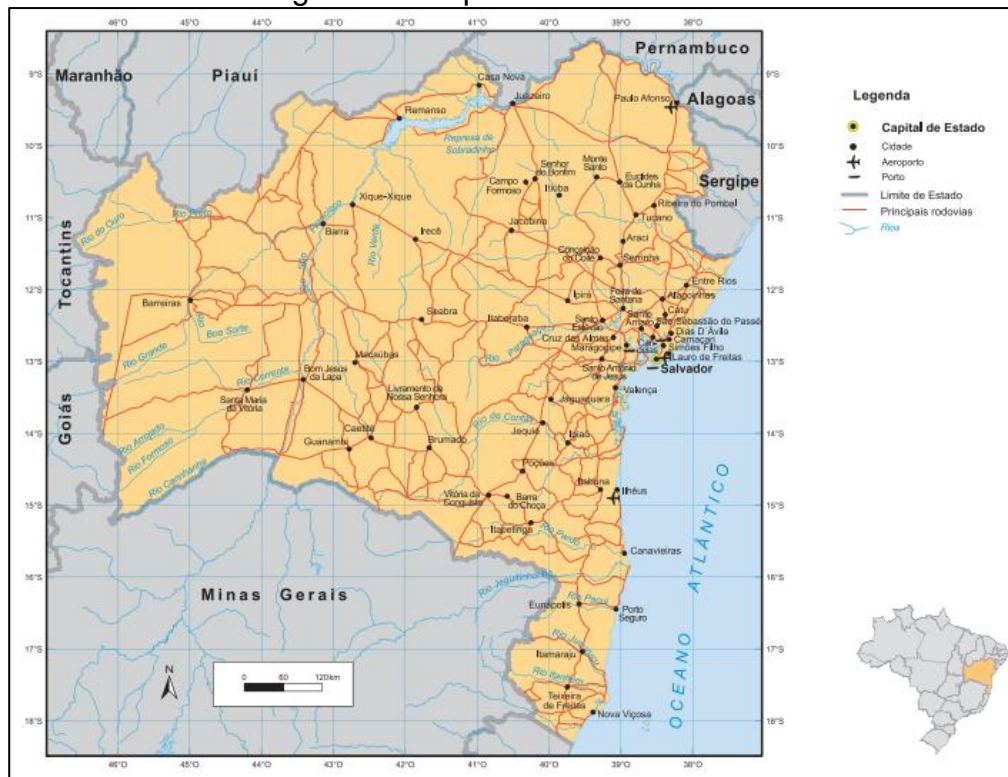
Fonte: (SILVA, Amanda, 2018, p. 250).

Silva, Amanda (2018) faz um levantamento das características dos informantes dos pontos de inquérito do Projeto ALiB na Bahia. A autora observa que houve poucas exceções quanto ao cumprimento dos critérios estipulados pelo Projeto e sistematizados no diagrama da Figura 3. Essas exceções devem-se a dificuldades encontradas em campo não incomuns de ocorrer, sobretudo em projetos desta amplitude. Quanto ao critério idade, há um informante com 31 anos para a faixa etária I e outro com 49 anos para a faixa etária II. Observa-se também, ainda segundo a autora, que a maior parte dos informantes da primeira faixa etária tem entre 21 e 27 anos; enquanto que os informantes da segunda faixa etária possuem, em sua maioria, idades entre 56 e 65 anos. Quanto ao critério escolaridade, registram-se, como exceção, cinco informantes com ensino fundamental completo. A maioria dos informantes possui ensino fundamental II incompleto.

<sup>25</sup> Estes dados não englobam as quatro entrevistas dos informantes com ensino universitário completo da capital do Estado. Em sua tese, com o objetivo de manter a proporcionalidade da amostra constituída e tecer considerações intercomparáveis, a autora considera somente os dados dos informantes com ensino fundamental.

## 2.1.8 O Estado da Bahia<sup>26</sup>

Figura 5 – Mapa estadual da Bahia



Fonte: Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

A Bahia é um dos Estados que compõem a região Nordeste do Brasil. Segundo dados do Censo 2021<sup>27</sup>, tem população estimada de 14.985.284 habitantes e área de 564.760,429 km<sup>2</sup>, sendo o 5º maior Estado do país, com a 4ª maior população. Faz fronteira ao norte com os Estados de Piauí, Pernambuco, Alagoas e Sergipe; ao sul, com os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo; a leste, com o Oceano Atlântico; a oeste, com os Estados de Goiás e Tocantins (cf. Figura 5).

Possuindo 417 municípios, as cidades mais populosas da Bahia são Salvador, sua capital, seguida de Feira de Santana e Vitória da Conquista. Sobre a população, em 2020, 58,5% se autodeclararam pardos, 22,8% pretos, 17,6% brancos e 1,0% índios. A principal religião da população é a católica apostólica romana, mas destacam-se também a evangélica, a espírita e as de matriz africanas.

<sup>26</sup> Os dados estatísticos desta seção foram constituídos a partir das informações constantes dos Censos 2021, 2010 e 1960 do IBGE e da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI Bahia).

<sup>27</sup> O Censo é a principal referência a disponibilizar dados sobre os mais variados aspectos das condições de vida da população brasileira em todos os Estados e Municípios do país. É realizado periodicamente a cada 10 anos.

O setor de comércio e serviços é o que mais movimenta a economia baiana, com 71,3% de participação, seguido da indústria (21,8%) e da agropecuária (6,8%). A administração pública e o comércio são as principais atividades com participação no setor de serviços. Na indústria, destacam-se o refino de petróleo, a fabricação de produtos químicos, a produção de alimentos, de papel e celulose e de borracha e plásticos. Na agropecuária, os principais produtos agrícolas em 2020 foram, em ordem de valor de produção, a soja, o algodão e o milho. Os maiores rebanhos da Bahia são os de galináceos, bovinos e ovinos. O Estado é considerado o 2º maior produtor de frutas do Brasil, com destaque para a produção de banana, laranja, manga e mamão.

Predominam, na Bahia, o clima tropical e o semiárido, com temperatura média anual de 24º C. O Estado possui relevo diverso, com existência de planícies, dunas, manguezais, planaltos, depressões.

Sobre a formação do Estado, costuma-se dizer que a história da Bahia se confunde com a história do Brasil, pois foi na Bahia, em Porto Seguro, município localizado ao sul do Estado que chegaram, em 1500, os primeiros colonizadores portugueses. A Bahia é, assim, o Estado brasileiro mais antigo, e Salvador, fundada em 1549, é a primeira capital do Brasil. O Estado foi também um dos principais polos receptores do tráfico de africanos escravizados, sendo sua capital, Salvador, atualmente, a cidade com a população mais negra (pretos e pardos) do país. A cultura do Estado é rica, com tradições que denotam as influências africana, europeia e indígena.

Após o panorama atual apresentado sobre o Estado da Bahia, contemplam-se, adiante, na tabela 1 e no quadro 2, dados da edição do Censo de 1960, para representar o período da coleta de dados pelo APFB (1963), e de 2010, em função da aproximação com o período de aplicação dos inquéritos linguísticos do Projeto ALiB, os quais ocorreram, em sua maioria, na segunda metade dos anos 2000. Exibem-se, nos dois recortes de tempo, dados mais gerais acerca do Estado da Bahia e, depois, informações sobre as nove localidades que o Projeto ALiB possui em comum com o APFB (ROSSI, 1963), tendo em vista que elas serão objeto de comparação na presente pesquisa. Considerando que as duas edições do Censo, 1960 e 2010, nem sempre coincidem quanto às informações levantadas e à metodologia empregada, selecionaram-se apenas alguns dados passíveis de serem comparados e que fossem relevantes para a caracterização do Estado e das localidades analisadas.

Tabela 1 – Características sociodemográficas do Estado da Bahia: anos 1960 e 2010

Características sociodemográficas	Estado da Bahia	
	1960	2010
Divisão Territorial	194 municípios, 681 distritos, 194 cidades e 486 vilas	417 municípios
População residente	5 920 447	14 016 906
Densidade demográfica	10,63 hab/km <sup>2</sup>	24,82 hab/km <sup>2</sup>
Situação domiciliar	Urbana: 2 032 922 Rural: 3 887 525	Urbana: 10 102 476 Rural: 3 914 430
Unidades escolares	136 – ciclo ginásial <sup>28</sup> 35 – ciclo colegial	14 104 – ensino infantil 18 458 – ensino fundamental 1 484 – ensino médio
Estabelecimentos hospitalares	104 <sup>29</sup>	8 188

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil (IBGE, 1960); Censo Demográfico (IBGE, 1960, 2010).

<sup>28</sup> O ciclo ginásial equivalia aos quatro anos finais do ensino fundamental, e o ciclo colegial, aos três anos do ensino médio.

<sup>29</sup> Dado referente ao ano de 1958.

Quadro 2 – Características das nove cidades em comum entre os *corpora* do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB<sup>30</sup>

Localidade	Gentílico	Ano de fundação da cidade	Tipo de origem da localidade	Nº de habitantes		Nº de alfabetizados	
				1960	2010	1960	2010
Barra	barrense	1873	Fazenda	35 938	49 325	8 529	32 963
Caetité	caetiteense	1867	Pousada de bandeiras	31 236	47 515	8 382	35 191
Carinhanha	carinhanhense	1909	Aldeia dos caiapós; bandeiras	21 334	28 380	3 903	18 909
Itaberaba	itaberabense	1897	Fazenda, onde se construiu uma capela e de que surgiu um arraial	38 685	61 631	9 289	45 923
Jacobina	jacobinense	1880	Bandeiras	74 678	79 247	23 200	60 005
Jeremoabo	jeremoabense	1925	Bandeiras	39 560	37 680	5 166	23 667
Santa Cruz Cabrália	santa-cruzense	1938	Feitorias fundadas no início da colonização	10 765	26 264	2 263	19 633
Santana	santanense	1901	Fazenda	31 081	24 750	6 504	17 075
Vitória da Conquista	conquistense	1891	Povoado para ponto de contato entre o litoral e o sertão	141 835	306 866	36 646	241 855

Fonte: APFB (1963); Censo Demográfico (IBGE, 1960, 2010).

<sup>30</sup> Para mais informações acerca de aspectos geográficos, históricos e culturais sobre as localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB, pode-se consultar Silva, Amanda (2018).



### 2.1.9 A Bahia no cenário dos estudos dialetais

Como se pôde ver, a Bahia tem sido pioneira nos estudos dialetais brasileiros, seja com a publicação do APFB (ROSSI, 1963), seja com a constituição do Projeto ALiB. É de se esperar, então, que, nestes 59 anos decorridos da realização do primeiro atlas linguístico estadual, tenham sido desenvolvidos muitos trabalhos que descreveram a realidade linguística da Bahia com base nesses dois *corpora*.

Tendo em vista o grande volume de publicações que procuram analisar fenômenos fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos a partir do APFB (ROSSI, 1963) e/ou do Projeto ALiB, será apresentada a seguir, a título de ilustração e de modo não exaustivo, breve revisão de alguns trabalhos que descrevem a Bahia do ponto de vista do nível semântico-lexical. Esses trabalhos se inserem nas mais variadas perspectivas: (i) estabelecem comparações entre o APFB (ROSSI, 1963) e outros atlas publicados; (ii) localizam a Bahia dentro do *Falar Baiano* de Nascentes (1953), utilizando-se do *corpus* do APFB (ROSSI, 1963) ou do Projeto ALiB; (iii) definem subáreas dialetais para a Bahia; (iv) confrontam duas sincronias etc.

Ferreira e Cardoso (1994), ao estudar os dados referentes à pergunta *estrela cadente* no APFB (ROSSI, 1963), no ALS (FERREIRA *et al*, 1987) e no EALMG (RIBEIRO *et al*, 1977), observaram que era possível delinear uma isoléxica que exibia a semelhança entre o Estado da Bahia (com exceção da parte sul) e a área contígua do norte do Estado de Minas Gerais, onde *zelação* era a designação predominante. Ainda considerando o conceito *estrela cadente*, Mota (2000) verifica que a ausência de *mãe de ouro* e *estrela de rabo* na Bahia e no norte de Minas Gerais em contraste com a ocorrência dessas lexias na parte centro-sul do Estado de Minas Gerais confirma os limites do *Falar Baiano* de Nascentes (1953).

Castro (1996), na sua dissertação *Atualidade e mudança semânticas no léxico rural da Bahia*, faz análise comparativa entre os dados do APFB (ROSSI, 1963) e os dados colhidos pela autora em 1995 por meio de entrevista linguística a dezoito informantes de três localidades da rede de pontos do atlas, a saber: Velha Boipeba, Abrantes e Santiago do Iguape. Os informantes tinham perfil semelhante ao do APFB (ROSSI, 1963), e foram selecionadas 57 perguntas da área semântica *Homem* para a aplicação do questionário. A conclusão do estudo traz indicações de que houve mudanças semântico-lexicais resultantes de processo de restrição, ampliação e

transposição de significado quando comparados os dados das duas épocas distintas, devido a fatores extralinguísticos.

Ferreira (1998), por meio do estudo de cartas do APFB (ROSSI, 1963), identificou cinco subáreas dialetais na região do *Falar Baiano*. São elas: 1) Parte da zona de Barreiras, Baixo Médio São Francisco e Sertão de São Francisco, caracterizada pela ocorrência de *canastra* para cambalhota, *lambu/nambu* para sem rabo e *rodela* para rótula do joelho; 2) Zona do Nordeste, atingindo até o sul, com certa penetração para o centro, caracterizada pela ocorrência de *cacumbu* para ferramenta muito gasta, *lambedor* para xarope caseiro e *ovo de peru* para sarda; 3) Zona do Nordeste, Litoral Norte e Recôncavo, caracterizada pela ocorrência de *cobé* para feiticeiro, *mazá* para sanguessuga e *pataqueiro* para trabalhador de enxada; 4) Região Sul, caracterizada pela ocorrência de *batoeira* para sabugo de milho, *mandraqueiro* para feiticeiro e *noruega* para nevoeiro e 5) Zona do Médio São Francisco, Serra Geral e Chapada Diamantina, caracterizada pela ocorrência de *coxé* para pessoa que tem uma perna mais curta do que a outra, *pataca* para rótula do joelho e *quem-quém* para galinha d'angola.

Macêdo (2012), na tese *A constituição de subáreas dialetais no falar da Bahia*, parte do APFB (ROSSI, 1963) com o intuito de delimitar subáreas dialetais para o Estado, apresentando 54 cartas léxicas, que podem ser de caráter geral, com itens lexicais comuns para toda a Bahia, e de caráter específico, com itens comuns apenas para determinada região do Estado. Além disso, apresenta glossário com 720 lexias no qual se registram informações como classificação morfológica, conceito, contextualização, etimologia e pontos de inquérito em que se documentam as formas.

Ribeiro (2012), na tese *Brinquedos e Brincadeiras Infantis na área do Falar Baiano*, considerando as entrevistas linguísticas do Projeto ALiB, examina a Bahia e outros Estados brasileiros, com o objetivo principal de verificar a atualidade do *Falar Baiano* de Nascentes (1953). Utilizando-se das perguntas referentes aos brinquedos e brincadeiras infantis que constam do Questionário do Projeto, analisa 244 inquéritos linguísticos pertencentes a 57 localidades de 11 Estados brasileiros – cinco deles situados na área do *Falar Baiano* e os demais em regiões fronteiriças. Ribeiro (2012) atesta a vitalidade da proposta de Nascentes (1953) para a área do *Falar Baiano* e identifica a existência de 4 subáreas dialetais.

Na dissertação *Religiões e Crenças na Bahia: aspectos do léxico espelhados nos dados do Projeto ALiB* (OLIVEIRA, I., 2016), analisaram-se as 22 localidades que

fazem parte da rede de pontos do referido Projeto na Bahia, descrevendo o repertório lexical das religiões e crenças baseado no estudo das respostas para oito perguntas do Questionários 2001 (COMITÉ..., 2001). A autora, para algumas das perguntas, estabelece a comparação APFB (ROSSI, 1963) X Projeto ALiB e conclui que os itens *livusia*, *curandeiro*, *candomblezeiro*, *curador*, *feiticeiro*, *macumbeiro*, *raizeiro* e *verônica* estão presentes em ambos os *corpora*, no entanto é nítida a diferença quanto à amplitude do uso. Na obra da década de 60, tais variantes são mais produtivas, com destaque para *verônica*, que ocorreu em apenas duas localidades do Projeto ALiB em contraposição às 46 localidades em que a lexia foi registrada no APFB (ROSSI, 1963).

Santos, L. (2018) investiga as respostas coletadas pelo Projeto ALiB para as perguntas *menstruação e menopausa* em cinco cidades do semiárido da Bahia. São elas: Euclides da Cunha, Juazeiro, Jequié, Seabra e Irecê. A pesquisa revelou que, apesar das variantes de base *menstru-* e dos itens *tá/entrou na menopausa* serem as ocorrências mais frequentes, *boi/tá de boi* e *amarrou o facão* ainda possuem alguma vitalidade na Bahia. Santos, L. (2018) constata que as preferências lexicais denunciam aspectos relativos a tabus linguísticos, idade do informante, crenças e valores.

Paim, M. (2019) confronta os dados do APFB (ROSSI, 1963) com os do Projeto ALiB, considerando, para tanto, o estudo do item lexical *rótula* nas nove localidades em comum dos *corpora*. A autora identifica que *bolacha* e *rótula* são variantes que estão presentes nas duas sincronias. Os dados do atlas estadual se mostraram mais produtivos, por apresentar uma maior quantidade de denominações para o referente, como *patinho*, *cabeça* e *rodela*. A autora chama a atenção para o fato da variante padrão *rótula* ser mais produtiva nos dados do Projeto ALiB, sugerindo que a ação da escola tenha relação com esse aspecto, tendo em vista a extensão do ensino fundamental brasileiro nas últimas décadas.

## 2.2 LÉXICO

### 2.2.1 Conceitos básicos

O ser humano, como ser cognoscitivo, possui necessidade e capacidade de compreender o mundo ao seu redor. Um aspecto importante desse processo de compreensão da realidade constitui-se na sua classificação. Ao identificar seres,

objetos, ideias, coisas, o homem procura caracterizá-los e nomeá-los e o faz por meio do léxico. Nesse viés,

os conceitos, ou significados, são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados surgem as categorizações lingüísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais. (BIDERMAN, 2001, p.13).

Com isso, pode-se dizer que a função primordial das línguas humanas é servir ao mesmo tempo como instrumento de comunicação e de compreensão da realidade, sendo o léxico o acervo a partir do qual elas se constituem.

Dentre as definições que podem ser encontradas para o léxico, destaca-se a de Antunes (2012), que o considera uma espécie de memória dinâmica representativa de matrizes cognitivas construídas para intermediar nossa relação com o mundo. Memória dinâmica, porque está em constante movimento, alterando-se, ampliando-se, acompanhando o devir das diferentes manifestações culturais que o léxico expressa. O léxico acompanha o movimento das línguas humanas, que estão sempre em transformação, pois abrigam falantes distintos, pertencentes a grupos distintos, de momentos históricos distintos e que estão ressignificando a sua relação com o mundo. Essa relação, de acordo com a autora, não se dá entre as palavras e as coisas, mas sim entre matrizes ou categorias cognitivas que construímos das coisas. Isso quer dizer que as palavras não expressam a coisa em si, senão o conhecimento organizado pelo homem através de sua experiência social e cultural.

À medida que novos objetos, ideias, conceitos surgem ou são ressignificados, o léxico mostra seu caráter dinâmico. Por exemplo, o verbo *deletar*, proveniente do inglês *to delete*, foi ressignificado e hoje é o termo mais preciso para indicar que algo foi apagado/suprimido/removido do mundo virtual, seja um texto, um arquivo etc. Com o verbo *deletar*, inserem-se ao léxico novas unidades como *deletado* e *deletável*. O exemplo demonstra a capacidade do léxico em ampliar-se, abrigando novas formas (ex.: *deletar*) e, a partir delas, novas unidades que se valem de padrões já existentes na língua para a sua constituição (ex.: *deletado*, *deletável*). Seguindo esse raciocínio, Basilio (2004) defende:

O léxico, portanto, não é apenas um conjunto de palavras. Como sistema dinâmico, apresenta estruturas a serem utilizadas em sua

expansão. Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante. (BASILIO, 2004, p. 9).

Baseado nessa ideia de que o léxico é muito mais do que um conjunto de palavras de uma língua, Basilio (2004) explica que o conceito de léxico se subdivide em dois: léxico externo e léxico interno. Por léxico externo, entende-se o conjunto de palavras de uma língua, que abriga as designações para coisas, lugares, pessoas, ideias etc. Já o léxico interno ou mental integra, além do conjunto de palavras conhecidas pelo falante, os padrões gerais de sua estruturação, ou seja, as regras que serão responsáveis pela criação e compreensão de novos itens lexicais. É em razão desses padrões que interpretamos sem dificuldade neologismos como *gordice*, pois já conhecemos o radical *gord-*, presente em *gordo* e *gordura*, e o sufixo *-ice*, como nas lexias *meninice* e *criancice*.

A mobilização de material já existente no léxico para formar novas palavras faz com que ele seja “ecologicamente correto”. Ou seja, de acordo com Basilio (2004), apesar de o léxico de uma língua estar em permanente expansão, para este processo, são utilizados materiais já disponíveis no nosso banco de dados lexical, reduzindo, assim, a dependência de memória e garantindo uma comunicação mais automática. Isso porque, se fosse designado um nome completamente diferente para cada novo conceito que surgisse, ignorando todas as estruturas, regras e formas existentes no léxico de uma língua, nossa memória ficaria sobrecarregada e teríamos dificuldade de lembrar de cada novo significante criado, o que prejudicaria a comunicação. Em outras palavras,

a criação de uma sequência fonológica inédita na língua portuguesa, fora dos domínios da ciência e das marcas comerciais, é um fenômeno incomum. Os novos conceitos são nomeados a partir das velhas palavras de sempre. A neologia vernácula, vista assim, é um incessante processo de reciclagem que renova o léxico preservando-o, como se a língua dispusesse de um movimento de ecologia linguística como parte integrante de sua economia. (SILVA, Alba, 2011, p. 29).

Em suma, o léxico pode ser caracterizado como um sistema aberto e dinâmico que possui mecanismos bem definidos de expansão e que reflete a sócio-história da língua de uma comunidade. Sendo assim, é simplório se referir ao léxico apenas como

o conjunto de palavras de determinada língua, até porque o conceito de palavra, por si só, já levanta inúmeros problemas. Apesar de os falantes, mesmo aqueles em tenra idade, conseguirem identificar palavras dentro de sua língua, devido à sua competência lexical, ou seja, à sua habilidade de reconhecer, utilizar e estabelecer relações entre essas palavras, é tarefa difícil para os linguistas estabelecer um conceito definitivo para palavra, fazendo com que o uso deste termo seja evitado e considerado não científico.

Há várias formas de tentar definir palavra, no entanto nenhuma delas parece abarcar a totalidade de elementos que integram o léxico de uma língua. Basilio (2004) discute a questão, apresentando alguns enfoques para a definição de palavra.

Graficamente, palavra é “a sequência de caracteres que aparece entre espaços e/ou pontuação e que corresponde a uma sequência de sons que formam uma palavra na língua”. (BASILIO, 2004, p. 13). Ao ler uma frase como “Maria comeu maçã” e utilizando-se da definição de palavra gráfica, sabemos que há três palavras. Uma limitação deste conceito pode ser verificada quanto à sua aplicabilidade à língua falada, em função das contrações e aglutinações de palavras, comuns na modalidade oral de qualquer língua, tornando mais nebulosa a tarefa de identificar sequências de caracteres separados por espaços e que correspondam a uma sequência de sons que formem uma palavra em língua portuguesa.

Em outra perspectiva, palavra pode ser aquilo que está listado no dicionário, contudo sabe-se que os dicionários registram os itens que permanecem na língua, por isso dificilmente encontraremos, por exemplo, um neologismo recém-formado em um dicionário. Por mais completo que seja, nenhum dicionário dará conta de registrar os regionalismos, gírias ou neologismos existentes em determinada língua.

Estruturalmente, palavra é uma construção composta de elementos que possuem uma ordem fixa e são rigidamente ligados uns aos outros. Isto é, se mudarmos a ordem dos elementos da palavra *educação*, teremos como resultado algo que não corresponde a uma palavra em língua portuguesa.

Basilio (2004) apresenta ainda outros enfoques, concluindo que as variadas definições existentes podem ser justificadas em função do léxico abarcar elementos que apresentam diversas facetas, seja de natureza fonológica, gráfica, morfológica, sintática, semântica ou pragmática, e nem sempre essas facetas são inteiramente recobertas umas pelas outras.

Tendo em vista a problemática que envolve o conceito de palavra, para nos referirmos à unidade linguística que integra o léxico de uma língua, adotaremos os conceitos de unidade/item/forma lexical e lexia.

Unidade/item/forma lexical é o modo mais genérico para abordar os componentes do léxico de uma língua. De acordo com Correia e Almeida (2012), o termo unidade lexical pode ser definido como

uma sequência fônica que se associa de modo relativamente estável a (a) um significado ou conjunto de significados; (b) um conjunto de propriedades sintáticas; (c) um conjunto de propriedades morfológicas e (d) um conjunto de determinações de uso. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.12).

Este conceito procura abarcar os níveis fonológico, semântico, sintático, morfológico e pragmático de análise da língua. É livre das complicações semânticas presentes nas definições para palavra que deixavam de fora itens lexicais por não englobarem ora um ora outro nível de análise da língua.

Outro conceito que será utilizado nesta pesquisa é o de lexia. Pottier (1974) define lexia como a unidade lexical memorizada. O autor explica que as lexias são formadas por meio de hábitos associativos e atribui importância à relação entre os itens lexicais e o contexto. Nesta visão, os signos não devem ser interpretados de maneira isolada.

Pottier (1974) classifica as lexias em: simples, composta, complexa e textual:

- a) lexia simples – é a palavra em seu sentido tradicional, formada por apenas uma unidade de significado. Ex.: casa, leite, papel.
- b) lexia composta – entende-se aquela que é formada por uma integração semântica, correspondendo a mais de um elemento. Ex.: girassol, guarda-chuva, paraquedas.
- c) lexia complexa – é uma sequência em processo de lexicalização, em diversos graus. Ex.: isolamento social, casa própria, cesta básica.
- d) lexia textual – é uma lexia complexa que alcança o nível de um enunciado ou um texto. Fazem parte deste grupo provérbios, hinos, orações, adivinhações etc. Ex.: “quem não tem cão, caça com gato”.

As lexias podem ser segmentadas em unidades mínimas significativas denominadas morfemas. A lexia *inaudível*, por exemplo, pode ser segmentada da seguinte forma:

- in – prefixo de negação
- aud – raiz
- ível – sufixo que indica possibilidade

Os morfemas devem atender às seguintes condições: ter um traço semântico recorrente, isto é, apresentar uma informação gramatical ou lexical que pode ser reconhecida em outras formas linguísticas e ser mínimo, ou seja, um morfema não pode ser dividido em unidades significativas menores. (BLOOMFIELD apud LAROCCA, 2011).

Zanotto (2013 [1986]) classifica os morfemas em lexicais e gramaticais. Os primeiros contêm o sentido básico da lexia. Em “beleza”, *bel-* é morfema lexical. Já os segundos indicam noções de gênero, número, pessoa, modo e tempo. Em “bela”, o -a designa gênero, portanto é morfema gramatical.

Na terminologia de Pottier (1974), os morfemas podem ser subdivididos em dois grupos:

- a) lexemas – carregam significado lexical ou referencial.
- b) gramemas – carregam significado gramatical e relacional.

Pode-se dizer que os lexemas pertencem ao inventário aberto de uma língua; enquanto que os gramemas, ao inventário fechado da língua.

Apresentados os conceitos básicos de *léxico*, *palavra*, *lexia* e *morfema*, veja-se adiante como e por que o inventário lexical de uma língua está sempre em expansão.

### 2.2.1.1 Formas de ampliar o léxico

Nesta subseção, a interface do léxico com a Morfologia se evidencia, pois serão abordados os principais processos de formação de novas unidades lexicais, conteúdo que integra os estudos deste nível de análise da língua. De acordo com Sandmann (1992), há três recursos de ampliação do vocabulário de uma língua, sendo dois secundários e um central/básico. Os secundários seriam os empréstimos de outras línguas<sup>31</sup> e as criações a partir de fonemas ou sílabas, como *títiti*. Este último é um recurso mais raro de ampliação do léxico. O recurso central/básico é a formação de

---

<sup>31</sup> Apesar de considerado secundário, o empréstimo é um recurso bastante significativo para a ampliação do léxico. No caso do português brasileiro, há empréstimos de variadas línguas indígenas e africanas assim como termos provenientes do italiano, francês, alemão, inglês etc.



itens lexicais a partir de outros itens e morfemas preexistentes, tendo como principais processos a derivação e a composição.

A derivação ocorre quando um vocábulo é formado a partir de uma só base, a que se anexam afixos (prefixos e sufixos).

- felizmente = *feliz* (base) + *-mente* (sufixo)
- infeliz = *in-* (prefixo) + *feliz* (base)

A composição ocorre quando duas ou mais bases se combinam.

- amor-perfeito
- guarda-chuva

Ainda segundo Sandmann (1992), estes recursos de ampliação do léxico de uma língua são mobilizados quando há necessidade de dar nome às coisas ou seres, a novos objetos, a fatos culturais novos, a lugares etc. Essa necessidade é natural e surge a partir da nossa interação com o mundo que nos cerca.

Os novos itens lexicais podem surgir a partir de outros já existentes, evidenciando a economia linguística, que é, nas palavras do autor, “o princípio de se obter o máximo de eficiência e flexibilidade do sistema linguístico com o mínimo de elementos”. (SANDMANN, 1992, p.29). O autor cita o produtivo processo de nominalização de verbos, a exemplo de *destruição* (substantivo) que advém de *destruir* (verbo).

Além da derivação e da composição, citam-se outros processos de formação de palavras que resultam na ampliação do léxico, como a abreviação (*batera, cerva, foto, moto, refri*); a siglagem (*PT: Partido dos Trabalhadores, CLT: Consolidação das Leis do Trabalho, PIS: Programa de Integração Social*); a onomatopeia (*zunzum, smack, atchim*); a reduplicação (*pega-pega, pula-pula, esconde-esconde*); a hipocorização, que ocorre quando antropônimos são encurtados (*Sebastião>Bastião>Tião*); o hibridismo, que é o fenômeno da junção de elementos de línguas diferentes para formar um vocábulo (*caiporismo* – tupi + grego) e o cruzamento vocabular, que é a mistura de fragmentos de palavras distintas (*namorido, escragiário, lixeratura*).

Independentemente do processo a que foram submetidas, as novas unidades que se apresentam no léxico de uma língua são consideradas, inicialmente, neologismos, conceito que será abordado adiante.

### 2.2.1.2 A volatilidade do léxico: as novas formas e as formas em desuso

De acordo com Correia e Almeida (2012), a denominação neologia é atrelada ao estudo dos neologismos que surgem em determinada língua e à capacidade natural de renovação do léxico de uma língua por meio do aparecimento dessas unidades novas chamadas de neologismos. Explica-se que a neologia pode ser: denominativa, estilística ou de língua.

A neologia denominativa resulta da necessidade de atribuir uma designação a seres, coisas ou ideias que não faziam, mas passaram a fazer parte da realidade de determinada comunidade. Hoje, há os *youtubers*, pessoas que produzem conteúdo com regularidade e o disponibilizam por meio da plataforma de vídeos YouTube. O site, lançado em 2005, traz a possibilidade de qualquer usuário publicar vídeos que podem ser vistos, curtidos e compartilhados por milhões de pessoas de qualquer lugar do mundo. Com a popularidade da plataforma e com a possibilidade de receber pagamento pela visualização dos vídeos, surgem a profissão e o nome *youtuber*, unidade lexical que é resultado de neologia denominativa que ocorre via empréstimo. Alves (1984) indica que há neologia por empréstimo quando um elemento estrangeiro é utilizado em uma determinada língua e passa a ser codificado por ela.

A neologia estilística traz ao discurso maior expressividade, pois ressignifica ideias já existentes, apresentando-as de maneira nova. Ocorre frequentemente em discursos humorísticos e jornalísticos. O termo *família*, por exemplo, união de família + milícia, está em evidência nos últimos anos, pelas notícias que atrelam a família do atual presidente a grupos milicianos, e é unidade resultante de neologia estilística. A neologia de língua, por seu turno, é aquela que, em geral, não é sentida como novidade pelos falantes. Correia e Almeida (2012) pontuam que a neologia de língua nada mais é do que a atualização da competência derivacional dos falantes. Pode-se fazer um paralelo aqui com o recurso central/básico de ampliação do vocabulário de uma língua para Sandmann (1992), que é a formação de itens lexicais a partir de outros itens ou morfemas preexistentes. Como exemplo de neologia de língua, tem-se os advérbios terminados em *-mente* (*autenticamente, estelaramente*).

Os neologismos<sup>32</sup>, que, na definição de Correia e Almeida (2012), são unidades lexicais cujo significante ou relação significado-significante não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua, podem apresentar novidade formal ou semântica. *Crush*, termo atualmente usado para se referir a alguém por quem temos uma paixão platônica, é neologismo por empréstimo que apresenta novidade formal, tendo em vista que a forma significante é recente na língua portuguesa. Na língua inglesa, *crush* já existia, mas com o significado de “esmagamento”. Portanto, *crush* no sentido de paquera, para a língua inglesa, apresentou novidade semântica, e não formal. Uma lexia que apresenta novidade semântica na língua portuguesa é o verbo *lacrar*, que hoje apresenta, além do seu significado original de fechar/selar/vedar com lacre, a acepção de obter sucesso em algo.

Após um neologismo ocorrer no discurso, poderá adentrar o sistema da língua apenas se adquirir caráter estável. Quando isso ocorre, a unidade, geralmente, é registrada nos dicionários gerais de língua e deixa de ser neológica.

Há critérios para se identificar os neologismos, como o lexicográfico, em que uma unidade lexical é considerada neologismo se não estiver registrada nos dicionários gerais da língua sob enfoque em um recorte de tempo específico. Também é possível utilizar *corpus* textual em formato eletrônico, verificando se a unidade lexical candidata a neologismo aparece ou não no *corpus* considerado. Há ainda a instabilidade formal do constituinte, que, quando for neologismo, pode apresentar variação na ortografia, na fonética ou em aspectos morfológicos, pois a unidade ainda é sentida como nova e, portanto, não é assimilada de maneira igual pelos falantes.

Não obstante os critérios citados, identificar um neologismo não é tarefa fácil, devido à variabilidade do léxico de uma língua, que está sempre se modificando. Um falante, ao longo de sua vida, aprenderá várias novas formas linguísticas, e dois falantes de uma mesma língua não compartilham o mesmo inventário lexical. Diante disso, algum indivíduo poderá se perguntar se dado item lexical (ou significado atribuído ao item lexical) é novo porque não é por ele conhecido ou se realmente nunca foi utilizado anteriormente. Em adição, algumas unidades léxicas em desuso

---

<sup>32</sup> Os novos termos que surgem na linguagem de determinado domínio de saber ou área da ciência são conhecidos como neônimos.

(arcaísmos) podem ressurgir e ser sentidas como novas pelos falantes (CORREIA; ALMEIDA, 2012).

Nesse sentido, adverte Machado Filho e Oliveira (2017):

A possibilidade de se atribuir um caráter inovador ou arcaizante em Linguística não parece nada “facilmente observável”, pois subjaz impositivamente à subjetividade e ao grau de erudição do pesquisador. Como asseverar que um item não seria mais utilizado em uma dada sincronia, se diferentes falares insistem em surpreender o investigador em pesquisas dialetológicas coetâneas, como se pode exemplificar com o conhecido caso de “sarolha”, na Bahia, já tão discutido por Cardoso e Rollemberg (2009)? (MACHADO FILHO; OLIVEIRA, 2017, p. 91).

Em artigo intitulado “E a (nossa) terra continua *sarolha*?”, Cardoso e Rollemberg (2009), utilizando os dados do Projeto ALiB e dos atlas APFB (ROSSI, 1963), ALS (FERREIRA *et al*, 1987) e ALS II (CARDOSO, 2005), buscam averiguar se *sarolha* para “terra umedecida pela chuva/terra levemente molhada” continua a ter vitalidade nos dados do Projeto, tendo em vista que o item foi amplamente documentado pelos atlas da Bahia e de Sergipe, conforme as autoras atestaram em 1994.

Cardoso e Rollemberg (1994) identificaram a produtividade da forma *sarolha* para “terra umedecida pela chuva” – presente em 70% das localidades do APFB (ROSSI, 1963) e em 93% das localidades dos atlas sergipanos – nos dados da década de 60. Para Sergipe, além de “terra umedecida pela chuva”, registrou-se *beiju sarolho* para o beiju “redondinho, molhado com leite de coco” e *farofa sarolha* para aquela farofa nem muito seca nem muito molhada.

Para os dados do Projeto ALiB, colhidos entre 2001 e 2013, as autoras, buscando responder à pergunta-título do artigo de 2009, relatam que: “Não tão ***sarolha***, como dantes, pode-se afirmar, mas... um pouco!” (CARDOSO; ROLLEMBERG, 2009, p.280). De referência à Bahia e aos demais Estados fronteiriços, observou-se uma redução no domínio espacial da forma *sarolha*. A carga semântica presente na lexia continuou estável, conservando o sentido de “nem muito seco, nem muito molhado”.

As autoras apresentam os resultados da consulta a léxicos do português e dicionários enciclopédicos, nos quais encontram *sarolho* e variantes como *sarolhento*, *sorolhento*, *sarolhaço*, *zarolha*, *zarolhar*, que não apresentam precisamente o

significado de “terra umedecida pela chuva”, mas aludem a algo que se encontra em um estado intermediário/incompleto/imperfeito, sejam um tipo de beiju umedecido, a roupa mal enxuta, cereais mal amadurecidos etc.

Voltando ao passado, citam um excerto do *Livro da Montaria de D. João I*, em que registra-se: “E pois que o começamos a ensinar, sabede, que a terra do barro, ou lama que seia **çorolha**, que nom seia solta, estas terras fazem parecer os rastros grandes [...]” (PEREIRA, 1918, p.150). Esses escritos, pertencentes ao século XV, trazem, como visto, a forma *sarolha* com o significado de terra umedecida, do que se pode concluir, com as autoras, que “as palavras não morrem, pelo menos facilmente”.

Baseado no que foi apresentado, é oportuno dizer que

neologismos e arcaísmos são conceitos relativos em relação ao tempo histórico das línguas e em relação aos seus referentes externos — as coisas/objetos. Desaparecendo e reaparecendo, as palavras continuam suas histórias, a depender da história dos falantes das línguas. (MATTOS E SILVA, 2009, p.19).

Isso ocorre em função da volatilidade do léxico quando comparado a outros níveis de análise da língua, como o fonético e o morfossintático, a partir dos quais a mudança linguística é mais fácil de ser percebida. Com isso, ao serem comparados *corpora* de sincronias distintas neste trabalho (década de 60 e anos 2000), poderemos nos deparar com formas que, pela diminuição da área e da frequência de ocorrência, podem ser relacionadas a arcaísmos ou a formas que estão entrando em desuso. Contudo, como visto com o caso de *sarolha*, essas considerações serão sempre predições, tendo em vista que uma forma linguística pode entrar em reclusão durante certo tempo e depois reaparecer na língua conservando o mesmo significado que outrora carregava. Ainda assim, o estudo de neologismos e arcaísmos tem se mostrado relevante e produzido inúmeros trabalhos em Lexicologia, uma das ciências do léxico, da qual se falará adiante.

### 2.2.1.3 As ciências do Léxico

São três as disciplinas tradicionais que estudam o léxico: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. São áreas complementares, mas que tratam seu objeto de estudo – o léxico – de maneira distinta.

A ciência do léxico que fundamenta esta pesquisa é a Lexicologia, que “tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 2001, p. 16). Para Biderman (2001), esses três enfoques têm sido pouco estudados pelos lexicólogos, cuja atenção, em sua grande parte, estaria dedicada à problemática da formação de palavras, área de interface com a Morfologia. Identificar e definir palavra, ou melhor, a unidade lexical/lexia, é uma questão teórica de fundamental importância, sobretudo porque traz consequências para outras áreas do conhecimento; a categorização lexical, por sua vez, envolve o problema das classes de palavras e tem sido estudada apenas por gramáticos e a estruturação do léxico é a área que, segundo a autora, tem recebido ainda menos atenção dos lexicólogos.

Para Lorente (2004), que entende a lexicologia como a “disciplina que se ocupa do léxico das línguas de forma completa e integrada” (p.19), apesar do desenvolvimento dos estudos linguísticos no mundo inteiro e, conseqüentemente, de pesquisa e docência englobando quase todas as especialidades das ciências da linguagem, carece a inclusão da lexicologia como disciplina nos variados cursos que têm como objeto de estudo a língua e a linguagem humana. Um fato que talvez explique essa carência é o complexo papel que a lexicologia (e o léxico) desempenha no estudo de fenômenos que contemplam os outros níveis de análise da língua – fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático – além da sua interface com outras áreas do saber. Portanto, mesmo que seja difícil encontrar a lexicologia em si como disciplina nas universidades, é comum deparar-se com disciplinas como Morfologia Lexical, Semântica Lexical, Lexicografia, Terminologia e outras.

Ressalta-se também a interface da Lexicologia com áreas como a Dialectologia (tendo como exemplo o estudo desenvolvido nesta dissertação), a Etnolinguística, a Psicolinguística e a Neurolinguística.

A interação entre a Semântica – que, grosso modo, estuda o significado das línguas (CANÇADO, 2008) – e a Lexicologia se encontra também evidente neste trabalho, tendo em vista que não se objetiva apenas dar conhecimento das lexias utilizadas para nomear as partes do corpo *nuca*, *clavícula* e *tornozelo*, mas também analisar a aceção com que as unidades linguísticas foram empregadas pelo falante. Além disso, buscando saber como os dicionários têm realizado o registro e a descrição dos itens encontrados, o viés lexicográfico será contemplado na análise de dados.

A Lexicografia é a “ciência dos dicionários” e tem como objeto principal “a análise da significação das palavras” (BIDERMAN, 2001, p. 17). É uma ciência antiga que aflora nos séculos XVI e XVII com a concepção de dicionários de latim e de dicionários bilíngues, que traduzem o latim para uma língua moderna. Em língua portuguesa, os primeiros dicionários dignos de menção, de acordo com Biderman (2001), são: o Vocabulário Português-Latino, de Rafael Bluteau (1712-1728), e o Dicionário da Língua Portuguesa, de Antonio de Moraes Silva (1789;1813).

Um dicionário pode ser definido como

um texto duplamente estruturado que apresenta: a) uma sequência vertical de itens, ditos “entradas”, geralmente dispostos em ordem alfabética, sequência essa chamada “nomenclatura”; b) um programa de informação sobre essas entradas, que forma com elas os verbetes. (REY-DEBOVE, 1984, p. 63).

Variadas obras lexicográficas apresentam essa dupla estrutura. A respeito dessas obras, Biderman (2001) destaca alguns tipos, como o *dicionário de língua*, que registra e define os signos lexicais relacionados aos conceitos elaborados e cristalizados em determinada cultura, e o *tesouro lexical*, que é um dicionário que possui de 100 mil a 400 mil signos lexicais. O *tesouro lexical* pode ser dividido em subconjuntos menores, originando outros tipos de dicionários, a saber: o *dicionário padrão*, que abriga cerca de 50 mil entradas, e os *dicionários técnicos e especializados*, os quais recobrem as mais diversas áreas e subáreas do conhecimento humano.

A Terminologia é a ciência do léxico que se dedica a áreas específicas do conhecimento humano, buscando, primordialmente, estabelecer a relação termo-conceito. Ou seja, os terminógrafos estudam a natureza de um conceito e as suas relações conceituais para chegar a uma nomenclatura considerada pertinente a esse conceito. A nomeação a que se chega deve obedecer a um modelo cognitivo que descreve, relaciona e classifica os conceitos.

A normalização terminológica garante a univocidade do significado e do uso do termo científico e, por vezes, faz-se necessário propor e impor a uniformidade do uso de algum termo, pois o uso de termos padronizados proporciona a eficácia da comunicação linguística.

É recomendável também que os terminógrafos levem em consideração os processos de formação de palavras da língua em questão, com o objetivo de os novos

termos serem facilmente decodificados pelos usuários a partir da inferência de outros termos parecidos já existentes. Isso facilitará a adoção do termo pelo léxico da língua. (BIDERMAN, 2001).

### **2.2.2 Campo lexical de partes do corpo humano**

Campo lexical é “um conjunto de lexemas que estabelecem relações de significação entre si e cujos significados se assemelham por compartilharem componentes semânticos comuns”. (OLIVEIRA, L., 2008, p. 69). Se pensarmos nos lexemas *maçã*, *manga* e *uva*, logo identificamos que o traço em comum que os une é [+FRUTA]. Do mesmo modo, contrastando os significados de *nuca*, *tornozelo* e *clavícula*, percebe-se que esses lexemas pertencem a um mesmo campo lexical, pois apresentam componentes de significado que os aproximam por compartilharem a característica de serem partes do corpo humano.

De modo amplo, integram o campo lexical das partes do corpo humano todas as partes internas e externas que o compõem, sendo possível subdividi-lo em outros campos lexicais que agrupam itens mais específicos que compartilham um número maior de características ou traços em comum.

Não se pretende nesta dissertação estabelecer os componentes ou traços semânticos de cada item lexical, comparando-os entre si, por aproximação ou distanciamento de sema – unidade mínima de significação que estrutura os campos lexicais –, mas sim analisar, de modo geral, as possíveis motivações semânticas de que se imbuíu o usuário da língua ao atribuir determinado significante a um dado significado.

#### *2.2.2.1 A motivação do signo linguístico*

A principal definição de signo linguístico é atribuída a Saussure (2006 [1916]), fundador da Linguística moderna, em seu Curso de Linguística Geral (CLG), obra escrita por Charles Bally e Albert Sechehaye a partir dos escritos de aulas do mestre genebrino. O signo linguístico, para o autor, é a união de um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante) e obedece a duas características primordiais: a linearidade e a arbitrariedade.



A linearidade aplica-se ao significante, levando em consideração que seus elementos se apresentam um após o outro. Nosso aparelho fonador reproduz um som de cada vez, numa sequência linear. Sobre a arbitrariedade, considera-se que um conceito não está ligado por relação alguma a sua sequência acústica. Em outras palavras, “o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade”. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 83). Como prova deste argumento, citam-se as diferenças entre línguas: “tornozelo”, em português; “ankle”, em inglês; “cheville”, em francês; “tobillo”, em espanhol, diferentes sequências acústicas para representar o mesmo conceito. A ideia de arbitrariedade do signo linguístico está presente na Primeira Parte dos Princípios Gerais, no Capítulo I, denominado Natureza do Signo Linguístico.

Saussure (2006 [1916], p. 152) retoma a ideia de arbitrariedade na Segunda Parte do CLG (Linguística Sincrônica), no Capítulo VI, intitulado Mecanismo da Língua, quando o autor traz a ideia de arbitrariedade relativa. Muitos autores, a exemplo de Porsche (2012), atribui à organização do CLG a pouca menção ao arbitrário relativo em contraposição ao arbitrário absoluto, pois o referido capítulo ficou à margem na ordem de importância, trazendo como consequência vários problemas na interpretação da ideia de arbitrariedade.

O entendimento do mestre genebrino é o de que

o princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: *o signo pode ser relativamente motivado*. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 152).

Para justificar essa conceituação, as palavras *vinte* e *dezenove* são trazidas como um dos exemplos. *Vinte* seria imotivado, enquanto *dezenove* apresentaria motivação relativa. Isso porque *dezenove* evoca outros termos, como *dez* e *nove*, por composição, e *vinte* e *nove* e *dezoito*, por associação. A motivação é relativa, e não total, porque *dezenove* se forma a partir de dois signos arbitrários ou imotivados (*dez* e *nove*).

A exemplo dos signos aqui estudados, encontraram-se nos *corpora* itens lexicais como *cabelouro*, *cachaço*, *cangote*, *mocotó*, *peador*, *rejeito* e *sangrador*, que podem ser considerados relativamente motivados. Todos esses itens são

designações zoomórficas que, por meio de uma relação de metáfora, são associadas às partes do corpo humano, evidenciando a forte ligação do homem com a natureza, em especial no trato com os animais. Encontraram-se ainda outros tipos de motivação semântica como a presente em *osso da fome* para o item clavícula (referente ao estado de desnutrição causado pela fome que faz com o que este e outros ossos se apresentem de forma saliente). Na seção Análise de Dados, são descritos os nexos que fundamentam a motivação semântica desses e de outros signos linguísticos. Como também será visto nessa seção, os fenômenos de metáfora que subjazem a motivação semântica dos itens lexicais estudados, tal qual o que ocorre com as designações zoomórficas, estão presentes, de forma mais ampla e diversificada, nos dados do APFB (ROSSI, 1963), pois, para os dados do Projeto ALiB, houve um número maior de itens lexicais pertencentes à norma padrão. Tal fato pode estar relacionado, dentre outros fatores históricos, com o aumento do acesso aos serviços de saúde, às mídias e à escola.

#### *2.2.2.2 Os programas de saúde e a atualização das formas linguísticas*

Comparando-se a situação da oferta de serviços de saúde da década de 60, época das entrevistas do APFB (ROSSI, 1963), e dos anos 2000, quando foram realizadas as entrevistas do Projeto ALiB, percebem-se significativas mudanças nos arranjos que envolvem a oferta desse direito. Hoje, e desde o ano de 1988, com a promulgação da Constituição Federativa do Brasil, conta-se com o Sistema Único de Saúde (SUS), que oferece acesso integral, universal e gratuito a serviços de saúde para todo cidadão brasileiro.

Para se ter uma ideia da grandiosidade do SUS, basta dizer que são 190 milhões de beneficiários, sendo que 145 milhões de pessoas dependem exclusivamente do SUS; 90% do mercado de vacinas é movimentado pelo SUS; são realizadas cerca de 453,7 milhões de consultas médicas, sendo que o Brasil é hoje o único país com mais de 100 milhões de habitantes que possui um sistema único, público e gratuito de saúde. (PAIM, J., 2015).

São três os principais tipos de sistema de saúde que se destacam no mundo: o Seguro Social, a Seguridade e a Assistência (PAIM, J., 2015). O Seguro Social oferece serviços de saúde para aqueles que contribuem com a previdência social, é controlado pelo Estado e ocorre, por exemplo, em países como Alemanha, França e

Suíça. A Seguridade oferece serviços de saúde a todo cidadão, é financiado por toda a sociedade através dos impostos e ocorre em países como Inglaterra, Canadá, Cuba e Suécia. A Assistência só oferece serviços de saúde gratuitos àqueles que comprovam situação de pobreza, é regulada pelo mercado e verificam-se maiores situações de exclusão e iniquidade do que nos outros modelos. Há pouca intervenção do Estado e ocorre em países como os Estados Unidos.

O Brasil, da década de 20 até a década de 80, adotou o sistema de saúde do tipo Seguro Social, que ocorria, de início, por meio das caixas de aposentadorias e pensões (CAPs) e, depois, através de institutos, como o INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social. A partir de 1988, vigora por lei o sistema de Seguridade Social, que garante acesso gratuito aos mais variados serviços de saúde, mas não impede que a saúde também seja ofertada pela iniciativa privada. Apesar dos problemas que o SUS tem enfrentado, a democratização do acesso à saúde que este sistema proporcionou e proporciona é inegável.

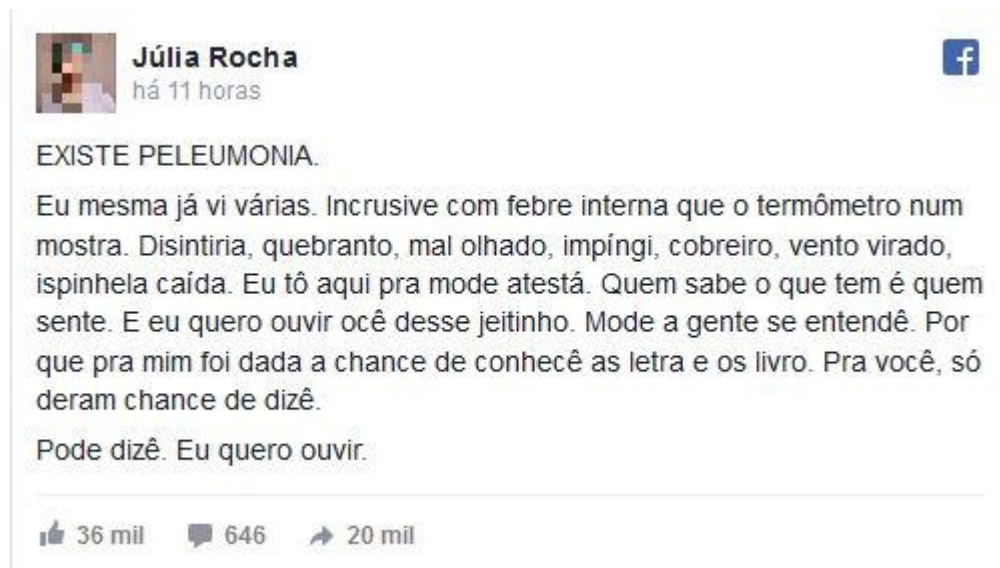
Tendo esse cenário em vista, é válido considerar a perspectiva de que o significativo aumento da disponibilização e procura a serviços de saúde no Brasil pode estar refletindo na linguagem da população, que tem hoje mais contato com profissionais de saúde do que há décadas atrás. Esse argumento é justificável, no que se refere à atualização das formas linguísticas para a denominação de partes do corpo humano, uma vez que o corpo humano é objeto de estudo da área médica, sendo, comumente, tópico da conversa nas consultas entre médicos e pacientes. Como as designações utilizadas pelos médicos, por conta de sua posição social, são, em geral, mais prestigiadas pela sociedade, muitos pacientes, ao ter contato, nessas consultas, com novas formas para denominar partes do corpo humano, podem adotá-las, de modo consciente ou não, em busca do prestígio linguístico.

O descompasso entre a norma linguística adotada pelos profissionais de saúde e a população mais carente já foi matéria nos principais jornais do país. De acordo com notícia publicada no G1, em 2016, o médico plantonista Guilherme Capel Pasqua, que atuava no Hospital Santa Rosa de Lima, em Serra Negra (SP), fez uma postagem nas redes sociais, mostrando um receituário médico que dizia: “Não existe peleumonia e nem raôxis”. Vinte minutos antes disso, o médico tinha atendido o mecânico José Mauro de Oliveira Lima, 42 anos, que tinha ensino fundamental incompleto. Segundo o acompanhante do paciente, quando o médico ouviu o Sr. José Mauro pronunciar “peleumonia” e “raôxis”, ele riu. Os parentes e amigos do paciente ficaram indignados

com a postagem do médico nas redes sociais e reproduziram a foto em que ele segura o receituário que logo viralizou na internet. Com a repercussão do caso, o médico foi demitido dos hospitais em que atuava e o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) abriu uma sindicância para apurar a atitude do médico.

Houve colegas de profissão que defenderam o jeito de falar dos pacientes, como a mineira Júlia Rocha, em publicação no Facebook reproduzida a seguir:

Figura 6 – Publicação da médica Júlia Rocha



Fonte: Facebook

A médica Júlia Rocha recebeu, inclusive, ataques racistas e ameaças em seu perfil no Facebook após a publicação em que defende o modo de falar dos pacientes. O caso ilustra o preconceito linguístico frente a variantes pertencentes a uma norma popular, que, não raro, por ser alvo de deboche, são silenciadas e evitadas por seus usuários.

Na seção Análise de Dados, no item *Comentários às falas dos informantes*, é possível observar trechos de entrevistas em que os informantes do *corpus* do Projeto ALiB atribuem valor negativo a certas variantes, como a mulher de Alagoinhas, pertencente à faixa etária 2, com ensino fundamental, que diz: “[...] O *cachaço*, que o pessoal ignorante chama *cachaço*. Mas tem outro nome”. Verifica-se também que os dados dos anos 2000 apresentam significativa maior porcentagem de uso das variantes de prestígio do que os dados da década de 60, um sintoma, talvez, dessa maior consciência do valor atribuído à fala e também do conhecimento de mais formas

para designar as partes do corpo humano, tendo em vista o aumento do contato entre população e profissionais de saúde.

Além do maior contato entre as normas linguísticas dos profissionais de saúde e dos pacientes, outro fator que se destaca nas últimas décadas é a democratização do acesso à informação, com realce ao advento da internet.

### *2.2.2.3 A democratização do acesso à informação e a atualização das formas linguísticas*

O acesso à informação, comparando-se a década de 60 com os anos 2000, é igualmente dispar. Cada vez mais há um maior e mais diversificado acesso às mídias, interligando variados setores da população.

Vive-se hoje o que se chama Sociedade da Informação, que, na definição de Assmann (2000), é “a sociedade que está atualmente a constituir-se, na qual são amplamente utilizadas tecnologias de armazenamento e transmissão de dados e informação de baixo custo”. (p. 8)

Televisão, telefone celular, computadores se popularizaram na Sociedade da Informação, não sendo restritos ao uso de uma classe social específica. Com o alcance desses meios de comunicação a públicos diversos, as teias sociais<sup>33</sup> se expandem, oportunizando trocas variadas, a exemplo de trocas linguísticas.

Um marco importante na formação da Sociedade da Informação brasileira é o início do acesso à internet na década de 80 e, posteriormente, a sua abertura, no ano de 1995, às operações comerciais. Até então a internet estava restrita ao acesso acadêmico e de instituições governamentais. Seguindo uma tendência mundial, a internet é item essencial na rotina de milhões de brasileiros, seja como fonte de consulta, para envio de e-mails ou mensagens, criação de sites, participação em redes sociais, fóruns, blogs, obtenção de serviços, reuniões, compras on-line etc.

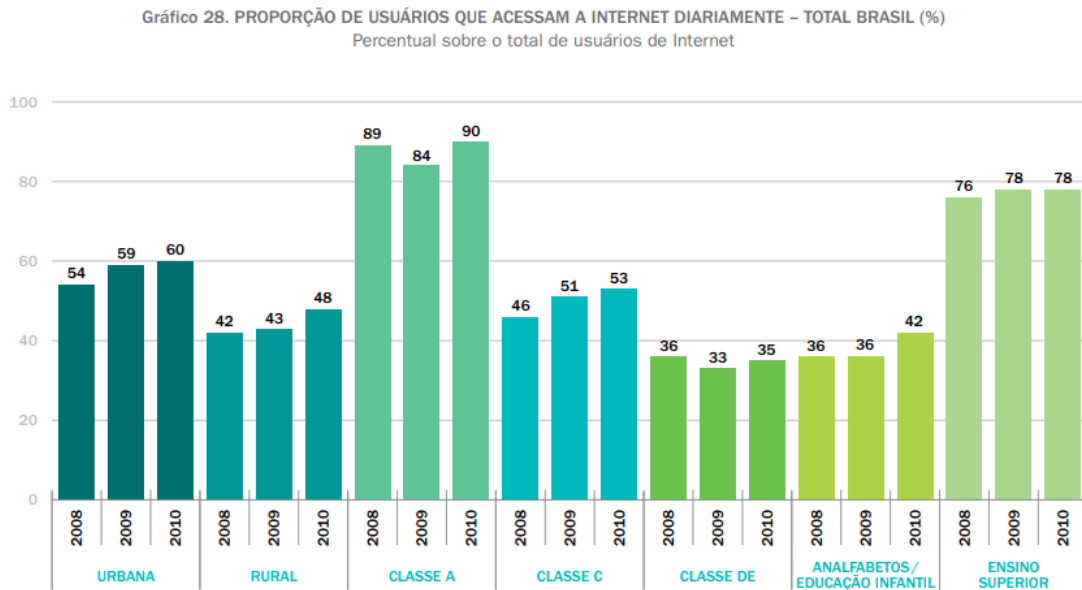
Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil, em 2010, verificou-se que 60% dos brasileiros da área urbana entrevistados fazem uso diário da internet contra 48% da área rural. Tomando a região Nordeste, em específico, 55% dos entrevistados disseram utilizar diariamente a internet. Quanto à escolaridade, 49% dos que possuem

---

<sup>33</sup> Teias sociais são as relações de interdependência nas quais os indivíduos realizam trocas variadas regidas por regras de comportamento.

ensino fundamental e 78% dos que possuem ensino universitário fazem uso diário da internet<sup>34</sup>. O gráfico a seguir mostra a proporção de usuários que acessam a internet diariamente, distribuída pelas áreas urbana e rural e através das classes sociais, entre os anos 2008 e 2010.

Gráfico 2 – Acesso diário da internet por usuários brasileiros entre 2008 e 2010



Fonte: TIC Domicílios e empresas 2010 (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2011).

Comparando-se os dados do uso da internet em 2010 com pesquisas anteriores desenvolvidas pelo mesmo órgão, observa-se, em geral, tendência de crescimento do uso dessa tecnologia. É de se esperar que, com o aumento do acesso à internet, assim como as demais mídias, presentes diariamente na vida do brasileiro, haja, em alguma medida, trocas culturais. Considerando esse aspecto, ao discutir sobre a globalização na sociedade da informação, afirma Miranda (2000):

O processo de globalização instrumentalizado pela troca acelerada da informação por meio dos novos mídia (sic), que abolem as distâncias e o tempo, não têm provocado a homogeneização completa das culturas e das identidades. Pelo contrário, não apenas antigas querelas identitárias se mantêm vivas, como multiplicam-se diferentes bolsões de identidades locais, de inspiração religiosa, étnica ou

<sup>34</sup> Base ponderada: 9932 entrevistados que usaram a Internet nos três meses que antecedem a entrevista.

comportamental, reanimadas e fomentadas como maneira de resistir à introdução de novos modos identitários uniformizantes.

[...]

Seria justo afirmar que os povos modernos vivem a dialética da tradição e da tradução, que persiste na conservação de suas raízes ao mesmo tempo que busca a transferência de sistemas simbólicos (de umas regiões para outras e também do exterior) que permitam acelerar seu próprio desenvolvimento social e cultural. (MIRANDA, A., 2000, p.83).

A partir da citação, cabe distinguir as mídias tradicionais ou analógicas das novas mídias ou mídias digitais. As primeiras, como o rádio e a televisão, são menos diversificadas em função de seu sistema de produção e distribuição da informação ser mais centralizado; já as últimas, de produção e distribuição descentralizada, tendem a favorecer a diversidade cultural. Em todo o caso, com as diferentes mídias fazendo parte da rotina da sociedade moderna, interligando pessoas de diferentes classes sociais e regiões, de modo mais ou menos diversificado, há uma mudança importante nas relações sociais que se formam. Essa mudança não provoca a homogeneização completa das culturas e identidades (MIRANDA, A., 2000), mas um intercâmbio entre culturas, em que se conservam alguns aspectos identitários e alteram-se outros. Dentre esses aspectos, é oportuno destacar o linguístico, por constituir a base do processo de interação entre os distintos falantes.

#### *2.2.2.4 A democratização do acesso à escola e a atualização das formas linguísticas*

De acordo com Ferreira Jr. (2010), a intensificação pela demanda por educação no Brasil ocorre na década de 30, quando fica evidente o desequilíbrio entre a quantidade de escolas existentes e as demandas que surgiam com a urbanização e a industrialização do Brasil.

Apesar de ser antiga a reivindicação das classes populares brasileiras e de intelectuais acerca de uma rede pública e universal de ensino, é apenas com a lei nº 5.692, de 1971, que se institui o ensino fundamental gratuito de oito séries para crianças de 7 a 14 anos e ocorre a expansão quantitativa de escolas de ensino fundamental. Essa expansão desenrola-se no auge da modernização econômica que ocorre durante o período da ditadura militar, no governo Médici (1969-1974), quando o Brasil se consolida como sociedade urbano-industrial. Antes disso, e desde o período colonial, o cenário da educação brasileira que vigorava era de elitismo e

exclusão, não obstante até hoje haja o boicote ao ensino público que faz com que sua qualidade seja aquém do que o necessário para a formação das crianças e adolescentes, como se pode verificar a partir dos índices anuais obtidos pelas avaliações realizadas por instituições governamentais. Em outras palavras, pode-se dizer que o binômio elitismo e exclusão permanece, pois, minimizado o problema do acesso, não se resolve o problema da qualidade do ensino das escolas de educação básica. Esse binômio é caracterizado pela separação entre escola particular para os filhos das classes abastadas e escola pública para as classes trabalhadoras.

Ainda que a luta por um ensino público de qualidade na educação básica aparente estar longe de seu fim e que o problema do acesso ainda seja uma tônica em rincões espalhados pelo país, o quadro educacional da população brasileira das décadas de 60 e dos anos 2000 – respectivamente, época das entrevistas do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB – é deveras distinto. Exemplificando com o critério alfabetização e baseado em dados do IBGE, em 1960, a taxa de analfabetismo na faixa etária de 15 anos ou mais era de 39,7% e nos anos 2000, de 13,6%, com flutuações em relação à região do país e às características sociais dos indivíduos.

Ressalta-se que, acerca do critério escolaridade, para algumas áreas, houve dificuldade de se encontrar informantes jovens com até a 4ª série do ensino fundamental pelo Projeto ALiB, como relatado na publicação *Documentos 1*:

[...] tendo em vista que, em algumas áreas, de acordo com os relatos dos professores Vanderci Aguilera e Mário Roberto Zágari, a maioria dos indivíduos da primeira faixa etária tem o curso fundamental completo, havendo dificuldade de se encontrar informante que tenha cursado apenas até a 4ª série, ficou decidido que, nessas áreas, mantida a preferência por informante que tenha cursado até a 4ª série, podem ser admitidos indivíduos da 1ª faixa etária com mais de 4 anos de escolaridade, desde que não tenham ainda completado o fundamental ou o curso supletivo. (AGUILERA, MILANI, MOTA, 2004, p. 16).

Tal dificuldade era menor na década de 60, considerando que os informantes do APFB (ROSSI, 1963), em sua maioria (75 dos 100), eram completamente analfabetos; os restantes, semialfabetizados, o que significava, na maioria das vezes, assinar o próprio nome.

Sendo a escola um dos principais espaços de convivência e troca de conhecimentos entre crianças, adolescentes e professores e considerando que um dos papéis dessa instituição é proporcionar aos seus estudantes o aprendizado da



norma culta – aquela utilizada pelos mais escolarizados em situações formais de comunicação –, acredita-se que o acesso e a permanência na escola favorecem a aquisição da norma de prestígio, tornando o indivíduo mais capaz de alternar entre normas.

A nova configuração de acesso aos serviços de saúde, à mídia e à escola assim como outras transformações sofridas pelo Brasil e comentadas por Cardoso (2010) são relevantes tanto para as feições do português brasileiro quanto para a modificação na abordagem metodológica da Dialetoologia. Se para a época do APFB (1963) ainda fazia sentido o perfil HARAS para a escolha dos informantes, considerando que a sociedade brasileira era prioritariamente rural e havia uma maior polarização entre classes sociais, para os trabalhos mais atuais, torna-se cada vez mais relevante considerar uma multiplicidade de aspectos sociais que podem interferir, de forma substancial, na configuração dos aspectos linguísticos.

Na seção seguinte, destacam-se os passos seguidos pela pesquisadora para o tratamento de dois *corpora*, que representam momentos distintos da sociedade brasileira bem como fases distintas dos estudos dialetológicos: o APFB (1963), pertencente à geolinguística tradicional e monodimensional, e o Projeto ALiB, representante da nova geolinguística, que apresenta metodologia pluridimensional.

### 3 METODOLOGIA

Para Ludwig (2014), o método é o elemento mais importante de uma investigação científica, já que tem

o poder de disciplinar a conduta do pesquisador, adequar o esforço que deve ser empregado em função dos requerimentos do objeto de estudo, estabelecer os demais meios necessários ao bom termo do estudo, nortear a sequência da pesquisa e contribuir para a garantia de segurança e economia de recursos e trabalho. (LUDWIG, 2014, p. 10).

Seguindo esse raciocínio, com o propósito de guiar a pesquisa de forma eficaz, foram adotados procedimentos metodológicos específicos para o tratamento dos dados linguísticos provenientes do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB, que serão a seguir arrolados. Apesar de já terem sido abordadas, na Fundamentação Teórica, questões históricas e metodológicas mais gerais acerca da constituição dos *corpora*, como as informações acerca do tripé básico de todo fazer dialetológico – questionário, rede de pontos e informantes – nesta seção, contemplam-se tão somente as etapas metodológicas seguidas pela pesquisadora e relacionadas ao recorte desta pesquisa em particular.

#### 3.1 O PASSO A PASSO PARA O TRATAMENTO DE DADOS

A seguir, descrevem-se as tarefas executadas e os critérios adotados para o tratamento dos dados linguísticos. Ressalta-se que o passo a passo para a abordagem de cada *corpus* será diferente, tendo em vista que o APFB (ROSSI, 1963) já é o resultado de várias etapas de análise linguística, e os dados originários do Projeto ALiB aqui analisados estavam em sua forma bruta (em gravações). Sendo assim, passarão, naturalmente, por mais estágios de análise. Em outros termos, o APFB (ROSSI, 1963) é um atlas concluído, e parte-se das cartas linguísticas publicadas para seu estudo; o Projeto ALiB, apesar de possuir dois volumes de sua obra publicados, ainda possui dados inéditos, alguns dos quais estudados nesta dissertação. Com isso, para o Projeto, parte-se da audição dos inquiridos, seguindo outros passos que resultarão na construção de cartas linguísticas.

Além disso, originados de metodologias diferentes, será difícil abordar os dados dos *corpora* de modo que haja um paralelismo entre eles.

### 3.1.1 Solicitação de autorização para uso dos dados do Projeto ALiB

Conforme especificado na Fundamentação Teórica, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil possui banco de dados já constituído desde 2013. Tendo em vista que alguns desses dados ainda são inéditos, como parte dos que serão aqui apresentados, foi solicitada autorização ao Comitê Nacional do Projeto para a análise do *corpus* que resulta na publicação deste trabalho. A autorização foi assinada pela pesquisadora e entregue ao Projeto. Após ser aprovada, deu-se prosseguimento ao tratamento dos dados referentes às três perguntas escolhidas que integram o Questionário Linguístico do Projeto, sobre o qual se falará adiante.

### 3.1.2 Seleção das perguntas a serem estudadas

O Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (QSL) (COMITÊ..., 2001, p. 21-38), de onde foram extraídas as três perguntas que compõem a pesquisa, é composto por 14 seções. São elas: Acidentes Geográficos, Fenômenos Atmosféricos, Astros e Tempo, Atividades Agropastoris, Fauna, *Corpo Humano*, Ciclos da Vida, Convívio e Comportamento Social, Religião e Crenças, Jogos e Diversões Infantis, Habitação, Alimentação e Cozinha, Vestuário e Acessórios e Vida Urbana.

A seção contemplada na pesquisa, *Corpo Humano*, apresenta 32 questões que dizem respeito não apenas às partes do corpo propriamente ditas como também (i) a enfermidades que afetam órgãos (ex.: perguntas 95 e 96, que buscam apurar a variação linguística para os referentes *conjuntivite* e *catarata*); (ii) a formas de nomear pessoas acometidas por algum distúrbio, patologia ou deficiência (ex.: pergunta 92 - *vesgo*; pergunta 93 - *míope* e pergunta 114 - *perneta*); (iii) ao nome dado a algumas secreções expelidas pelo corpo humano (ex.: 102 - *meleca*); (iv) a sensações experimentadas pelo corpo humano (ex.: 120 - *cócegas*) etc. O que há em comum entre as 32 questões é que todas estabelecem alguma relação com determinada região externa ou interna da anatomia humana.

No quadro que segue, são expostos número, nome e formulação das perguntas constantes da seção *Corpo Humano* do Questionário Semântico-Lexical do Projeto.

Quadro 3 – Questões da seção Corpo Humano

QSL	Formulação da pergunta
89. Pálpebras / Capela dos Olhos	Como se chama esta parte que cobre o olho? <i>Apontar.</i>
90. Cisco	Como se chama alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando? <i>Mímica.</i>
91. Cego de um olho	Como se chama a pessoa que só enxerga com um olho?
92. Vesgo	Como se chama a pessoa que tem olhos voltados para direções diferentes? <i>Completar com um gesto dos dedos.</i>
93. Míope	Como se chama a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?
94. Terçol / Viúva	Como se chama a bolinha que nasce na _____ (cf. item 89), fica vermelha e incha?
95. Conjuntivite / Dor d'olhos	Como se chama a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?
96. Catarata	Como se chama aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas?
97. Dentes caninos / Presas	Como se chamam esses dois dentes pontudos? <i>Apontar</i>
98. Dentes do siso / do juízo	Como se chamam os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?
99. Dentes molares / Dente queiro	Como se chamam esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos _____ (cf. item 98)? <i>Apontar.</i>
100. Desdentado / Banguela	Como se chama a pessoa que não tem dentes?
101. Fanhoso / Fanho	Como se chama a pessoa que parece falar pelo nariz? <i>Imitar.</i>
102. Meleca / Tatu	Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?
103. Solução	Como se chama este barulhinho que se faz? <i>Soluçar.</i>
104. Nuca	Como se chama isto? <i>Apontar</i>
105. Pomo de adão / Gogó	Como se chama esta parte alta do pescoço do homem? <i>Apontar.</i>
106. Clavícula	Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro? <i>Apontar.</i>
107. Corcunda	Como se chama a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim ( <i>mímica</i> )?
108. Axila	Como se chama esta parte aqui? <i>Apontar</i>
109. Cheiro nas axilas	Como se chama o mau cheiro embaixo dos braços?
110. Canhoto	Como se chama a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? <i>Completar com o gesto.</i>
111. Seios / Peito	Como se chama a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?
112. Vomitar	Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?
113. Útero	Como se chama a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?
114. Perneta	Como se chama a pessoa que não tem uma perna?
115. Manco	Como se chama a pessoa que puxa de uma perna?
116. Pessoa de pernas arqueadas	Como se chama a pessoa de pernas curvas? <i>Mímica</i>
117. Rótula	Como se chama o osso redondo que fica na frente do joelho?
118. Tornozelo	Como se chama isto? <i>Apontar</i>
119. Calcânhar	Como se chama isto? <i>Apontar</i>

120. Cócegas	Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? <i>Mímica.</i>
--------------	--

Fonte: Elaborado pela autora com base em COMITÊ..., 2001, p. 28-30. Adaptado.

De início, e de acordo com o que estava previsto no Projeto de Pesquisa apresentado quando do ingresso ao mestrado, pretendia-se trabalhar com 16 das 32 questões desta seção. Durante a pesquisa, percebendo que o volume de dados seria demasiado, reduziu-se, consideravelmente, o escopo da análise, optando-se pela seleção das três perguntas destacadas no Quadro 4. A escolha dessas três perguntas considerou os resultados parciais que indicavam aspectos relevantes a serem discutidos no que se refere à variação espacial e à comparação com cartas linguísticas do APFB (ROSSI, 1963). As cartas linguísticas do atlas selecionadas e que correspondem ao que se procura apurar com as questões 104, 106 e 118 do QSL do Projeto ALiB são: 56 – *Nuca*, 57 – *Clavícula* e 63 – *Tornozelo* (anexos A, C e D).

Quadro 4 – Questões da seção Corpo Humano selecionadas para análise

QSL	Formulação da pergunta
104. Nuca	Como se chama isto? <i>Apontar</i>
106. Clavícula	Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro? <i>Apontar.</i>
118. Tornozelo	Como se chama isto? <i>Apontar</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em COMITÊ..., 2001, p. 29-30. Adaptado.

Com a audição deste recorte do questionário na rede de pontos do Projeto ALiB, observou-se que, para a pergunta 104. *Nuca*, foi necessária uma reformulação, na qual o inquiridor reforçava que o objeto da pergunta se tratava apenas da região atrás do pescoço (a parte), visto que foi comum obter como primeira resposta a lexia *pescoço* (o todo). Após esse esclarecimento, os informantes ofereceram, em sua maioria, uma designação adequada ao que se pretendia investigar com a aplicação da pergunta. Não houve, para as outras questões, 106. *Clavícula* e 118. *Tornozelo*, em número expressivo, interpretações distintas da pretendida pelo questionário.

### 3.1.3 Audição de inquiridos e transcrição dos dados

A audição das entrevistas linguísticas realizadas pelo Projeto ALiB na Bahia ocorreu na sede do Projeto, com localização na sala 136 do Instituto de Letras da

Universidade Federal da Bahia<sup>35</sup>. Foi agendado horário junto à então bolsista de apoio técnico para audição dos inquéritos nos computadores disponíveis para a tarefa.

Nada obstante todas as entrevistas linguísticas já terem versões transcritas por bolsistas de iniciação científica do Projeto ALiB, que passam, inclusive, por revisões, considerou-se fundamental a audição da parte da entrevista correspondente à seção Corpo Humano e, quando coubesse, do fim do inquérito, pois as perguntas não respondidas, quando, por exemplo, o informante não lembra de determinado nome no momento do primeiro questionamento realizado pelo inquiridor, são retomadas ao final da entrevista. Destaca-se que foi ouvida a seção Corpo Humano completa, e não apenas as três perguntas objeto de análise nesta dissertação, porque, inicialmente, seriam contempladas para análise uma quantidade maior de questões e também porque não é incomum que o informante lembre da resposta de uma questão enquanto responde outra.

A audição ajuda a identificar hesitações, mudanças de entonação, desconfortos e outras especificidades apenas perceptíveis a partir da escuta da entrevista e difíceis de se registrar em uma transcrição. Além disso, tendo em vista que transpor a fala para a escrita é um trabalho, por vezes, complexo, por conta das especificidades da comunicação oral, a audição dos inquéritos torna-se necessária para dirimir possíveis dúvidas encontradas nas transcrições assim como avaliar a qualidade do material transcrito.

Foi feita a audição da parte do arquivo correspondente à seção Corpo Humano de 92 entrevistas linguísticas. Como já descrito na Fundamentação Teórica, a rede de pontos do Projeto na Bahia é constituída de 21 cidades do interior e a capital, Salvador, totalizando 22 localidades. Os informantes do Projeto ALiB são em número de quatro para as cidades do interior e oito para as capitais de Estado. Multiplicando a quantidade de cidades do interior pela quantidade de informantes (21 x 4), obtém-se 84 entrevistas, que, somadas as 8 entrevistas da capital do Estado, resultam nas 92 entrevistas linguísticas.

Transcreveu-se grafematicamente os itens lexicais obtidos com a aplicação das três perguntas investigadas, 104. *Nuca*, 106. *Clavícula* e 118. *Tornozelo*, além de

---

<sup>35</sup> **Endereço - Regional Bahia:** Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Instituto de Letras, sala 136. UFBA - Campus Universitário de Ondina. Salvador-BA.  
**E-mail:** alib@ufba.br / **Telefone - Regional Bahia:** (71)3283-6236

comentários pertinentes que agregassem informações aos itens fornecidos, como falas que trazem a avaliação do informante acerca do uso de alguma forma linguística. Esta transcrição foi comparada com as versões disponibilizadas pelo Projeto. Adotou-se a transcrição grafemática, que é uma maneira de transformar um texto oral em um texto escrito, usando grafemas e convenções prévia e especificamente definidas para o tipo de análise que se pretende empreender. A chave de transcrição grafemática empregada (documento que contém convenções que orientam a transcrição) foi a do Projeto ALiB, e o registro da transcrição foi realizado no processador de texto Microsoft Word.

Cabe destacar que a audição de inquiridos e a transcrição das respostas foram feitas apenas para os dados do Projeto ALiB, pois, para o APFB (ROSSI, 1963), não se dispõe de gravações. À época das realizações das entrevistas, não havia gravadores portáteis disponíveis no Brasil, e os inquiridores realizavam a transcrição *in loco*, durante o inquirido. Por essa razão, o estudo das respostas dos informantes do atlas foi feito a partir das cartas linguísticas publicadas.

### 3.1.4 Filtragem e agrupamento dos dados

Esta etapa consiste na organização das respostas da amostra, de modo a reter as que não sejam pertinentes ao estudo e a reunir aquelas que sejam semelhantes de acordo com o ponto de vista adotado na pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa prioritariamente lexical, optou-se, neste momento, por neutralizar as variações fônicas. Por exemplo, para o vocábulo *nuca*, foi encontrada a forma *nunca* tanto para o APFB (1963) quanto para o Projeto ALiB, mas, apesar da relevância do achado, a nasalização não será investigada. Outras formas alternantes foram encontradas, a exemplo de *nuqui*, todas elas serão reunidas sob o agrupamento *nuca*, item lexical ajustado à norma padrão da língua. Os agrupamentos buscam reunir as unidades linguísticas semelhantes com objetivo de viabilizar a comparação entre itens lexicais estrutural e semanticamente distintos.

A título de exemplificação, cita-se também a variação fônica para o vocábulo *peador*, encontrado na amostra sob a forma *piador*. O alteamento vocálico no vocábulo foi quase categórico na fala dos informantes pesquisados, entretanto, na etapa de agrupamento dos dados, selecionou-se a lexia dicionarizada *peador* para facilitar a intercomparação com itens lexicais distintos. Ocorreram também fenômenos

como a monotongação (*cantareira* ~ *cantarera*), a apócope do -r (*calcanhar* ~ *calcanhá*), o rotacismo (*tornozelo* ~ *tornozero*), além de outros que, da mesma maneira, não serão objeto de investigação da presente pesquisa.

Há algumas respostas agrupadas sob o rótulo de não obtidas. As respostas não obtidas são aquelas que ocorrem quando: i) o informante declara não saber ou não lembrar de um nome para o referente; ii) há formas linguísticas fornecidas cujo significado não se aproxima do objeto da pergunta; iii) o inquiridor não realiza a pergunta ou fornece a resposta durante sua formulação e iv) não são possíveis de ser identificadas em função de problemas de ordem técnica.

É comum que, em uma entrevista que contém séries de perguntas que objetivam conhecer como se nomeiam determinados referentes, o entrevistado, mesmo reconhecendo do que se trata a questão, esqueça, momentaneamente, do nome para aquele referido item, ocorrendo, assim, a situação descrita em i). Quando isso acontece, o inquiridor refaz a questão ao fim da entrevista, juntamente com outras que, possivelmente, o informante possa ter esquecido. Há também a possibilidade, prevista em i), de o informante não conhecer um nome para dado referente. Nesse caso, não se refaz a pergunta ao fim do questionário.

Para ser enquadrada como resposta não obtida em função de atender ao item ii), é necessário que o item lexical tenha sido a única resposta dada pelo informante. Se um informante, para a pergunta 118. *Tornozelo*, oferece *nervo* e *mocotó* como respostas, *mocotó* será contabilizado como resposta válida e *nervo* será apenas descartado e **não** contabilizado como resposta não obtida, visto que o informante já ofereceu uma resposta válida. Entende-se que é comum que o informante, enquanto desenvolve seu raciocínio, forneça uma resposta primeira a qual não se relaciona com o objeto da pergunta. Por essa razão, optou-se por realizar o registro da forma, mas descartá-la nesses casos, conservando apenas a resposta que abriga o significado mais próximo do pretendido pelo questionário. Agora, caso o informante responda apenas *nervo* para a pergunta, esta será contabilizada como não obtida.

É importante destacar que é usual, nesta etapa de tratamento de dados, que haja alguma seleção dentre as formas encontradas, sobretudo quando há uma grande quantidade de lexias para denominar um referente, tendo em vista que, para a representação dos dados, seja por meio de gráficos, tabelas ou cartogramas, pode ser inviável incluir todas as formas linguísticas obtidas sob o risco de prejudicar o entendimento do leitor. Essa seleção pode, dentre outros fatores, ter relação com os



objetivos da pesquisa. É possível também que o pesquisador opte por apresentar todas as respostas, escolhendo a maneira de melhor exibi-las para não prejudicar a leitura dos dados.

Ainda, muitas respostas podem ser fornecidas sem que haja o entendimento da pergunta por parte do informante, ou é possível que o informante forneça uma resposta, mesmo sem certeza, apenas para não deixar de responder ao questionamento do inquiridor. Logo, é fundamental que, a partir da consideração dos objetivos da pesquisa bem como da interpretação da resposta dos informantes, o pesquisador selecione quais serão as formas validadas, as incluídas em NO (não obtidas) e as porventura descartadas.

Algumas perguntas podem ser descartadas já no momento da entrevista, quando, conforme item iii), o inquiridor falha seja por esquecer de formular a pergunta, seja por fornecer sua resposta. Essas situações não costumam ocorrer com frequência, porque, no caso do Projeto ALiB, o inquiridor principal conta com o inquiridor auxiliar para lembrá-lo de elaborar as eventuais perguntas que ele tenha esquecido de fazer e porque, no momento da entrevista, o inquiridor está com o Questionário em mãos para auxiliá-lo a seguir a ordem das questões e para orientá-lo quanto à formulação, que está lá registrada e que deve ser respeitada, sempre que possível, na intenção de que haja homogeneidade na aplicação do Questionário. Além disso, os inquiridores passam por treinamento para evitar que ocorram essas situações. Entretanto, claro que, mesmo com todo planejamento, imprevistos e intercorrências acontecem. Afinal, é uma situação de comunicação oral na qual não se tem total controle sobre tudo que possa se suceder, pois envolve outros participantes e outros ambientes, tornando cada entrevista única.

Às vezes, o áudio da entrevista em si pode estar baixo e/ou com ruídos ou até conter alguma falha de gravação em determinado trecho, prejudicando a identificação da resposta dada pelo informante. Em geral, para os dados da Bahia, não houve muitos problemas como esses, resumidos em iv).

A organização das respostas dos informantes do Projeto ALiB foi feita no editor de planilhas Microsoft Excel, a partir da transcrição que havia sido feita no Microsoft Word. Na planilha do Excel, identificaram-se nome da localidade, código do informante, se 1ª, 2ª ou 3ª resposta, sexo, faixa etária, escolaridade, resposta original fornecida pelo informante em transcrição grafemática e resposta após agrupamento em transcrição ortográfica. Essa organização facilita a localização, a partir dos filtros

disponíveis nesse editor, de grupos de respostas de interesse do pesquisador. Na seção Análise de Dados, é possível identificar os itens que foram agrupados para os dados do Projeto ALiB a partir da subseção *Observando os dados do Projeto ALiB* presente na análise de cada pergunta. Esta subseção, que traz um quadro identificando o agrupamento lexical (ex.: *clavícula*) e os itens lexicais agrupados (ex.: *cauvicla; cavica; cavicla; cavícula; cavígua; clavicla; clavícula; cravica; cravícula; cravículas; cruvica*), se utiliza dos dados constantes da planilha Excel.

Para o APFB (ROSSI, 1963), a organização das respostas se deu de modo distinto. Os dados para estudo partem das cartas linguísticas (ver anexos A, C e D), que contêm a transcrição fonética das respostas dos informantes através da qual é possível identificar as variações fônicas ocorridas para cada item lexical. Não houve descarte de nenhum item lexical. Optou-se por, a partir das cartas, já realizar os agrupamentos em quadro, disponível na subseção *Observando o APFB* (ROSSI, 1963). No quadro, com base na análise das Cartas do atlas, organizam-se as lexias, relacionando as formas linguísticas já agrupadas às respectivas localidades em que foram encontradas.

### 3.1.5 Análise estatística dos dados

As unidades agrupadas passaram por análise estatística. Em resumo, realizaram-se três tipos de análise para os dados do Projeto ALiB: de frequência de ocorrência, de presença nas localidades e de variação diageracional.

Com o objetivo de conhecer o percentual de ocorrência de cada um dos grupos lexicais, foi contabilizada a quantidade de vezes que determinada lexia aparece em relação ao total geral das respostas válidas documentadas. Isso foi feito com auxílio do recurso Classificar e Filtrar disponível no Excel. O modo Filtro permite que parte dos dados de uma tabela sejam ocultados temporariamente para que os dados mais importantes fiquem em evidência. Selecionando, por exemplo, a caixa *cangote* da pergunta 104. *Nuca*, listam-se todas as ocorrências dessa resposta. É possível também combinar filtros, como faixa etária e escolaridade ou sexo e faixa etária etc. Os dados, organizados no Excel, deram origem às tabelas de frequência por ocorrência e aos gráficos que resumem as informações das tabelas, apresentados na Análise de Dados. Nas tabelas, constam os totais absolutos e relativos para cada grupo lexical. Já os gráficos apresentam apenas o total relativo dos agrupamentos.

Outro tipo de dado que se buscou foi o percentual de presença dos grupos lexicais para as 22 localidades da Bahia, obtido por meio da relação entre a quantidade total de cidades e a quantidade de cidades em que a lexia foi documentada. Para identificar essa informação, o modo Filtro do Microsoft Excel foi novamente selecionado. Com esse tipo de análise, é possível verificar o alcance de dada forma no espaço geográfico investigado, se está espalhada entre as localidades ou concentrada em alguma região do *corpus*. Assim como feito para os dados de frequência por ocorrência, se registram as informações sobre o alcance espacial das lexias em tabelas e gráficos, sendo que o total máximo de localidades em valores absolutos é 22, equivalendo a 100% do total relativo.

A análise estatística da variação diageracional considera os valores de frequência por ocorrência de cada grupo lexical e os relaciona com os valores absolutos obtidos pelas duas faixas etárias. Sabe-se que o volume de dados para comparação de faixa etária através de tratamento estatístico pode ser considerado insuficiente. Por exemplo, para a pergunta 104. *Nuca*, considerando todas as 22 localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB na Bahia, houve apenas uma ocorrência de *cachaço*. Esta única ocorrência pertence à faixa II e poderia ser descartada, já que estatisticamente não é representativa para a comparação entre as faixas etárias. No entanto, optou-se por conservá-la apenas para ilustrar o fato de que, na maioria das ocorrências desta pesquisa, as inovações advindas da expressividade/criatividade dos falantes estão mais presentes na faixa II. Cabe a observação de que não foi utilizado programa computacional para a análise de dados linguísticos em função do baixo volume de dados de que se dispõe nesta pesquisa lexical.

Para o APFB (ROSSI, 1963), somente verificou-se o percentual de presença dos grupos lexicais em relação às 50 localidades da rede de pontos do atlas. Nada obstante, faz-se necessário lembrar que a quantidade de informantes por localidade não é categoricamente igual e que não há distribuição equitativa entre as células sociais. A obra é representativa da Dialectologia tradicional, que buscava o dialeto de determinada região em sua forma mais pura, e apresenta os dados analisados sob a perspectiva de uma única dimensão, a diatópica ou espacial, sendo, dessa maneira, monodimensional. Apesar disso, distribui os informantes por dois sexos e por faixa etárias distintas, mesmo que não o faça de modo igualitário.

### 3.1.6 Comparação entre os dados do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB

Os estudos em Dialetoologia na atualidade permitem que sejam feitas comparações entre atlas linguísticos que abarquem diferentes regiões do Brasil. Dispondo-se de cartas intercomparáveis, aquelas que buscam designações para o mesmo referente, em atlas estaduais brasileiros distintos, é possível delinear o traçado de áreas dialetais. A dificuldade que se interpõe nesta tarefa é encontrar uma grande quantidade de atlas, recobrando as diversas regiões do país, que possuam cartas intercomparáveis entre si, tendo em vista as heterogêneas metodologias empregadas nos atlas regionais brasileiros. Daí reside a importância do Projeto ALiB: proporcionar, a partir de uma metodologia aplicada uniformemente para todo o Brasil, uma fotografia da realidade linguística do país. Esse feito não inviabiliza que se continue a produzir e a estudar os atlas linguísticos estaduais, os quais possibilitam uma visualização com maior pormenor da diversidade da língua de cada Estado.

Comparações podem ser realizadas também ao considerar obras de diferentes sincronias, para a mesma região, oportunizando a identificação de unidades linguísticas em uso *versus* em tendência de desuso. Isso é o que se propõe nesta dissertação: no que se refere às perguntas coincidentes *nuca*, *clavícula* e *tornozelo*, verificar as diferenças e semelhanças entre os dados do APFB (ROSSI, 1963) e aqueles colhidos nos anos 2000, na Bahia, pelo Projeto ALiB. Ainda que constituídos a partir de aspectos metodológicos distintos, a diferença de 40 anos entre o período de coleta de dados dos *corpora* favorece observar se, com o passar das gerações e com as mudanças sócio-históricas por que a sociedade baiana passou, itens lexicais de uso comum no APFB (ROSSI, 1963) serão encontrados para o Projeto ALiB.

Pode-se dizer que o ideal, ao comparar amostras linguísticas de *corpora* distintos, é que os dados recolhidos estejam amparados sob a mesma metodologia. A justificativa é a de que há muitas variáveis que podem interferir nos fenômenos estudados e, a depender dos objetivos que subjazem a constituição de determinado *corpus*, essas variáveis podem ser diferentes, influenciando a caracterização da obra. Entretanto, considerando que o APFB (1963) é um singular testemunho do português falado na Bahia da década de 60, além de atlas estadual pioneiro no Brasil, e que pode revelar, através de seus achados, os impactos linguísticos e sociais na comunidade decorrentes do efeito da passagem do tempo e da modificação do espaço

pelo homem, avalia-se que, feitas algumas observações, o trabalho comparativo com o atlas é produtivo.

A título de exemplificação, a comparação APFB X Projeto ALiB já foi abordada em diversos trabalhos, como nos artigos *Um estudo geossociolinguístico de gambá no APFB e no Projeto ALiB*, de Mota e Pereira (2021), e *O léxico na Bahia e a variação no tempo* (PAIM, M., 2019), em que a autora estuda o item lexical *rótula*; na tese sobre a *Ditongação diante de <s> na Bahia: diferenciação dialetal e variação fonético-fonológica* (SILVA, Amanda, 2018); na dissertação *Religiões e Crenças na Bahia: aspectos do léxico espelhados nos dados do Projeto ALiB* (OLIVEIRA, I., 2016); no artigo de Santos e Paim (2015), com título *Menstruação na Bahia: um estudo em dois tempos distintos*, para trazer apenas alguns. Essa breve exposição mostra a relevância de se estudar comparativamente os dois *corpora*, o que tem contribuído para a descrição linguística de vários aspectos da fala da Bahia em sincronias distintas.

As diferenças metodológicas principais entre a obra da década de 60 e os dados do ALiB giram em torno de alguns critérios para a seleção dos informantes. Conforme foi visto, no APFB (ROSSI, 1963), não há divisão equitativa das células sociais, e os informantes possuem entre 25 e 84 anos, sendo 57 mulheres e 43 homens. Em relação à escolaridade, 75 são completamente analfabetos; os restantes, semialfabetizados. Para o Projeto ALiB, as células sociais se apresentam de forma equânime, sendo duas faixas etárias, com informantes entre 18 e 30 anos (Faixa I) e entre 50 e 65 anos (Faixa II), que possuem ensino fundamental incompleto (cidades do interior e capital) e ensino universitário (apenas capitais) e estão distribuídos entre os sexos biológicos masculino e feminino.

Tendo essas diferenças em vista, concentra-se o foco de estudo na variação diatópica ou espacial, já que as diferenças metodológicas em relação à consideração dos fatores sociais e o fato de o APFB (ROSSI, 1963) ser atlas monodimensional representante da Dialectologia Tradicional inviabilizam o estudo das variáveis escolaridade, sexo e idade. Comparam-se apenas os dados das localidades que os *corpora* possuem em comum (Barra, Caetité, Carinhanha, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Santa Cruz Cabrália, Santana e Vitória da Conquista) para os três referentes selecionados (*clavícula, nuca e tornozelo*).

### 3.1.7 Leitura e produção de Cartas Linguísticas

Utilizando-se do método da Geolinguística – que, conforme descrito na Fundamentação Teórica, consiste no registro de formas colhidas *in loco* em mapas especiais, de modo que seja exibida a distribuição das formas linguísticas no espaço geográfico correspondente a uma ou mais línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (COSERIU, 1965) –, foram produzidas cartas linguísticas para apresentar a distribuição dos itens lexicais encontrados nos *corpora*.

O planejamento cartográfico e a edição da base das cartas elaboradas para este trabalho são creditados a Ana Regina Torres Ferreira Teles (*in memoriam*), professora da Escola Politécnica da UFBA e membro da Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto ALiB, responsável pela elaboração das cartas-base oficiais do Projeto. A análise dos dados linguísticos contidos nas cartas credita-se à autora desta dissertação.

Para o APFB (1963), foram utilizadas como base para estudo as cartas presentes no próprio atlas e, de modo adicional, cartas elaboradas por pesquisadores em trabalhos anteriores a este, a saber Macêdo (2012) para a pergunta *clavícula* e Mota, Ribeiro e Teles (2018) para a pergunta *nuca*. Quando coube, para dar destaque à distribuição espacial de algum item lexical, foram elaboradas novas cartas linguísticas. Para ilustrar o espraiamento dos itens lexicais encontrados no *corpus* do Projeto ALiB, foram elaboradas cartas linguísticas nas quais, em cada uma das 22 localidades da Bahia, há um gráfico de pizza com cores que indicam as lexias ali identificadas.

Outro modelo de carta foi confeccionado com o objetivo de servir de base para comparação entre os dados do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB. Nesse modelo, há símbolos que representam as lexias presentes nas localidades, e as cores dos símbolos (vermelho ou azul) indicam se tal dado pertence ao APFB (ROSSI, 1963) (em vermelho) ou ao Projeto ALiB (em azul). Aqui, a comparação é estabelecida entre as nove localidades em comum entre os *corpora*.

### 3.1.8 Pesquisa em obras lexicográficas

Conhecidas as unidades linguísticas levantadas pela pesquisa após os agrupamentos, realizou-se investigação em dicionários para verificar a ausência ou a

presença e a definição dada à unidade caso estivesse registrada. Com isso, se pretendia investigar se o uso feito pelos informantes dos *corpora* é distinto ou semelhante do registrado pelas fontes consultadas, além de compreender como se dá a distinção ou semelhança.

A ausência/presença do registro da forma linguística nos dicionários também indicaria em que compasso as obras levam em consideração itens lexicais de fato utilizados pelos variados estratos da população, ou melhor, se as obras lexicográficas em questão têm se aproveitado dos resultados das pesquisas dialetológicas – neste caso, especificamente, esta avaliação leva em conta os dados do Projeto ALiB e do APFB (ROSSI, 1963).

Como a consulta aos dicionários seria realizada durante o período da pandemia causada pela Covid-19, no qual não se tinha acesso às bibliotecas disponíveis na Universidade e quando se procurava respeitar as instruções das entidades governamentais de isolamento social, optou-se pela escolha de obras lexicográficas de fácil acesso aos usuários, em formato on-line. São elas: Aulete Digital (AULETE; VALENTE, 2006), Dicionário da Língua Portuguesa (SILVA, Antonio, 1789) e Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (SILVA; SILVA; VIANA, 2007)<sup>36</sup>.

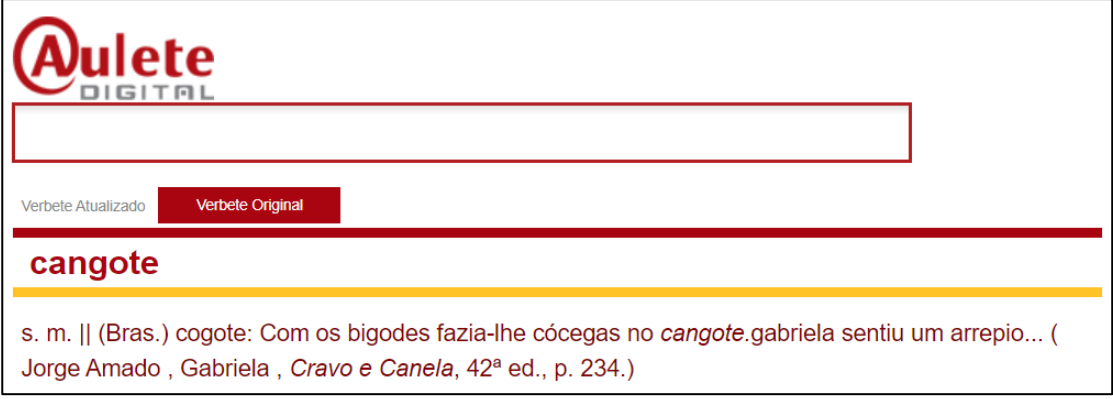
O Aulete Digital (2006) é uma obra em permanente construção, já que os verbetes continuam a ser ampliados e atualizados em seu servidor de internet. É composto por dois módulos que correspondem a dois dicionários diferentes. A versão original (identificada como verbete original) engloba o tradicional Dicionário Caldas Aulete, que comporta os verbetes atualizados até a década de 1980. A versão atualizada (ou verbete atualizado) possui verbetes que constantemente estão sendo ampliados e atualizados.

Um dos benefícios do Aulete Digital (2006) é justamente ter lado a lado duas modalidades de dicionários, uma com verbetes mais antigos e outra com verbetes atualizados, que possibilitam uma intercomparação dos registros. Como se pretende realizar nesta dissertação uma análise linguística que compara dados de tempos distintos, década de 60 e anos 2000, será vantajoso consultar esses dois módulos. Veja-se a seguir:

---

<sup>36</sup> A partir deste ponto, para a fluidez da leitura, os dicionários serão apresentados pelo sistema: Nome da obra (ano).

Figura 7 – Módulos do Dicionário Aulete Digital (2006)



**Aulete**  
DIGITAL

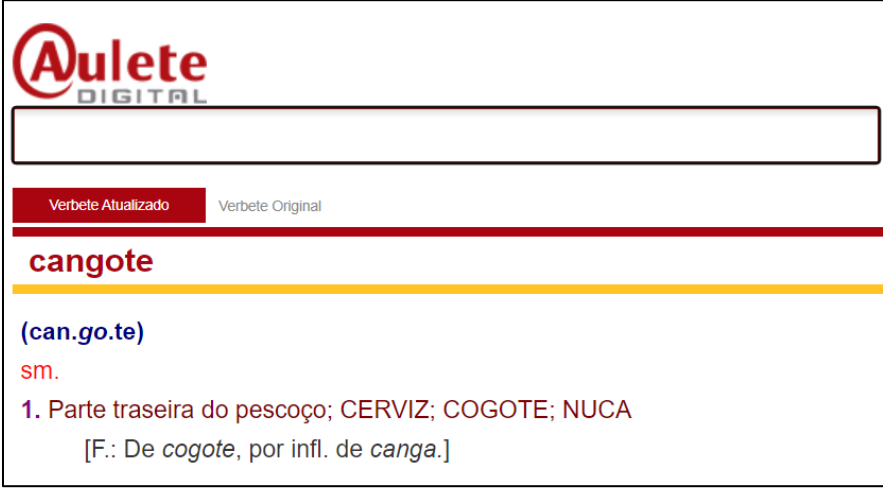
Verbetes Atualizado **Verbetes Original**

---

**cangote**

---

s. m. || (Bras.) cogote: Com os bigodes fazia-lhe cócegas no *cangote*. gabriela sentiu um arrepio... ( Jorge Amado , Gabriela , *Cravo e Canela*, 42ª ed., p. 234.)



**Aulete**  
DIGITAL

Verbetes Atualizado **Verbetes Original**

---

**cangote**

---

**(can.go.te)**  
sm.  
1. Parte traseira do pescoço; CERVIZ; COGOTE; NUCA  
[F.: De *cogote*, por infl. de *canga*.]

Fonte: Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 13 ago. 2022.

O público pode contribuir com o aprimoramento do dicionário, cadastrando-se para ser um colaborador e enviando sugestões/correções que, após filtragem e edição lexicográfica, podem resultar em um novo ou atualizado verbete. De acordo com informações constantes do site que hospeda a obra, são mais de 818 mil verbetes disponíveis para consulta.

O Dicionário da Língua Portuguesa (1789) é considerado a primeira sistematização moderna do léxico da língua. No seu título completo – *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro* –, identifica-se que a obra é uma versão reformada do trabalho de Rafael Bluteau, a saber: o Vocabulário Portuguez e Latino de 1712, apesar da diferença entre as duas produções ser substancial. De acordo com o que registra um dos sítios que hospeda a obra<sup>37</sup>,

<sup>37</sup> O Dicionário da Língua Portuguesa (1789) está disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/>



vinculado à Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo (USP), a reestruturação foi radical, visto que o Dicionário de 1789 corresponde a apenas 30% do volume daquele publicado em 1712, aproveitando não mais que 5% de suas entradas.

O Dicionário da Língua Portuguesa (1789) é considerado por especialistas como a obra mais importante da lexicografia portuguesa por ter desencadeado e estabelecido as bases para a elaboração de dicionários monolíngues modernos nessa língua. A sua originalidade está na redução de informações históricas, de caráter enciclopédico e bilíngue, além de apresentar técnica lexicográfica que se utiliza de codificação de abreviaturas e sistematização da terminologia gramatical de modo eficaz. Possui dois volumes: o primeiro apresenta as entradas que iniciam com as letras de A a K, e o segundo, as que iniciam com L a Z, contendo ao total cerca de 70 mil entradas.

O Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007), em sua 2ª edição, apresentando 1046 páginas e 15 000 verbetes, tem por objetivo simplificar o vasto universo de termos utilizados no dia a dia dos profissionais que atuam na área de saúde. A obra apresenta seleção que destaca as terminologias de maior interesse para a área técnica de Saúde brasileira. Para o objetivo que se pretende nesta dissertação, o de investigar o registro de formas linguísticas relacionadas a partes do corpo humano que são de conhecimento da população, considerou-se que a consulta a um dicionário médico que aponte os principais termos para guiar a rotina dos profissionais de saúde na lida diária com a sua profissão seria adequada.

O resultado da pesquisa está sistematizado na seção primária Análise de Dados. Procurou-se verificar se as formas linguísticas encontradas na amostra equivaliam ou não a uma entrada de dicionário e comentar a definição caso estivesse registrada. No caso de item que apresentasse variação fonética, buscou-se verificar as possíveis variantes registradas pela obra, como é o caso do Dicionário da Língua Portuguesa (1789), no qual a lexia *cangote* não está presente, mas registra-se o verbe *cogote*. A apresentação das informações está organizada a partir das formas linguísticas, dispostas em ordem alfabética e, ao lado delas, há a indicação do *corpus* onde foram encontradas. Em seguida, comenta-se sobre as definições presentes nos dicionários para cada lexia. Ao final, há um texto que apresenta as principais conclusões a que se chegou a partir da pesquisa e um quadro-resumo indicando se o

item lexical foi i) D – dicionarizado, ii) ND – não dicionarizado ou iii) DOA – dicionarizado com outra aceção.

### **3.1.9 Análise das falas dos informantes**

Quando do momento da transcrição das entrevistas linguísticas do Projeto ALiB, a autora destacou os trechos das falas dos informantes que pudessem servir para uma análise qualitativa dos dados linguísticos em que se sobressaíssem comentários de natureza social ou diatópica. Esses trechos foram posteriormente analisados e integrados à Análise de dados. São apresentados como epígrafe na abertura de cada seção de análise e na subseção *Comentários às falas dos informantes* na qual são discutidos. Ressalte-se que não há o áudio bem como a transcrição das entrevistas do APFB (ROSSI, 1963), já que era feita a transcrição fonética do item sob investigação no momento da entrevista. As notas das cartas do atlas podem conter menções a comentários dos informantes sobre alguma forma linguística, mas, em geral, são apresentados de modo breve e por meio de discurso indireto e, por essa razão, não foram contemplados na subseção em que se analisam as falas dos entrevistados.

Para além de conhecer o nome dado para algum referente, as respostas dos informantes podem conter depoimentos que trazem pistas da percepção da variação linguística pelo falante. Nos depoimentos dos informantes mais velhos, por exemplo, é comum notar a percepção da variação diageracional quando se constata que uma forma, antes, era mais utilizada para designar determinada parte do corpo e que, hoje, há uma nova forma para ela.

Na seção seguinte, serão expostos os resultados obtidos mediante a execução dos passos metodológicos aqui descritos.

#### 4 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, apresenta-se a análise realizada a partir das respostas fornecidas pelos informantes baianos do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB para três perguntas pertencentes ao campo lexical de partes do corpo humano. O *corpus* selecionado é um recorte de um conjunto inicial de dezesseis perguntas extraídas da seção Corpo Humano do Questionário Semântico-Lexical do Projeto. As questões estudadas que serão aqui exibidas foram 104 – *Nuca*, 106 – *Clavícula* e 118 – *Tornozelo*, e as cartas linguísticas publicadas pelo APFB (ROSSI, 1963) que correspondem aos mesmos referentes são, respectivamente, as de número 56, 57 e 63 (anexos A, C e D). Cada seção secundária trará a análise de uma pergunta, iniciando pela sua apresentação, ao que se seguem a pesquisa aos dicionários, a apresentação dos resultados do APFB (ROSSI, 1963) e dos resultados do Projeto ALiB, finalizando com a comparação entre os *corpora*.

INQ. – Como se chama isto? (Entrevistador aponta o local da nuca.)  
INF. – Isso aí é... per'ainda... o cachaço, que o pessoal ignorante chama cachaço. Mas tem outro nome.  
INQ. – É? Se levar aqui uma pancada, a pessoa...  
INF. – É. Fulano levou uma pancada no cachaço, morreu.

(Alagoinhas - BA  
Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto)

#### 4.1 NUCA

Figura 8 – Região correspondente à nuca



Fonte: Disponível em: <<https://www.tudocelular.com/curiosidade/noticias/n46048/30KG-em-sua-nuca-o-peso-que-seu-pescoco-recebe-quando-voce-olha-para-o-smartphone.html>>. Acesso em: 29 fev. 2020.

A nuca, região posterior do pescoço, abriga os músculos cuja função principal é regular os movimentos da cabeça. Corresponde, especificamente, à zona onde se encontra a ligação da primeira vértebra cervical – conhecida como *atlas* – com o crânio. Os terminólogos<sup>38</sup> da anatomia buscaram na mitologia grega a motivação semântica para nomear a vértebra: Atlas era o nome de um titã que sustentava sobre os ombros o peso do céu. Por acomodar a musculatura e a vértebra responsável por sustentar o peso da cabeça, a nuca é considerada uma parte sensível do corpo humano.

Ao serem questionados sobre denominações para o referente, os informantes do APFB (ROSSI, 1963) forneceram as lexias *cabelouro*<sup>39</sup>, *cangote*, *cachaço*, *nuca* e *toutiço*, enquanto os informantes do Projeto ALiB trouxeram as formas *cachaço*, *cangote* e *nuca*. Destaca-se que, dentre as unidades linguísticas citadas, *cachaço* é a

---

<sup>38</sup> Atribuição dada aos autores ou organizadores de obras lexicográficas de temática especializada. Dentre as Ciências do Léxico, cabe à Terminologia registrar termos de áreas específicas (medicina, odontologia, direito, botânica etc). Por extensão de sentido, tem-se a nomeação de “terminólogos” para designar os especialistas em Terminologia, os quais nem sempre são linguistas.

<sup>39</sup> Ainda no que se refere à mitologia, há uma lenda, na região Nordeste do Brasil, relacionada ao cabelouro – tendão localizado entre a cabeça e a extremidade vertebral do boi. Diz-se que quem quer ficar bonito deve comer cabelouro atrás de uma porta e pensar ou chamar pelo nome de uma pessoa que é conhecida pela sua beleza, conforme registra o artigo *Comidas que embelezam*, no portal de notícias *A Tarde*.

única que não figura em nenhuma das nove localidades que os atlas possuem em comum.

#### 4.1.1 Pesquisa em obras lexicográficas

Apresenta-se nesta seção o resultado da pesquisa feita em dicionários quanto às lexias documentadas na Bahia para denominar a região posterior do pescoço, considerando o *corpus* do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB. Como exposto na metodologia, foram consultados os dicionários: Aulete Digital (AULETE; VALENTE, 2006), Dicionário da Língua Portuguesa (SILVA, Antonio, 1789) e Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (SILVA; SILVA; VIANA, 2007). As definições encontradas estão organizadas a partir das unidades linguísticas, dispostas em ordem alfabética: *cabelouro*, *cachaço*, *cangote*, *nuca* e *toutiço*. Ao lado das formas, há a indicação do *corpus* onde foram encontradas:

##### a) *cabelouro* – APFB (ROSSI,1963)

Aulete Digital (2006), na versão original, apresenta *cabelouro* como um brasileirismo, que indica “tendão ou ligamento que se encontra entre a cabeça e a extremidade das vértebras do boi” e também “nuca (dos animais)”. A variante *cabeloiro* é uma entrada na versão original, com remissão para *cabelouro*. Não há registro de ambas as formas na versão atualizada do dicionário.

*Cabelouro* não está registrado no Dicionário da Língua Portuguesa (1789) e no Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007).

##### b) *cachaço* – APFB (ROSSI,1963); Projeto ALiB

Apresentam-se, para *cachaço*, na versão original do Aulete Digital (2006), as seguintes significações: “parte posterior do pescoço; cerviz” e “pancada ou soco na parte posterior do pescoço; cachaço”. Há outras acepções para o item, mas que não são pertinentes para o estudo em questão. Sobre o étimo da palavra, cita-se que *cachaço* é proveniente de *cacho* (*pescoço*). Na versão original da obra, uma das acepções encontrada no verbete *cacho* é “*cachaço, pescoço*”, acrescida da

informação de que se trata de uma forma antiga. Na versão atualizada, esta acepção não foi registrada.

*Cachaço*, na versão atualizada do dicionário Aulete Digital (2006), é definido como “a parte posterior do pescoço”; “o mesmo que *cachação*”; “a cernelha dos bovinos e outros animais”; “carne que se tira da parte posterior do pescoço dos bovinos” e “pescoço grosso ou largo”. Citam-se ainda as unidades *cangote*, *cerviz* e *nuca*. Quanto ao étimo, explica-se que é advindo de *cacho* (parte de trás do pescoço) + *-aço*<sup>40</sup>.

O Dicionário da Língua Portuguesa (1789) traz o verbete *cachaço*, indicando ser o “aumentativo de *cacho*”, além de “pescoço gordo e grosso”, com alusão aos *cachaços* dos touros e dos homens. *Cacho*, na obra, significa pescoço grosso, com referência ao pescoço do touro. Nota-se que a significação para *cachaço* aqui é menos abrangente se comparada à encontrada no Aulete Digital (2006), já que não há menção, na descrição do verbete, à parte posterior do pescoço, especificamente.

Não há registro de *cachaço* no Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007).

c) *cangote* – APFB (ROSSI, 1963); Projeto ALiB

Na versão original do Aulete Digital (2006), *cangote* é considerado um brasileirismo e há a remissão para *cogote*, que é, segundo a obra, o nome popular para a parte de trás da cabeça. Além da definição, no verbete *cogote*, citam-se *cachaço*, *cangote*, *cerviz* e *nuca*.

---

<sup>40</sup> Em geral, as gramáticas atrelam ao sufixo *-aço* um valor aumentativo. Este valor estaria presente, por exemplo, nas formações *golaço* e *bigodaço*. Na dissertação de Santos, A. (2010), orientada pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro e intitulada *Polissemia dos sufixos aumentativos -ão, -arro, -orro, -aço e -uço e seus traços avaliativos sob a perspectiva diacrônica*, a autora apresenta, a partir de estudo realizado com base em textos escritos desde o século XIII ao século XX, uma classificação que leva em conta o valor semântico dado pelo sufixo à base. Nesta classificação, são propostos oito valores semânticos para o sufixo *-aço*: ação/resultado (*andaço, inchaço*); aumentativo (*gataço, bigodaço*); coleção/porção (*femeaço, chumaço*); golpe (*balaço, panaço*); *nomina essendi* (*ricaço, atrevidaço*); melhorativo (*ginetaço*), pejorativo (*falaço, poetaço*) e relacional (*espinhaço, cachaço*). O valor semântico relacional integra as palavras que podem ser interpretadas pela paráfrase “relativo a X”. Este seria o caso de *cachaço*, que é relativo a *cacho* (parte de trás do pescoço). Um dado importante é que o valor de intensidade pode estar associado aos demais valores semânticos apresentados. Assim, pode-se supor que, em *cachaço*, além do valor relacional, estaria presente o valor de intensidade, tendo em vista as definições “pescoço grosso ou largo”, admitida pelo Aulete Digital (2006), e “pescoço gordo e grosso”, admitida pelo Dicionário da Língua Portuguesa (1789). Acerca dos valores assumidos pelo sufixo *-aço*, podem ser consultados em adição: Nunes (1945) e Sandmann (1988).

Em sua versão atualizada, Aulete Digital (2006) define *cangote* como “parte traseira do pescoço” e faz registro das variantes *cerviz*, *cogote* e *nuca*. Traz também a expressão “estar de cangote duro/grosso”, usada quando um animal está gordo. Sobre o étimo, indica-se que a forma é oriunda de *cogote*, por influência de *canga*<sup>41</sup>.

No Dicionário da Língua Portuguesa (1789), *cangote* não está presente, mas há o verbete *cogote*, considerado: “vulgar; a parte posterior da cabeça”. Não há registro de *cangote/cogote* no Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007).

d) *nuca* – APFB (ROSSI, 1963); Projeto ALiB

No verbete original do Dicionário Aulete Digital (2006), *nuca* é “o ponto da parte posterior do pescoço correspondente à vértebra cervical chamada *atlas*”. Já no verbete atualizado, há uma definição mais geral: *nuca* é a “região posterior do pescoço”. São citadas as variantes *cachaço* e *cangote*.

No Dicionário da Língua Portuguesa (1789), para *nuca*, tem-se: “parte superior do *cachaço* entre a primeira e segunda vértebra do *espinhaço*”. Com essa definição, percebe-se que a obra não trata *cachaço* e *nuca* como sinônimos, como o faz o Aulete Digital (2006), tendo em vista que *nuca* é definida como uma parte do *cachaço*. É interessante observar também que o autor utiliza, na descrição para o verbete *nuca*, o nome popular *espinhaço* para designar a coluna vertebral do corpo de equinos.

O Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007) apresenta *nuca* como a “parte posterior do pescoço, compreendendo todas as partes moles situadas posteriormente à coluna cervical”. Observe-se que o sema mole, trazido pelo dicionário de termos médicos, ainda não havia despontado nas definições anteriores.

---

<sup>41</sup> No verbete *canga*, na versão atualizada da obra, encontram-se as seguintes definições:  
 “1. Armação de madeira que junta dois bois pelo pescoço e os liga a carro ou arado; JUGO;  
 2. Pau comprido que, colocado nos ombros de carregadores, serve para transportar objetos, fardos;  
 3. Antigo instrumento chinês de tortura que consiste em quadrado de madeira com orifício central para prender o supliciado pelo pescoço;  
 4. (Figurado) Opressão, jugo, domínio de alguém sobre outrem; condição de quem é dominado por outrem.”  
 Há também outras acepções as quais não foram aqui reproduzidas por não se relacionarem de alguma forma com a região posterior do pescoço dos animais.



e) *toutiço* – APFB (ROSSI, 1963)

O verbete *toutiço*, na versão original do Aulete Digital (2006), é descrito como “a parte posterior da cabeça”. Citam-se as variantes *cachaço* e *nuca*. Há também a entrada *toitiço* com remissão a *toutiço*. Ambas as formas estão ausentes da versão atualizada da obra.

*Toutiço* é documentado no Dicionário da Língua Portuguesa (1789), sendo considerado a “parte traseira e inferior da cabeça”. A variante *toitiço* não está presente no dicionário.

O Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007) não documenta as formas *toutiço* ou *toitiço*.

Em suma, diante da pesquisa realizada, percebe-se que o dicionário médico consultado desconhece a variação linguística ou não a registra, caso a conheça, tendo em vista a ausência das lexias *cabelouro*, *cangote* e *toutiço* na obra. Apenas é incluída a unidade *nuca*, a qual apresenta, em sua definição, o sema mole, que ainda não tinha sido encontrado em nenhuma das definições arroladas.

Cabe destacar da leitura empreendida a motivação semântica de algumas formas linguísticas, relacionadas notadamente com o contato com a vida rural, em específico ao trato com animais. Sobre o étimo do verbete *cangote*, no Aulete Digital (2006), diz-se que é oriundo de *cogote*, por influência de *canga* – que é, dentre outras acepções, a “armação de madeira que junta dois bois pelo pescoço e os liga a carro ou arado”. O Dicionário traz também a expressão “estar de *cangote* duro/grosso”, usada quando um animal está gordo. *Cabelouro*, na definição do Aulete Digital (2006), é o “tendão ou ligamento que se encontra entre a cabeça e a extremidade das vértebras do boi”, ou seja, corresponde à região da nuca dos animais. *Cachaço*, no Dicionário da Língua Portuguesa (1789), é o aumentativo de *cacho*, verbete descrito como pescoço gordo, com referência ao pescoço do touro. Aulete Digital (2006) apresenta para *cachaço*, dentre outras, as definições: “cernelha dos bovinos e outros animais” e “carne que se tira da parte posterior do pescoço dos bovinos”.

Aulete Digital (2006) foi o único dicionário a registrar todas as lexias pesquisadas, inclusive apresentando as variantes fônicas *cabelouro/cabeloiro*, *cangote/cogote* e *toutiço/toitiço*. *Cabeloiro* e *toitiço* foram entradas na versão original

da obra, com remissão para *cabelouro* e *toutiço*, respectivamente. *Cangote* e *cogote* foram entradas nas duas versões, original e atualizada, com remissão bilateral.

A seguir, apresenta-se quadro-resumo, indicando a dicionarização (D), a não dicionarização (ND) e a dicionarização com outra acepção (DOA) das formas lexicais pesquisadas.

Quadro 5 – *Nuca*: dicionarização das formas lexicais

Formas lexicais	Dicionários consultados		
	Aulete Digital (2006)	Dicionário da Língua Portuguesa (1789)	Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007)
<i>cabelouro</i>	D	ND	ND
<i>cachaço</i>	D	D	ND
<i>cangote</i>	D	ND <sup>42</sup>	ND
<i>nuca</i>	D	D	D
<i>toutiço</i>	D	D	ND

Legenda: D – dicionarizado; ND – não dicionarizado; DOA – dicionarizado com outra acepção.

Fonte: elaboração da autora.

#### 4.1.2 Observando o APFB (ROSSI, 1963)

As Cartas 56 e 56R do APFB (ROSSI, 1963) – cf. anexos A e B – apresentam a distribuição das variantes para nomear a região posterior do pescoço. A primeira o faz por meio de transcrição fonética das variantes obtidas em cada localidade, e a segunda, através de símbolos que indicam a presença dos itens lexicais nos pontos de inquérito. A partir da leitura da Carta 56 do atlas, foi elaborado o quadro a seguir que lista as leixias encontradas em cada localidade:

<sup>42</sup> Apesar da forma *cangote* não estar dicionarizada, lembre-se de que há a entrada *cogote*, significando a parte posterior da cabeça.

Quadro 6 – Formas lexicais para *nuca* no APFB (ROSSI, 1963): todas as localidades

<b>Nº do ponto</b>	<b>Nome da localidade</b>	<b>Formas lexicais</b>
1	Abadia	<i>cangote; nuca</i>
2	Aporá	<i>cangote</i>
3	Rio Fundo	<i>cangote</i>
4	Santiago do Iguape	<i>cangote; nuca</i>
5	Abrantes	<i>cangote; nuca</i>
6	Velha Boipeba	<i>cangote; nuca; toutiço</i>
7	Faisqueira	<i>cangote; nuca</i>
8	Poxim do Sul	<i>cabelouro; cangote</i>
9	Santa Cruz Cabália	<i>cangote; nuca</i>
10	Buranhém	<i>cangote; nuca</i>
11	Prado	<i>cangote; nuca</i>
12	Mucuri	<i>cangote; nuca</i>
13	Jeremoabo	<i>cangote; toutiço</i>
14	Monte Santo	NO
15	Mirandela	<i>cangote</i>
16	Vila Velha	<i>cangote</i>
17	Conceição do Coité	<i>cangote</i>
18	Ipirá	<i>cangote</i>
19	Água Fria	<i>cachaço</i>
20	Pedra Branca	<i>cangote; toutiço</i>
21	Maracás	<i>cangote; nuca</i>
22	Jiquiriçá	<i>cabelouro; cangote</i>
23	Boa Nova	<i>cangote</i>
24	Vitória da Conquista	NO
25	Encruzilhada	<i>cangote</i>
26	Campo Formoso	<i>cangote</i>
27	Jacobina	<i>cangote</i>
28	Mundo Novo	<i>nuca</i>
29	Itaberaba	<i>cabelouro; cangote</i>
30	Morro do Chapéu	<i>cangote</i>
31	Brotas de Macaúbas	<i>cangote; nuca</i>
32	Iraporanga	<i>cangote</i>
33	Mato Grosso	NO
34	Macaúbas	<i>cangote; nuca</i>
35	Caitité (Caetité)	<i>cangote</i>
36	Condeúba	NO
37	Rodelas	<i>cabelouro; cangote</i>
38	Pambu	<i>cangote</i>
39	Carnaíba do Sertão	<i>cabelouro; cangote</i>
40	Sento Sé	<i>cangote; nuca</i>
41	Pilão Arcado	<i>cangote; nuca</i>

Nº do ponto	Nome da localidade	Formas lexicais
42	Barra	<i>cangote</i>
43	Paratinga	<i>cangote</i>
44	Santana	<i>nuca</i>
45	Carinhanha	<i>nuca</i>
46	Ibipetuba (Santa Rita de Cássia)	<i>nuca</i>
47	Taguá	<i>nuca</i>
48	Correntina	<i>cangote</i>
49	São Desidério	<i>nuca</i>
50	Ibiranhém	<i>cangote; nuca</i>

Fonte: elaboração da autora.

Tem-se que *cangote* foi a resposta predominante fornecida pelos informantes baianos da década de 60, pois, dos 50 pontos de inquérito do atlas, está presente em 39 deles (78%). Apenas 11 (22%) não registram a lexia. São eles: Monte Santo (ponto 14), Água Fria (ponto 19), Vitória da Conquista (ponto 24), Mundo Novo (ponto 28), Mato Grosso (ponto 33), Condeúba (ponto 36), Santana (ponto 44), Carinhanha (ponto 45), Ibipetuba/Santa Rita de Cássia (ponto 46), Taguá (ponto 47) e São Desidério (ponto 49). Em adição, na carta 56 do atlas (cf. anexo A), há uma nota, indicando que os informantes A dos pontos 9 e 30 e o informante B do ponto 32 apontaram *cangote* como um nome utilizado para designar pescoço de pessoa gorda. Na pesquisa com os dicionários, para o verbete *cangote*, Aulete Digital (2006) traz a expressão “estar de cangote duro/grosso”, usada quando um animal está gordo.

*Nuca* foi a segunda lexia mais presente no APFB (ROSSI, 1963), encontrada em 21 localidades (42%). *Cabelouro*, *toutiço* e *cachaço* também figuram no repertório dos informantes da obra para nomear a região posterior do pescoço, porém com menor representatividade. *Cabelouro* está presente em cinco localidades (10%): Poxim do Sul (ponto 8), Jiquiriçá (ponto 22), Itaberaba (ponto 29), Rodelas (ponto 37) e Carnaíba do Sertão (ponto 39); *toutiço*, em três (6%): Velha Boipeba (ponto 6), Jeremoabo (ponto 13) e Pedra Branca (ponto 20) e *cachaço*, em apenas uma (2%): Água Fria (ponto 19).

Em artigo intitulado *Estudos sobre o corpo humano: variação lexical nos atlas da Galícia (ALGA) e da Bahia (APFB)*, Mota, Ribeiro e Teles (2018) analisam as cartas linguísticas *Catarata*, *Axila* e *Nuca* nos dois atlas citados no título do artigo, apresentando reedições dessas cartas. As autoras exibem uma reedição da carta 56R

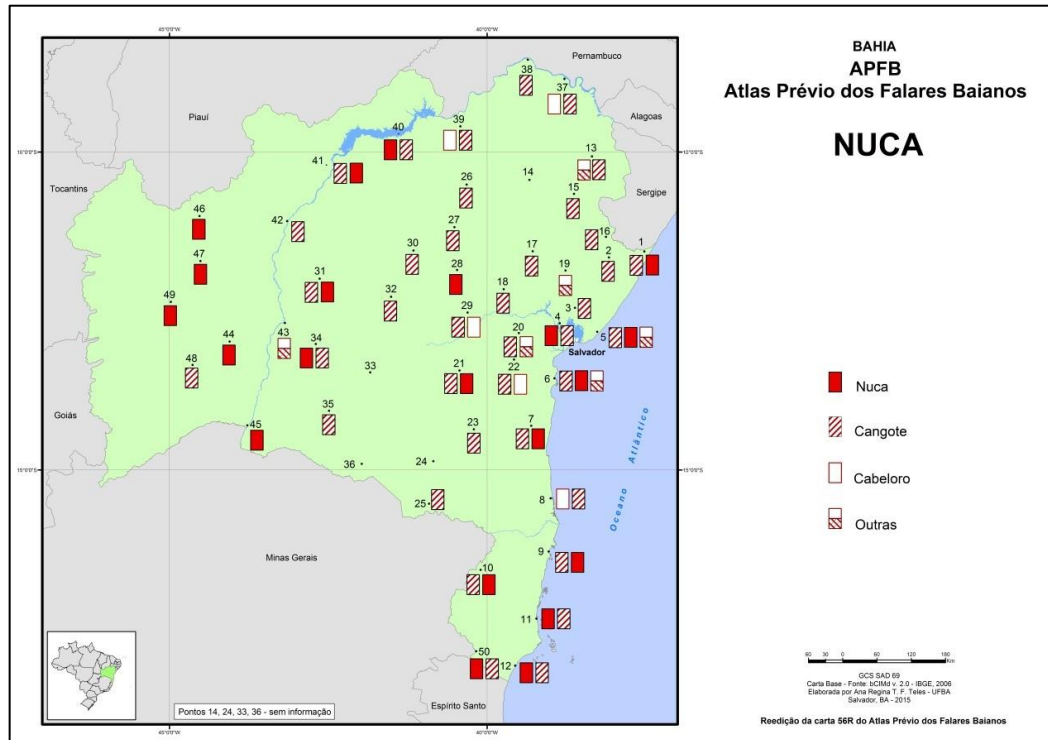
do APFB (ROSSI, 1963), reproduzida na Figura 9, e, a respeito da leitura da carta, concluem que:

De relevante, observa-se que a distribuição da variante *cangote* se dá de forma regular por quase todo o território baiano, não estando presente em praticamente todas as localidades após a transposição do Rio São Francisco, no sentido litoral/sertão (só presente no ponto 48), onde é marcante o uso de *nuca* (pontos 44, 45, 46, 47 e 49). Dessa forma, não é possível, à luz das realizações obtidas, identificar área dialetal no Estado da Bahia. (MOTA; RIBEIRO; TELES, 2018, p. 28).

A reedição das autoras preserva o que se registra na Carta Resumo 56R do APFB (ROSSI, 1963) (cf. Anexo B), e o estudo aqui empreendido parte apenas da interpretação da Carta 56 do atlas (cf. Anexo A). Com isso, pode-se dizer que as abordagens possuem ponto de partida distintos e, por isso, podem ser encontradas pequenas diferenças entre os dados apresentados nesta análise e os exibidos pelas autoras. Essas sutis dessemelhanças não interferem nos aspectos mais importantes revelados a partir de ambos os estudos, como a distribuição da variante *cangote* por toda a Bahia.

Sobre as poucas diferenças, nota-se que, no ponto 43, as autoras agrupam a ocorrência de [ka,rɔt] no rótulo *outras*, conservando a análise linguística da Carta 56R. Tal forma nesta pesquisa foi classificada como variante fônica de *cangote*, sendo incluída no agrupamento intitulado *cangote*, que reúne todas as variantes fônicas para esta lexia. Outra distinção pode ser observada para o ponto 5. De acordo com o Quadro 6, elaborado a partir da leitura dos símbolos fonéticos da Carta 56 do APFB (ROSSI, 1963), houve apenas *cangote* e *nuca* na localidade, mas, na Carta 56R do atlas e, conseqüentemente, na sua reedição, há também o símbolo correspondente a *outras*. Optou-se pelo rótulo *cabelouro* no Quadro 6, levando em conta a dicionarização das lexias; enquanto que, na Carta 56R e em sua reedição, conserva-se a monotongação, ao adotar o item não dicionarizado *cabeloro*. Por fim, destaca-se que as ocorrências de *toutiço* foram agrupadas sob o rótulo *outras* na Carta 56R e em sua reedição; já no Quadro 6, elaborado para esta dissertação, as ocorrências de *toutiço* estão discriminadas.

Figura 9 – Reedição da carta 56R do APFB (ROSSI, 1963)



Fonte: TELES; MOTA; RIBEIRO, 2018, p. 17-33.

#### 4.1.3 Observando os dados do Projeto ALiB

Foram registradas 77 respostas válidas e 18 não obtidas para a pergunta 104 do QSL<sup>43</sup> nas 22 localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB na Bahia.

As respostas não obtidas, conforme explicitado na seção primária Metodologia, ocorrem quando: i) o informante declara não saber ou não lembrar de um nome para o referente; ii) há unidades linguísticas fornecidas cujo significado não se aproxima do objeto da pergunta; iii) o inquiridor não realiza a pergunta ou fornece a resposta durante sua formulação e iv) não são possíveis de ser identificadas em função de problemas de ordem técnica.

Das 77 validadas, revelaram-se cinco formas linguísticas distintas, as quais, após os agrupamentos, resultaram em três grupos lexicais de acordo com o exposto no quadro a seguir.

<sup>43</sup> A formulação da pergunta prevê que o entrevistador aponte o local da nuca, enquanto questiona: “Como se chama isto?”

Quadro 7 – *Nuca*: agrupamentos lexicais

<b>Agrupamentos lexicais</b>	<b>Itens agrupados</b>
<b><i>cachaço</i></b>	<i>cachaço</i>
<b><i>cangote</i></b>	<i>cangote</i>
<b><i>nuca</i></b>	<i>nuca; nunca; nuqui</i>

Fonte: elaboração da autora.

Não houve variações para as formas fonéticas *cachaço* e *cangote* e, tendo em vista que se pretende descrever nesta pesquisa a variação lexical, foram neutralizadas as variantes fônicas *nuqui* e *nunca*.

Ademais, houve um tipo de resposta genérica, decorrente de problema de compreensão da pergunta por parte do informante, que não foi contabilizada, já que a maioria dos entrevistados forneceu outra lexia mais precisa após esclarecimentos do inquiridor quanto à natureza exata do referente buscado. A audição dos inquiridos mostrou que, em geral, *pescoço* (o todo) era a primeira resposta dada pelos informantes após a realização da pergunta pelo inquiridor, o qual procurou ratificar que se referia especificamente à região posterior do pescoço (a parte). Como forma de esclarecimento, foi comum entre os inquiridores o acréscimo da informação: “se cair e bater essa parte, a pessoa pode até morrer”. Na maioria dos casos, a explicação revelou-se suficiente para elucidar o objeto da pergunta 104:

- (01) INF. – Isso aí é o pescoço.  
 INQ. – Diz que é perigoso. Fulano caiu, não pode bater... é só o pescoço mesmo?  
 INF. – O pescoço... a *nuca*.  
 (Euclides da Cunha - BA / Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto).

Alguns inquiridores já adicionavam essa informação quando da primeira formulação da pergunta:

- (02) INQ. – Como é que chama essa parte daqui, ó, que, se der uma pancada até, a pessoa pode morrer?  
 INF. – *Cangote*, chamado.  
 INQ. – Essa partezinha só daqui.  
 INF. – Ah, sim, a *nuca*.  
 INQ. – Hum.  
 INF. – A *nuca* da pessoa, né? Chama de *nuca*, né, que é... é o encaixe, né, daqui, né?

INQ. – É. Chama de outro jeito?

INF. – Não, é *nuca* mesmo.

INQ. – Nuca, né?

INF. – É.

(Barreiras - BA / Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto).

Houve ainda outro dado utilizado por parte do inquiridor para complementar a questão 104 do QSL, porém menos frequente: “Ai! Estou com uma dor aqui...”. Mesmo com essas intervenções, alguns poucos informantes mantiveram a resposta inicial *pescoço* ou outras respostas como *fonte*, *espinha*, *espinhaço*, *coluna* e *engasgo do pescoço*, que foram reunidas sob o rótulo de *não obtidas*, contabilizando 18 ocorrências.

Em síntese, nos casos em que o informante, após fornecer *pescoço*, por exemplo, trouxe, adicionalmente, outra resposta, como mostra o extrato de entrevista do exemplo (01), *pescoço* foi resposta não contabilizada. Já nas situações em que o informante apenas fornece *pescoço*, mesmo com as tentativas do inquiridor de esclarecimento quanto à região a que a pergunta se refere, *pescoço* foi resposta contabilizada e rotulada de *não obtida*.

Para as demais lexias (*fonte*, *espinha*, *espinhaço*, *coluna* e *engasgo do pescoço*), seguiu-se o mesmo raciocínio: quando fornecidas sozinhas, também foram classificadas como *não obtidas* por conta de seus significados não se relacionarem com o objeto da pergunta. *Pescoço* não foi resposta válida, por não ser um termo específico para nomear o referente, além de decorrer de problema de compreensão/formulação da pergunta<sup>44</sup>.

#### 4.1.3.1 Análise estatística

A análise estatística dos dados foi realizada com base nos agrupamentos definidos: *cachaço*, *cangote* e *nuca*. Verificou-se, inicialmente, o percentual de ocorrência de cada um dos grupos lexicais. Para tanto, foi contabilizada a quantidade de vezes que determinada lexia surgiu nas vozes dos informantes em relação ao total geral das respostas válidas documentadas, chegando-se aos dados sistematizados na Tabela 2 e no Gráfico 3.

---

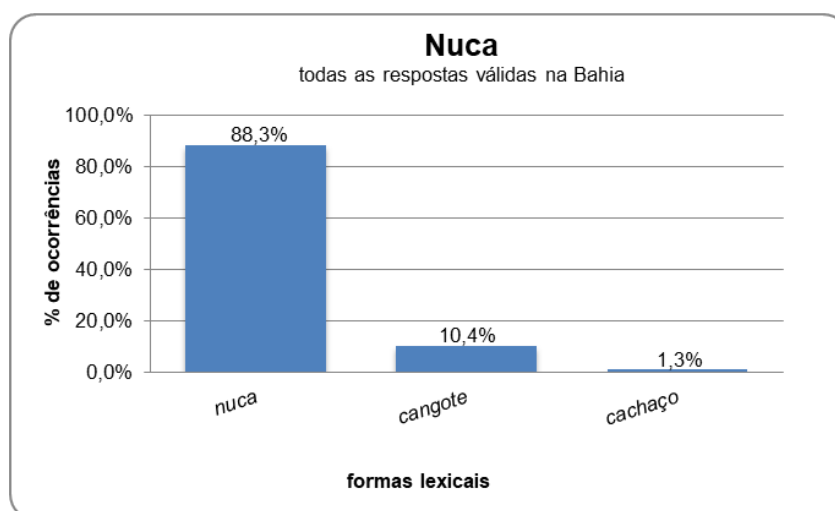
<sup>44</sup> Ver a distinção na seção primária Metodologia entre as respostas não contabilizadas e as contabilizadas como não obtidas.



Tabela 2 – *Nuca*: frequência por ocorrência dos grupos lexicais

Agrupamentos lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>nuca</i>	68	88,3%
<i>cangote</i>	8	10,4%
<i>cachaço</i>	1	1,3%
<b>Total</b>	<b>77</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: elaboração da autora.

Gráfico 3 – *Nuca*: percentual de ocorrência dos grupos lexicais na Bahia

Fonte: elaboração da autora.

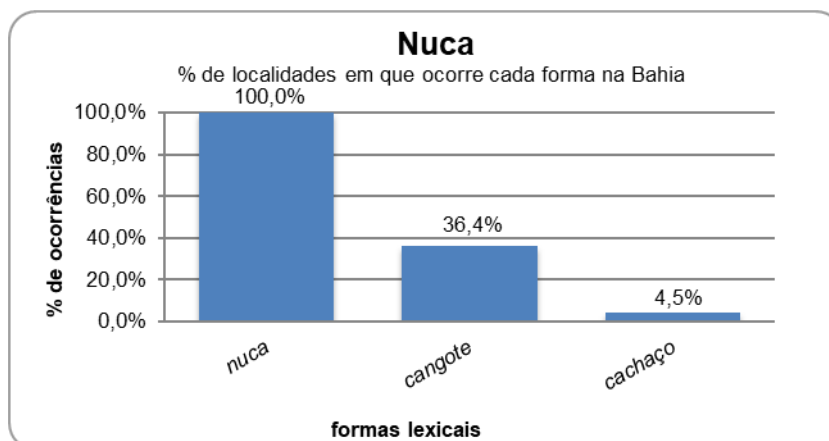
Os dados revelam que *nuca* foi a resposta mais frequente, com 88,3% de ocorrência, seguida de *cangote*, com 10,4%, e *cachaço*, com 1,3%.

Verificou-se, em seguida, o percentual de presença dos grupos lexicais para *nuca* nas 22 localidades da Bahia, obtido por meio da relação entre a quantidade total de cidades e a quantidade de cidades em que a lexia foi documentada. Os resultados estão demonstrados em valor absoluto e em percentual na Tabela 3 e no Gráfico 4.

Tabela 3 – *Nuca*: frequência por presença em localidades dos grupos lexicais

Agrupamentos lexicais	Localidades: Total absoluto	Localidades: Total relativo
<i>nuca</i>	22/22	100,0%
<i>cangote</i>	8/22	36,4%
<i>cachaço</i>	1/22	4,5%

Fonte: elaboração da autora.

Gráfico 4 – *Nuca*: percentual de presença dos grupos lexicais na Bahia

Fonte: elaboração da autora.

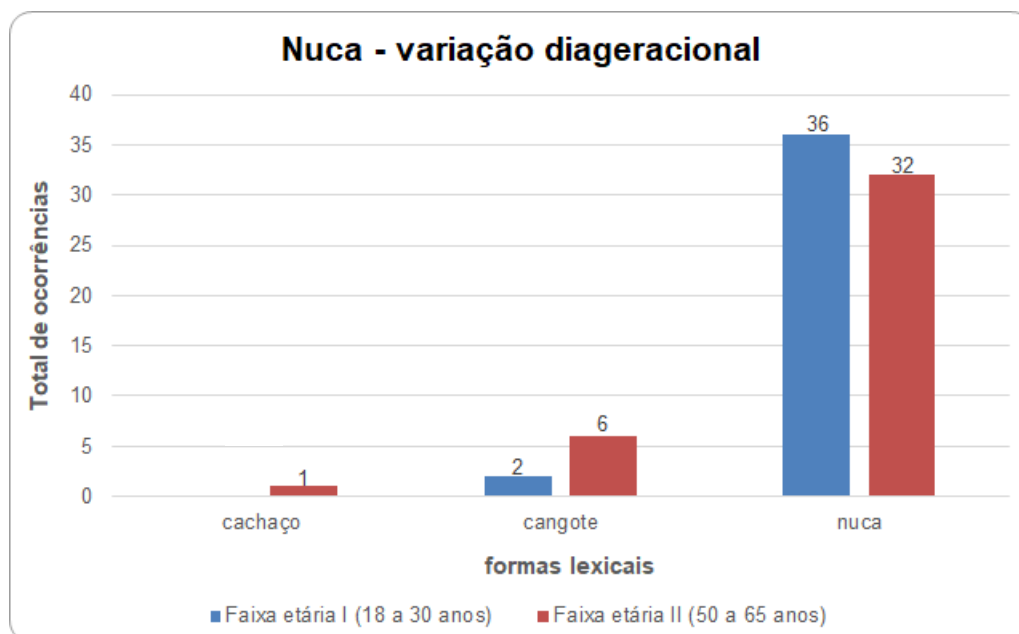
Nota-se que *nuca* é a única lexia presente em todas as localidades da Bahia, e *cangote* e *cachaço* possuem, respectivamente, 36,4% e 4,5% de frequência por presença nas localidades. Esses índices de frequência por presença nas localidades se assemelham aos índices de frequência por ocorrência encontrados: *nuca*, além de ser a forma mais frequente no Estado, figura em todas as localidades; *cangote* desponta em seguida, com um índice de ocorrência e presença nas localidades bem menor do que a forma de *languê nuca* e, por fim, há o item *cachaço*, que apresentou apenas uma ocorrência em uma localidade.

Os dados também foram observados sob o ponto de vista diageracional, considerando a frequência por ocorrência de cada grupo lexical e contrastando os valores absolutos obtidos pelas duas faixas etárias. Com base na interpretação da Tabela 4 e do Gráfico 5, tem-se que *cachaço*, na amostra, foi unidade utilizada apenas por um informante da Faixa II. *Cangote* é unidade presente nas duas faixas etárias, no entanto é mais frequente na fala dos informantes de Faixa II, uma vez que seis das oito ocorrências de *cangote* se concentram nesta faixa. *Nuca*, por sua vez, apresenta índices de ocorrência aproximados, quando comparados os valores obtidos entre as duas faixas etárias.

Tabela 4 – *Nuca*: variação diageracional

Grupos lexicais	Total absoluto Faixa I	Total absoluto Faixa II	Total de ocorrências
<i>cachaço</i>	0	1	1
<i>cangote</i>	2	6	8
<i>nuca</i>	36	32	68

Fonte: elaboração da autora.

Gráfico 5 – *Nuca*: variação diageracional

Fonte: elaboração da autora.

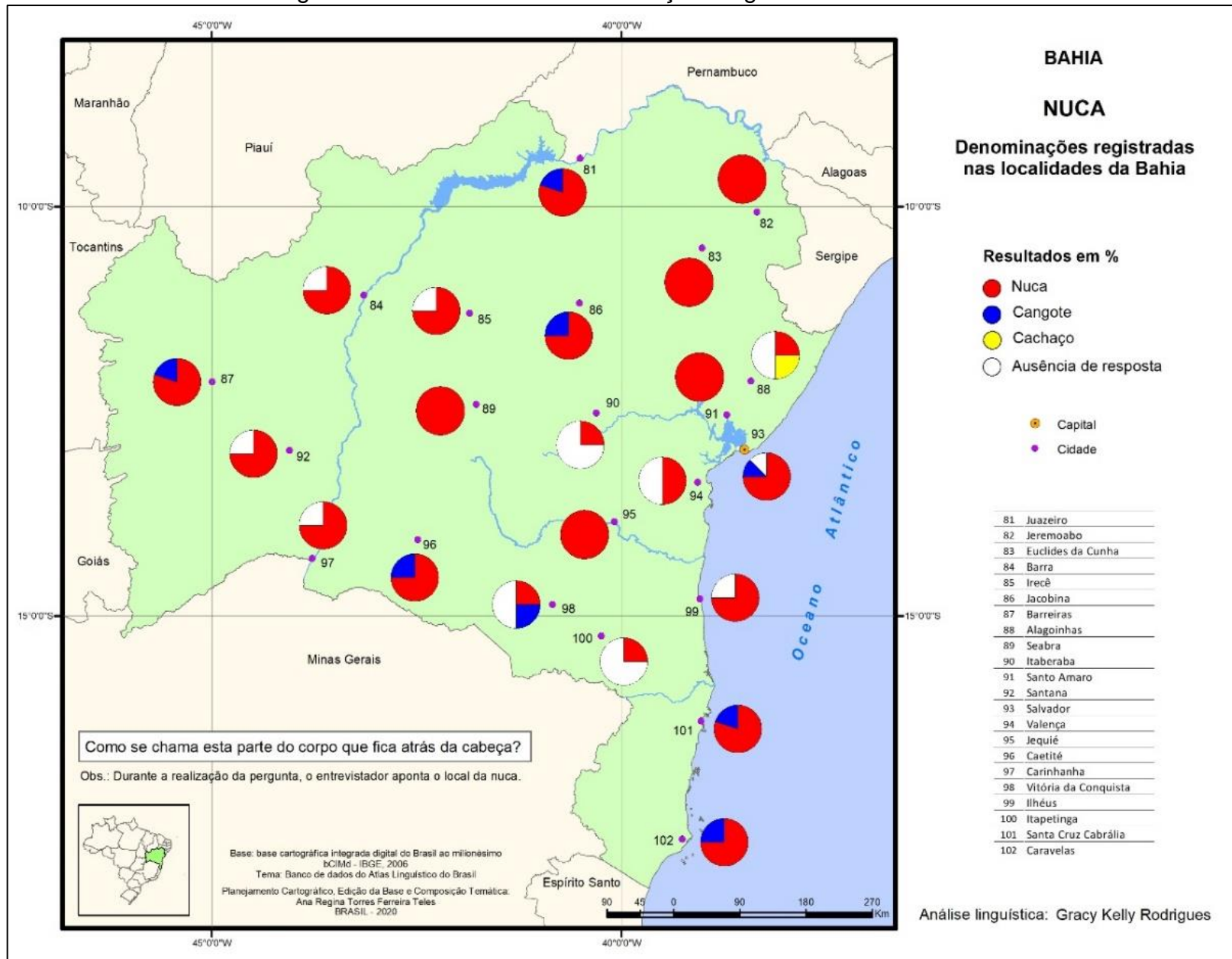
Ao analisar os dados sob o ponto de vista diageracional, revelaram-se itens lexicais, *cachaço* e *cangote*, que parecem estar presentes na memória linguístico-cultural de um grupo de falantes. Apesar do baixo índice de ocorrência, sobretudo para *cachaço*, essas formas, evidenciadas na fala de pessoas mais velhas, podem indicar uma identidade social de faixa etária, ajudando a desvelar informações sobre o passado. Um olhar diacrônico, a partir da comparação entre os *corpora* Projeto ALiB e APFB (ROSSI, 1963), a ser apresentado na seção 4.1.4, é essencial para que essas pistas sejam estudadas.

#### 4.1.3.2 Cartografia

A Carta NUCA, que se apresenta a seguir, demonstra que não há regiões específicas na Bahia de predomínio de determinado item lexical para nomear a parte posterior do pescoço, não sendo possível, portanto, estabelecer áreas ou subáreas dialetais com os dados do Projeto ALiB a partir da aplicação da pergunta 104 do QSL.

Percebe-se que *nuca* está distribuída amplamente por todo o território baiano e aparece em todos os 22 pontos de inquéritos do Projeto no Estado, configurando norma na região, pois atende aos princípios de alta frequência e distribuição regular. *Cangote* aparece, junto à *nuca*, em oito localidades espalhadas pelo território baiano. São elas: Juazeiro (ponto 081), Jacobina (ponto 086), Barreiras (ponto 087), Salvador (ponto 093), Caetité (ponto 096), Vitória da Conquista (ponto 098), Santa Cruz Cabralia (ponto 101) e Caravelas (ponto 102). A lexia *cachaço* foi documentada em uma única localidade, Alagoinhas (ponto 088). O exposto pode ser observado por meio da Figura 10, que segue.

Figura 10 – Carta NUCA: denominações registradas nas localidades da Bahia



Fonte: Elaborado por Ana Regina T. F. Teles a partir de análise linguística dos dados do Projeto ALiB realizada por Gracy Kelly S. Rodrigues.

#### 4.1.3.3 Comentários às falas dos informantes

Nesta seção, são trazidos os trechos de fala que acompanham as lexias fornecidas pelos informantes durante a entrevista linguística do Projeto ALiB. Nota-se que, nem sempre, o informante tece comentários acerca da lexia trazida. A explicação do informante sobre o uso da forma conhecida por ele pode ser dada espontaneamente ou por meio de questionamentos realizados pelo entrevistador. No primeiro caso, uma personalidade menos inibida e mais entregue ao contexto da entrevista pode favorecer uma resposta com mais nuances, contendo, por exemplo, comentários diageracionais, diastráticos, diafásicos, diassexuais, tabuísticos etc. No segundo caso, a depender do estilo de inquérito realizado pelo entrevistador, apenas o fornecimento da lexia pode ser tido como suficiente para a validação da resposta e continuação da entrevista.

Para a pergunta 104. *Nuca* do QSL, apenas um informante traz uma explicação para o uso da forma por ele conhecida. O trecho contendo essa resposta foi reproduzido como epígrafe na abertura da subseção 4.1 *NUCA* e é exposto a seguir:

- (03) INQ. – Como se chama isto? (Entrevistador aponta o local da nuca.)  
 INF. – Isso aí é... per'aínda... o *cachaço*, que o pessoal ignorante chama *cachaço*. Mas tem outro nome.  
 INQ. – É? Se levar aqui uma pancada, a pessoa...  
 INF. – É. Fulano levou uma pancada no *cachaço*, morreu.  
 (Alagoinhas - BA / Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto).

Neste trecho, a informante associa o item *cachaço* ao uso das pessoas as quais considera ignorantes. É interessante observar que, apesar de indicar a existência de outro nome para o objeto da pergunta, a informante apenas lembra a designação *cachaço*, estigmatizada por ela mesma. Esse estigma materializado em “pessoal ignorante” relaciona-se ao preconceito de classe social, intimamente ligado ao preconceito linguístico, haja vista que tal classificação possui teor negativo e, assim como outras semelhantes, é direcionada a pessoas com pouco estudo formal e pertencentes às camadas mais populares do país. É um discurso advindo das elites e absorvido pelas outras classes, incluindo as camadas mais populares que, não raro, estigmatizam o próprio jeito de falar.

Do ponto de vista estatístico, os dados para *cachaço* não são suficientes para um estudo diastrático, pois houve apenas uma ocorrência para o APFB (ROSSI, 1963) na localidade de Água Fria (ponto 19) e uma ocorrência para o Projeto ALiB na localidade de Alagoinhas (ponto 88). Portanto, não se pode afirmar que a forma *cachaço* é alusiva a alguma classe social.

#### 4.1.4 Comparação entre os dados do APFB (ROSSI,1963) e do Projeto ALiB

A análise comparativa entre os dados do APFB (ROSSI,1963) e as entrevistas linguísticas do Projeto ALiB resultaram na confecção da carta exibida na Figura 11. A comparação estabelecida entre as nove localidades em comum dos *corpora* permite verificar que há formas para denominar a região posterior do pescoço que aparecem apenas no APFB (ROSSI,1963). São elas: *cabelouro*, presente em cinco localidades do atlas, e *toutiço*, em três. Ambas as lexias têm pouca vitalidade nas localidades pesquisadas na década de 60 pelo atlas, além de não figurarem nos pontos de inquérito do Projeto ALiB. Com isso, acredita-se que *cabelouro* e *toutiço* são designações que podem estar entrando em desuso, ao considerar os dados da década de 60 do século XX e esta pequena amostra do Projeto ALiB no século XXI, para denominar a parte do corpo equivalente à *nuca*, o que não quer dizer que as formas não possam ter vitalidade relativamente a outros estudos.

Observa-se que *cangote*, apesar de estar mais presente nos dados do passado (em seis das nove localidades em comum), ainda permanece com certa vitalidade nos dados colhidos pelo Projeto ALiB no início dos anos 2000, ocorrendo em quatro pontos de inquérito.

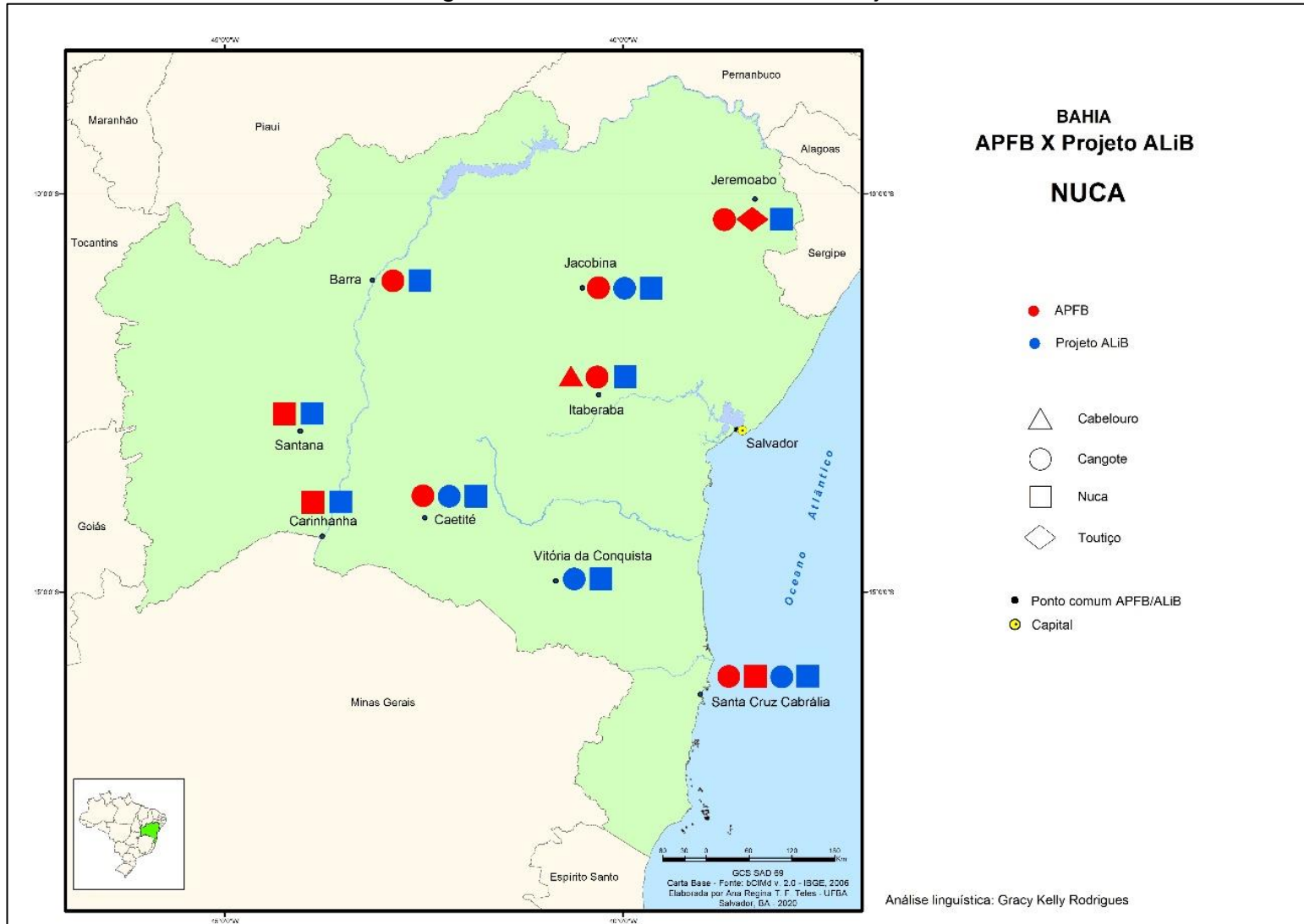
A lexia *nuca* aparenta ter tomado caminho oposto ao que se verifica para *cangote*. *Nuca* é unidade lexical que está presente no APFB (ROSSI, 1963), porém de maneira mais tímida, quando comparada à presença de *cangote* no atlas. De modo contrário, *nuca*, nos dados do Projeto ALiB, tem maior vitalidade: aparece em todas as nove localidades em comum, além de ocorrer nos demais pontos de inquérito da Bahia; enquanto que há uma diminuição da presença de *cangote* em relação ao que foi registrado para o APFB (ROSSI, 1963).

O estudo da variação diageracional para os dados do Projeto ALiB, apresentado na seção 4.1.3.1 *Análise Estatística*, apontou pistas de que as variantes *cachaço* e *cangote* poderiam ser formas mais características da fala de pessoas mais

velhas. Quanto à lexia *cangote*, a pista trazida na análise da variação diageracional – o fato de os informantes de faixa II concentrarem 75% das ocorrências para a variante, indicando que o item lexical pode fazer parte de uma identidade social de faixa etária – é confirmada ao revisitar os dados do passado, pois, no APFB (ROSSI, 1963), *cangote* demonstrou vitalidade no que se refere a sua presença nos pontos de inquérito. Não houve ocorrência de *cachaço* nas nove localidades em comum, apesar de ter sido registrado nos *corpora* em localidades não coincidentes. Ressalta-se também que *cachaço* não tem presença significativa em termos estatísticos tanto para os dados do Projeto ALiB quanto para os dados do APFB (ROSSI, 1963), considerando o total das localidades, em razão da lexia ter sido documentada em apenas um ponto de inquérito em ambos os *corpora*. Por isso, quanto à *cachaço*, a pista trazida na seção 4.1.3.1 *Análise Estatística*, que indica que *cachaço* poderia ser lexia característica da fala de pessoas mais velhas, não pode ser confirmada considerando apenas o recorte desta pesquisa. Para o APFB (ROSSI, 1963), Vitória da Conquista não tinha dados cadastrados/cartografados, o que não quer dizer que tais/algumas formas não existissem na localidade à época.



Figura 11 – Carta NUCA: APFB X Projeto ALiB



Fonte: Elaborado por Ana Regina T. F. Teles a partir de análise linguística dos dados do Projeto ALiB realizada por Gracy Kelly S. Rodrigues.

INQ. – Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro?  
(Entrevistador aponta o local da clavícula.)

INF. – Chama-se... per'aínda... eu sei. Cavícula, né?

INQ. – Ah. Tem outro jeito de chamar? Porque, eu, por exemplo...

INF. – O pessoal chamava cantarera. “Cantarera ‘tá doendo”. Agora, chama cavícula.

(Alagoinhas - BA / Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto).

## 4.2 CLAVÍCULA

Figura 12 – Região correspondente à clavícula



Fonte: Disponível em: <<http://drwanderama.com.br/problemas-e-lesoes/fratura-da-clavicula>>. Acesso em: 31 dez. 2020.

Situada na região superior e anterior do tórax, a clavícula – do latim *clavicula*, diminutivo de *clavis* (chave) – é um osso par<sup>45</sup>, recurvado e alongado, que se apresenta horizontalmente em forma de S, unindo o tronco ao ombro, com a função de auxiliar na movimentação dos membros superiores. A clavícula é um dos ossos do corpo humano mais suscetíveis a fraturas, sobretudo em sua parte central, em razão de o osso ser mais fino nesta região além de possuir menor reforço muscular e ligamentar. É uma fratura comum durante o período da infância e pode ocorrer devido a uma queda sobre o ombro ou sobre um braço estendido ou mesmo em decorrência de um impacto direto, sendo tratada geralmente com imobilização e apenas ocasionalmente com cirurgia.<sup>46</sup>

É também um osso conhecido do esqueleto humano por ser palpável em toda a sua extensão. Dito isso, com objetivo de verificar o uso de outras designações na Bahia, para além de *clavícula*, forma de prestígio utilizada pela medicina, foi realizada esta pesquisa, como previsto na metodologia, com os dados do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB, que registram as seguintes unidades lexicais para nomear esse

---

<sup>45</sup> Um osso par é aquele que apresenta outro osso semelhante situado na lateral oposta do corpo.

<sup>46</sup> As informações fornecidas sobre a clavícula foram adaptadas da definição contida no Aulete Digital (2006) e do material disponível no site: <<http://drwanderama.com.br/problemas-e-lesoes/fratura-da-clavicula>>.

conhecido osso: *cantareira*, *clavícula*, *osso da fome* e *sangrador*, sendo que a última pertence apenas ao atlas da década de 60.

#### 4.2.1 Pesquisa em obras lexicográficas

A seguir serão apresentados os resultados obtidos por meio da pesquisa nos dicionários Aulete Digital (AULETE; VALENTE, 2006), Dicionário da Língua Portuguesa (SILVA, Antonio, 1789) e Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (SILVA; SILVA; VIANA, 2007) quanto à significação das lexias *cantareira*, *clavícula*, *osso da fome* e *sangrador*, nesta ordem. Indica-se também o *corpus* onde cada forma foi encontrada:

##### a) *cantareira* – APFB (ROSSI,1963); Projeto ALiB

O Dicionário Aulete Digital (2006) registra o verbete *cantareira* apenas na sua versão original. *Cantareira* é definida como uma espécie de poial ou laje onde, na cozinha, se colocavam os cântaros<sup>47</sup> de água para não umedecerem o pavimento. Indica-se também que *cantareira* pode ser o mesmo que prateleira em português provençal. O Dicionário traz, na sua terceira acepção, *cantareira* com sentido de *clavícula*, apontando ser um brasileirismo.

No Dicionário da Língua Portuguesa (1789), ao verbete *cantareira* está atrelada apenas uma definição, a saber: “posto ou comodidade onde se põem cântaros”.

O Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007) não apresenta verbete para a lexia *cantareira* e no verbete *clavícula*, que será descrito a seguir, não há registro de variantes.

##### b) *clavícula* – APFB (ROSSI,1963); Projeto ALiB

Na versão original do Aulete Digital (2006), tem-se como primeira significação para o verbete *clavícula*: “osso situado na parte dianteira do ombro e que articula com

---

As definições a seguir foram adaptadas de Aulete Digital (2006):

<sup>47</sup> Vaso grande com gargalo utilizado para armazenar água ou outros líquidos.

o esterno<sup>48</sup> e a omoplata<sup>49</sup>". Há ainda uma segunda definição relacionada à anatomia de insetos de seis patas: "primeiro artículo das pernas anteriores dos insetos hexápodes". Esse segundo sentido não está presente no verbete atualizado da obra, que traz uma definição diferente e ampliada da primeira acepção para *clavícula* registrada no verbete original.

Na versão atualizada, conserva-se o dado acerca da articulação com o esterno e com a omoplata e adicionam-se informações a respeito das características do osso, que são dois, alongados e recurvados, capazes de movimento rotatório sobre o próprio eixo. Sobre a localização, são situados na parte superior do tórax, unindo-o ao ombro. Há também um comentário sobre a motivação semântica para tal denominação. O nome *clavícula* (do latim *clavicula*, *ae* – pequena chave) teria sido escolhido em função do giro do objeto, que faria alusão ao movimento de rotação que a *clavícula* é capaz de realizar.

O Dicionário da Língua Portuguesa (1789) traz a entrada *claviculas* (forma plural e sem acento), a qual define como dois ossos que cerram o peito junto ao pescoço, e cita, em seguida, a denominação *furculas*<sup>50</sup>. A entrada *furculas*, por sua vez, faz remissão às formas *azilha* e *claviculas*. *Azilha* não é entrada no Dicionário e também não está registrada nas demais obras consultadas.

O Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007) apresenta, de maneira concisa, o significado para a entrada *clavícula*: "osso ligado ao esterno e à omoplata". Na obra, não foram apontadas variantes.

---

<sup>48</sup> Osso localizado no tórax dos animais vertebrados e que possui formato achatado. No ser humano, o esterno se articula com as sete primeiras costelas e com as duas clavículas.

<sup>49</sup> É o mesmo que escápula. Possui formato triangular e é um osso largo e chato, que compõe a articulação do ombro.

<sup>50</sup> O Aulete Digital (2006), em sua versão atualizada, registra as seguintes definições para o verbete *fúrcula*:

"1. Anat. Chanfadura na parte superior do esterno.

2. Anat. Zool. Ossinho em forma de forquilha formado pela solda das duas clavículas de uma ave [Tb. chamado 'osso da sorte', pelo costume de puxarem-no duas pessoas, uma em cada segmento, até separar as duas partes, acreditando-se ser bafejada pela sorte aquela que ficar com a parte da junção soldada ao segmento que levou.].

3. Apêndice no quarto segmento abdominal dos colêmbolos (insetos), que o utilizam para saltar.

[F.: Do lat. *furcula* 'forquilha', dim. de *furca* 'forca'.]

Já na versão original da obra, o verbete é definido da seguinte maneira:

"s. f. || (anat.) nome antigo da parte superior do esterno. || Fúrcula do esterno 1. chanfradura na parte superior do esterno. F. lat. *Fúrcula* (forquilha)."

c) *osso da fome* – APFB (ROSSI,1963); Projeto ALiB

*Osso da fome*, como esperado, não é entrada em nenhuma das obras e tampouco há menção a essa unidade fraseológica nas definições arroladas para o verbete *osso*.

Realizada a consulta ao verbete *osso*, observou-se o registro de um número considerável de unidades fraseológicas, como se vê a seguir: *osso de borboleta*, *osso de vidro*, *ossos do ofício*, *cavalo com osso*, *moer os ossos*, *osso de correr*, *osso marmorizado*, *osso alveolar*, *osso íliaco* etc.

d) *sangrador* – APFB (ROSSI,1963)

A versão original do Aulete Digital (2006) admite para o verbete *sangrador*: “que ou o que sangra, mormente por ofício” e faz remissão a *sangradouro* como brasileirismo e forma sinônima. A versão atualizada do Dicionário, além da acepção “que ou aquele que sangra”, indica que *sangrador* pode ser também o “canal pelo qual se desvia o excesso de água de um rio, açude etc.”. Este canal é conhecido igualmente como *sangradouro*. Nos verbetes original e atualizado, para *sangradouro*<sup>51</sup>, aparecem outras acepções, além daquelas encontradas em *sangrador*. Uma delas, a que mais se relaciona com a pergunta *clavícula*, é o “lugar no pescoço junto ao peito dos animais onde é dado o golpe para matá-los”. Indica-se que *sangradouro* neste sentido é um brasileirismo.

As lexias *sangrador* e *sangradouro* são entradas no Dicionário da Língua Portuguesa (1789). *Sangrador* é “o que sangra por ofício” e *sangradouro* é “a parte interior do braço, oposta ao cotovelo, onde se pica a veia”. Não há registro de formas remissivas para os dois verbetes.

---

<sup>51</sup> Tendo em vista a similaridade com o disposto no verbete original, são reproduzidas a seguir as acepções para a entrada *sangradouro* referentes apenas ao que consta do verbete atualizado do Aulete Digital (2006).

1. Med. Parte do braço oposta ao cotovelo onde outrora se praticava a sangria.
2. Bras. Local por onde escorrem os dejetos; BUEIRO; ESCOADOURO.
3. Bras. O lugar no pescoço junto ao peito dos animais onde é dado o golpe para matá-los.
4. Bras. P.ext. Fig. Peça de carne que se tira deste lugar.
5. Local aonde a água de um rio ou de uma fonte se desvia para outra direção.
6. Garganta entre serras onde, durante as enchentes, as águas se acumulam.
7. Canal natural que liga dois rios, dois lagos ou um rio e uma lagoa.

[F.: *sangrar* + *-douro*]

Ambas as designações *sangrador* e *sangradouro* não estão documentadas no Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007).

Com base na pesquisa aos Dicionários, percebeu-se que a metáfora foi um recurso comumente utilizado pelos informantes baianos ao nomear o osso que une o tronco ao ombro.

Embora não seja objetivo desta dissertação descrever as formas linguísticas do ponto de vista motivacional<sup>52</sup>, é interessante destacar que o item lexical *cantareira* para designar o osso (ou os ossos) de apoio dos membros superiores do corpo humano é bastante motivado. Ao se observar o formato dos cântaros e a prateleira, que pode servir de apoio para os vasos, temos uma imagem bastante próxima da visão que se observa ao visualizar o corpo humano em posição frontal. Veja-se a Figura 13 que segue.

Figura 13 – Cântaros dispostos em uma cantareira



Fonte: Disponível em: <<https://www.olx.pt/d/anuncio/cantareira-antiga-IDHgKkc.html>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

---

<sup>52</sup> Sobre arbitrariedade do signo linguístico *versus* não arbitrariedade, sugere-se visita à obra de Saussure (1916).

A metáfora que recobre a utilização da designação *cantareira* – cujo sentido original, como dito e exposto, remete ao lugar onde, na cozinha, se põem os cântaros – para nomear tal osso já foi discutida em Cardoso (1997):

A metáfora no caso parece transparente: da associação que se pode estabelecer entre a prateleira para cântaros – a cantareira – e o ombro, com base na clavícula, em que se carregava, ou talvez se carreguem ainda, cântaros, provavelmente nasceu a denominação *cantareira* para clavícula [...] mas a ausência de cântaros, hoje, talvez explique o fato que levou a que se perdesse a idéia da motivação. (CARDOSO, 1997, p.40).

Ou seja, a metáfora contida na designação *cantareira* para o referido osso se assenta em questões socioculturais, haja vista que o ambiente físico-cultural se refletia no uso do utensílio reverberando no uso linguístico. Esse entendimento está de acordo com a ideia postulada por Sapir (1969), autor pioneiro a defender, conforme o exposto no texto “Língua e Ambiente”<sup>53</sup>, que o ambiente físico e, sobretudo, o cultural se reflete no léxico das línguas.

Assim, para além da ausência/presença de registro de lexias de caráter regional em obras lexicográficas, importa também considerar, neste caso, o aspecto motivacional de que vem carregada a forma linguística registrada na pesquisa dialetal.

A metáfora presente no item lexical *osso da fome*, o qual também foi estudado por Cardoso (1997) quando da análise comparativa entre os dados do APFB (1963) e do ALS (1987), vem assim abordada pela autora:

A metáfora é muito clara: o estado de desnutrição e de fome conduzem a que se apresente de forma saliente o osso ântero-superior do tórax que se articula por um lado com a omoplata e pelo outro com o externo, embora se saiba, obviamente, que certas estruturas ósseas, independente de desnutrição ou fome, podem apresentar expostos esses dois ossos. (CARDOSO, 1997, p.40).

Conforme ilustra a Figura 14, observando-se o corpo humano de pessoas magras, percebem-se com mais nitidez os ossos pares e uma cavidade que se forma na região. Tal aspecto pode aqui ser considerado como uma analogia ao corpo

---

<sup>53</sup> “Língua e Ambiente”, publicado em 1969, é a tradução feita por Joaquim Mattoso Câmara Jr. do texto *Language and environment*, originário de conferência feita por Sapir, em 1911, na Associação Antropológica Americana, e publicado, no ano seguinte, na revista *American anthropologist*.



humano de pessoas que passam por privação alimentar ou estão desnutridas, as quais, em sua maioria, apresentam vários ossos salientes e bastante visíveis.

Figura 14 – Ossos salientes em criança desnutrida



Fonte: Disponível em: <<https://ofsbc.wordpress.com/2012/07/20/africa-um-milhao-de-criancas-desnutridas/>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

No que concerne à lexia *sangradouro*, variante de *sangrador*, com a acepção de “lugar no pescoço junto ao peito dos animais onde é dado o golpe para matá-los”, evidencia-se, por meio do uso de uma designação reservada à anatomia dos animais para nomear uma parte do corpo do ser humano, a forte relação do homem rural com a natureza, em especial no trato com animais. É oportuno lembrar que os informantes do APFB (1963) atendiam ao perfil rural, sedentário e analfabeto ou semianalfabeto, o que explica o uso de *sangrador* para o osso da clavícula, nada obstante a ocorrência única no *corpus*. A proximidade da região da clavícula humana com a região do sangradouro dos animais justifica a metáfora.

Pode-se recuperar, do mesmo modo, a partir da definição para *clavícula* no Aulete Digital (2006), a utilização de metáfora ao relacionar o movimento de rotação que o osso é capaz de realizar ao giro de uma chave (*clave*, em latim) nas fechaduras das portas. Assim como na língua cotidiana, a metáfora, significativa fonte de criação neológica, é um recurso comumente utilizado no meio técnico e científico ao proporem novos termos, a exemplo do ocorrido para o item lexical *clavícula*. A título de ilustração, podem-se citar alguns termos técnico-científicos originários de metáforas: na Geografia, *garganta* (de desfiladeiro); na Informática, *memória* (de computador);

na Genética, *dupla hélice* (do DNA); nas Ciências Sociais, *pressão social*; na Zoologia, *peixe agulha* etc.

A despeito da criatividade dos falantes quanto às projeções metafóricas para a conceptualização da parte do corpo estudada, apenas um dicionário dentre os pesquisados, o Aulete Digital (2006), faz registro de outra lexia, que não a forma de *langue clavícula*, com a acepção anatômica pretendida, considerando o *corpus* apresentado.

O Quadro 8 apresenta uma síntese da pesquisa nos dicionários, focalizando a dicionarização (D), a não dicionarização (ND) e a dicionarização com outra acepção (DOA) das unidades lexicais pesquisadas.

Quadro 8 – *Clavícula*: dicionarização das formas lexicais

Formas lexicais	Dicionários consultados		
	Aulete Digital (2006)	Dicionário da Língua Portuguesa (1789)	Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007)
<i>cantareira</i>	D	DOA	ND
<i>clavícula</i>	D	D	D
<i>osso da fome</i>	ND	ND	ND
<i>sangrador</i>	DOA	DOA	DOA

Legenda: D – dicionarizado; ND – não dicionarizado; DOA – dicionarizado com outra acepção.

Fonte: elaboração da autora.

#### 4.2.2 Observando o APFB (ROSSI, 1963)

O estudo dos dados do APFB (1963) foi efetuado a partir da análise da Carta 57 (*Clavícula*) do atlas (cf. Anexo C). O primeiro passo foi realizar a transcrição grafemática dos símbolos fonéticos que constam da carta. Em seguida, neutralizar variações fônicas e organizar as lexias resultantes desse processo no quadro a seguir, que relaciona os itens lexicais às respectivas localidades em que foram encontrados.

Quadro 9 – Formas lexicais para *clavícula* no APFB (ROSSI, 1963): todas as localidades

Nº do ponto	Nome da localidade	Formas lexicais
1	Abadia	<i>clavícula</i> ; <i>osso da fome</i>

<b>Nº do ponto</b>	<b>Nome da localidade</b>	<b>Formas lexicais</b>
2	Aporá	<i>osso da fome</i>
3	Rio Fundo	<i>cantareira; clavícula</i>
4	Santiago do Iguape	<i>cantareira; clavícula</i>
5	Abrantes	<i>cantareira</i>
6	Velha Boipeba	<i>cantareira</i>
7	Faisqueira	<i>cantareira</i>
8	Poxim do Sul	<i>cantareira</i>
9	Santa Cruz Cabralia	<i>cantareira; sangrador</i>
10	Buranhém	<i>cantareira; clavícula</i>
11	Prado	<i>cantareira; clavícula</i>
12	Mucuri	<i>clavícula</i>
13	Jeremoabo	<i>cantareira; osso da fome</i>
14	Monte Santo	<i>cantareira; clavícula</i>
15	Mirandela	<i>cantareira</i>
16	Vila Velha	<i>osso da fome</i>
17	Conceição do Coité	<i>cantareira</i>
18	Ipirá	<i>cantareira</i>
19	Água Fria	<i>cantareira</i>
20	Pedra Branca	<i>cantareira</i>
21	Maracás	<i>cantareira</i>
22	Jiquiriçá	<i>cantareira</i>
23	Boa Nova	<i>cantareira</i>
24	Vitória da Conquista	NO
25	Encruzilhada	<i>cantareira</i>
26	Campo Formoso	<i>cantareira</i>
27	Jacobina	<i>cantareira</i>
28	Mundo Novo	<i>cantareira</i>
29	Itaberaba	<i>cantareira</i>
30	Morro do Chapéu	<i>cantareira</i>
31	Brotas de Macaúbas	<i>cantareira</i>
32	Iraporanga	NO
33	Mato Grosso	NO
34	Macaúbas	<i>cantareira</i>
35	Caitité (Caetité)	<i>cantareira</i>
36	Condeúba	<i>cantareira; clavícula</i>
37	Rodelas	NO
38	Pambu	NO
39	Carnaíba do Sertão	NO
40	Sento Sé	<i>cantareira</i>
41	Pilão Arcado	NO
42	Barra	<i>cantareira</i>
43	Paratinga	<i>cantareira</i>

Nº do ponto	Nome da localidade	Formas lexicais
44	Santana	<i>cantareira</i>
45	Carinhanha	<i>cantareira</i>
46	Ibipetuba (Santa Rita de Cássia)	<i>cantareira</i>
47	Taguá	<i>cantareira</i>
48	Correntina	<i>cantareira</i>
49	São Desidério	NO
50	Ibiranhém	<i>cantareira</i>

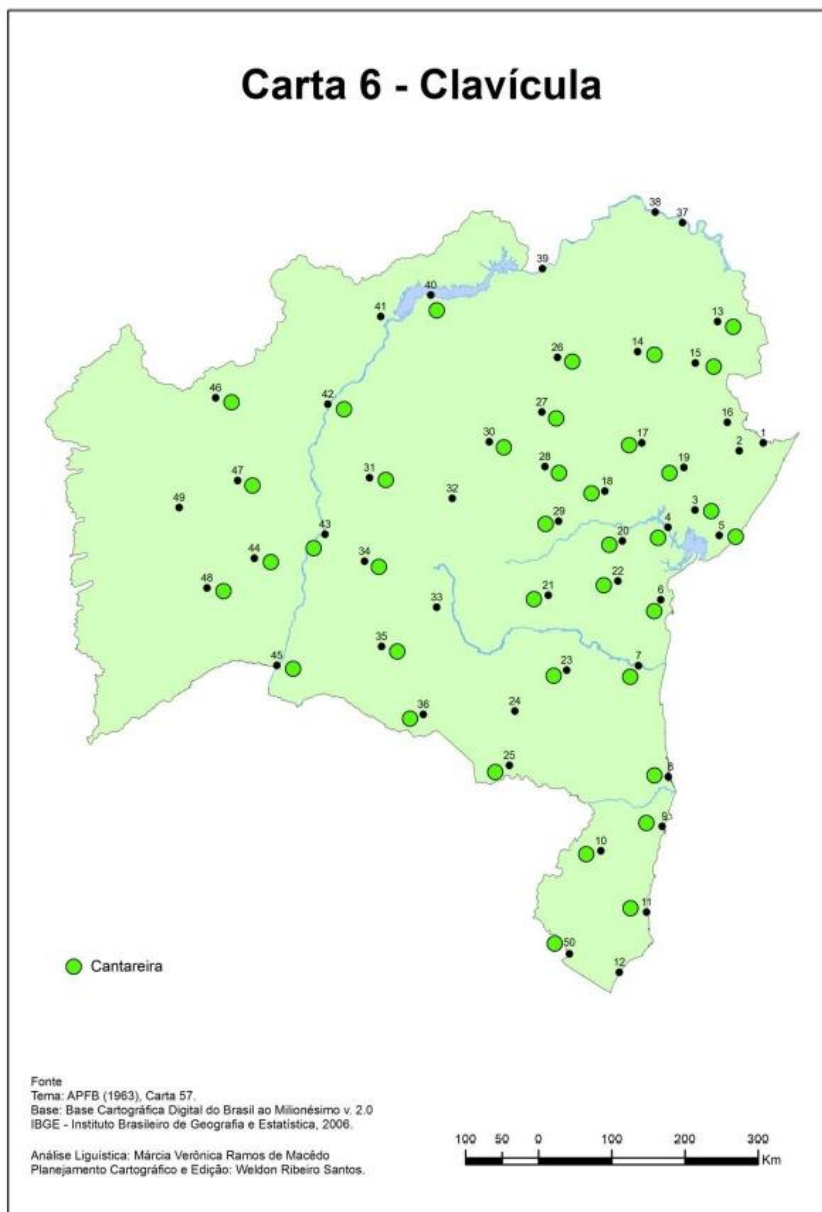
Fonte: elaboração da autora.

*Cantareira* foi largamente documentada na Bahia da década de 60, com presença em 38 localidades (76%), de acordo com o Quadro 9, dando pistas de que essa denominação poderia ser a norma da região para designar o osso alongado e encurvado que une o tronco ao ombro.

Todas as outras respostas foram menos expressivas: *clavícula* documenta-se apenas em oito localidades (16%). São elas: Abadia (ponto 1), Rio Fundo (ponto 3), Santiago do Iguape (ponto 4), Buranhém (ponto 10), Prado (ponto 11), Mucuri (ponto 12), Monte Santo (ponto 14) e Condeúba (ponto 36); *osso da fome*, em quatro (8%), a saber: Abadia (ponto 1), Aporá (ponto 2), Jeremoabo (ponto 13) e Vila Velha (ponto 16); e *sangrador*, em apenas uma (2%): Santa Cruz Cabrália (ponto 9). Nas notas da Carta 57, indica-se que, nas localidades 27 (inf. A) e 34, a resposta *cantareira* foi precedida de “osso da”.

Macêdo (2012), em sua tese sobre as subáreas dialetais baianas, que utiliza o *corpus* do APFB (ROSSI, 1963), elabora Cartas de subáreas, as quais apresentam dados específicos e contiguidade areal em determinada região da rede de pontos, e Cartas gerais, aquelas cujo item lexical obteve ampla distribuição pelo território baiano, ocupando a totalidade ou quase a totalidade dos pontos de inquérito pesquisados. A Carta *Clavícula* com destaque para *cantareira* foi uma das dez Cartas Gerais incluídas no segundo volume de sua tese e que se exhibe a seguir:

Figura 15 – Carta Geral *Clavícula* com destaque para a lexia *cantareira* a partir do APFB (ROSSI, 1963)

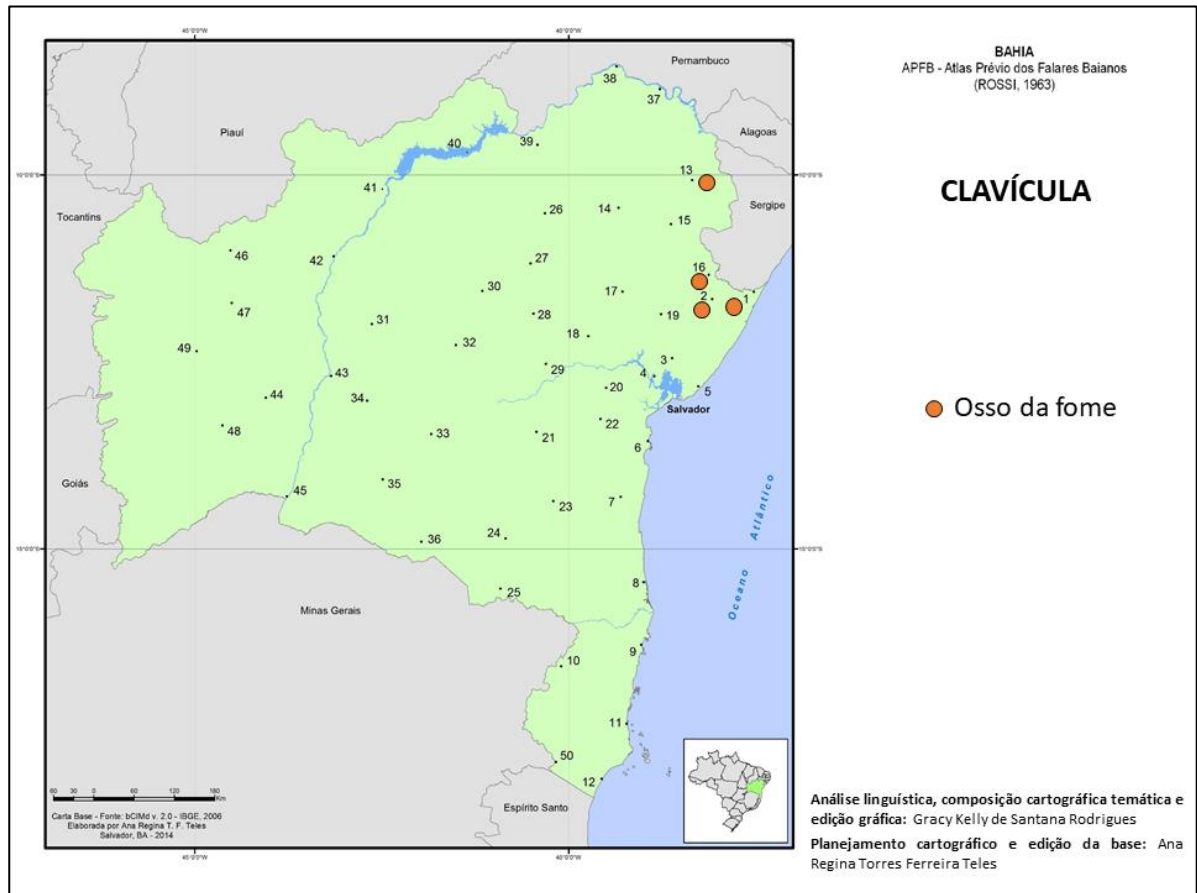


Fonte: Macêdo (2012).

Referente à distribuição diatópica do item lexical *osso da fome*, verifica-se sua presença em localidades contíguas da rede de pontos, apesar do baixo número de ocorrência, conforme exhibe a figura que segue. Já para *clavícula*, não houve indicativo de arealidade<sup>54</sup>, tendo em vista que as oito localidades em que a forma foi encontrada estão espalhadas pelo Estado.

<sup>54</sup> Na Geolinguística, há arealidade quando determinada região do espaço geográfico analisado se difere das demais, quer pela concentração de fenômenos linguísticos, quer pela ausência deles.

Figura 16 – Carta *Clavícula* com destaque para a lexia *osso da fome* a partir do APFB (ROSSI, 1963)



Fonte: Elaboração por Ana Regina T. F. Teles e Gracy Kelly S. Rodrigues.

#### 4.2.3 Observando os dados do Projeto ALiB

Perguntados sobre “Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro?”<sup>55</sup> (COMITÊ..., 2001, p. 29), os informantes das 22 localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB na Bahia forneceram 80 respostas válidas. Houve também 15 respostas não obtidas com a aplicação da pergunta.

As respostas válidas constam dos itens lexicais *cantareira*, *clavícula* e *osso da fome* e suas respectivas variantes fônicas, conforme exposto no Quadro 10. Lembre-se de que as variações fônicas não serão objeto de estudo nesta pesquisa.

<sup>55</sup> Esta é a pergunta de número 106 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB. Na sua formulação, é previsto que o entrevistador aponte o local da clavícula.

Quadro 10 – *Clavícula*: agrupamentos lexicais

<b>Agrupamentos lexicais</b>	<b>Itens agrupados</b>
<b><i>cantareira</i></b>	<i>cantadeira; cantalera; cantareira; cantarera; cantonera</i>
<b><i>clavícula</i></b>	<i>cauícula; cavica; cavícula; cavígua; clavícula; cravica; cravícula; cravículas; cruvica</i>
<b><i>osso da fome</i></b>	<i>osso da fome</i>

Fonte: elaboração da autora.

A respeito das respostas não obtidas, além dos casos em que o informante declara não saber ou não lembrar de um nome para o referente, houve, para a pergunta 106 do QSL, duas ocorrências de *ombro*, duas ocorrências de *costela*, uma ocorrência de *verta* (*vértebra*) e uma ocorrência de *pitela*, que foram incluídas nessa categoria em função de seus significados não se relacionarem com o objeto da pergunta.

É válido ressaltar que é comum, nesse tipo de entrevista, mesmo se tratando de partes do corpo conhecidas pela maioria das pessoas, que haja troca entre nomes de referentes, do mesmo modo que é comum, por exemplo, o esquecimento do nome para algum conceito que em geral é familiar e corriqueiro para o falante. Desse modo, o pesquisador pode optar, para os casos em que essa troca seja evidente, a partir da audição das entrevistas linguísticas, em registrar as formas decorrentes de tal confusão como não obtidas ou em categoria similar, tendo em vista que se pretende investigar a norma da região, e não aspectos idioletais e/ou derivados de alguma imprecisão vocabular, salvo os casos em que tais aspectos estejam contemplados nos objetivos da pesquisa.

#### 4.2.3.1 *Análise estatística*

Inicialmente, a análise estatística foi realizada a partir do cômputo de todas as oitenta respostas válidas, já agrupadas sob os itens lexicais *clavícula*, *cantareira* e *osso da fome*. A Tabela 5 e o Gráfico 6 sistematizam os resultados obtidos, pelos quais se observa que, relativamente ao osso que vai do pescoço até o ombro, a lexia *clavícula* é a designação mais conhecida dos informantes do Projeto ALiB, uma vez que representa 91,3% das respostas válidas. *Cantareira*, que foi a principal lexia

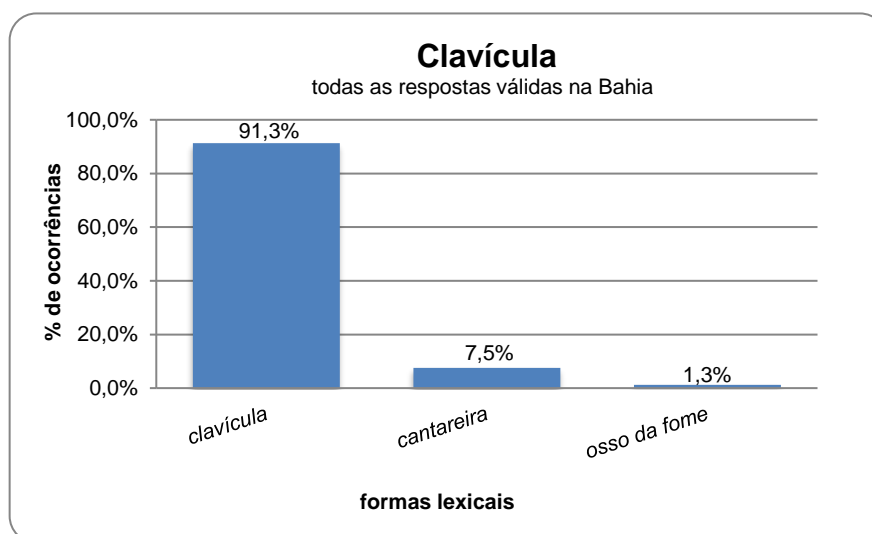
registrada para o APFB (1963), aparece, nos dados do Projeto, com 7,5% de frequência de ocorrência. *Ossô da fome*, com apenas uma ocorrência, representa 1,3% das respostas válidas.

Tabela 5 – *Clavícula*: frequência por ocorrência dos grupos lexicais

Agrupamentos lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>clavícula</i>	73	91,3%
<i>cantareira</i>	6	7,5%
<i>osso da fome</i>	1	1,3%
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: elaboração da autora.

Gráfico 6 – *Clavícula*: percentual de ocorrência dos grupos lexicais na Bahia



Fonte: elaboração da autora.

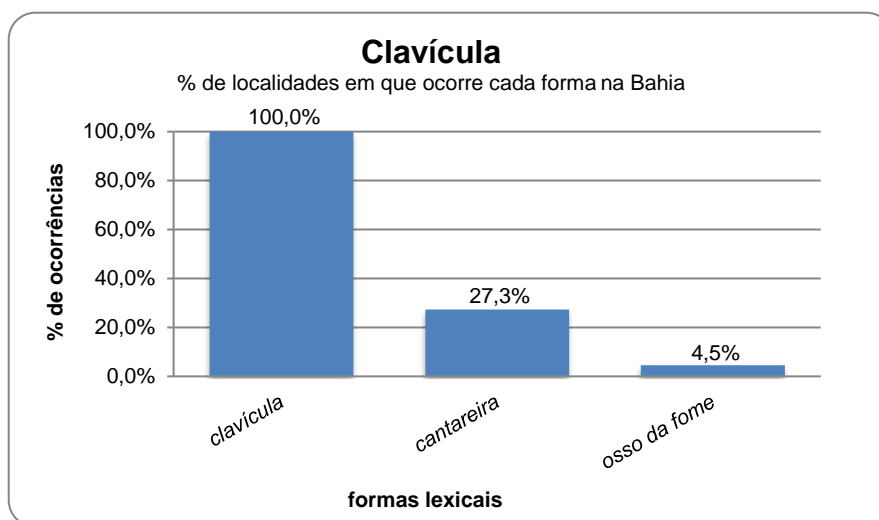
Em seguida, na intenção de verificar se as formas linguísticas encontradas estão bem distribuídas pelas localidades da Bahia, foi elaborada nova tabela e gráfico, que indicam a presença das formas nos pontos de inquérito do Projeto. Tal dado é importante para analisar, por exemplo, se determinada unidade lexical pode ser considerada norma de uma região – neste caso, além de alta frequência de ocorrência, deve obter alto índice de presença nas localidades da rede de pontos.



Tabela 6 – *Clavícula*: frequência por presença em localidades dos grupos lexicais

Agrupamentos lexicais	Localidades: Total absoluto	Localidades: Total relativo
<i>clavícula</i>	22/22	100,0%
<i>cantareira</i>	6/22	27,3%
<i>osso da fome</i>	1/22	4,5%

Fonte: elaboração da autora.

Gráfico 7 – *Clavícula*: percentual de presença dos grupos lexicais na Bahia

Fonte: elaboração da autora.

Tem-se que a lexia *clavícula* pode ser considerada a norma no Estado para designar o referido osso, pois atende aos critérios de alta frequência de ocorrência e alto percentual de presença nos pontos de inquérito. *Clavícula* está presente em todas as localidades pesquisadas. *Cantareira* e *osso da fome*, nesta etapa, obtiveram, respectivamente, 27,3% e 4,5% de presença. Note-se que, no caso de *cantareira*, comparando-se o total relativo da frequência por ocorrência (cf. Tabela 5 e Gráfico 6) com os dados de frequência por presença dos grupos lexicais (cf. Tabela 6 e Gráfico 7), o item obteve um percentual mais expressivo quanto ao segundo índice, assinalando que, apesar de pouco frequente quando consideradas as oitenta respostas válidas, *cantareira* se sobressai no que se refere à distribuição diatópica, ocorrendo em seis localidades.

Os dados foram analisados ainda sob a ótica diageracional, averiguando a que faixa etária pertencia cada uma das oitenta respostas válidas obtidas (cf. Tabela 7). *Clavícula* apresentou percentual de ocorrência aproximado entre a faixa etária I (18 a

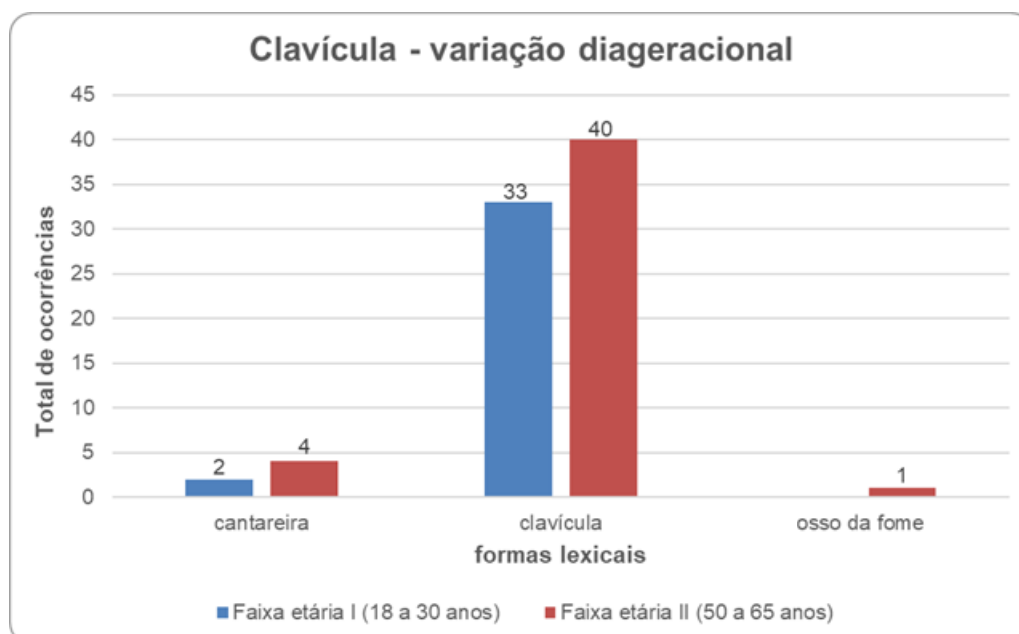
30 anos) e a faixa etária II (50 a 65 anos), com proeminência na faixa II. Apesar da pouca quantidade de dados para comparação estatística (seis ocorrências), tem-se que *cantareira* é forma mais frequente na faixa II. *Osso da fome*, por sua vez, apresenta apenas uma ocorrência registrada para a faixa etária II<sup>56</sup>. Observe-se a tabela 7 e o gráfico 8 a seguir que ilustram as informações apresentadas.

Tabela 7 – *Clavícula*: variação diageracional

Grupos lexicais	Total absoluto Faixa I	Total absoluto Faixa II	Total de ocorrências
<i>cantareira</i>	2	4	6
<i>clavícula</i>	33	40	73
<i>osso da fome</i>	0	1	1

Fonte: elaboração da autora.

Gráfico 8 – *Clavícula*: variação diageracional



Fonte: elaboração da autora.

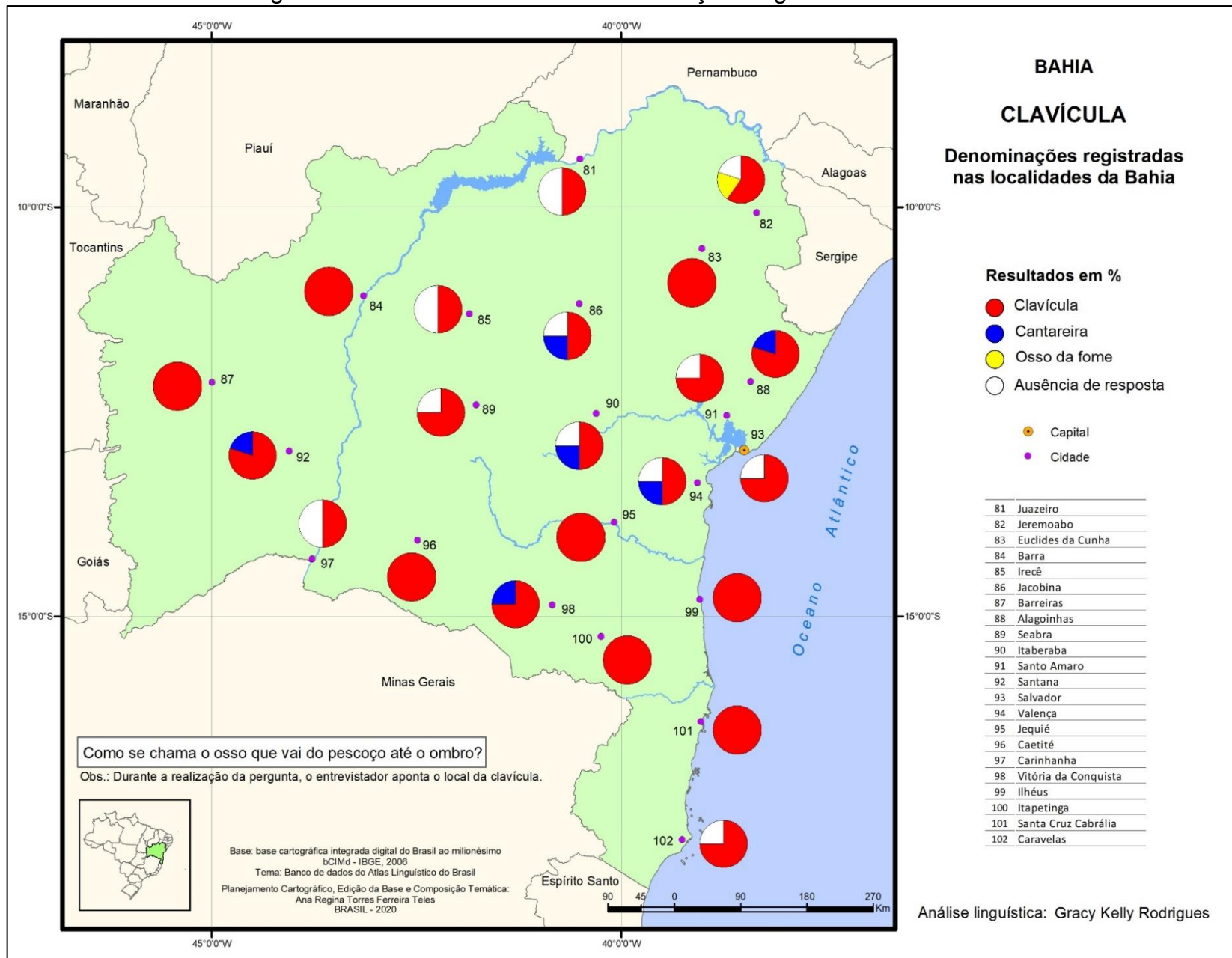
<sup>56</sup> A ocorrência de *osso da fome*, apesar de única, foi incluída no tratamento estatístico dos dados, com o intuito de dar visibilidade ao item que também foi registrado no APFB (1963).

#### 4.2.3.2 Cartografia

A etapa da cartografia objetiva exibir a distribuição diatópica dos dados pela Bahia e, a partir dela, é possível verificar se há ou não regiões dentro do Estado em que há predomínio de determinado item lexical. Caso seja identificado que determinada lexia prevalece em pontos contíguos de uma região específica dentro do Estado, haverá indicativo de área ou subárea dialetal. Para a Bahia, a análise cartográfica não aponta itens lexicais que expressem contiguidade entre pontos de inquérito. Observa-se, na realidade, o espraiamento da forma linguística *clavícula*, em todas as cidades pesquisadas, demonstrando que a designação é conhecida em toda a extensão do território baiano. *Cantareira* está presente em seis pontos espalhados pelo Estado, os quais não são contíguos e não revelam arealidade demarcável. São eles: Jacobina (ponto 86), Alagoinhas (ponto 88), Itaberaba (ponto 90), Santana (92), Valença (ponto 94) e Vitória da Conquista (ponto 88). O exposto pode ser observado por meio da carta linguística *Clavícula*, apresentada na Figura 17 adiante.

No que se refere à lexia *osso da fome*, apesar de sua ocorrência única para os dados do Projeto ALiB, observa-se que o item é registrado na mesma localidade, Jeremoabo (ponto 82), em que a forma ocorreu no APFB (1963). No caso do APFB (1963), houve mais três pontos de inquérito próximos à localidade de Jeremoabo onde *osso da fome* foi também encontrado, o que pode ser indicativo de arealidade – ver Figura 16 – Carta *Clavícula* com destaque para a lexia *osso da fome* a partir do APFB (ROSSI, 1963), anteriormente exposta.

Figura 17 – Carta *CLAVÍCULA*: denominações registradas nas localidades da Bahia



Fonte: Elaborado por Ana Regina T. F. Teles a partir de análise linguística dos dados do Projeto ALiB realizada por Gracy Kelly S. Rodrigues.

#### 4.2.3.3 Comentários às falas dos informantes

Segundo Isquierdo (2003), “a forma de usar a língua, particularmente a de escolher as palavras, revela aspectos da maneira de pensar e de agir de um indivíduo/grupo, além de fornecer índices da origem geográfica e da classe social do falante” (p.178). Desse modo, por meio do léxico, até mesmo e sobretudo na nossa comunicação mais rotineira, damos pistas de quem somos e a que grupo pertencemos. Com intenção de apreciar esses aspectos, procurou-se observar os esclarecimentos que, por vezes, os informantes manifestam, quando da aplicação da pergunta. Em outras palavras, para além de retratar os itens lexicais, objetos de estudo desta pesquisa, serão aqui reproduzidos e discutidos os valiosos comentários fornecidos pelos informantes entrevistados.

- (04) INQ. – Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro?  
(Entrevistador aponta o local da clavícula.)  
INF. – Chama-se... per’ainda... eu sei. *Cavícula*, né?  
INQ. – Ah. Tem outro jeito de chamar? Porque, eu, por exemplo...  
INF. – O pessoal chamava *cantarera*. “*Cantarera* ‘tá doendo”.  
Agora, chama *cavícula*.  
(Alagoinhas - BA / Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto).

No excerto (04), o informante atrela a designação *clavícula* ao uso do presente e *cantareira* a um uso pretérito. É interessante notar que a fala selecionada pertence à uma pessoa de faixa etária II. Em geral, nas entrevistas linguísticas, são os informantes idosos que costumam tecer comentários que comparam formas utilizadas no passado com as do presente. Afinal, por conta de sua experiência de vida, normalmente o idoso<sup>57</sup> tem mais condição de observar e refletir sobre os efeitos da passagem do tempo – no caso em questão, os efeitos linguísticos –, deixando transparecer marcas diageracionais em seu discurso. Caso semelhante ocorre no trecho da informante mulher, de faixa II, a seguir:

- (05) INQ. – Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro?  
(Entrevistador aponta o local da clavícula.)

---

<sup>57</sup> De acordo com a legislação brasileira em vigor, as pessoas acima de 60 anos são consideradas idosas. No caso do Projeto ALiB, a faixa etária II recobre falantes de 50 a 65 anos, deste modo cobrindo em parte a caracterização idoso.

INF. – De primero, o povo chamava aquilo de... com'ê?  
*Cantarera*, sei lá como é que é. Era... agora num... é... agora num...

INQ. – E hoje?

INF. – Hoje, eu num sei.

(Vitória da Conquista - BA / Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto).

Em (05), além do uso dos tempos verbais pretérito imperfeito e presente do indicativo para o estabelecimento da oposição passado *versus* presente, há ainda as marcas temporais com função adverbial “de primeiro”, “agora” e “hoje”. Um fato curioso que fica evidente na fala da informante é que ela não se inclui dentre os sujeitos que chamam o osso que vai do pescoço até o ombro de *cantareira*, já que associa a utilização desse item lexical à forma nominal de indeterminação do sujeito “o povo”. Apesar disso, a informante apresenta dificuldade em lembrar de outra designação para o referente, declarando não saber o nome atual para o objeto da pergunta. Essa atitude linguística pode indicar uma resistência da informante ao fator idade/envelhecimento, já que o dado é de uma pessoa de faixa etária 2.

(06) INQ. – Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro?  
 (Entrevistador aponta o local da clavícula.)

INF. – *Cantalera*, né? O povo fala. Mas tem outro nome, né? O povo da roça falava assim, né?

(Valença - BA / Inf.: homem, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto).

Já neste trecho, o informante de faixa I relaciona *cantareira* ao falar do povo da roça e, novamente, ainda que não mencione outro nome para recobrir o conceito investigado, ele não se inclui, em sua fala, como sujeito usuário do item lexical *cantareira*, tendo em vista que o atribui ao “povo/povo da roça”. Por outro lado, ao conjugar o verbo *falar* no pretérito imperfeito do indicativo, assim como em (04) e (05), em “O povo da roça falava assim, né?”, o informante dá pistas de que *cantareira* é designação advinda do passado, mas com emprego continuado no presente, tanto pela escolha do tempo verbal quanto pela frase “O povo fala” dita anteriormente. O próprio reconhecimento do informante da unidade linguística, dado que pertence à faixa etária I, revela alguma continuidade no emprego de *cantareira*.

#### 4.2.4 Comparação entre os dados do APFB (ROSSI,1963) e do Projeto ALiB

Considerando tão somente as nove localidades baianas que os *corpora* possuem em comum, foi realizada análise comparativa que resultou na confecção da carta linguística exibida na Figura 18. Apenas a cidade de Vitória da Conquista não apresenta respostas para o APFB (ROSSI, 1963), em razão de sua não cartografia na Carta 57 (Clavícula) do atlas.

De início, percebe-se que somente duas formas linguísticas, dentre as quatro presentes na carta, estão registradas em ambos os *corpora* e em pelo menos uma das nove localidades comparadas: *cantareira* e *osso da fome*. É válido lembrar das oito ocorrências de *clavícula* no APFB (ROSSI, 1963), não obstante sejam em localidades distintas das contempladas nesta carta comparativa. Caso diferente se nota para a lexia *sangrador*, que, levando em conta a totalidade de pontos de inquérito – 22 para o Projeto ALiB e 50 para o APFB (ROSSI, 1963), – teve ocorrência única para a última obra.

A leitura da carta aponta para a vitalidade da designação *cantareira* nos dados colhidos na Bahia da década de 60, verificada em oito dos nove pontos. A exceção é Vitória da Conquista. Salienta-se que o não registro nessa cidade das lexias listadas na legenda da carta não indica que tais formas não existiam na região. *Cantareira* também aparece nos dados colhidos pelo Projeto ALiB nos anos 2000, entretanto em um número de localidades menor (quatro).

*Clavícula*, por seu turno, não figura nos dados do APFB (ROSSI, 1963)<sup>58</sup> para as nove localidades em destaque, mas é preponderante para os dados do Projeto ALiB, tendo em vista sua presença em todos os pontos de inquérito.

*Osso da fome* possui comportamento semelhante: na análise comparativa dos *corpora*, é registrado apenas na cidade de Jeremoabo (cf. Figura 18), embora, no APFB (ROSSI, 1963), tenha sido encontrada em mais três pontos de inquérito não coincidentes com os do Projeto ALiB (cf. Figura 16). A baixa ocorrência de *osso da fome* nos dados do presente pode ser indicativo de que o referido item lexical está entrando em desuso para nomear o osso que vai do pescoço até o ombro na atualidade.

---

<sup>58</sup> Convém ressaltar, como exposto na apresentação do APFB (1963), na Fundamentação Teórica, que, por questões metodológicas, na obra, buscava-se, primordialmente, o registro de variantes regionais. Dessa maneira, não se pode afirmar categoricamente que, na época da coleta de dados, a forma lexical *clavícula* não tivesse uso nos 50 pontos investigados.

Acrescenta-se que os comentários dos informantes do Projeto ALiB estão em sintonia com os demonstrados nesta subseção, a julgar pelo fato de que *cantareira*, designação atribuída ao passado pelos entrevistados, tem vitalidade para o atlas da década de 60 e presença na atualidade para os dados do Projeto ALiB. Os dados comparativos também são interessantes no contraponto passado e presente para a unidade fraseológica *osso da fome*: a documentação do Projeto ALiB, com dados colhidos nos idos do ano 2000, fotografou, mesmo que em resposta única, um dado importante do passado que subsiste no presente.





INQ. – Como se chama isto? (Entrevistador aponta o local do tornozelo.)

INF. – Isso é junta aí do... da... da perna, aí. E o povo dizia assim: “O mocotó do pé da gente”. Assim, uma coisa antiga, assim.

(Barreiras - BA / Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto).

### 4.3 TORNOZELO

Figura 19 – Região correspondente ao tornozelo



Fonte: Disponível em:  
<<https://blogs.funiber.org/pt/esportes/2018/11/12/funiber-estrutura-tornozelo>>. Acesso em: 27 out. 2020.

Denomina-se tornozelo a articulação da perna com o pé assim como as saliências ósseas externas e internas existentes nessa região. Essa parte do corpo tem a função de distribuir para os pés toda a carga de peso do indivíduo, ajudando a sustentar o corpo e a manter a estabilidade ao andar, correr e saltar. Dores de tornozelo são muito comuns justamente em razão da sobrecarga que a região pode receber durante o desempenho da sua função, seja por alguma posição inadequada que force os ligamentos, seja por esforço excessivo, ou até por doenças que acometem as articulações<sup>59</sup>.

A partir do estudo dialetológico empreendido nesta pesquisa, verificou-se que, além de *tornozelo*, há várias outras maneiras de nomear a articulação da perna com o pé nas localidades pesquisadas da Bahia. No APFB (ROSSI, 1963), cartografaram-se as formas: *contonhão*, *cotovelo*, *junta*, *mocotó*, *mondongo*, *peador*, *rejeito* e *tornozelo*, sendo que *contonhão* e *mondongo* tiveram pouca representatividade no atlas, ocorrendo cada uma apenas uma vez. Para o Projeto ALiB, obtiveram-se:

<sup>59</sup> As informações fornecidas sobre o tornozelo foram adaptadas da definição contida no Aulete Digital (2006) e do material disponível no site: <<https://salvape.com.br/blog/dor-no-tornozelo-quais-as-causas-e-o-que-fazer/>>.

*bodinho, calcanhar, cotovelo, junta/junta da perna/junta do pé, mocotó/mocotó do pé, peador/peador do pé, tendão e tornozelo*. Os itens *bodinho* e *tendão* apresentaram cada um apenas uma ocorrência.

Considerando tão somente as nove localidades que os atlas possuem em comum, as lexias coincidentes – aquelas que aparecem em ambos *corpora* – foram: *cotovelo, junta, mocotó, peador e tornozelo*.

#### 4.3.1 Pesquisa em obras lexicográficas

A pesquisa em dicionários engloba as lexias documentadas na Bahia pelo APFB (ROSSI, 1963) e pelo Projeto ALiB para denominar a região que une a perna ao pé. As definições encontradas nos dicionários Aulete Digital (AULETE; VALENTE, 2006), Dicionário da Língua Portuguesa (SILVA, Antonio, 1789) e Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (SILVA; SILVA; VIANA, 2007) estão organizadas a partir das formas linguísticas, dispostas em ordem alfabética: *bodinho, calcanhar, contonhão, cotovelo, junta, mocotó, mondongo, peador, rejeito, tendão e tornozelo*. Ao lado das formas, há a indicação do *corpus* onde foram encontradas:

##### a) *bodinho* – Projeto ALiB

*Bodinho* é documentado apenas na versão original do Dicionário Aulete Digital (2006), mas com outra acepção: “o mesmo que *peixe-cão*”. Cita-se que a lexia é utilizada no Minho, região localizada ao norte de Portugal.

*Bodinho* não está registrado no Dicionário da Língua Portuguesa (1789) e no Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007). Pesquisou-se também o verbete *bode* nos Dicionários, no entanto não há menção a *bodinho* nem foi encontrada relação com a região do tornozelo nas definições elencadas. É válido lembrar que *bodinho* foi resposta única para o Projeto ALiB dentre os dados investigados, indicando que tal denominação poderia ser idioletal, ou seja, possivelmente, estaria mais relacionada ao campo individual de escolhas linguísticas do que ao campo da norma. No entanto, cabe citar que foi encontrado *budim* [buḽĩ] nas observações das notas da Carta 63 do APFB (ROSSI, 1963), que pode ser interpretado como variação fônica de *bodinho*.

b) *calcanhar* – Projeto ALiB

Na versão original do Aulete Digital (2006), a primeira definição listada para *calcanhar* é: “a parte posterior do pé formada pelo calcâneo<sup>60</sup> e pelos tendões e músculos que unem o pé à perna.” Já na versão atualizada da obra, a região é descrita de modo mais resumido como “a parte posterior do pé, de forma arredondada”. O Dicionário traz também usos no sentido figurado além de expressões populares utilizadas com a lexia *calcanhar*, a exemplo de: *calcanhar do mundo* (lugar muito distante) ou *bater os calcanhares* (uma variante lusitana para morrer), dentre outros.

O Dicionário da Língua Portuguesa (1789) traz o verbete *calcanhar*, indicando ser “a parte do pé oposta ao bico dele, e onde termina a perna posteriormente”. Citam-se também expressões sob forma de fraseologismos: *calcanhar da bota* (a parte que o cobre), *dar aos calcanhares* (fugir) e *roer os calcanhares a alguém* (falar mal dele por trás).

No Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007), *calcanhar* não é entrada, no entanto a unidade lexical é registrada na obra a partir da entrada *tálus*, definida como “o mesmo que calcanhar”, bem como *calx*, apresentada como “o calcanhar”. Possivelmente, o não registro como entrada seja devido à familiaridade do termo, que aparece ao todo nas definições de onze verbetes da obra, e à opção por apontar termos mais técnicos de possível desconhecimento do público leitor. De toda forma, seria interessante que a obra tivesse a entrada *calcanhar* e que fosse remissiva a *tálus* e *calx*, pois isso favoreceria uma consulta alternativa ao leitor.

De acordo com o que foi depreendido das definições para a lexia *calcanhar*, percebe-se que, por ser uma região muito próxima ao *tornozelo*, pode ocorrer a troca entre as denominações dessas duas partes do corpo, como verificado a partir dos dados do Projeto ALiB.

c) *contonhão* – APFB (ROSSI, 1963)

Forma não encontrada nos Dicionários. Bem como *bodinho*, *contonhão* foi resposta única, denotando que, ao considerar o *corpus* do APFB (ROSSI, 1963), esta lexia não pertence à norma da região, e sim à norma do indivíduo que a forneceu.

---

<sup>60</sup> O calcâneo é o maior osso do pé humano, localizado na região do calcanhar.

d) *cotovelo* – APFB (ROSSI, 1963); Projeto ALiB

Encontra-se, como primeira definição para *cotovelo*, no verbete original do Aulete Digital (2006): “parte exterior do braço que forma um ângulo saliente no sítio correspondente à articulação do úmero com o cúbito. [É oposta ao sangradouro.]” A diferença da definição do verbete atualizado está na alteração de um dos nomes dos ossos que fazem parte da articulação do *cotovelo* assim como na menção de outro osso (rádio): “articulação do braço com o antebraço, mais precisamente do osso úmero com os ossos ulna (antigo cúbito) e rádio”.

Uma definição menos técnica e mais descritiva é exibida pelo Dicionário da Língua Portuguesa (1789), que define o verbete do seguinte modo: “a ponta, que se faz no meio do braço, quando o dobramos e juntamos a mão ao seu ombro respectivo.”

No Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007), registra-se que o *cotovelo* corresponde à articulação do braço com o antebraço. Completa-se que, na nova Terminologia Anatômica – em vigor desde 1997 –, o termo *cotovelo* passou a ser chamado de *cúbito*, lexia que agora é relacionada tanto ao nome antigo para o osso *ulna* quanto ao nome atual para a região do *cotovelo*.

Diferente da razão da permuta entre as formas *tornozelo* e *calcanhar*, uma vez que não há proximidade entre a localização anatômica do *tornozelo* e do *cotovelo*, a troca entre essas denominações deve-se às semelhanças entre os dois vocábulos, os quais possuem a mesma quantidade de sílabas e compartilham as mesmas vogais em cada uma delas. Além disso, das quatro sílabas, três possuem a mesma quantidade de fonemas. No que tange a fonética, há correspondência entre aspectos articulatórios dos sons de algumas consoantes: as oclusivas desvozeadas [t] e [k] na primeira sílaba e as fricativas vozeadas [z] e [v] na terceira sílaba. Cabe citar também que a proeminência do osso do *cotovelo* e o seu caráter articulatório são características semelhantes às encontradas na região do *tornozelo*, podendo contribuir para a extensão de sentido.

e) *junta* – APFB (ROSSI, 1963); Projeto ALiB

Assim define o Aulete Digital (2006), em sua versão original, o verbete *junta*: “complexo das superfícies e ligamentos por que dois ou mais ossos se articulam entre

si”. O Dicionário menciona também a lexia *articulação*. A versão atualizada da obra exibe definição semelhante: “cada região do corpo em que dois ossos se articulam entre si por meio de tendões, ligamentos e outros tecidos; articulação”.

O Dicionário da Língua Portuguesa (1789) aponta tão somente que *junta* é a articulação dos ossos, trazendo, após esta, outras acepções para o verbete.

*Junta* é dicionarizada no Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007), correspondendo a duas significações: (1) articulação e (2) ponto de contato de dois ou mais ossos.

Depreende-se do que foi exposto que *junta* é termo relacionado a articulações de maneira geral, dado que, em nenhum dos dicionários, *torozelo* e/ou variantes é especificado, no entanto, nas seções adiante, demonstra-se o uso frequente de *junta* pelos informantes, sobretudo do APFB (ROSSI, 1963), atrelado à região do corpo que une a perna ao pé.

f) *mocotó* – APFB (ROSSI, 1963); Projeto ALiB

Tanto no verbete original quanto no atualizado, Aulete Digital (2006) apresenta como primeira definição para *mocotó* as patas de bovinos, sem o casco, usadas como alimento. Cita-se, nas duas versões, *mão de vaca*, designação empregada no Nordeste para o *mocotó* bovino. O prato preparado com essas patas consta da segunda definição de ambas as versões, e na terceira definição é indicada a forma linguística *torozelo*. A diferença principal entre as duas versões é que, na terceira definição do verbete original, registram-se *torozelo* e *perna*; já na definição do verbete atualizado, registram-se *calcanhar* e *torozelo*, usos alternativos para *mocotó*.

*Mocotó* não está registrado no Dicionário da Língua Portuguesa (1789) e no Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007).

g) *mondongo* – APFB (ROSSI, 1963)

Aulete Digital (2006) documenta *mondongo* com outras acepções não relacionadas à parte do corpo conhecida como *torozelo*. Nos verbetes original e atualizado, *mondongo* corresponde às vísceras/intestinos/miúdos de certos animais, a exemplo do carneiro e do porco; ao cozido preparado com essas vísceras – cita-se o prato *dobradinha*; à pessoa suja e desmazelada; ao terreno baixo, pantanoso e

coberto de plantas palustres e ao inchaço, edema ou tumor, conhecido também popularmente como *mondrongo* no Nordeste.

O Dicionário da Língua Portuguesa (1789) também documenta *mondongo* com outra acepção: miúdos da rês ou porco. *Mondongo* não está registrado no Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007).

Da mesma maneira que *bodinho* e *contonhão*, *mondongo* foi ocorrência única na Bahia, não obstante a denominação tenha sido encontrada em Sergipe, no ALS (1987), em quatro localidades.

#### h) *peador* – APFB (ROSSI, 1963); Projeto ALiB

No verbete atualizado do Aulete Digital (2006), *peador* é um brasileirismo dicionarizado como o “lugar onde as cavalgadas ficam peadas” ou “que diz respeito ao lugar onde se peiam cavalgadas”. Na versão original, há remissão para *pedouro*.<sup>61</sup>

A forma *peador* não é entrada no Dicionário da Língua Portuguesa (1789), entretanto o dicionário faz registro de *pea* – “laço de corda, couro, ou corrente, que prende os pés das bestas um no outro, na estrebaria” – e de *peado* – “preso com *pea*”.

*Peador* não é dicionarizado pelo Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007).

#### i) *rejeito* – APFB (ROSSI, 1963)

*Rejeito*, dentre uma das três acepções elencadas pelo Dicionário Aulete Digital (2006), nas suas versões original e atualizada, é brasileirismo com remissão ao verbete *jarrete*. Por sua vez, registra-se que *jarrete* é a parte posterior da perna, oposta ao joelho e, nos bovinos e equinos, é o nervo ou tendão da perna.

---

<sup>61</sup> *Peia*, de acordo com o Dicionário Aulete Digital (2006), é a “corda ou grillão com que se prendem os pés dos animais”. *Pedouro* é entrada que remete para *pedeiro*, cujas acepções são reproduzidas a seguir:

“*pedeiro* <sup>1</sup> (Beira e Trás-M.) o mesmo que *poideoro*.

*pedeiro* <sup>2</sup> (Trás-M.) último resto do *mealheiro*.”

*Poideoro* não é entrada no Dicionário, e *mealheiro* é entrada, indicando “dinheiro economizado”, “pequeno cofre com uma fenda por onde se introduzem moedas” ou algo “que dá pouco dinheiro”.



A única acepção apresentada pelo Dicionário da Língua Portuguesa (1789) para *rejeito* é “arma de ferir atirando”. *Rejeito* não é dicionarizado pelo Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007).

j) *tendão* – Projeto ALiB

*Tendão* é o “cordão ou feixe fibroso, geralmente achatado, de cor esbranquiçada, situado na extremidade dos músculos e que serve para ligá-los aos ossos ou a outras partes”, conforme o Aulete Digital (2006) em sua versão original. Na versão atualizada, a descrição é mais resumida: *tendão* é o “tecido fibroso que une os músculos aos ossos”. Em ambas as versões, há menção ao *tendão de Aquiles*, que é chamado de *tendão calcâneo* na nova Terminologia Anatômica. O *tendão de Aquiles* faz a inserção dos músculos posteriores da perna no calcâneo e é localizado na região posterior do tornozelo.

*Tendão* é entrada no Dicionário da Língua Portuguesa (1789), sendo apontado como “a parte do músculo que se apega e ataca aos ossos”. De modo mais detalhado e técnico, são trazidas duas definições pelo Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007) para o verbete. Além disso, *tendão calcâneo* e *tendão de Aquiles* são também entradas no Dicionário:

**tendão** (1) mesmo que ligamento rotuliano ou patelar, potente ligamento entre a ponta da patela e a tuberosidade anterior da tíbia, que prolonga as fibras tendinosas do músculo quadríceps. (2) parte terminal distal ou proximal de um músculo, constituída por tecido conjuntivo branco, denso e resistente, pelo qual o músculo se insere em um osso.

**tendão calcâneo** assim é chamado atualmente o tendão de Aquiles. É um grande tendão dos músculos gêmeos e solear, situado na face posterior do tornozelo e que permite a extensão do pé sobre a perna. Apesar de ser grosso, pode se romper espontaneamente.

**tendão de Aquiles** ver **tendão calcâneo**.  
(SILVA; SILVA; VIANA, 2007, p.792)

Como revelou a pesquisa, *tendão* é um termo que pode ser usado para nomear qualquer tecido que una um músculo a um osso. Logo, pode-se falar em tendão da mão, do cotovelo, do ombro etc. O *tendão de Aquiles* – hoje, *tendão calcâneo*, para a Medicina – é o maior, o mais forte e o mais conhecido tendão do corpo humano, em razão não somente de sua natureza, mas também de seu nome ser associado à

prestigiosa obra da mitologia grega, *Ilíada*, de Homero. Em função de sua localização, na região traseira do tornozelo, o *tendão de Aquiles* pode ter sido lembrado pelos informantes do Projeto ALiB no momento de nomear a parte do corpo que une a perna ao pé.

k) *tornozelo* – APFB (ROSSI, 1963); Projeto ALiB

No verbete original do Aulete Digital (2006), *tornozelo* é o mesmo que *maléolo*<sup>62</sup>. O verbete é apresentado como “saliência dos ossos na articulação da perna com o pé, formada do lado interno pela tíbia e do lado externo pelo perônio” e, logo após a definição, indica-se a lexia *maléolo* como sinônimo. O verbete atualizado amplia a significação de *tornozelo*, pois, além das saliências ósseas, considera que a região que une a perna ao pé também é nomeada de *tornozelo*.

O Dicionário da Língua Portuguesa (1789), de modo semelhante à versão original do Aulete Digital (2006), ao sugerir o conceito “cabeça de osso ressaltada da perna, de um e de outro lado dela, junto ao pé”, concebe *tornozelo* apenas como a saliência óssea.

Na definição para a entrada *tornozelo*, apresentada pelo Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007), verifica-se, inicialmente, uma aparente distinção entre o significado de *tornozelo* e *maléolo*, uma vez que o verbete *tornozelo* é apontado apenas como a “região que corresponde à articulação entre a perna e o pé”. Entretanto, na definição para *maléolo*, ao indicar que se tratam das eminências ósseas localizadas nesta região, o Dicionário parece admitir que *tornozelo* é forma alternativa para saliência óssea, dada a definição “cada uma das eminências ósseas (*tornozelos*), interna e externa, situadas na extremidade inferior da perna”.

Em síntese, para a pergunta *tornozelo*, ambos os *corpora* dialetológicos apresentaram várias lexias para denominar o referente, evidenciando a criatividade dos falantes em sua expressão linguística, conquanto a maioria delas esteja dicionarizada nas obras lexicográficas consultadas com outra acepção. Quanto a *calcanhar* e *cotovelo*, percebe-se que, por uma espécie de correlação, neste caso,

---

<sup>62</sup> Na definição do Aulete Digital (2006), *maléolo* é “cada uma das saliências ósseas, interna e externa, do tornozelo”.

respectivamente, pela proximidade entre as duas áreas em termos anatômicos e pela semelhança fonética, os informantes utilizaram nomes comumente relacionados a outras partes do corpo para denominar a região que une a perna ao pé. Em relação a *junta* e *tendão*, observa-se uma associação por metonímia<sup>63</sup> com o referente *tornozelo*, tendo em vista que, na zona do *tornozelo*, localiza-se um importante *tendão* – o *tendão de Aquiles* ou *tendão calcâneo* – assim como há articulação de ossos (*junta*). Isso posto, a metonímia se justifica em função da contiguidade de sentidos entre os referentes motivada pela troca do nome da região que une a perna ao pé por denominações para elementos que a constituem, como *tendão* e *junta*.

Já a não dicionarização de *contonhão* e a dicionarização de *bodinho* com outra acepção podem ser explicadas pelo fato de serem respostas únicas, ou seja, fornecidas cada uma por apenas um informante, indicando a possibilidade dessas denominações, quando relacionadas ao referente *tornozelo*, serem pertencentes à esfera do idioleto. *Mondongo* também é ocorrência única na Bahia e está dicionarizado com outra acepção nas obras consultadas, no entanto, por já estar presente no ALS (1987) e com uma quantidade de ocorrência maior do que a encontrada para o APFB (1960), não se pode dizer que a forma pertence à esfera do idioleto, mas sim à norma sergipana.

Quanto aos itens lexicais *mocotó*, *peador* e *rejeito*, nota-se que estão relacionados também às partes do corpo de animais, indicando a influência que aspectos da vida rural – neste caso, a criação de animais – têm na norma dos indivíduos. *Mocotó*, na definição do Aulete Digital (2006), são as patas de bovinos, sem o casco, usadas como alimento; *peador*, para o mesmo dicionário, é o local onde as cavalgadas ficam peadas – a saber, pelas patas – e *rejeito* é verbete com remissão à *jarrete*, que é, nos bovinos e equinos, o nervo ou tendão da perna.

Novamente, Aulete Digital (2006) foi o dicionário que registrou uma maior quantidade de lexias dentre as pesquisadas e, como esperado, a forma *standard tornozelo* foi a única a ser dicionarizada com a acepção prevista em todas as obras lexicográficas.

---

<sup>63</sup> Define-se metonímia como “a substituição de um nome por outro que compartilha alguma característica com o substituído”. (OLIVEIRA, L., 2008, p. 57).

À guisa de ilustração, apresenta-se, a seguir, quadro-resumo, indicando a dicionarização (D), a não dicionarização (ND) e a dicionarização com outra acepção (DOA)<sup>64</sup> das unidades lexicais pesquisadas.

Quadro 11 – *Tornozelo*: dicionarização das formas lexicais

Formas lexicais	Dicionários consultados		
	Aulete Digital (2006)	Dicionário da Língua Portuguesa (1789)	Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde (2007)
<i>bodinho</i>	DOA	ND	ND
<i>calcanhar</i>	DOA	DOA	ND <sup>65</sup>
<i>contonhão</i>	ND	ND	ND
<i>cotovelo</i>	DOA	DOA	DOA
<i>junta</i>	DOA	DOA	DOA
<i>mocotó</i>	D	ND	ND
<i>mondongo</i>	DOA	DOA	ND
<i>peador</i>	DOA	ND <sup>66</sup>	ND
<i>rejeito</i>	DOA	DOA	ND
<i>tendão</i>	DOA	DOA	DOA
<i>tornozelo</i>	D	D	D

Legenda: D – dicionarizado; ND – não dicionarizado; DOA – dicionarizado com outra acepção.

Fonte: elaboração da autora.

<sup>64</sup> A maioria das unidades registradas como DOA são termos usados para designar outras partes do corpo de humanos ou animais, como *calcanhar*, *cotovelo* e *peador*. Também há formas, como *junta*, *mondongo*, *rejeito* (com a acepção de nervo ou tendão da perna de bovinos e equinos) e *tendão*, que são elementos que compõem a parte interna do corpo humano ou animal. Assim, nesses dois casos, pode-se dizer que há alguma semelhança entre o item objeto da pergunta – *tornozelo* – e tais formas elencadas, levando em consideração que todas fazem parte do corpo humano ou animal.

<sup>65</sup> Apesar de não ter sido entrada no Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde, *calcanhar* aparece a propósito da definição das entradas *tálus* e *calx*.

<sup>66</sup> Há registro de *pea* e *peado* na obra, apesar de não haver *peador*.

### 4.3.2 Observando o APFB (ROSSI, 1963)

O APFB (ROSSI, 1963) traz, na Carta 63 (cf. Anexo D), a transcrição fonética das formas linguísticas obtidas na Bahia da década de 60 para nomear a região que une a perna ao pé. Há também a carta resumo 63R (cf. Anexo E), que, após o agrupamento das variantes fônicas, se utiliza de símbolos para representar as lexias presentes nas localidades.

A leitura da Carta 63 do atlas permitiu a elaboração do quadro a seguir, o qual apresenta as unidades lexicais encontradas em cada ponto de inquérito.

Quadro 12 – Formas lexicais para *tornozelo* no APFB (ROSSI, 1963): todas as localidades

<b>Nº do ponto</b>	<b>Nome da localidade</b>	<b>Formas lexicais</b>
1	Abadia	<i>mocotó</i>
2	Aporá	<i>contonhão; mocotó; rejeito</i>
3	Rio Fundo	<i>rejeito</i>
4	Santiago do Iguape	<i>rejeito</i>
5	Abrantes	<i>peador; rejeito</i>
6	Velha Boipeba	<i>junta; tornozelo</i>
7	Faisqueira	<i>mocotó</i>
8	Poxim do Sul	<i>mocotó; rejeito</i>
9	Santa Cruz Cabralia	<i>cotovelo</i>
10	Buranhém	<i>peador</i>
11	Prado	<i>mocotó</i>
12	Mucuri	<i>junta</i>
13	Jeremoabo	NO
14	Monte Santo	NO
15	Mirandela	<i>mondongo; rejeito</i>
16	Vila Velha	<i>junta</i>
17	Conceição do Coité	<i>rejeito</i>
18	Ipirá	<i>junta</i>
19	Água Fria	NO
20	Pedra Branca	<i>peador; rejeito</i>
21	Maracás	<i>peador</i>
22	Jiquiriçá	<i>peador; rejeito</i>
23	Boa Nova	<i>cotovelo; junta; peador</i>
24	Vitória da Conquista	<i>peador</i>
25	Encruzilhada	<i>cotovelo; peador</i>
26	Campo Formoso	NO
27	Jacobina	<i>peador; tornozelo</i>

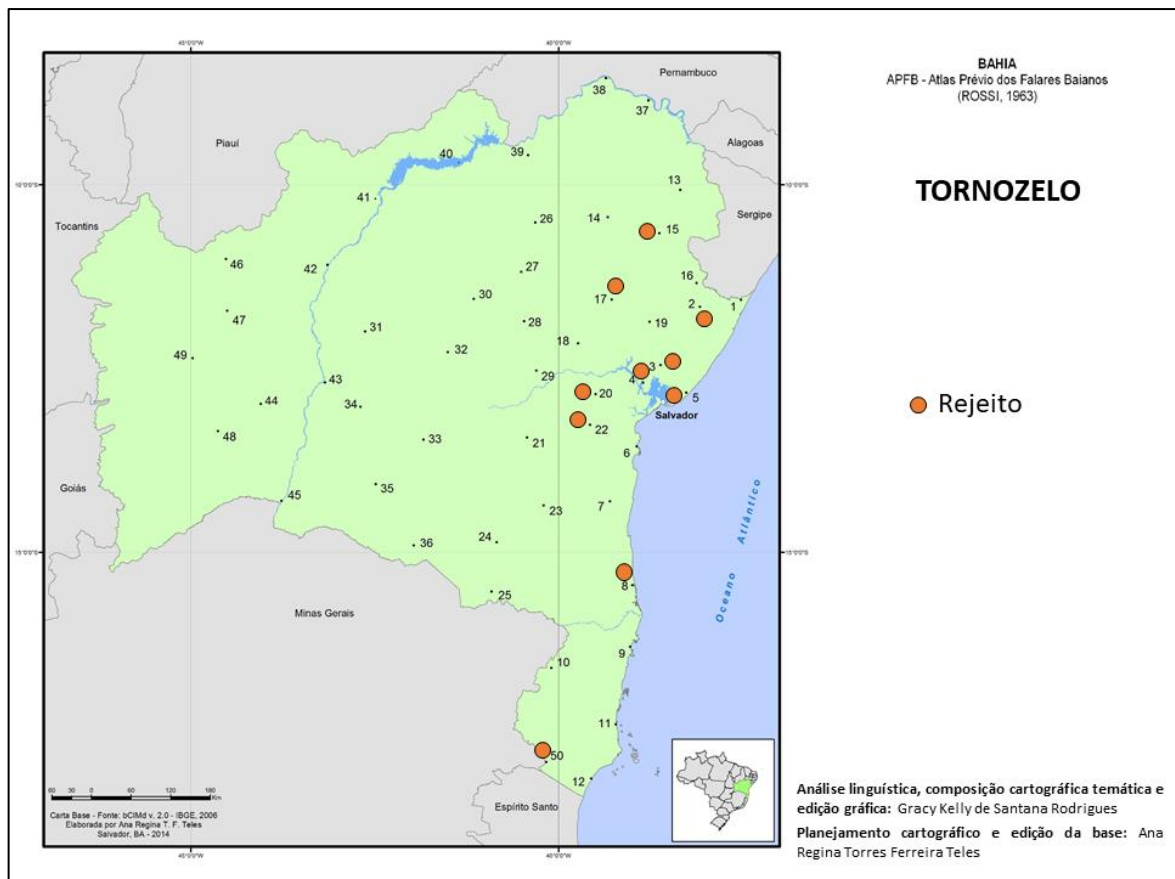
Nº do ponto	Nome da localidade	Formas lexicais
28	Mundo Novo	<i>junta; peador</i>
29	Itaberaba	<i>peador</i>
30	Morro do Chapéu	<i>peador</i>
31	Brotas de Macaúbas	<i>junta</i>
32	Iraporanga	<i>junta</i>
33	Mato Grosso	<i>peador</i>
34	Macaúbas	<i>junta; peador</i>
35	Caitité (Caetité)	<i>junta; peador</i>
36	Condeúba	<i>cotovelo; peador</i>
37	Rodelas	<i>peador</i>
38	Pambu	<i>junta</i>
39	Carnaíba do Sertão	<i>mocotó</i>
40	Sento Sé	<i>mocotó; peador</i>
41	Pilão Arcado	<i>junta</i>
42	Barra	<i>junta; peador</i>
43	Paratinga	<i>mocotó; peador</i>
44	Santana	NO
45	Carinhanha	<i>mocotó</i>
46	Ibipetuba (Santa Rita de Cássia)	<i>junta; peador</i>
47	Taguá	<i>junta</i>
48	Correntina	<i>junta</i>
49	São Desidério	NO
50	Ibiranhém	<i>junta; peador; rejeito</i>

Fonte: elaboração da autora.

De acordo com o Quadro 12, *peador* foi a resposta mais comum nas localidades para nomear a parte do corpo que une a perna ao pé, pois está presente em 22 (44%) dos 50 pontos de inquérito do atlas. Em seguida, aparece *junta*, em 17 localidades (34%); *rejeito*, em 10 (20%) e *mocotó*, em nove localidades (18%). As outras respostas foram menos significativas em termos de presença: *cotovelo* encontra-se em quatro localidades (8%); *tornozelo*, em duas (4%) e *contonhão* e *mondongo*, cada uma, em uma localidade (2%). Nas notas da Carta 63, indica-se que, em algumas respostas, como as das localidades 12, 32 (inf. A), 34 (inf. B) e 35, os entrevistados acrescentaram a informação “do pé”, “dos pés” e “do calcanhar” à lexia fornecida. Registram-se nas notas algumas respostas não cartografadas, como: *machim*, *ossinho da risada*, *ossinho da miséria*, *osso da miséria*, *budim*, *osso gostoso*, *osso da saudade* e *macaúba*.

Conforme exposto, as principais formas encontradas e cartografadas pelo APFB (ROSSI, 1963) para nomear a região do *tornozelo* foram *peador*, *junta*, *rejeito* e *mocotó*, e observou-se, no tocante à distribuição diatópica, o espraiamento de tais itens por todo o Estado, à exceção de *rejeito*. É válido destacar que, excetuando os pontos 8 – Poxim do Sul e 50 – Ibiranhém, os restantes que abrigam o item *rejeito* estão situados de modo contíguo, como revela a Figura 20 adiante, a qual apresenta apenas a distribuição diatópica desse item lexical. Não se pode precisar ainda, com certeza, as razões por que *rejeito* aparece apenas nesta faixa do território baiano.

Figura 20 – Carta *Tornozelo* com destaque para a lexia *rejeito* a partir do APFB (ROSSI, 1963)



Fonte: elaboração por Ana Regina T. F. Teles e Gracy Kelly S. Rodrigues.

#### 4.3.3 Observando os dados do Projeto ALiB

A partir da aplicação da pergunta *Tornozelo*, de número 118, integrante do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB e formulada da seguinte

maneira: “Como se chama isto?”<sup>67</sup> (COMITÉ, 2001, p. 30), verificaram-se 86 respostas válidas e 13 não obtidas nas 22 localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB na Bahia.

Na etapa de agrupamento dessas respostas, foram neutralizadas variações fônicas que não serão abordadas nesta pesquisa lexical, a exemplo da apócope do *r* em *calcanhar* (*calcanhar* ~ *calcanhá*) e do alteamento vocálico em cotovelo (*cotovelo* ~ *cutuvelo*). Cabe um comentário acerca de *bodinho*, que, por ter sido resposta única, isto é, por não haver no *corpus* a forma alternante *bode*, não foi neutralizada em função da derivação por grau. É importante destacar também, dentre as respostas, aquelas que são lexias compostas, com características de unidades fraseológicas, a saber: *junta da perna*, *junta do pé*, *mocotó do pé* e *peador do pé*. Optou-se aqui pela valorização da unidade fraseológica, o que resultou nos agrupamentos: *junta/junta da perna/junta do pé*, *mocotó/mocotó do pé* e *peador/peador do pé*. Ressalta-se que, nas notas da Carta 63 (Tornozelo) do APFB (ROSSI, 1963), há menção ao acréscimo *do pé/dos pés/do calcanhar* em algumas das respostas, apesar desse acréscimo não ter sido cartografado. Assim, após tratamento das 86 respostas válidas, chegou-se ao quadro a seguir com oito agrupamentos lexicais:

Quadro 13 – Tornozelo: agrupamentos lexicais

<b>Agrupamentos lexicais</b>	<b>Itens agrupados</b>
<b><i>bodinho</i></b>	<i>bodinho</i>
<b><i>calcanhar</i></b>	<i>calcanhá</i>
<b><i>cotovelo</i></b>	<i>cutuvelo; cutuzela</i>
<b><i>junta/junta da perna/junta do pé</i></b>	<i>junta; junta da perna; junta do pé</i>
<b><i>mocotó/mocotó do pé</i></b>	<i>mocotó; mocotó do pé</i>
<b><i>peador/peador do pé</i></b>	<i>pêa; piadô; piadô do pé</i>
<b><i>tendão</i></b>	<i>tendão</i>
<b><i>tornozelo</i></b>	<i>tornozelo; tornozero; tornuzelo; tornuzero; turnuzelo</i>

Fonte: elaboração da autora.

Como se pode observar, mesmo após agrupamentos, houve um grande rol de respostas fornecidas para nomear o referente. Apresentam-se a seguir algumas

<sup>67</sup> A formulação da pergunta prevê também que o entrevistador aponte o local do tornozelo.



justificativas para a manutenção dessas formas em detrimento de outras que foram incluídas no grupo NO (não obtidas) ou descartadas.

*Bodinho* foi lexia incluída dentre as respostas válidas, porque também está presente no APFB (ROSSI, 1963), embora não cartografada. Nas observações das notas da Carta 63 do atlas, atribui-se *budim* [bu,đi], interpretado nesta pesquisa como variação fônica de *bodinho*, à resposta de dois informantes do ponto 37 (Rodelas), região próxima a Jeremoabo, onde foi encontrado o item *bodinho* nos dados do Projeto ALiB. Dessa maneira, não obstante seja resposta única, a manutenção de *bodinho* nas respostas válidas desta análise de dados deve-se ao fato de que um dos objetivos desta pesquisa é estabelecer uma comparação entre os dois *corpora* mencionados. A mesma lógica é válida para as lexias *cotovelo*, *junta*, *peador* e *mocotó*, que ocorrem no APFB (ROSSI, 1963) e foram validadas também por já apresentarem um número maior de ocorrência além de estabelecerem algum tipo de relação com o referente *tornozelo*, conforme justificativas apresentadas na subseção 4.6.1 *Pesquisa em dicionários*.

*Tendão* e *calcanhar* não estão presentes no APFB, mas guardam associações com a parte do corpo que une a perna ao pé. Como visto na subseção 4.6.1, pode-se dizer que há uma relação de metonímia estabelecida entre *tendão* e *tornozelo*, já que nesta região está localizado um importante tendão (*tendão de Aquiles* ou *tendão calcâneo*). A designação *calcanhar* para a pergunta 118 do QSL, por sua vez, foi aceita em razão da sua proximidade com o *tornozelo*, sendo comum a troca entre esses referentes.

É usual, nesta etapa da análise de dados, que haja alguma seleção dentre as formas encontradas, sobretudo quando há uma grande quantidade de lexias para denominar um referente, tendo em vista que, para a representação dos dados, seja por meio de gráficos, tabelas ou cartogramas, pode ser inviável incluir todas as unidades linguísticas obtidas sob o risco de prejudicar o entendimento do leitor. Essa seleção pode, dentre outros fatores, ter relação com os objetivos da pesquisa.

Ainda, muitas respostas podem ser fornecidas sem que haja o entendimento da pergunta por parte do informante, ou é possível também que o entrevistado forneça uma resposta, mesmo sem certeza, apenas para não deixar de responder ao questionamento do inquiridor. Logo, é fundamental que, a partir da consideração dos objetivos da pesquisa bem como da interpretação das respostas dos informantes, o

pesquisador selecione quais serão os itens validados, os incluídos em NO (não obtidas) e os porventura descartados<sup>68</sup>.

Com base no que foi dito, *canela* e *nervo* foram respostas agrupadas em NO. *Canela* corresponde à parte dianteira da perna, do joelho ao pé, segundo o Aulete Digital (2006). *Nervo* relaciona-se às fibras que fazem a ligação do sistema nervoso com as demais partes do corpo, mas também pode ser utilizado, popularmente, para designar *tendão* ou *ligamentos*, ao se dizer, por exemplo, que determinada carne tem muito *nervo*. No entanto, tendo em vista o volume de respostas válidas e considerando a ocorrência única de *nervo* no *corpus*, optou-se por incluir a forma em NO. Já as respostas únicas *licuri do pé* e *tronco do pé* foram descartadas, pois, durante a entrevista, os informantes, após serem novamente instigados pelo entrevistador, forneceram outras lexias mais atinentes ao objeto da pergunta.

#### 4.3.3.1 Análise estatística

Nesta subseção, é realizada a análise estatística dos dados com o objetivo de auferir o percentual de ocorrência dos grupos lexicais definidos anteriormente e sistematizados no Quadro 13. Na Tabela a seguir, apresenta-se o total absoluto e o total relativo obtido, a partir das respostas válidas, de cada um desses agrupamentos.

Tabela 8 – *Tornozelo*: frequência por ocorrência dos grupos lexicais

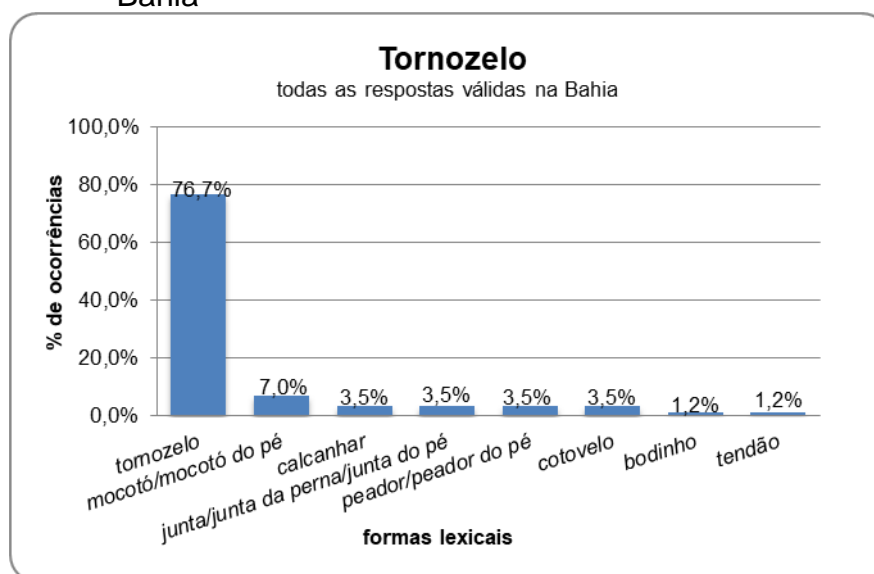
<b>Agrupamentos lexicais</b>	<b>Total absoluto</b>	<b>Total relativo</b>
<i>tornozelo</i>	66	76,7%
<i>mocotó/mocotó do pé</i>	6	7,0%
<i>calcanhar</i>	3	3,5%
<i>junta/junta da perna/junta do pé</i>	3	3,5%
<i>peador/peador do pé</i>	3	3,5%
<i>cotovelo</i>	3	3,5%
<i>bodinho</i>	1	1,2%
<i>tendão</i>	1	1,2%
<b>Total</b>	<b>86</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: elaboração da autora.

<sup>68</sup> Conforme explicitado na Metodologia, nos casos em que o informante apresenta mais de uma resposta, se apenas uma delas for pertinente ao objeto da pergunta, esta será validada e as demais serão descartadas. Já nos casos em que o informante apresenta apenas uma resposta não pertinente ao objeto da pergunta, esta será agrupada em NO (não obtidas).

A leitura da Tabela 8 indica que *tornozelo* foi a resposta mais frequente, com 76,7% de ocorrência. As demais respostas alcançaram percentual menos expressivo, e, dentre elas, *mocotó/mocotó do pé*, agrupamento lexical aludido por seis informantes, com 7,0% de ocorrência, foi o que mais se sobressaiu. Esses dados são igualmente apresentados no Gráfico 9.

Gráfico 9 – *Tornozelo*: percentual de ocorrência dos grupos lexicais na Bahia



Fonte: elaboração da autora.

Buscou-se também conhecer a distribuição dos agrupamentos pelos pontos de inquérito do Projeto ALiB na Bahia. Assim, com 100% equivalendo às 22 localidades baianas, tem-se o percentual de presença dos grupos lexicais para *tornozelo*:

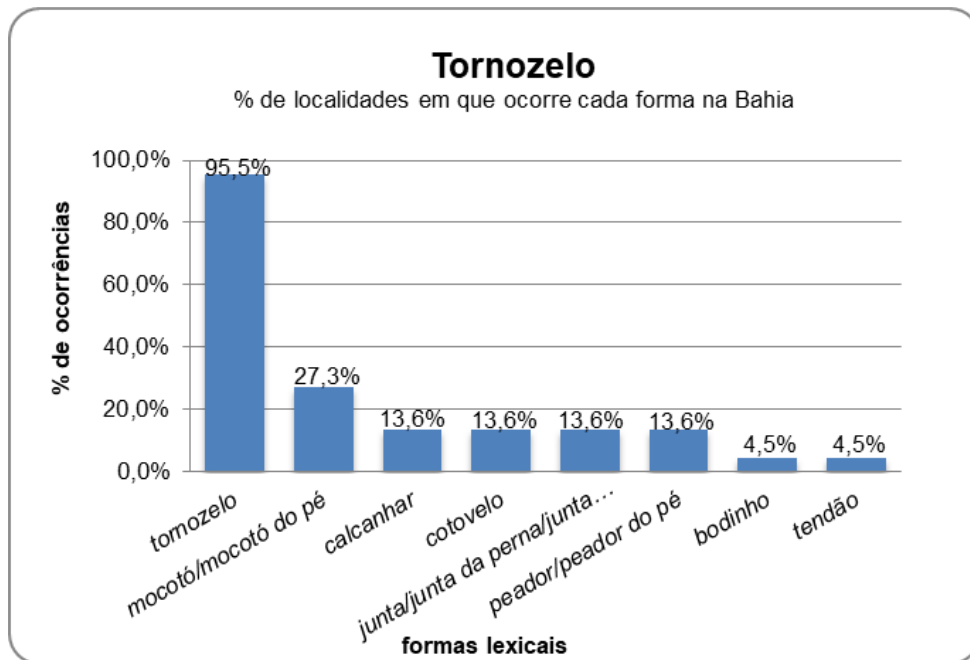
Tabela 9 – *Tornozelo*: frequência por presença em localidades dos grupos lexicais

Agrupamentos lexicais	Localidades: Total absoluto	Localidades: Total relativo
<i>tornozelo</i>	21/22	95,5%
<i>mocotó/mocotó do pé</i>	6/22	27,3%
<i>calcanhar</i>	3/22	13,6%
<i>cotovelo</i>	3/22	13,6%
<i>Junta/junta da perna/junta do pé</i>	3/22	13,6%
<i>peador/peador do pé</i>	3/22	13,6%
<i>bodinho</i>	1/22	4,5%
<i>tendão</i>	1/22	4,5%

Fonte: elaboração da autora.

*Tornozelo* está presente em 21 das 22 localidades que são pontos de inquérito do Projeto ALiB na Bahia. Com isso, nota-se que, além de frequente, a lexia possui ampla distribuição diatópica no Estado. Em seguida, há o grupo lexical *mocotó/mocotó do pé*, com 27,3% de percentual de presença. As demais lexias apresentaram índice de presença menos expressivo. O Gráfico 10 exibe os dados da Tabela 9.

Gráfico 10 – *Tornozelo*: percentual de presença dos grupos lexicais na Bahia



Fonte: elaboração da autora.

Ademais, por meio dos dados constantes da Tabela 8, que dizem respeito ao total absoluto de ocorrência de cada grupo lexical, foi elaborada uma nova tabela mesclando essas informações com as de faixa etária.

Sabe-se que o volume de dados para comparação de faixa etária pode ser considerado insuficiente, no entanto optou-se por registrar todos os grupos lexicais na tabela a seguir, apenas para ilustrar o fato de que, na maioria das ocorrências, as inovações advindas da expressividade/criatividade dos falantes estão mais presentes na faixa II. *Bodinho* e *tendão* são ocorrências únicas de faixa II; as três ocorrências de *cotovelo* concentram-se na faixa II; duas das três ocorrências dos grupos lexicais *junta/junta da perna/junta do pé* e *peador/peador do pé* são da faixa II e todas as seis ocorrências de *mocotó* também pertencem a essa faixa. *Tornozelo* e *calcanhar*, por

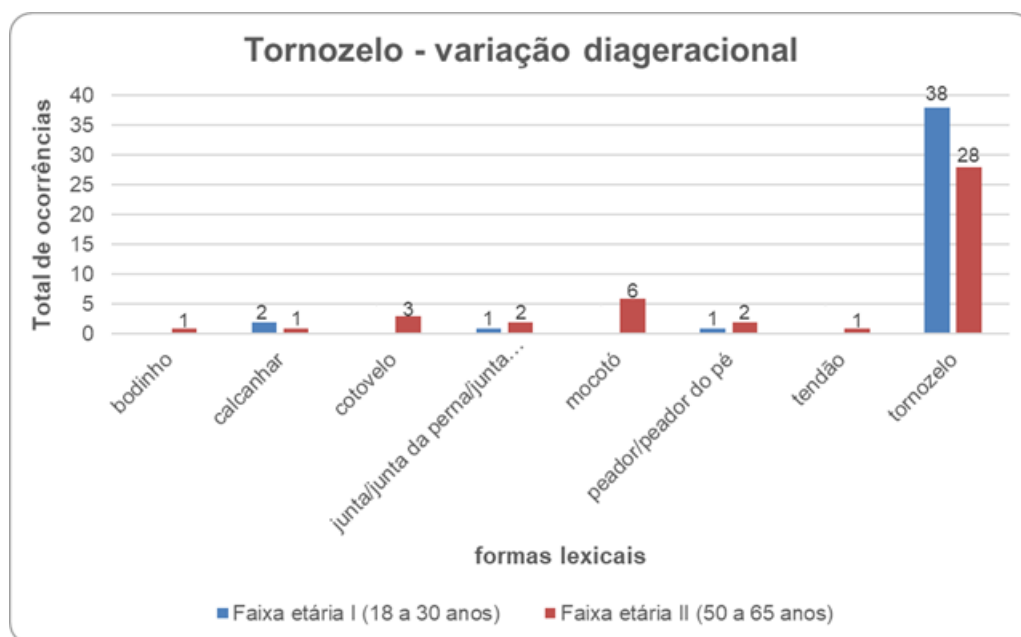
sua vez, são formas ligeiramente mais presentes na faixa I. A Tabela 10 e o Gráfico 11 ilustram esses dados.

Tabela 10 – *Tornozelo*: variação diageracional

Grupos lexicais	Total absoluto Faixa I	Total absoluto Faixa II	Total de ocorrências
<i>bodinho</i>	0	1	1
<i>calcanhar</i>	2	1	3
<i>cotovelo</i>	0	3	3
<i>junta/junta da perna/junta do pé</i>	1	2	3
<i>mocotó</i>	0	6	6
<i>peador/peador do pé</i>	1	2	3
<i>tendão</i>	0	1	1
<i>tornozelo</i>	38	28	66

Fonte: elaboração da autora.

Gráfico 11 – *Tornozelo*: variação diageracional



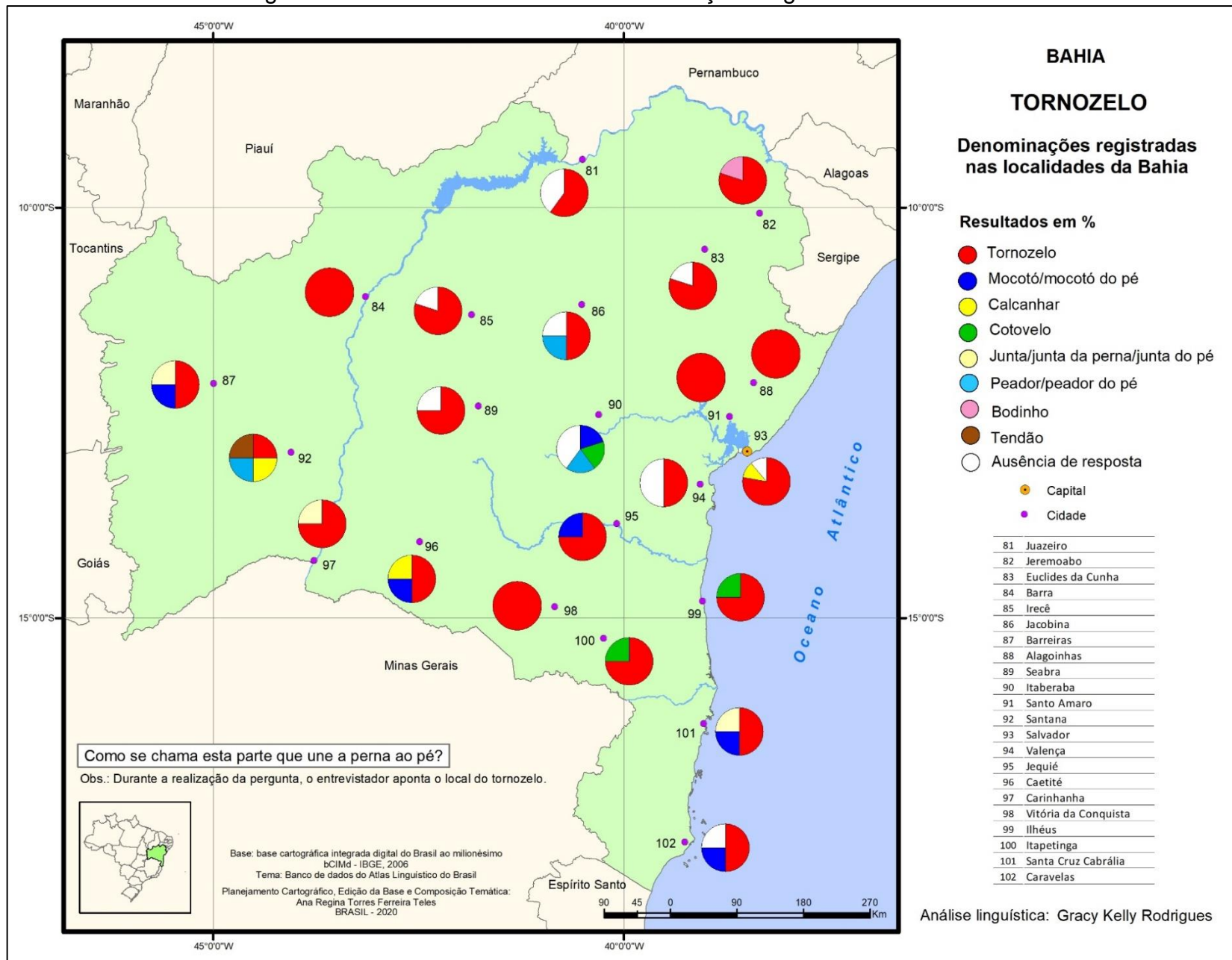
Fonte: elaboração da autora.

#### 4.3.3.2 Cartografia

A cartografia dos dados do Projeto ALiB (cf. Figura 21) não identificou presença de áreas ou subáreas dialetais.

*Tornozelo* é a forma com maior espraio dentro as localidades e não aparece apenas no ponto 90 (Itaberaba). Além disso, foi a única lexia fornecida nas localidades 84 (Barra), 88 (Alagoinhas), 91 (Santo Amaro) e 98 (Vitória da Conquista). As demais unidades lexicais, apesar de em número menor de presença nas localidades, espalham-se pelas variadas regiões da Bahia.

Figura 21 – Carta *TORNOZELO*: denominações registradas nas localidades da Bahia



Fonte: Elaborado por Ana Regina T. F. Teles a partir de análise linguística dos dados do Projeto ALiB realizada por Gracy Kelly S. Rodrigues.

#### 4.3.3.3 Comentários às falas dos informantes

Apresentam-se a seguir trechos de entrevistas linguísticas do Projeto ALiB que trazem comentários dos informantes acerca das lexias por eles conhecidas para nomear a parte do corpo que une a perna ao pé. Foram selecionados apenas os trechos em que se observam alguma opinião/avaliação/interpretação/observação a respeito de alguma unidade linguística ou uma informação de uso relacionada à variação diageracional. Todos esses casos estiveram vinculados ao item *mocotó*.

- (07) INQ. – Como se chama isto? (Entrevistador aponta o local do tornozelo.)  
 INF. – Isso é *junta* aí do... da... *da perna*, aí. E o povo dizia assim: “O *mocotó do pé* da gente”. Assim, uma coisa antiga, assim.  
 (Barreiras - BA / Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto).

Em (07), o uso de *mocotó* é associado a um momento pretérito, apontando para a presença de variação diageracional. Preti (1991) afirma que “o idoso tem a tendência de falar muito, lembrando nas narrativas a sua experiência e revelando muita habilidade em montar o seu discurso, opondo valores do passado a valores do presente” (p. 106). Neste sentido, a experiência de vida do idoso pode ser observada a partir de suas escolhas lexicais, que revelam aspectos de sua identidade de faixa etária.

No trecho da entrevista do Projeto ALiB, a noção de temporalidade no discurso, a partir da oposição presente X passado, observada no emprego dos tempos verbais (Isso é *junta da perna*/E o povo **dizia** assim: o *mocotó do pé* da gente) e no sintagma nominal “uma coisa antiga”, projeta a identidade social de faixa etária do informante. O dado diageracional contido na fala coaduna com os dados estatísticos diageracionais apresentados na Tabela 10 e no Gráfico 11, os quais demonstram que todas as seis ocorrências de *mocotó* são pertencentes à faixa etária II.

Verifica-se também, a partir do trecho de outra entrevista, a noção de que a denominação *mocotó*, quando atrelada à região do *tornozelo* humano, pode carregar certo estigma.

- (08) INQ. – Como se chama isto? (Entrevistador aponta o local do tornozelo.)



INF. – *Mocotó* num é, né? Que *mocotó* é de (risos)... de animal, né?

INQ. – O senhor acha que chamava *mocotó* pra... pras pessoas também?

INF. – É porque...

INQ. – Já ouviu falar?

INF. – Não.

INQ. – Hum.

INF. – De animal, era *mocotó*, né? Agora, a gente... eu num sei. Pode ser o tronco, né?

INQ. – Hum.

INF. – Do pé... aí, tem o calcanhá, a bulacha do juelho...

INQ. – Nem o senhor se lembra se antigamente chamava *mocotó* não, né?

INF. – Não.

INQ. – Mas o senhor já ouviu falar.

INF. – Já.

(Caravelas - BA / Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto).

No excerto (08), a primeira resposta dada pelo informante é *mocotó*. É apresentada, entretanto, em contexto de dúvida, por estar inserida em uma oração interrogativa, além de apresentar o marcador discursivo *né*, de modo a solicitar a adesão do interlocutor àquilo que foi dito. A negação também se faz presente no contexto oracional e, logo em seguida, há a justificativa de que a forma é utilizada apenas para os animais. O fato de *mocotó* ter sido a primeira lexia a ser lembrada a propósito da pergunta 118 do QSL pode indicar que o informante faz uso dela em seu cotidiano. Não obstante isso, a oração negativa e os risos durante a explicação sobre a utilização do termo sugerem que o informante tem consciência de que a permuta entre denominações geralmente associadas a animais (zoomorfismo) e aquelas relacionadas a humanos (antropomorfismo) não tem prestígio ou pode ser considerada incorreta.

Houve outro informante que, apesar de afirmar desconhecer o nome da região objeto da pergunta 118 do QSL, trouxe o item lexical *mocotó* em uma frase acompanhada de risos:

(09) INQ. – Como se chama isto? (Entrevistador aponta o local do tornozelo.)

INF. – Fulano 'tá com o *mocotó* doendo (rindo).

(Jequié - BA / Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto).

Igualmente ao excerto (08), o estigma sobre o uso de *mocotó* para nomear a parte do corpo humano que une a perna ao pé é percebido através dos risos, ainda que o emprego desta lexia com o sentido de *tornozelo* seja comum, como se pôde observar a partir dos dados do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB e da própria dicionarização de *mocotó* como *tornozelo* pelo Aulete Digital (2006).

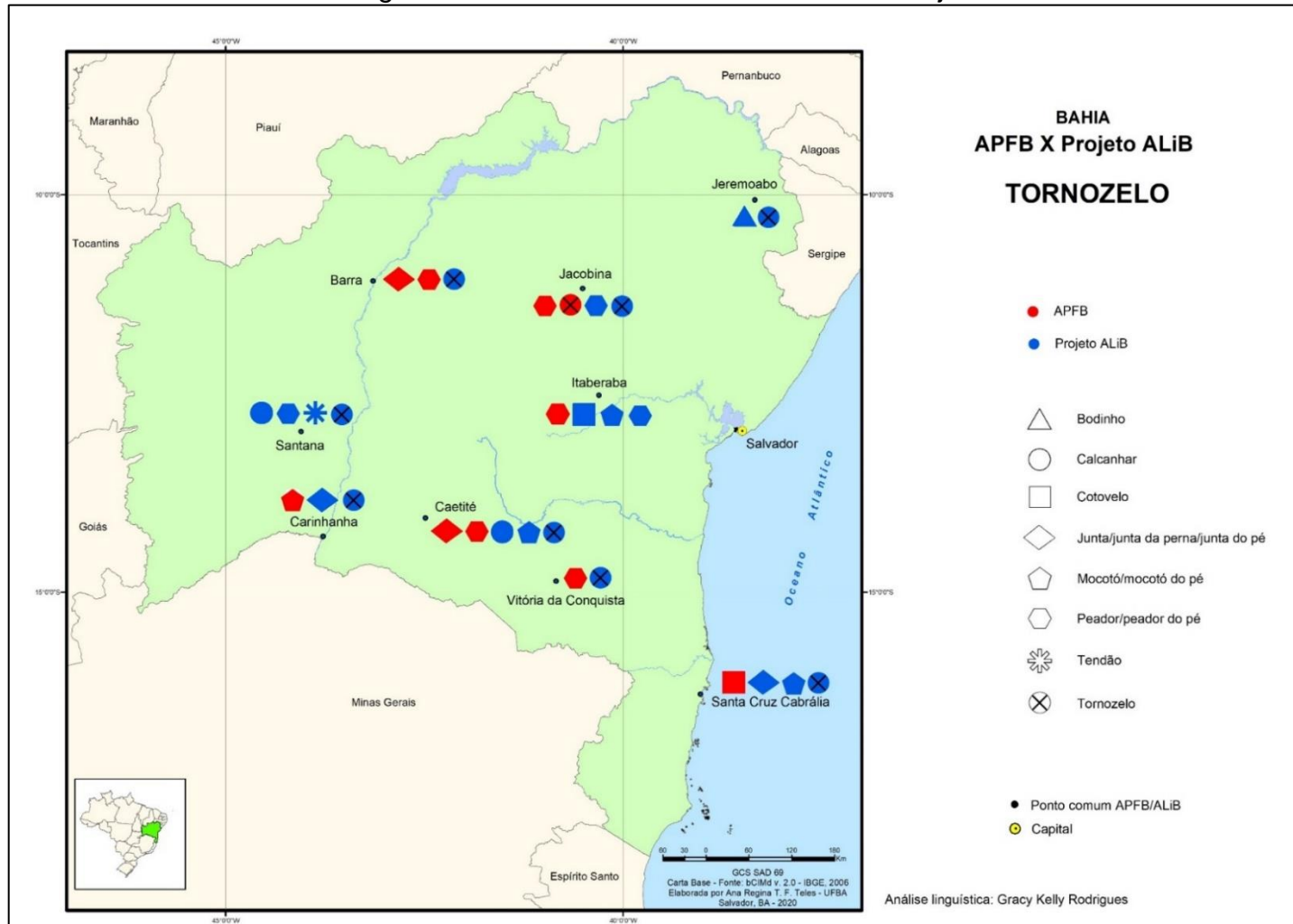
#### 4.3.4 Comparação entre os dados do APFB (ROSSI,1963) e do Projeto ALiB

A criatividade de que o falante se utiliza ao nomear conceitos a partir do seu conhecimento linguístico e de mundo evidencia-se aqui por meio das variadas lexias encontradas em ambos os *corpora* para nomear o referente. Nesta subseção, comparam-se as respostas obtidas apenas nos nove pontos de inquérito em comum entre o APFB (ROSSI, 1963) e o Projeto ALiB por meio da representação cartográfica da Figura 22.

Para esta pergunta, não foram documentadas respostas em duas localidades do APFB (ROSSI, 1963), Santana e Jeremoabo, dificultando a comparação entre os dados.

Registram-se *tendão*, *calcanhar* e *bodinho* somente para os dados do Projeto ALiB, no entanto, nas notas da Carta 63 do APFB (1963), há indicação da presença de *bodinho* em Rodelas, localidade não coincidente entre os *corpora*, que é próxima de Jeremoabo, onde foi encontrado *bodinho* nos dados do Projeto.

Verifica-se a predominância da lexia *peador* para os dados da década de 60, tendo em vista o registro da forma em cinco das sete localidades em que foram documentadas respostas. São elas: Vitória da Conquista, Caetité, Itaberaba, Barra e Jacobina. Já para os dados colhidos na Bahia dos anos 2000, a lexia mais presente é *tornozelo*, que não aparece apenas em Itaberaba. Em contraste, no APFB (1960), tem-se a lexia *tornozelo* somente na cidade de Jacobina, enquanto que *peador*, nos dados do Projeto ALiB, desponta em três localidades: Santana, Itaberaba e Jacobina. Com isso, considerando a amostra estudada, é possível admitir que ambas as denominações se fazem presentes tanto na Bahia do passado quanto na Bahia do presente, mas com diferença quanto à vitalidade dessas formas.

Figura 22 – Carta *TORNOZELO*: APFB X Projeto ALiB

Fonte: Elaborado por Ana Regina T. F. Teles a partir de análise linguística dos dados do Projeto ALiB realizada por Gracy Kelly S. Rodrigues.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, nesta dissertação, fornecer uma fotografia linguística de duas sincronias a partir do estudo da variação lexical para três partes do corpo humano.

Alguns aspectos relevantes a serem retomados referem-se à natureza do léxico. Conforme foi visto com Antunes (2012), o léxico é uma espécie de memória dinâmica que intermedeia nossa relação com o mundo. Sendo dinâmico, impõe um constante movimento que se espelha nas transformações por que passam as sociedades. Além disso, o léxico é volátil. Comparado a outros níveis de análise da língua, como o fonético e o morfossintático, se difere por ser menos previsível. Exemplificando, tem-se que formas linguísticas as quais aparentam estar em desuso em determinada época podem vir a aparecer tempos depois, como o caso de *sarolha*.

É nesse sentido que, com a comparação APFB (ROSSI, 1963) X Projeto ALiB, ao se deparar com unidades lexicais que apresentaram significativa diminuição de área de ocorrência e de frequência de utilização, não se poderá afirmar, de modo categórico, que tais unidades estejam entrando em desuso. Qualquer interpretação que seja feita acerca dos dados apresentados se aplica para a realidade observada e para um recorte de tempo específico.

As principais interpretações a que se chegaram são alusivas às questões inicialmente levantadas na Introdução deste trabalho, as quais se reproduzem a seguir:

- (i) Os dados dos *corpora* indicam variação diatópica?

Como esperado, tendo em vista que o fenômeno da variação está presente em toda língua viva, sobretudo na língua de um país de dimensões continentais como o Brasil, que abriga distintas culturas, histórias, povos, foi possível observá-lo em ambos os *corpora*. O estudo das perguntas *nuca*, *clavícula* e *tornozelo* com o APFB (ROSSI, 1963) e com o Projeto ALiB permitiu identificar variadas lexias para denominar essas regiões do corpo humano.

Para a pergunta *nuca*, encontraram-se as formas linguísticas: *cabelouro*, *cangote*, *cachaço*, *nuca* e *toutiço*. Para *clavícula*, registraram-se *cantareira*, *clavícula*, *osso da fome* e *sangrador*. A pergunta *tornozelo* foi a que fez surgir um número maior de lexias, a saber: *bodinho*, *calcanhar*, *contonhão*, *cotovelo*, *junta/junta da perna/junta*

*do pé, mocotó/mocotó do pé, mondongo, peador/peador do pé, rejeito, tendão e tornozelo.*

Quanto à distribuição diatópica das lexias, não foi possível identificar presença de arealidade para os dados do Projeto ALiB. Para os dados do APFB, duas lexias, *osso da fome* para a pergunta *clavícula* e *rejeito* para a pergunta *tornozelo*, geraram cartas de diatopia que exibem a concentração dessas formas em parte do Estado, conforme as Figuras 16 – Carta *Clavícula* com destaque para a lexia *osso da fome* a partir do APFB (ROSSI, 1963) e 20 – Carta *Tornozelo* com destaque para a lexia *rejeito* a partir do APFB (ROSSI, 1963), no entanto os dados não são suficientes para atestar configuração de área ou subárea dialetal.

- (ii) Quanto à seleção lexical dos informantes, a distância temporal entre a constituição dos *corpora* será fator relevante?

Identificou-se que a distância temporal entre a coleta de dados para o APFB (ROSSI, 1963) e para o Projeto ALiB pode ter sido fator relevante quanto à seleção lexical dos informantes. Essa consideração leva em conta que houve lexias que apareceram apenas no APFB (ROSSI, 1963), a exemplo de *cabelouro* e *toutiço* para a região da *nuca*; *sangrador* para a região da *clavícula* e *contonhão*, *mondongo* e *rejeito* para o *tornozelo*. Por sua vez, *bodinho*, *calcanhar* e *tendão*, para nomear o *tornozelo*, só figuraram nos dados do Projeto, apesar de terem sido lexias com baixa frequência de ocorrência.

Em termos quantitativos e de distribuição diatópica, observaram-se que as formas de prestígio *nuca*, *clavícula* e *tornozelo* foram mais produtivas quando contemplados os dados dos anos 2000, apesar de estarem presentes no atlas da década de 60. De forma contrária, *cangote*, *cantareira* e *peador* foram as lexias que predominaram para o passado e cuja presença se fez menor no presente.

Para justificar a diferenciação entre os achados do APFB (ROSSI, 1963) e do Projeto ALiB, um dos caminhos foi direcionar o olhar para as mudanças históricas que ocorreram ao longo dos 40 anos que distanciam a coleta de dados das obras. Sabendo-se que a língua é uma instituição social e, como tal, está intrinsecamente relacionada à cultura e à história de um povo, ao comparar sincronias, é importante observar os aspectos socioculturais da comunidade linguística objeto de estudo para verificar de que forma esses aspectos podem interferir na língua em uso.

A sociedade brasileira, em geral, passou por significativas mudanças nos últimos anos. Conforme foi visto com Cardoso (2010), alguns fatores, como o superpovoamento dos centros urbanos, o desenvolvimento dos meios de comunicação, a ampliação da rede de estradas e rodovias e a conseqüente maior comunicação entre os estratos sociais etc., modificaram a configuração do país, fazendo com que o resguardo dos dialetos por conta do isolamento social ficasse cada vez mais difícil.

Procurou-se, nesse sentido, destacar, na Fundamentação Teórica, três aspectos que se diversificaram consideravelmente da década de 60 até os anos 2000 na sociedade brasileira e, por extensão, na sociedade baiana: a nova configuração do acesso à saúde, a democratização do acesso à informação e a democratização do acesso à escola. Em concordância com Paim, M. (2019), que, conforme visto anteriormente, associa o fato da variante padrão *rótula* ser mais produtiva nos dados do Projeto ALiB à ação da escola, destacando a extensão do ensino fundamental brasileiro nas últimas décadas, acredita-se que esse e os outros fatores mencionados e contextualizados em seção específica tenham contribuído, em algum grau, para a diferenciação linguística que se observou na Bahia.

(iii) Os informantes idosos do Projeto ALiB serão aqueles que mais fornecerão os itens lexicais encontrados no APFB (ROSSI, 1963)?

Verificando, nos dados do Projeto ALiB, a que faixa etária pertencia os principais itens lexicais adotados pelos informantes do APFB (1963) para nomear as três partes do corpo estudadas – *cangote*, *cantareira* e *peador* –, identificou-se que essas formas foram predominantes na faixa etária II.

*Cangote*, apesar de estar presente nas duas faixas etárias, teve seis de suas oito ocorrências concentradas na faixa II. Das seis ocorrências de *cantareira*, quatro delas pertenceram aos informantes de faixa II. *Peador* obteve três ocorrências para o Projeto ALiB, sendo duas delas de informantes de faixa II.

Além desses itens lexicais, houve outros, com menor presença espacial no APFB (1963) e que se encontram também nos dados do Projeto ALiB, evidenciando predomínio na fala dos informantes idosos do Projeto. *Cachaço* e *osso da fome* tiveram suas ocorrências únicas pertencentes a informante de faixa II. Duas das três

ocorrências do grupo lexical *junta/junta da perna/junta do pé* também pertenceram a essa faixa etária assim como todas as seis ocorrências de *mocotó*.

Apesar da pouca quantidade de dados para a comparação estatística, considerou-se relevante realizar a análise diagenérica, pois foi possível identificar itens lexicais que parecem estar presentes na memória linguístico-cultural de um grupo de falantes. À medida que caracteriza uma identidade social de faixa etária, a fala de pessoas mais velhas pode ajudar a desvelar informações sobre o passado.

Outros achados mostraram-se relevantes, como a criatividade do falante evidenciada sobretudo no emprego de designações reservadas à anatomia dos animais para nomear uma região do corpo do ser humano. Encontraram-se nos *corpora* itens lexicais como *cabelouro*, *cachaço*, *cangote*, *mocotó*, *peador*, *rejeito* e *sangrador*, que podem ser considerados semanticamente motivados. Todos esses itens são designações zoomórficas que, por meio de uma relação de metáfora, são associadas às partes do corpo humano, evidenciando a forte ligação do homem com a natureza, em especial no trato com os animais. Essas designações, mais presentes para o APFB (ROSSI, 1963), revelam um passado não tão distante, quando a população se concentrava nas áreas rurais e sua relação com o trabalho era amalgamada à sua relação com a natureza.

Para algumas das formas linguísticas, foi possível identificar, a partir das falas de informantes do Projeto ALiB, que há certo estigma no que se refere ao uso de designações relacionadas aos animais. *Cachaço*, por exemplo, para uma informante de Alagoinhas (relato 03), é associado ao uso do “pessoal ignorante”. Outros informantes, apesar de identificarem a existência de outra designação para o objeto da pergunta, apenas lembram da lexia que revelam não fazer uso, situação que pode indicar estigma. É o caso, por exemplo, de um informante de Caravelas (relato 08), que fornece *mocotó* como resposta para, em seguida, com risos, indicar que, na verdade, *mocotó* é somente utilizado para animais.

Em função do baixo volume de dados e da característica volátil do léxico, não é possível fazer grandes afirmações, mas os dados apontam para uma tendência de adoção das formas de prestígio, utilizadas, em geral, no programa de saúde da família e veiculadas pela grande mídia e pela escola.

Uma pesquisa mais profunda de aspectos socio-históricos da Bahia da década de 60 até os anos 2000 bem como uma ampliação do estudo abarcando uma

quantidade maior de perguntas em comum entre os *corpora* podem contribuir para um melhor entendimento da realidade linguística observada.

Além disso, o ideal, ao realizar um estudo que compare sincronias, é que as amostras linguísticas estejam amparadas sob a mesma metodologia, para que os resultados desse estudo sejam mais fidedignos, pois a adoção de parâmetros diferentes pode incorrer em análises assimétricas. Nessa razão reside a importância do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, que empregou, para todo o país, metodologia de trabalho uniforme. A realização de novas entrevistas linguísticas que adotem os critérios metodológicos seguidos pelo Projeto ALiB podem servir, futuramente, como fonte de comparação com os dados colhidos nos anos 2000, fornecendo um olhar diacrônico mais fiel da Bahia ou de outro Estado que se intente estudar.

Nada obstante, considera-se que o trabalho comparativo desenvolvido nesta pesquisa foi profícuo por ser o APFB (1963) um singular testemunho do português falado na Bahia da década de 60 que revela, através de seus achados, os impactos linguísticos e sociais na comunidade decorrentes do efeito da passagem do tempo e da modificação do espaço pelo homem. Aprendendo com a história da Dialectologia, sobretudo a brasileira, entende-se que a falta de condições ideais não deve ser fator impeditivo para a realização de um trabalho.

Acredita-se, assim, que esta dissertação cumpriu seu papel ao contribuir para a descrição da realidade linguística do Estado da Bahia, registrando e dando conhecimento do patrimônio linguístico de um povo, que é a sua língua.



## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994. 2 v.
- AGUILERA, Vanderci; MILANI, Gleidy; MOTA, Jacyra. *Documentos I: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2004.
- ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas Lingüístico do Paraná II*. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. 2 v.
- ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 28, n. 1, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3681>. Acesso em: 29 ago. 2021.
- AMARAL, Amadeu. *O dialecto caipira*. São Paulo: Casa Editora “O Livro”, 1920.
- ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.
- ARAGÃO, Maria do Socorro; MENEZES, Cleuza. *Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPb)*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984. 2 v.
- ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. *Cio Inf.*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.
- AULETE, Francisco Júlio; VALENTE, Antonio. *Aulete Digital: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2006. Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br/>. Acesso em: 06 dez. 2020.
- BALBI, Adrien. *Atlas ethnographique du Globe, ou classification des peuples anciens et modernes d'après leurs langues... et suivi du tableau phisique, moral et politique des cinq parties du monde...* Paris: Chez Rey et Gravier, 1826.
- BARBADINHO NETO, Raimundo (org.). *Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. v. 1. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).
- BASILIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BESSA, José Rogério (coord.). *Atlas Lingüístico do Ceará*. v. 1 – Introdução, v. 2 – Cartogramas. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BIDERMAN, Maria Tereza. As Ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria; ISQUERDO, Aparecida (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.
- BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...* : autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. Coimbra. Lisboa: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728.
- BRASIL. Decreto n.º 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento. *Diário Oficial [da]*

República Federativa do Brasil, Senado Federal, Subsecretaria de Informações, Brasília, DF, 20 mar. 1952.

CAETANO, Vilson. Comidas que embelezam. *Portal A Tarde*. Disponível em: <https://atarde.com.br/colunistas/vilsoncaetano/comidas-que-embelezam-807216#:~:text=No%20Nordeste%2C%20%22comer%20cabelouro%20atr%C3%A1s,caf%C3%A9%20como%20tonificador%20de%20cabelos>. Acesso em: 11 jan. 2023.

CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

CÂNTAROS dispostos em uma Cantareira. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.olx.pt/d/anuncio/cantareira-antiga-IDHgKkc.html>. Acesso em: 16 ago. 2022.

CARDOSO, Suzana Alice. *Atlas Lingüístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice. A visão do corpo humano em duas modalidades de uso da língua. *Revista Graphos*, João Pessoa, v. 1, n. 3, p. 35-41, 1997.

CARDOSO, Suzana Alice. *et al. Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014a. v. 1.

CARDOSO, Suzana Alice. *et al. Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014b. v. 2.

CARDOSO, Suzana Alice; FERREIRA, Carlota. *O léxico rural: glossário, comentários*. Salvador: Edufba, 2000.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice; ROLLEMBERG, Vera. A vitalidade de sarolha nos falares baianos. In: FERREIRA, Carlota. *et al. (org.). Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p.43-51.

CARDOSO, Suzana Alice; ROLLEMBERG, Vera. E a (nossa) terra continua sarolha?. In: RIBEIRO, Silvana. *et al. (org.). Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: Edufba, 2009, p. 263-281.

CASTRO, Maria Lúcia. *Atualidade e mudança semântica no léxico rural da Bahia*. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

CHAMBERS, Jack.; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.

CLAVÍCULA. 1 gravura. Disponível em: <http://drwanderama.com.br/problemas-e-lesoes/fratura-da-clavicula>. Acesso em: 31 dez. 2020.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *TIC Domicílios e empresas 2010: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil*. São Paulo: Comitê Gestor da internet no Brasil, 2011.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. Disponível em: <https://alib.ufba.br>. Acesso em: 05 fev. 2021.

- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.
- COSERIU, Eugênio. La geografía lingüística. *Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano*, Montevideo, n. 11, 1965.
- CRUZ, Maria Luíza. *Atlas Lingüístico do Amazonas*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*. Palo Alto, n. 41, p. 87-100, 2012.
- ECKERT, Penelope. Variation, convention and social meaning. *In: Annual Meeting of The Linguistics Society of America*, Oakland CA, 2005.
- FERREIRA, Carlota. Atlas Prévio dos Falares Baianos: alguns aspectos metodológicos. *In: AGUILERA, Vanderci (org.). A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 15-30.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- FERREIRA JR., Amarílio. *História da Educação Brasileira: da Colônia ao século XX*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.
- FIGUEIREDO JUNIOR, Selmo Ribeiro. *Atlas linguístico pluridimensional do português paulista: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê*. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- GARCIA, Rodolfo. *Dicionário de brasileirismos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.
- GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas Linguistique de la Corse*. Paris: Honoré Champion, 1914-1915.
- GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas Linguistique de la France*. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.
- GRIERA, Antoni. *Atlas Lingüístic de Catalunya (ALC)*. I-V(1923-1939); VI-X (1962-1964). Barcelona: Institut d'Estudis Catalans-La Polígrafa.
- IBGE. *Censo 1960, 2010, 2021*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 14 jul. 2022.
- IBGE. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI Bahia). *Anuário Estatístico do Brasil – 1960, ano XXI, 1960*. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1960.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1960.pdf). Acesso em: 14 jul. 2022.

- ISQUERDO, Aparecida. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. *In: MARIN, Jéri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio (org.). História, região e identidades*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003. p. 165-181.
- JABERG, Karl; JUD, Jakob. *Sprach-und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*. Zofingen: Rieger, 1928-1940.
- KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Editora da UFRGS/Editora da EFSC/Editora da UFPR, 2002. 2 v.
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. 5. ed. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 2011.
- LORENTE, Mercé. A Lexicologia como ponto de encontro entre a Gramática e a semântica. *In: ISQUERDO, Aparecida; KRIEGER; Maria da Graça (org.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 2. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.
- LUDWIG, Antonio Carlos Will. Métodos de pesquisa em educação. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v. 23, n. 2, p. 204-233, jul.- dez. 2014.
- MACÊDO, Márcia Verônica. *A constituição de subáreas dialetais no falar da Bahia*. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio; OLIVEIRA, Ingrid. O léxico furtado do passado, na História do Futuro, de Antônio Vieira. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 87-104, 2017.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Nacional, 1934.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. O conceito relativo de neologismo e arcaísmo: um estudo pancrônico. *In: OLIVEIRA, Klebson. et al. (org.). Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 11-20.
- MEILLET, Antoine. L'état Actuel des Études de Linguistique Générale. *In: Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948 [1906].
- MIRANDA, Antonio. Sociedade da Informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000.
- MIRANDA, Vicente. *Glossário paraense: Coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó*. Belém: UFPA, 1968. [1 ed. 1905].
- MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana Alice. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. *In: LOBATO, Lúcia Maria. et al. (org.). Abralín 2005: Anais do IV Congresso Internacional da Abralín*. Brasília: [s.n.], 2005. p.95-101. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2013/02/anaiscongresso05.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2022.
- MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana Alice. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. *In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana Alice (org.). Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.

MOTA, Jacyra. Dois momentos da geolinguística no Brasil: APFB e ALiB. *In*: LOBO, Tânia.; CARNEIRO, Zenaide; SOLEDADE, Juliana; ALMEIDA, Ariadne; RIBEIRO, Silvana (org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 509-518.

MOTA, Jacyra. Os Atlas regionais e a sua contribuição para o conhecimento do português do Brasil. *In*: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (ed.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 141-158.

MOTA, Jacyra; PEREIRA, Thais. Um estudo geossociolinguístico de gambá no APFB e no Projeto ALiB. *A Cor Das Letras*, Feira de Santana, v. 22, n. esp., p. 128 - 146, 2021.

MOTA, Jacyra; RIBEIRO, Silvana; TELES, Ana Regina. Estudos sobre o corpo humano: variação lexical nos atlas da Galícia (ALGA) e da Bahia (APFB). *In*: LOPES, Mailson; RODRÍGUEZ, David. (org.). *Galícia doutro lado do Atlântico: estudos galegos na Bahia*. 1. ed. Salvador: Ponte Atlântica LTDA, 2018, v. 1, p. 17-33.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958; v. 2, 1961.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS - Bulletin International de Documentation Linguistique*, Louvain, t. 1, n. 1, p. 181-184, 1952.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS - Bulletin International de Documentation Linguistique*, Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Sússekind de Mendonça, 1922.

NUCA. 1 fotografia. Disponível em:

<https://www.tudocelular.com/curiosidade/noticias/n46048/30KG-em-sua-nuca-o-peso-que-seu-pescoco-recebe-quando-voce-olha-para-o-smartphone.html>. Acesso em: 29 fev. 2020.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica*. Lisboa: Clássica, 1945.

OLIVEIRA, Dercir Pedro (org.). *Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS, 2007.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Manual de Semântica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Ingrid. *Religiões e crenças na Bahia: aspectos do léxico espelhados nos dados do Projeto ALiB*. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

OSSOS salientes em criança desnutrida. 1 fotografia. Disponível em:

<https://ofsbc.wordpress.com/2012/07/20/africa-um-milhao-de-criancas-desnutridas/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

PAIM, Jairnilson. *et al. O que é o SUS*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

PAIM, Marcela. O léxico na Bahia e a variação no tempo. *Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 338-351, jul-dez 2019.

- PAIM, Marcela; SANTOS, Leandro. Menstruação na Bahia: um estudo em dois tempos distintos. *Sociodialeto*, Campo Grande, v. 6, n. 16, p. 219-260, jul. 2015.
- PEREIRA, Francisco Maria (ed.). *Livro da montaria feito por D. João I, rei de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- POP, Sever; PETROVICI, Emil. *Atlasul Lingvistic Român (ALR)*. v. I-III (1938-1942). Cluj-Sibiu-Leipzig: Muzeul Limbii Române din Cluj.
- PORSCHÉ, Sandra Cristina. *O movimento arbitrário da língua em Saussure*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.
- POTTIER, Bernard. *Linguistique Générale*. Paris: Editions Klincksieck, 1974.
- PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.
- RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (ed.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.
- RAZKY, Abdelhak. *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará (ALISPA)*. Belém: CAPES/UFPA/UTM, 2004. v. 1.
- REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. *Alfa*, São Paulo, n. 28 (supl.), p. 45-69, 1984.
- RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto; PASSINI, José; GAIO, Antônio. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa, 1977.
- RIBEIRO, Silvana. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”*. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- ROCHA, Júlia. *Existe Peleumonia*. Belo Horizonte, 29 jul. 2016. Facebook: @cantorajuliarocha. Disponível em: [www.facebook.com](http://www.facebook.com). Acesso em: 10 abr. 2020.
- ROMANO, Valter. Balanço crítico da geolingüística brasileira e a proposta de uma divisão. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 12, p. 203-242, jul./dez. 2013.
- ROMANO, Valter. Desdobramentos, desafios e perspectivas da geolingüística pluridimensional no Brasil. In: MOTA, Jacyra. *et al.* (org.). *Contribuições de estudos geolingüísticos para o português brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso*. Salvador: EDUFBA, 2020.
- ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Introdução. Questionário Comentado. Elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1965.
- ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.
- SALVAPÉ. Dor no Tornozelo: Quais as causas e o que fazer? Disponível em: <https://salvape.com.br/blog/dor-no-tornozelo-quais-as-causas-e-o-que-fazer/>. Acesso em: 11 jan. 2023.

- SAMPAIO, Teodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1987 [1. ed. 1901].
- SANDMANN, Antonio José. *Formação de palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor / Ícone Editora, 1988.
- SANDMANN, Antonio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SANTOS, Alice. *Polissemia dos sufixos aumentativos -ão, -arro, -orro, -aço e -uço e seus traços avaliativos sob a perspectiva diacrônica*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SANTOS, Leandro. As escolhas lexicais no semiárido da Bahia. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 18, n. 40, p. 125-138, 15 abr. 2018.
- SAPIR, Edward. Língua e ambiente. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 79-89 [1. ed. 1916].
- SILVA, Alba Valéria. Metáfora e metonímia: o traço-de-união entre os compostos. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 27-45, 2011.
- SILVA, Amanda. *Ditongação diante de <s> na Bahia: diferenciação dialetal e variação fonético-fonológica*. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/>. Acesso em: 19. jul. 2022.
- SILVA, Carlos Roberto; SILVA, Roberto Carlos; VIANA, Dirce. *Compacto Dicionário Ilustrado de Saúde*. 2. ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2007. 1046 p. Disponível em: <https://www.doctorlasercuriosos.com.br/uploads/files/2020/05/dicionario-ilustrado-de-saude.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- SILVA-CORVALÁN, Carmem. *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.
- SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.
- TELES, Ana Regina. *Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- TORNOZELO. 1 fotografia. Disponível em: <https://blogs.funiber.org/pt/esportes/2018/11/12/funiber-estrutura-tornozelo>. Acesso em: 27 out. 2020.
- THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. Kiel: Westensee, 2000.

THUN, Harald. Introduction à la table ronde «Atlas linguistique et variabilité». *In: Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, 1998, Bruxelas. *Actes...*, v. 3. Vivacité et diversité de la variation linguistique. Tübingen: Niemeyer, 2000a. p. 407-409.

THUN, Harald. O velho e o novo na geolinguística. [2000b]. Trad. Cláudia Fernanda Pavan / Gabriel Schmitt / Eduardo Nunes / Viktorya Zalewski dos Santos. *In: Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n.40, p. 59-81, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87208/50004>. Acesso em: 22 abr. 2022.

VICTAL, Renata. Médico debocha de paciente na internet: 'Não existe pleumonia'. *G1, Campinas e região*. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-pleumonia.html>. Acesso em: 25 jun. 2022.

ZÁGARI, Mário Roberto. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. *In: AGUILERA, Vanderci (org.). A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 31-77.

ZANOTTO, Normélio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: EDUCS, [1986] 2013.



# ANEXOS

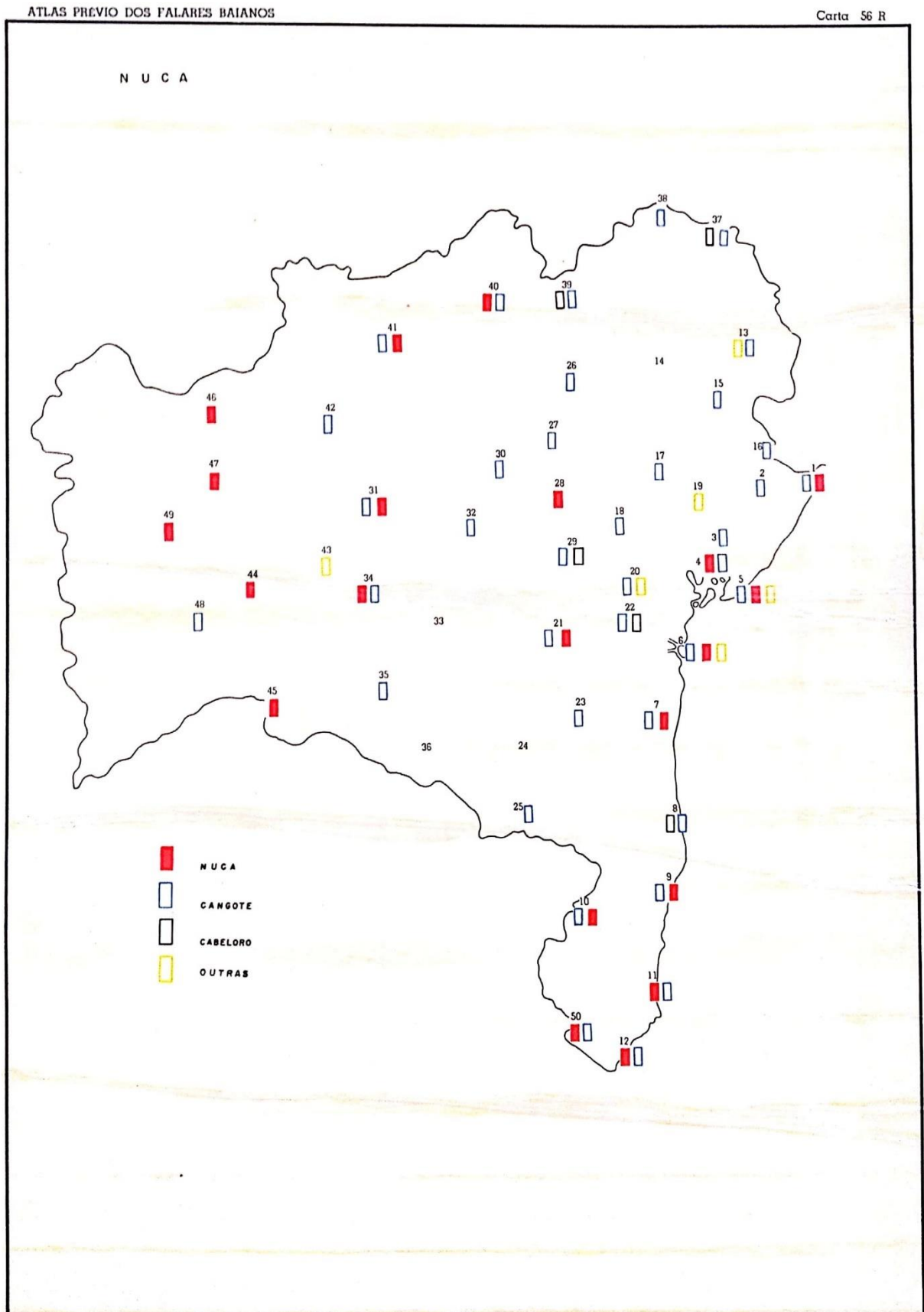
## ANEXO A – Carta Nuca do APFB (ROSSI, 1963)

TLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS

Carta 56



ANEXO B – Carta-resumo *Nuca* do APFB (ROSSI, 1963)



ANEXO C – Carta *Clavícula* do APFB (ROSSI, 1963)

CLAVÍCULA

[ 26 ]  
[ H 237 ]

Bom Despacho  
São José das Ilhas  
Tanquinho  
São Vicente



ANEXO D – Carta *Tornozelo* do APFB (ROSSI, 1963)

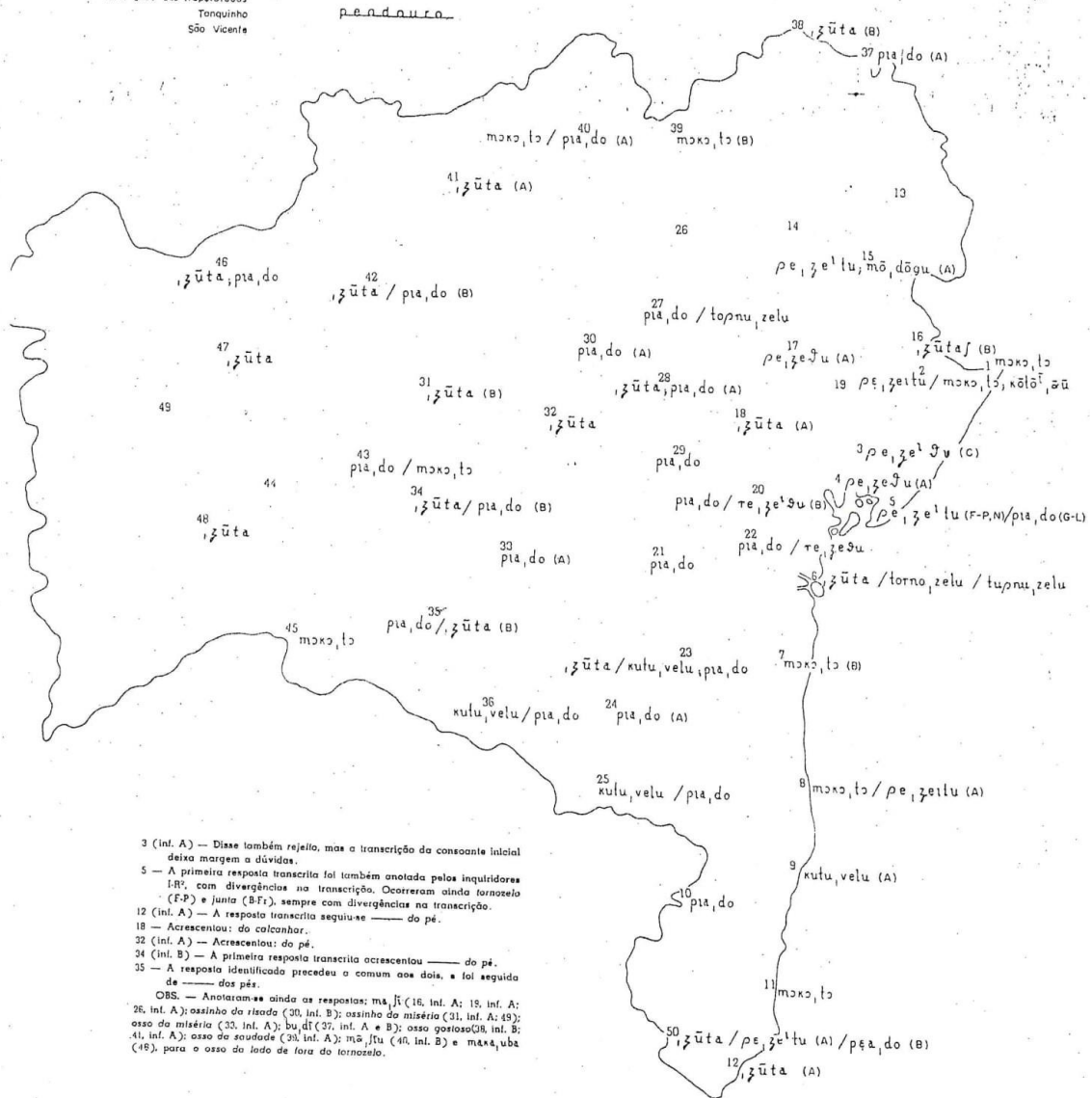
LAS PREVIO DOS FALARES BAIANOS

Carta 63

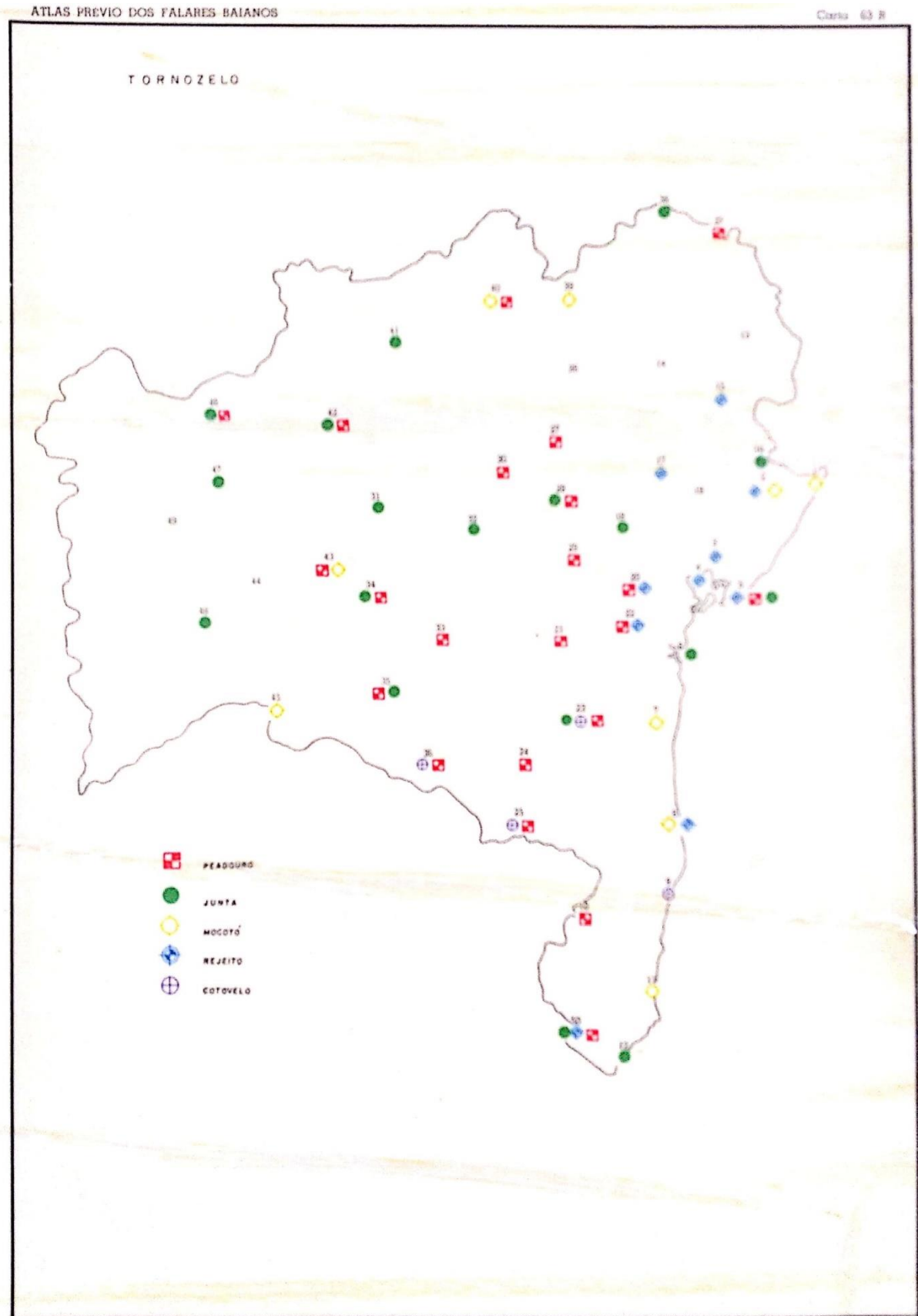
TORNOZELO

[ 29 ]  
[ H 212 ]

Bom Despacho  
São José das Itaparicacas  
Tonquinho  
São Vicente



ANEXO E – Carta-resumo *Tornozele* do APFB (ROSSI, 1963)



## ANEXO F – Rede de pontos do Projeto ALiB

ALiB - Atlas Linguístico do Brasil  
Rede de pontos**Legenda:**

Em itálico: capitais

<b>REGIÃO NORTE</b>
<b>Amapá</b>
1. Oiapoque
2. <i>Macapá</i>
<b>Roraima</b>
3. <i>Boa Vista</i>
<b>Amazonas</b>
4. São Gabriel da Cachoeira
5. Tefé
6. <i>Manaus</i>
7. Benjamin Constant
8. Humaitá
<b>Pará</b>
9. Soure
10. Óbidos
11. Almeirim
12. <i>Belém</i>
13. Bragança
14. Altamira
15. Marabá
16. Jacareacanga
17. Conceição do Araguaia
18. Itaituba
<b>Acre</b>
19. Cruzeiro do Sul
20. <i>Rio Branco</i>
<b>Rondônia</b>
21. <i>Porto Velho</i>
22. Guajará Mirim
<b>Tocantins</b>
23. Pedro Afonso
24. Natividade
<b>Região Nordeste</b>
<b>Maranhão</b>
25. Turiçu
26. <i>São Luís</i>
27. Brejo
28. Bacabal
29. Imperatriz
30. Tuntum
31. São João dos Patos
32. Balsas
33. Alto Parnaíba

<b>Piauí</b>
34. <i>Teresina</i>
35. Piripiri
36. Picos
37. Canto do Buriti
38. Corrente
<b>Ceará</b>
39. Camocim
40. Sobral
41. <i>Fortaleza</i>
42. Ipu
43. Canindé
44. Crateús
45. Quixeramobim
46. Russas
47. Limoeiro do Norte
48. Tauá
49. Iguatu
50. Crato
<b>Rio Grande do Norte</b>
51. Mossoró
52. Angicos
53. <i>Natal</i>
54. Pau dos Ferros
55. Caicó
<b>Paraíba</b>
56. Cuité
57. Cajazeiras
58. Itaporanga
59. Patos
60. Campina Grande
61. <i>João Pessoa</i>
<b>Pernambuco</b>
62. Exu
63. Sagueiro
64. Limoeiro
65. Olinda
66. Afrânio
67. Cabrobó
68. Arcoverde
69. Caruaru
70. <i>Recife</i>
71. Floresta



72. Garanhuns
73. Petrolina
<b>Alagoas</b>
74. União dos Palmares
75. Santana do Ipanema
76. Arapiraca
77. Maceió
<b>Sergipe</b>
78. Propriá
79. Aracaju
80. Estância
<b>Bahia</b>
81. Juazeiro
82. Jeremoabo
83. Euclides da Cunha
84. Barra
85. Irecê
86. Jacobina
87. Barreiras
88. Alagoinhas
89. Seabra
90. Itaberaba
91. Santo Amaro
92. Santana
93. Salvador
94. Valença
95. Jequié
96. Caetité
97. Carinhanha
98. Vitória da Conquista
99. Ilhéus
100. Itapetinga
101. Santa Cruz Cabrália
102. Caravelas
<b>Região Centro-Oeste</b>
<b>Mato Grosso</b>
103. Aripuanã
104. São Félix do Araguaia
105. Diamantino
106. Poxoréu
107. Vila Bela da Santíssima Trindade
108. Cuiabá
109. Barra do Garças
110. Cáceres
111. Alto Araguaia
<b>Mato Grosso do Sul</b>
112. Coxim
113. Corumbá
114. Paranaíba
115. Campo Grande
116. Nioaque

117. Ponta Porã
<b>Goiás</b>
118. Porangatu
119. São Domingos
120. Aruanã
121. Formosa
122. Goiás
123. Goiânia
124. Jataí
125. Catalão
126. Quirinópolis
<b>Região Sudeste</b>
<b>Minas Gerais</b>
127. Januária
128. Janaúba
129. Pedra Azul
130. Unai
131. Montes Claros
132. Pirapora
133. Teófilo Otoni
134. Diamantina
135. Uberlândia
136. Patos de Minas
137. Campina Verde
138. Belo Horizonte
139. Ipatinga
140. Passos
141. Formiga
142. Ouro Preto
143. Viçosa
144. Lavras
145. São João del Rei
146. Muriaé
147. Poços de Caldas
148. Juiz de Fora
149. Itajubá
<b>São Paulo</b>
150. Jales
151. Votuporanga
152. São José do Rio Preto
153. Barretos
154. Franca
155. Andradina
156. Araçatuba
157. Ribeirão Preto
158. Lins
159. Ibitinga
160. Mococa
161. Presidente Epitácio
162. Adamantina
163. Araraquara

164. Teodoro Sampaio
165. Presidente Prudente
166. Marília
167. Bauru
168. Moji Mirim
169. Assis
170. Bernardino de Campos
171. Botucatu
172. Piracicaba
173. Campinas
174. Bragança Paulista
175. Taubaté
176. Guaratinguetá
177. Itapetininga
178. Sorocaba
179. São Paulo
180. Caraguatatuba
181. Itararé
182. Capão Bonito
183. Itanhaém
184. Santos
185. Ribeira
186. Registro
187. Cananéia
<b>Espírito Santo</b>
188. Barra de São Francisco
189. São Mateus
190. Vitória
191. Santa Teresa
192. Alegre
<b>Rio de Janeiro</b>
193. Itaperuna
194. São João da Barra
195. Campos dos Goytacazes
196. Três Rios
197. Nova Friburgo
198. Macaé
199. Valença
200. Petrópolis
201. Nova Iguaçu
202. Rio de Janeiro
203. Niterói
204. Arraial do Cabo
205. Barra Mansa
206. Parati

207. Nova Londrina
208. Londrina
209. Terra Boa
210. Umuarama
211. Tomazina
212. Campo Mourão
213. Cândido de Abreu
214. Piraí do Sul
215. Toledo
216. Adrianópolis
217. São Miguel do Iguaçu
218. Imbituva
219. Guarapuava
220. Curitiba
221. Morretes
222. Lapa
223. Barracão
<b>Santa Catarina</b>
224. Porto União
225. São Francisco do Sul
226. São Miguel do Oeste
227. Blumenau
228. Itajaí
229. Concórdia
230. Florianópolis
231. Lages
232. Tubarão
233. Criciúma
<b>Rio Grande do Sul</b>
234. Três Passos
235. Erechim
236. Passo Fundo
237. Vacaria
238. Ijuí
239. São Borja
240. Flores da Cunha
241. Santa Cruz do Sul
242. Santa Maria
243. Porto Alegre
244. Osório
245. Uruguaiana
246. Caçapava do Sul
247. Santana do Livramento
248. Bagé
249. São José do Norte
250. Chuí

<b>Região Sul</b>
<b>Paraná</b>